

카스테라

박민규



CASTELLA

PARK MIN-GYU

MARTIN  CLARET

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

카스테라

박민규



CASTELLA

PARK MIN-GYU

MARTIN  CLARET



CASTELLA

PARK MIN-GYU

TRADUÇÃO E NOTAS

Nick Farewell

MARTIN  CLARET

Sumário

Introdução

Palavras do autor para a edição brasileira

1. Castella

1
2
3
4
5
6
7

2. Obrigado, seu guaxinim

É admirável
É uma pena
Nem me fale
Parabéns
Obrigado

3. Ah, é? Sou uma girafa

Minha matemática
O trem está chegando
Em algum telhado de algum lugar perto
Ah, é? Sou uma girafa

4. Não sei, não sei. Como assim, peixe-lua?

Nuvem número 9

Hotel Peixe-Lua

Ringo Starr

5. Diga “A”, pelicano

Boat people

O condor passa

Associação Mundial dos Cidadãos de Pedalinho de Pato

Diga “A”

6. Tia do Yakult

O mercado resolve tudo

7. Padrão coreano

8. Ataque surpresa da lula-gigante

1. Sonyuenjoongang

2. A Grande Enciclopédia dos Monstros

3. Jungangyungyang

4. Sasanggue

9. Mata-leão

Debaixo da árvore de nozes

Quebra-nozes

Quando foi a última vez que comeu biscoito de nozes?

Se a noz abrisse de novo

10. Dívida de gosiwon tem que pagar

Não sei se aquele gosiwon de nome peculiar ainda existe

Na primavera de 1991, aconteceram muitas coisas

Quem bateu na primeira noite foi o promotor Kim

Qualquer ser humano vive no esconderijo. Idem

Eu queria que esse gosiwon de nome peculiar ainda estivesse no lugar

Crítica

1. A narrativa da época em que a narrativa ficou impossível
2. Dores do crescimento e matemática pessoal
3. Fingir que desconhece obstáculos: risada das mulheres
4. Como colocar um elefante na geladeira. Ou Associação Mundial dos Cidadãos de Pedalinho de Pato
5. Artista do lixo. Ou escritor pós-moderno

Palavra do autor

Introdução

COMA UM PEDAÇO DE CASTELLA^[1] E TOME UM GOLE DE ESTRANHA ALEGRIA

Min-Gyu é um gênio. Um verdadeiro enfant terrible, Min-Gyu é considerado um dos escritores mais importantes da literatura contemporânea coreana. De estilo único e inovador, ele revolucionou a escrita coreana e, extremamente cômico, se tornou um desses raros escritores que conquistaram o sucesso de crítica e público. O resultado são inúmeros prêmios literários e seus livros figurando nas listas de best sellers. Primoroso, se um dia Min-Gyu ganhar o Nobel (qualidades tem de sobra), será o escritor mais engraçado a ganhar o prêmio mais prestigioso do mundo da literatura. Mas para isso, precisa ser mais conhecido. Eis o nosso intento com esta publicação.

Eu poderia dizer que Min-Gyu é uma mistura de Kafka, Clarice e Vonnegut. A originalidade, o grotesco e a realidade opressora de Kafka estão lá. As ações insólitas, o emaranhado de sentimentos e a condução narrativa para o inesperado de Clarice também. A atração e repulsa pelo mundo ordinário, ironia e humor, idem. Mas o que quero fazer neste prefácio é acrescentar uma dimensão a mais no entendimento do estranho e maravilhoso mundo de Min-Gyu. Avesso a entrevistas e exposição na mídia, tive o privilégio de conhecê-lo e ser seu guia pelo igualmente estranho e maravilhoso Brasil. A experiência, que acrescenta uma dimensão a mais e faz com que a minha experiência de tradução adquira um significado quase de realismo fantástico — como na literatura de Min-Gyu (talvez a literatura de Min-Gyu devesse ser chamada de realismo intergaláctico) — segue abaixo.

Conheci Min-Gyu em 2019 no Brasil. Ele tinha vindo com uma comitiva de escritores da Coreia para um evento no Centro Cultural Coreano. Fui um dos debatedores. Mas o primeiro contato foi um tanto quanto inusitado. Estávamos na entrada do prédio e sendo apresentados. Pedi licença no meio da conversa e fui até a rua para fumar. Foi quando Min-Gyu falou comigo. Você está indo fumar? Posso ir com você? Mas claro. (Vou manter o discurso indireto livre como ele faz em todos os seus contos. Até para você, leitor, se acostumar). Na calçada, ele desabafou. Ufa, ainda bem que alguém aqui fuma. Nenhum dos escritores da Coreia que vieram comigo fuma, nem os brasileiros que conheci. Sorri e fumamos o cigarro. Como era de se esperar, ele fumou muito rápido, como todo coreano. Perguntei se ele queria fumar mais um. Ele sorriu e, se não me engano, pediu para fumar o meu. Min-Gyu estava fumando, como a maioria dos

coreanos, mas um cigarro eletrônico que não faz fumaça. Se quiser fumar, pode falar comigo. Saímos e fumamos. Ele sorriu de novo e creio que, assim, viramos amigos instantâneos. Foi então que tive uma ideia. Pouco antes de conversar, corri até o bar próximo, comprei a cerveja Original e levei no copo descartável (era minha cerveja favorita e é do Brasil, e achei que ele não tivesse provado ainda). O diretor do Centro Cultural perguntou se era bebida alcoólica e assenti, sem graça, com a cabeça. Me olhou feio, mas não disse nada. Min-Gyu sorriu de novo e fomos assim, talvez até agora, os únicos que tomaram cerveja dentro do Centro Cultural Coreano.

O evento foi um sucesso, e o pessoal da Coreia que veio com os escritores, juntamente com os organizadores, todos resolvemos fazer um happy hour. Lógico que coube a mim levá-los ao bar. Dois bares. Novamente, óbvio que tomamos a Original. Ah, lembro que Min-Gyu repetia que o Brasil era um país fantástico, porque a nossa moeda se chamava “real”. Quando estávamos saindo do segundo bar, me ofereci para que conhecessem a noite de São Paulo. Ninguém aceitou. Exceto, claro, Min-Gyu. Nos despedimos do resto do grupo e rumamos para a Praça Roosevelt. Eu explicava. É como se fosse Hong-Dae. Um bairro underground em Seul que reunia boêmios, artistas e outsiders.

O local escolhido foi o karaokê Arte Pizza. Eu era amigo dos proprietários e o lugar tinha uma peculiaridade. O Arte Pizza tinha sido o que popular e ironicamente chamavam de boate. Ainda mantinha a decoração do estabelecimento antigo, desde sofás de oncinha, iluminação de neon e corredor com tapetes vermelhos. Nos sentamos e, de imediato, o barman Jairo veio falar com a gente. Como eu sabia da vocação de mixologista dele, pedi que inventasse na hora um drinque. Não me pergunte o que tinha, que eu não me lembro (risos). Enquanto Jairo preparava o drinque, falei sobre a minha família e porque tinha vindo para o Brasil. Min-Gyu ouviu e sentenciou no fim. Embora você tenha me contado com compreensão, é uma história triste. Estranhamento triste.

Foi quando nosso barman mixólogo chegou com a sua invenção. Min-Gyu experimentou. É bom? É doce, mas é amargo também. Mas é bom. Já sei o nome da bebida. É “estranha alegria”. Min-Gyu riu. É isso. Se a vida era uma estranha tristeza, a felicidade tinha que ser uma estranha alegria.

O paradoxo.

O paradoxo é o espírito da literatura e de Min-Gyu. Você pode achar que é a ironia, mas a ironia esconde uma outra camada mais profunda, que é compreensão e domínio total na narrativa, e sua visão, filosofia particular do mundo. A literatura de Min-Gyu é otimista. Min-Gyu é otimista. Lendo, pode-se achar que estou completamente equivocado, mas observe com atenção na busca do autor, que parece sempre pairar como uma miragem. A literatura de Min-Gyu

é como os livros alquímicos e as fábulas, que se pode ler e compreender em várias camadas. E a sua última camada é de otimismo e, sobretudo, humanismo. Até as piores, com deboche, sátira ou sarcasmo são um disfarce intencional que só acontece por causa dos sentimentos (aqui convém observar que não existe sentimentalismo nas escritas de Min-Gyu). A ironia de Min-Gyu tem força tão descomunal porque foi construída com personagens e relatos absolutamente pungentes. Ou seja, por trás da ácida crítica social, existe latente o seu desejo de compreensão e busca pela resposta maior: o amor. Frequentemente Min-Gyu reclama da Coreia do Sul e suas idiossincrasias e desigualdade social. Não, ele não odeia a Coreia. Ele a ama tanto, que a odeia. Ele escreve para que emergja do caos e do mar de desamor uma fagulha de compreensão e amor, que melhore a Coreia e, conseqüentemente, o mundo.

Por isso a escolha da linguagem paradoxal. Disfarçada de ironia, tudo bem. As frases de Min-Gyu são curtas, simples e sem firulas literárias. Os tradutores ficarão tentados a colocar literaturês para tornar orações e períodos bonitos, mas assim os leitores vão perder a dimensão simbólica e mítica que se esconde nos subsolos das entrelinhas. Então, coube a mim um grande desafio. Manter a secura, a repetição de palavras e a falta de sentenças sentimentalistas. E claro, respeitar as onomatopeias. Lendo os textos de Min-Gyu, reafirma-se a peculiaridade da língua coreana, que teve em grande parte a sua origem na onomatopeia. Em coreano, os sons e barulhos geram verbo, adjetivo, advérbio e até substantivos. Foi preciso manter ao máximo a sua originalidade e deixar intacta a naturalidade. Outro desafio foi a natureza gramatical do coreano. As frases em coreano terminam com verbo. Vem sujeito, adjetivo, objeto, tudo antes, e depois vem o verbo. Ou seja, é normalmente invertido em relação ao português. Em um primeiro momento, pensei em traduzir como seria na maneira direta em português. Mas aí perderia o suspense que a língua coreana naturalmente gera por você saber antes o sujeito, adjetivo, objeto, etc. Antes. Você perderia o sabor do texto. Sorte que em muitos casos a língua portuguesa permite essa inversão. Portanto, mantive ao máximo essa inversão, nos adaptando à compreensão da língua coreana e, quando não se permitia a inversão, me concentrei no sentido e no seu uso pragmático na construção narrativa, e no grande mosaico metafórico que Min-Gyu forma olhando para o todo. Espero ter conseguido.

Passados dois meses após o regresso de Min-Gyu para a Coreia, recebi uma notificação dos Correios. Era uma cobrança de compra feita no exterior. De imediato, achei que fosse um golpe e que alguém tinha comprado algo com meu cartão lá fora. Depois descobri que era uma taxa por manuseio e armazenagem. Quando verifiquei a origem do produto, era da Coreia. Como achei que Min-Gyu poderia ter mandado algo pra mim, paguei a taxa. Mas... o Brasil não é um país anacrônico, em que você paga pelo presente que te mandam? Deve ser por isso que Min-Gyu coloca tanto o Brasil nos contos dele. Is it real? Enfim, o pacote chegou. Era um boneco de Mazinger Z. Do desenho de robô que eu via

quando era criança na Coreia. E tinha uma carta dentro. Achei que fosse esse o desenho que você assistia quando você era criança aqui. Olhei para a minha estante com o mesmo robô de outra versão e dei risada. Ele continuou. Aquela noite ouvi uma história triste de uma criança. Eu não sei quem é essa criança. Você deve saber. Então, console e cuide bem dessa criança interior. Você deve saber como fazer.

Eu quero que você, leitor, leia este livro terrível que fala da nossa realidade nefasta com os olhos da sua criança interior, até que surja o amor. Tente sentir o paradoxo de Min-Gyu. Esse é meu pedido e creio que o de Min-Gyu também.

Continue e tome uma dose de estranha alegria.

Gunbé.

Nick Farewell.

P.S.: uma reverência ao Jairo, que foi tomar uma dose de estranha alegria no céu em decorrência da Covid-19. Outro pedido: persevere. Vai melhorar, apesar dessa grande ironia, um dia surgirá o amor.

Palavras do autor para a edição brasileira

Para leitores brasileiros.

Estou sentado na cadeira escrevendo estas palavras. De repente, você também esteja sentado na cadeira lendo estas palavras que eu escrevi.

Escrever, ler, ficar sentado na cadeira.

É uma imagem tão corriqueira.

Mas, na verdade, algo muito surreal.

Se ligassem em linha reta a cadeira onde você está sentado e a minha,

Acredito que ia dar o diâmetro da Terra ou algo próximo disso.

Hemisfério norte e hemisfério sul.

Muitas camadas e o núcleo da Terra.

Tendo o ponto de referência de cada um,

Eu e você, estamos sentados no lado oposto da Terra.

Prazer.

Mais do que isso,

Obrigado por ler as palavras escritas 20 anos atrás, do outro lado da Terra.

Os contos que estão no Castella,

Na maioria, foram escritos entre 1999 e 2004.

E mais, não tem grande significado,

Mas sou coreano. De repente, é a mesma coisa para você que nasceu no Brasil.

De repente, eu nasci na Coreia.

De repente, você é brasileiro.

De repente, sou coreano.

De repente,

Eu encontrei você,

Mas penso que é uma grande honra ter meus escritos apresentados no país de Elis e Jobim.

Se olharmos no macro, a estrela em que vivemos é grande e redonda.

No micro, apenas uma poeira cósmica.

E se analisarmos, muitos países como o Brasil e a Coreia estão espalhados,

Vivem muitos seres humanos, que falam diferentes línguas.

São palavras insignificantes escritas dentro da poeira cósmica.

Gostaria que você lesse com sentimentos grandes e redondos.
E mais do que tudo,
Gostaria que você se divertisse.

Assim como
Há muitos anos
Um garoto do outro lado do mundo que escutou pela primeira vez
A bossa nova.

A literatura, principalmente um romance,
Eu acredito que se assemelhe à existência de um radio boy⁽ⁱⁱ⁾ que fica
sentado na entrada do bairro chamado ser humano.

É como um “churrasco*”⁽ⁱⁱⁱ⁾ em que se podem experimentar várias partes
diferentes do mundo.

Ou talvez, seja o nosso “jeitinho*” em comum de encarar este mundo
estranho.

Gostaria de fazer um agradecimento surreal a Nick Farewell e à Editora
Martin Claret, que possibilitaram este encontro surreal.

E ainda,

Rezo para que você e o Brasil recebam a bênção divina real.

Coreia do Sul
De Min-Gyu.

CASTELLA

Para Michael Jackson.

Para o Papa João Paulo II.

E para você.

1. Castella

Com certeza, ainda tem muita coisa para dizer.

Eu balbuciava olhando para a geladeira.

Era o mesmo sentimento de Do fundo do coração.

Se analisasse o mundo do ponto de vista da refrigeração

Este mundo estaria estragado.

Essa geladeira foi hooligan na outra vida.

Deve ter sido, era o que eu pensava. Maio de 1985, Bélgica, Bruxelas. A final do campeonato da Champions League entre Liverpool e Juventus. A revoltada torcida inglesa parte em direção à arquibancada italiana. O muro cai. Morrem 39 pessoas soterradas. Este homem era um deles.

Quando recuperou a consciência, já estava no céu. Totalmente indignado. Claro, começou a ser invadido por uma série de arrependimentos. Eu preciso aprender a sabedoria de esfriar o ânimo. Eu preciso. Quando pensava assim, Deus fez a seguinte proposta: “Que tal uma geladeira?”. Verdade?!?! Ele caiu de joelhos. Vai ser uma vida digna. Por isso, este homem que amava o Liverpool renasceu como uma geladeira. Depois, passando de mão em mão, virou minha propriedade. Digam o que quiserem, eu penso assim.

De vez em quando, eu me lembro da primeira noite com esse homem.

Foi uma noite extremamente dolorosa. No começo, pensei apenas que era barulhenta, mas, e se depois explodir? Fiquei com medo de repente e não conseguia dormir de jeito nenhum. Uoug, uoug. A cena do barulho de uma fábrica inteira sendo produzido por apenas uma geladeira, se dissesse que era grotesco, era grotesco; se dissesse que era grandioso, era grandioso. Ao encostar o ouvido na geladeira, tomando todo o cuidado, estava escorrendo por dentro dela o que parecia magma. Tirei da tomada imediatamente. Lá dentro havia seis latas de cerveja, um imenso pote de kimchi, o resto de sorvete de nozes que comi à tarde. Era uma noite de verão quente de rachar.

Como alguém pensou em vender essa porcaria? Assim como o italiano que morreu soterrado pelo muro caído, senti raiva e indignação. Queria procurar imediatamente o desgraçado da loja de eletrodomésticos usados e quebrar o portão de alumínio, mas eu tinha algo importante a fazer. Comer sorvete de nozes, antes que derretesse. Por ter tido um sono agitado, junto da diarreia com cheiro forte de nozes, só consegui visitar a loja de eletrodomésticos usados na tarde do dia seguinte. Acima do portão fechado, estava colado um cartaz com os dizeres “Em reforma”. Quando voltei para casa, um cheiro leve de kimchi já tinha se espalhado pelo quarto. Que seja. Aquele cheiro azedo me desesperou e enfiei o cabo de força na tomada. Uou. Como um ataque de hooligans revoltados, o barulho começou a sacudir as paredes do prédio. Que diabo, mas por que comigo?!?! Enquanto eu tinha esse pensamento, a minha vida miserável inteira passou diante dos meus olhos. Quem sabe eu seja o que torcia para a Juventus e sofreu o infortúnio repentino, um pobre coitado torcedor italiano.

Que seja vida passada. Eu acabei vivendo mais de dois anos com essa geladeira. Impossível, você poderia pensar. Mas é a mais pura verdade. Primeiro, porque o desgraçado da loja de eletrodomésticos usados desgraçou de vez e faliu; segundo, porque convivendo juntos até que dava para aguentar. E era absurdamente forte. É sério que não foi nada demais? Você quer saber.

Sério, não foi nada demais.

Pelo contrário. Eu, que vivia sozinho, não me sentia tão solitário por causa daquele barulho. Seria capaz de resumir assim. Sou humano e, no fim, acabei acostumando. O meu encontro com a geladeira foi no meu primeiro ano de universidade, no verão. Lembro que era o verão em que o índice de desconforto foi sem precedentes. Eu, que tinha muitas brigas em casa, comecei a morar sozinho às pressas perto da faculdade e, nesse quarto pequeno, juntei a geladeira, a TV, um pequeno aparelho de som e eu. Morávamos, nós quatro, harmoniosamente. Mas eu tenho a sensação de ter morado só com a geladeira. É porque o barulho dela se sobressaía excepcionalmente.

Esse quarto ficava 300 metros acima de uma colina íngreme, por isso, é verdade, ninguém me visitava. Tinham acabado de começar as férias, e repito, era um verão que batia nas alturas na escala de irritabilidade. Mas ainda que fosse no alto da colina, era asfaltado. Então, por que ninguém me visitava? Junto com o dono da “choperia do alto da colina”, que eu sempre frequentava, eu sempre dividia a mesma reclamação. É, por que será? Pensava eu enquanto acariciava a panturrilha — que ficou grossa —, comendo o amendoim. Fosse um dia de irritabilidade alta ou irritabilidade baixa, era o verão em que ninguém me visitava.

Eu sempre fui irritantemente solitário.

Por tudo isso, a geladeira e eu nos tornamos amigos. Tenho essa sensação. Vou repetir, mas por causa desse barulho estrondoso, eu não me sentia sozinho. Só nós dois, naquele “quarto do alto da colina” que ninguém visitava. Como qualquer amigo no mundo, convivendo com a geladeira, percebi que ela era um cara legal. Se bem que, convivendo, não existe má pessoa no mundo.

Excepcionalmente, este foi o primeiro caso em que humanos e geladeiras se tornaram amigos desde que a General Electric produziu a primeira geladeira moderna do mundo, em 1926. Eu fui o primeiro! Como nós fomos negligentes com geladeiras. Será que existe neste mundo alguém que saiba a importância da

existência de uma geladeira? É que neste imenso mundo, temos o costume de pensar que só existem pessoas vivendo. Mas se nós prestarmos um pouco mais de atenção, vamos perceber uma geladeira, perto de cada um de nós.

Geladeiras têm personalidade.

Então, vamos escutar esse barulho. E sentir. O fluxo da geladeira, circulando entre o compressor, o condensador, evaporador e o trocador de calor. O milagre cíclico. Eu comecei a ficar fascinado pela geladeira quando os olhos para esse barulho cíclico. Com certeza, não foi desde o início. Como assim, o “mundo da refrigeração”? Eu vou lá saber? Eu mesmo não passo de um homem raro entre os raros que perceberam isso. Eu diria que teve origem na atitude ingênua de querer diminuir esse monstruoso barulho. Olhando para trás, foi um gesto mesquinho, mas eu liguei para a fabricante, pedindo um conserto rápido e preciso. Não é desculpa. Qualquer um teria feito o mesmo.

O conserto, que achei que ia ser rápido e preciso, foi se prolongando e se tornando cansativo. Inspeção e troca de todos os componentes do termostato, no fim, até limpeza de tubo capilar. O quarto ficou uma bagunça e era uma tarde de meio para fim de verão que parecia uma sauna. O técnico fez quatro visitas. Na primeira visita era “Agora vai ficar bom”; na segunda, “Nossa, que estranho”; na terceira, “Melhor comprar outra”; e na quarta, na voz rouca de quem está morrendo, “Vou parar com este trabalho de merda”.

O barulho não diminuiu.

E foi assim que começou o segundo semestre, mas não tinha como eu me sentir bem. Então, como se fosse birra de adolescente que desmonta o rádio e não consegue montar de novo, comecei a estudar o princípio, a composição, o reparo e até a história da refrigeração.

É estranho, mas fui sugado pelo mundo da refrigeração. Em outras palavras, curiosidade genuína. Eu faltava às aulas frequentemente e até à casa dos meus pais, onde levava a trouxa de roupa para lavar, eu tinha parado de ir fazia tempo. Como vou explicar? Eu mergulhei em “Como assim, o ‘mundo da refrigeração’? Eu vou lá saber?” e passeava na cintilante avenida do conhecimento a passos largos. De repente, tinha a sensação de ter caído num bueiro.

Dentro dele estava esparramado o obscuro, dissimulado e frio mundo da refrigeração. E eu, como se fosse um punhado de gás freon, serpenteava perdido de canto a canto desse submundo, o dia inteiro. Quando anoitecia, me transformava em um punhado de cristais de gelo e grudava uma parede qualquer desse subsolo, e me permitia um sono leve. Quando descobri a saída — só percebi quando saí — já era o fim do outono. A luz cegava meus olhos. E

A paisagem tinha mudado completamente.

3

Então, tenho uma lembrança de que fiquei totalmente concentrado quase uma semana inteira. Depois de um diagnóstico meticuloso, levantei todas as possibilidades de conserto e trabalhei com afinco. Mesmo assim, o barulho não diminuiu. Igual ao técnico da assistência, não conseguia descobrir o motivo de jeito nenhum. Era para soltar um “Melhor comprar outra”, ou “Vou parar com esse trabalho de merda”, mas eu — que já comecei a compreender o mundo do congelamento — estava interpretando o problema de um ângulo completamente diferente daquele técnico da assistência.

Essa geladeira tem alta potência vocal.

Era essa a interpretação. Essa geladeira foi um hooligan na vida passada. Deve ter nascido com alta potência vocal. Acredito que esse homem tinha uma voz gutural e personalidade forte. Na final do campeonato entre Liverpool e Juventus, com certeza, deve ter sido esse cara que gritou “Vamos invadir” e começado o quebra-quebra. Falem o que quiserem. Eu penso assim. Genial.

Ele disse “Vamos invadir”.

A história da refrigeração era uma batalha contra a deterioração.

Desde a Antiguidade, a humanidade já conhecia o fato de que, manter os alimentos em baixa temperatura, os conservava por muito mais tempo. E cerca de 1000 a.C. os chineses já combinavam o subsolo e o gelo, e os utilizavam como técnica primitiva de refrigeração. Se investigar a fundo, a primeira geladeira era debaixo da terra — ou seja, era o planeta Terra.

Os chineses do século 14 e os italianos do século 17 descobriram que recipientes em salmoura permaneciam abaixo da temperatura ambiente. É porque quando o sal evaporava, roubava o calor do ambiente ao redor. É de nível principiante, mas, é o momento em que a utilização da troca de calor era mostrada como princípio da refrigeração, pela primeira vez na história.

Em 1834, Jacob Perkins, da Inglaterra, inventou um compressor que fabricava gelo artificialmente. Conseguiu também a patente. Perkins usou o princípio de evaporação e condensação subsequente de éter comprimido, que causava o efeito de resfriamento. O seu compressor teve contribuição decisiva no nascimento posterior da geladeira.

Em 1926, a General Electric dos EUA fabricou a primeira geladeira a vácuo do mundo. A partir daí, através de melhorias contínuas, começa a história do desenvolvimento da geladeira moderna. Em 1939 nasceu uma que separa os compartimentos de congelamento e conservação, a geladeira doméstica dos dias de hoje, e o formato extravagante de geladeira surgiu do desenvolvimento do processamento de alimentos congelados, de Clarence Birdseye, abrindo assim a fantástica era da refrigeração.

A popularização da geladeira trouxe uma grande mudança na humanidade. Uma das maiores contribuições foi a diminuição drástica de intoxicações, câncer e outras doenças alimentares. A possibilidade de sempre poder se alimentar de vegetais frescos, conservar peixes sem necessidade de salgar e consumir alimentos que não estragam, foi fundamental para que a humanidade pudesse se beneficiar da vida saudável dos tempos modernos. Através da geladeira, a humanidade vence a batalha contra a deterioração. Uma vitória fantástica. Mas eu não concordo com o ponto de vista que enxerga o século XX como a era da Guerra Fria. O grande triunfo da humanidade do século XX era, acima de tudo, a fantástica técnica de refrigeração. É isso. O século XX foi a incrível era da refrigeração.

Theodore Angel, o eminente estudioso em refrigeração, no seu livro *Incrível era da refrigeração*, escreveu as conclusões acima. Foi então que descobri, eu estava vivendo na “incrível” era da refrigeração.

É isso!

Por isso, eu, do fundo do coração, comecei a aceitar a potência vocal desse homem. Era de verdade. Se é assim, com certeza, ele tinha o direito de gritar mais alto do que eu.

Com certeza, tem muita coisa para dizer ainda.

Eu balbuciava olhando para a geladeira.

Era o mesmo sentimento de *Out from the heart*^[iv].

Se analisasse o mundo do ponto de vista da refrigeração

Este mundo estaria estragado.

Então, este mundo não mudaria dependendo de como cada um usa a geladeira? O dono da “choperia do alto da colina” disse. Isso foi na época em que teve uma grande mudança no uso da geladeira. Foi um acontecimento muito natural. Chegou o que tinha que chegar. Era essa a sensação. Um dia abri a porta da geladeira e me deparei com a seguinte paisagem: duas latas de cerveja, um pote

de kimchi, uma caixa de 1,5 litro de leite de boca aberta e meia dúzia de ovos. Pensei também de boca aberta.

É de foder.

Uma paisagem de fazer vergonha à humanidade. Não acredito que nessa fantástica era da refrigeração eu usava a geladeira dessa maneira vergonhosa. Eu era uma pessoa tão sem noção? Compreendendo a situação, tirei tudo da geladeira. As duas latas de cerveja, o pote de kimchi, a caixa de leite, os ovos, limpei a geladeira até ficar um brinco e prometi a mim mesmo que dali em diante usaria a geladeira com propósitos mais louváveis. Isso é um dever para com a humanidade, pensei, jogando fora o leite coalhado na pia.

Mas diferente da bela promessa, não conseguia imaginar nenhum uso certo. Embora a preocupação aumentasse a cada dia, “Pô, não é múltipla escolha nem nada”. Meus amigos menosprezavam minha preocupação: “Cara, você é mais tranquilo do que aparenta”. Os mais velhos respondiam assim com cara tranquila: “Uma história divertida”. Alegando que não era divertida, as mulheres ficavam irritadas. Então, eu pensei de boca aberta.

É de foder.

Mas não era algo de todo perdido. Como falei antes, escutei “Sei lá, na sua idade, guardar qualquer coisa também é um jeito”, o conselho do dono da “choperia no alto da colina”. “Que tal guardar algo realmente precioso? Como a geladeira é refrigerada, será que não duraria mais?”, a lição de vida da minha senhoria. Do jovem bibliotecário, “Se é para melhorar a humanidade, não tem que primeiro trancar os males do mundo? EUA, por exemplo?”. Também recebi um aviso do dono da loja de discos que eu costumava frequentar, em um pequeno post-it. Não sei, pode ser que sirva de ajuda. Nesse papel que ele me passou, estava escrito em letras minúsculas a seguinte mensagem:

como colocar um elefante na geladeira

1. abra a porta
2. coloque o elefante
3. feche a porta

“Vai me ajudar muito”, respondi.

Por isso, que seja, algo precioso ou algo que faça mal, EUA ou elefante, decidi indiscriminadamente botar tudo na geladeira. Se for assim, é do nível “colocar tudo e qualquer coisa”, pensava.

O primeiro escolhido foi *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. É porque eu pensava que essa era uma obra-prima, e a geladeira parecia não ter grandes reclamações da minha escolha. Como Armstrong, o primeiro a pisar na Lua, eu coloquei o livro com todo o cuidado no meio da geladeira. Não se preocupe. Vai dar tudo certo. Depois de tranquilizar o Gulliver, que olhava o mundo desconhecido a sua volta com cara preocupada, fechei cuidadosamente a porta da geladeira. Sucesso. Agora o Gulliver será preservado, para o bem da humanidade, por muito tempo.

Esse foi o começo. Depois disso, eu lia, avaliava as obras-primas cuidadosamente, às vezes com afinco, às vezes não, e as empilhava dentro da geladeira. A maioria eram livros, e também tinha dois ou três clássicos de cinema entre eles.

Um dia, depois de dormir profundamente à tarde, olhando o quarto com serenidade, me deparei com a geladeira que emitia um ruído fantástico. A geladeira que, cheia de obras-primas da humanidade, funcionava a todo vapor — nesse momento, tive um forte pressentimento de que algo estava dando certo. Como disse, era uma refrigeração incrível.

5

E nesse intervalo, em um domingo, meu pai veio me visitar. Quanto tempo. Sim. Por que não tem vindo em casa? Tinha coisa para fazer. Tá certo. Eu também tenho um assunto para conversar. Para quem chegou de repente, conseguia desembuchar bem assuntos muito complicados. Então você tá dizendo que contraiu muita dívida? É, foi o que aconteceu.

Em resumo, era um valor que superava a minha imaginação; uma dívida que, se meu pai não pagasse, passaria para eu pagar e, ainda por cima, era em dólar. Eu dividia com meus amigos de negócios. Não se torna membro do clube de campo à toa. Você não sabe, para manter por dezenas de anos a posição de um chefe de família, o quanto de dinheiro se gastou. De qualquer maneira, acho que vocês deveriam se responsabilizar um pouco, vender o que der para vender, como vou falar... Queria juntar algum ouro que tenha em casa, o que você acha?

Eu precisava de tempo. Porque o conceito de “pai” era muito complexo. Ao mesmo tempo em que todos diziam ser precioso, era, com certeza, um dos males do mundo.

Como é que tem uma coisa dessas no mundo?

Primeiro, com este pensamento: eu segui a sequência seguinte. Seguir a

sequência significa: 1. Abra a porta. 2. Coloque o pai. 3. Feche a porta. Assim, eu consegui colocar o meu pai na geladeira.

A noite, que eu achava que ia ser barulhenta, foi estranhamente silenciosa. Quando abri a porta achando que ele poderia ter se congelado, o meu pai estava lendo. A temperatura tá boa? — perguntei. Muitos livros bons aqui dentro. Respondeu outra coisa. Errado sou eu, que perguntou. Eu, que costumo responder com ações, li “Ajustes de temperatura para a conservação de alimentos, recomendados para a segurança alimentar e medicinal”. Para leite (laticíneos), é 0 a 10 °C; carne bovina, suína e frango, -2 a 0 °C; peixes e frutos do mar, 3 a 6 °C; comida congelada, abaixo de -10 °C; tofu ou muk^(v), 6 a 10 °C; frutas, 3 a 6 °C; vegetais (acelga, alface), 7 a 10 °C. Qual você quer? Er... Não tem sugestão de temperatura para humanos? Não tem. O meu pai, que ficou um tempo pensativo, coçou a cabeça e falou “Sei lá, não seria tipo carne?” Carne... Depois de ajustar a temperatura em -2 °C

Eu fechei a porta.

No dia seguinte, a minha mãe veio me ver. Ou seria faculdade? Como foi uma depois da outra, a ordem não é importante. A essa altura do campeonato, penso que mãe ou faculdade é a mesma coisa. De qualquer maneira, mãe ou faculdade, ela abriu o boletim do semestre passado e, de tanto encher o saco, minha cabeça estava latejando. Sem ter o que fazer, bebi a cerveja que tirei da gaveta. Esse moleque, onde foi guardar isso? Vai ficar morna. Pra quê ter geladeira? Depois de um gole de cerveja morna, abri subitamente a porta da geladeira. Mas o que entrou na geladeira foi a minha mãe e não a cerveja.

Eu fechei a porta.

A noite em que guardei meus pais na geladeira teve uma imensa chuva de meteoros. Como era algo difícil de ver, até os noticiários bombardeavam com o acontecido. Eu bebia cerveja no 2º andar da “choperia do alto da colina” junto com o dono, olhando pela janela o enxame de meteoros que caía.

Seus pais estão bem?

Sim.

No fim, acho que pode ter sido uma coisa boa.

Com certeza. Depois de ter dito, eu mastiguei o peixe seco. Realmente, a refrigeração não deixa de ser uma grande bênção que a humanidade recebeu. O dono retrucou. Concordo em gênero, número e grau, eu pensei.

Como disse, foi uma coisa após a outra. Eu coloquei na geladeira a faculdade, o centro comunitário, o jornal, o fliperama, 7 grandes conglomerados, 5 oficiais da polícia, as crianças da escola fundamental Nakdo, os ônibus da viação Kyunggi, a Linha 2 do metrô, 5 tipos de kimbap^[vi] triangular, 11 produtores de TV, 51 start-ups, 2 diretores de cinema, 3 escritores, 192 donos de fábrica, 5 funcionários, 31 importadores, 2 cirurgiões-plásticos, 3 dançarinos, 2 bêbados, 1 pomba, 3 agiotas, 2 lutadores de luta-livre profissionais, 1 identificador de sexo de pintinhos, 1,8 milhão de desempregados, 360 mil sem-teto, 67 congressistas e 1 presidente da República.

Parece que eu coloquei o que fui encontrando aleatoriamente, mas a regra era clara. A regra das duas, uma — ou é precioso, ou é um dos males do mundo.

Depois que descrevi, tive a sensação de que eu enfiar um enorme meteorito lá dentro.

Obviamente, depois disso, muita coisa entrou na geladeira. Entre elas, o decisivo foi colocar os EUA. O motivo exato desapareceu da minha memória, mas seria antes ou depois do Natal. Estava lendo o jornal, distraidamente abri a porta, coloquei e fechei a porta. Pode-se não acreditar, mas depois que os EUA entraram na geladeira, acabaram se tornando uma espécie de comunidade internacional.

Ah, McDonald's sumiu?

Dias depois, o dono da loja de discos visitou a “chopeira do alto da colina” e, esfregando as mãos congeladas, disse: “Sumiu”. Deve ter desaparecido mesmo. O dono da choperia respondeu pausadamente. Meu filho nem vai mais à faculdade. Verdade? E agora, o que pretende fazer?

A faculdade sumiu.

Ah, é. Pensando bem, muita coisa sumiu ultimamente.

Nesse dia, nós três tomamos cerveja juntos. Era um dia frio, coincidentemente, era o último dia do ano e o último dia do século. Ah, foi isso. Está dizendo que você colocou, como se colocasse um elefante? O dono da loja de discos ficou muito feliz. Eu disse, ia servir de grande ajuda. Que

Acontece cada coisa nessa vida.

Sim, no século passado, tinha muita coisa para fazer. Com pretexto de ter

folga do último dia do ano, nós mergulhamos no mar do sentimentalismo. Dizem que o primeiro hooligan foi Hitler ou Mussolini. É mesmo? Acho que sim. E o que você vai fazer com a China? Por que a China? Você não sabe? O quê?

Se os chineses pularem no mesmo dia, na mesma hora, a Terra se parte no meio.

O quê? Vai fazer o que com a minha Terra? Enquanto eu pensava assim, a China já estava dentro da geladeira. Como vou dizer? Para a geladeira, foi uma entrada fatal. Os dois que faltavam dos 1.206.810,000 bilhão vieram reclamar na choperia, por isso, ficamos sabendo desse fato. “Manmandi! Manmandi!^[viii]”. Quando o dono da choperia ofereceu cervejas desesperadamente, a raiva dos chineses pareceu diminuir. O que vou fazer? Eu coloquei os dois chineses na geladeira industrial da “choperia do alto da colina”. Você pode fazer assim também. Impressionante, não? O dono disse, limpando o suor da testa.

Naquela noite, nós bebemos muito e depois nos despedimos.

Quando voltei ao quarto, era perto da meia-noite. A geladeira estava me esperando no escuro. Uoug. Senti repentinamente, hoje, o peso do barulho da geladeira. Organizar um século inteiro não deve ser um trabalho fácil, até para uma geladeira. Pensei, tirando o casaco. Depois de trocar de roupa, lavar o rosto e escovar os dentes... Melhor não, melhor não. Após ter decidido com dois “Melhor não”, no fim, abri a porta da geladeira. Eu imaginava, mas — tirando os dois chineses, a incomensurável China estava lá dentro. Fiquei pensando em pé de boca aberta. Tudo bagunçado. O panorama apresentado era de que nem eu poderia fazer nada de nada. Isso

Era o mundo.

Estendi o cobertor e me deitei. Por entre as frestas da janela entrava um vento frio. A última noite do século estava sendo refrigerada dessa maneira. Pelo menos esta noite, a deterioração do mundo está sendo paralisada. Pensava assim.

Eu não conseguia dormir. No próximo século também vai acontecer muita coisa. No próximo século, muita gente vai nascer e morrer. Os pensamentos de saco sem fundo e sem fim iam se emendando.

Para onde vão as almas das pessoas mortas?

Devem subir até o espaço sideral. Pois, mais do que tudo, as almas

São conservadas em condições frescas em uma geladeira chamada estratosfera.

E voltam para o nosso lado quando chega a hora.

Por esse motivo, na próxima geração, precisamos receber calorosamente todos os seres humanos que procuram este mundo, eu pensei.

Porque devem ter sentido frio.

Muito frio.

Finalmente, como se fosse a queda de um meteorito gigante, um longo e belo sono invadiu o hemisfério norte do meu cérebro. Os camelos que andavam no Deserto de Gobi do cérebro olhavam a chuva de meteoros que caía, desenhando um comprido rabo — sem ânimo, pendiam os pescoços.

No escuro, da geladeira que chorava mais alto que de costume

Era a última noite do século.

7

Quando abri os olhos, já era de manhã. Como sempre, estava com fome e estava apertado.

Um acordar nada diferente do costume. Porém, uma sensação de algo diferente. Será que é porque o mundo mudou? Pensei. Mas não pode ser. O que será? Fiz xixi, lavei o rosto e, quando entrei na sala, nesse instante, percebi o porquê.

A geladeira estava silenciosa.

Mas o que aconteceu? Colei o ouvido, mas só vinha fraco, do fundo do aparelho, o barulho de rotação normal. O que aconteceu? De repente, desabei por dentro. O que aconteceu com o mundo? China, EUA e meus pais! Abri a geladeira subitamente.

Surpreendentemente estava vazia por dentro.

E no meio do freezer

Tinha um prato limpo e branco na posição certinha.

E em cima desse prato

Tinha um pedaço de castella.

Como se tratasse do mundo

Eu peguei com cuidado a castella.

Surpreendentemente quente.

De superfície lisa e suave.

Senti a verdade, através dos olhos e da mão.

Lentamente, dei uma mordida.

O cheiro doce e suave passou pela minha boca e meu nariz, indo até a trompa de Eustáquio.

Esse
Era um sabor que podia perdoar tudo.
Estranhamente
Enquanto mordida a quente e suave castella

Eu derramei lágrimas.

2. Obrigado, seu guaxinim

Eu acho que é “um problema feliz”.

Um problema feliz?

É, o tal de Guaxinim.

Vai ser difícil.

A solução é duas em uma. Ou foge sendo guaxinim, ou desiste de ser guaxinim.

É ADMIRÁVEL

É admirável. Respeito os comentários sarcásticos de B, que duraram 3 minutos. O que interrompeu esse pensamento, não é que eu não gostava de B, ou os xingamentos superavam a raiva. É que escutei a voz do gerente Jung-Su Son pulando três fileiras de escrivaninhas e equipamentos de escritório. “Sim!” — eu, que corro, respondendo a plenos pulmões — era o estagiário da Will Comunicações. Fazia quatro meses. Até eu pensei,

É admirável. Executando bem esse trabalho de merda por quatro meses. São ao todo oito estagiários. Ou seja, sete concorrentes trabalhavam comigo. Não dá para falar de salário, pois recebo mais ou menos o valor do transporte de ida e volta. O trabalho é nível “virar a noite”, e tem de passar o período de treinamento de seis meses para um estagiário ser escolhido como funcionário. E o resto? Não sei. O diretor de RH daqui disse “Encare como uma boa experiência”. Mas reprove, pra você ver só.

Os outros sete também são desesperados. É de enlouquecer. Não tenho tempo de descanso. E tem duas mulheres que são famosas por terem notas altas no TOEIC, são obstinadas. O clima é de ter colocado a vida em jogo. Quatro são molengas. O outro também é bobão. Mas todos trabalham muito. Mesmo assim, não dá para reclamar. O mundo é que é assim.

O que vou fazer? Mesmo eu, que sou vocalista da banda de rock Sam's Son, que faz sucesso na faculdade, não tinha o que fazer. O dia inteiro procurando informações, fazendo café, organizando documentos, fazendo ligações, analisando, e indo comprar cafés. Ontem, fui no lugar do supervisor participar do treinamento de defesa civil. Isso lá é trabalho de roqueiro? Ou é? É admirável. Admirável. O baterista B devia estar chorando de rir.

Chamou?

Sim, acho que é você que sabe fazer bem isso. O gerente Son me disse rindo. Então, eu queria rodar esse programa e não estou conseguindo. Como faço? Estava me pedindo que fizesse o programa funcionar. Fiquei aliviado. O gerente Son era sempre difícil de tratar, porque tinha sempre a expressão de muita teimosia no rosto. Além disso, o clima hoje daqui era sombrio. A equipe do gerente Son tinha sido reprovada na apresentação de importante concorrência.

Isso

Parece um jogo de fliperama antigo. É um jogo de fliperama antigo. Primeiro tem que instalar um emulador. Como assim, emulador? É uma longa

história. Vasculhei a internet e achei facilmente “Mame”; em seguida, também instalei e rodei facilmente o programa que o gerente Son tinha falado. Facilmente, o programa começou a rodar.

O que

É isso? É “Guaxinim”. É, Guaxinim. Não é que, depois de uma música sem pé nem cabeça começar a tocar, no canto da tela apareceu um guaxinim, que pulava pra lá e pra cá, sem pé nem cabeça? Gerente Son fez uma cara de “Não é?”. Após esboçar um sorriso, imediatamente mergulhou no jogo. O jogo consistia em movimentar o guaxinim para comer frutas, fugir de uns vermes que perseguiram e, quando o bicho caía, morria espetado numa tacha tipo percevejo. Uma bobagem.

O que acha? Não sei... Não conhece, né? Sim. É o jogo de fliperama que eu jogava na época do ginásio. Na época tinha até um fliperama que tinha esse jogo de guaxinim em mais de 10 máquinas enfileiradas. A molecada fazia fila. Todo mundo era viciado em Guaxinim.

Bons tempos.

Pode ser, eu pensei. Se na época do ginásio ele era o melhor amigo do guaxinim, não deve ter sido um tempo ruim. Mesmo pensando assim, quando o gerente Son me perguntou “O que acha, quer jogar?”, respondi “Não. Obrigado.”. Que seja no passado, eu nunca escutei que um estagiário deveria ser chegado num guaxinim. Digo, com certeza.

Estou decepcionado.

Hein? Reagi surpreso com as palavras inesperadas. Estou decepcionado. Com o quê? Eu senti que você ia, com certeza, gostar de Guaxinim. Por causa do rosto, que continuava encarando o monitor, e das mãos concentradas no jogo, tive a sensação de que estava ouvindo a voz de uma outra pessoa. Me desculpe. Respondi desse jeito e saí de cena. Senti que passar por três escrivatinhas parecia mais longo do que atravessar três cordilheiras. Como eu ia saber que o gerente gostava de Guaxinim? Ah, difícil o mundo corporativo!

Como sempre, quando passava a tarde enlouquecido, o diretor de RH me chamou. Como sempre, “Sim” — respondi determinado e fui correndo. Olhares de inveja voaram como uma flecha e fincaram-se na minha nuca. Foram as duas mulheres que tiraram as notas altas no TOEIC. A flecha estava envenenada. Pô, esse nem sabe inglês.

Ei, o que você fez?

Me perguntou com tom de voz “Óbvio que já sei de tudo”, então, não tinha como não saber o que eu tinha feito. O quê? Estou falando do gerente Son. Olhei para o gerente Son e, nossa, ele continuava concentradíssimo no jogo de guaxinim. Foi você que soltou esse guaxinim no monitor, não foi? Não, é que... Pensei em “emulador”, “Mame” e outras palavras, mas, para quem já passou de cinquenta, como é que, assim, eu poderia explicar isso? E a cara do diretor era a de que não tinha ainda nenhuma explicação. Já faz três horas. Durante esse tempo, comi dois pacotes de bolacha sabor legumes e três pacotes de batata chips. É, claramente, um sintoma. Sintoma?

Raiva do guaxinim.

Hein? Já foi mordido. Dizem que nos EUA estão gastando de 2 a 10 bilhões de dólares por ano para erradicar essa doença. Teve uma vez que pulverizaram de avião a vacina no estado inteiro de Ohio. De qualquer maneira, que dor de cabeça. Na minha administração entrou um guaxinim. Mesmo que você não soubesse, se ia instalar o Guaxinim, deveria ter me consultado antes. Você não acha?

Assim fica complicado. Isso não é minha culpa. E “raiva do guaxinim”? Do que está falando? Escute bem. Antigamente, guaxinim era o animal que roubava o armazém da fazenda. Agora eles roubam aqui, ali, algumas empresas. Por isso, guaxinim é mais perigoso do que espião. O que você anda aprendendo na faculdade? O guaxinim é inimigo das empresas. Inimigo dos homens. Entendeu?

Sim.

Tome cuidado daqui para a frente. Mesmo com essa carinha bonitinha. Dizia enquanto mexia no meu queixo, e com a maneira como estava me repreendendo, parecia dizer “Você está fora”, por isso, me senti péssimo. Afinal de contas, o que aconteceu com essa empresa? Eu só conseguia suspirar. Crunch, crunch. Gerente Son estava remexendo o terceiro pacote de bolacha sabor vegetais.

É UMA PENA

“É uma pena”, era um bom funcionário. Enquanto formatava o computador do gerente Son, o diretor me contou essa história. Assim como o avião que pulverizou a vacina no estado inteiro de Ohio, era a terceira vez que ele formatava o computador. Definitivamente não tinha uma personalidade normal.

Gerente Son deixou a empresa ontem. Depois do acontecido, foram apenas

duas semanas. A justificativa principal foi o fracasso na apresentação, mas o motivo real, que só eu e o diretor conhecíamos, era a raiva.

Se você insistir que é algo estranho, é realmente estranho. Gerente Son vivia o dia inteiro mergulhado num flíper de guaxinim e engordou rapidamente. Comendo sem parar o que desse na telha, é normal que engordasse. Mas e aquelas olheiras e listras? Se me perguntassem sobre isso, não saberia o que dizer. A olhos nus, a área em volta dos olhos do gerente Son ficou cheia de sardas e, se olhassem de longe, dava para enxergar com precisão listras simétricas. O quê, isso é um

Guaxinim.

As pessoas começaram a cochichar. Com certeza, as sardas podem ter surgido de tanto jogar o flíper — coisas assim. No fim, as pessoas começaram a evitar o gerente Son. A cada dia que passava, as sardas ficavam mais escuras e, a cada dia que passava, ele parecia mais um guaxinim. Não tem tratamento? Não, infelizmente. A resposta do diretor era simples e, por esse simples motivo, o gerente Son foi deixado completamente de lado.

O único interlocutor do gerente Son era eu. Sem a presença dele — quando terminava a reunião entre a gente — ele sempre me chamava. Eu gritava “Sim” e corria. Assim como dizer “Sim” e sair correndo é sem noção, eu tinha que escutar histórias tão absurdas quanto. Do começo ao fim, era sobre o guaxinim.

Veja. Aqui é a fase 23. Quando desce a escada, tem esse espaço grande e, no fim, tem esse ponto de aterrissagem do tamanho de um ponto. Pular até aqui é possível. O problema é depois. Se pular daqui, cai na certa bem em cima da tacha. Não lembro de jeito nenhum como é que eu passei dessa fase. Antigamente, eu, com certeza, já passei. Não sei como.

Por que me chamou?

Ah, achei que você soubesse como passar.

Por que pensou que eu saberia?

Você é íntimo de guaxinim.

Não sou íntimo. Não sou mesmo.

Estou decepcionado.

Mas por que decepcionado, de novo? Não tem ninguém que saiba disso.

É mesmo? É realmente uma pena.

É uma pena. Essa era a expressão certa. No fim, eu mesmo comecei a evitá-lo. Quando acontecia um diálogo assim, sem falta o diretor me chamava. Tudo bem eu correr respondendo “Sim”, mas o “O que o gerente Son disse?” ele dizia sentando ao meu lado e acariciando a minha coxa — era de fato uma coisa de

enlouquecer. Quando fui saber, o diretor de RH era um famoso assediador de homens.

Mesmo que você suspire

O mundo é uma bagunça. Existe homem que está virando guaxinim, existe assediador que concentra o poder da empresa nas mãos, existe vocalista de uma banda de rock que, por medo desse poder, se deixa apalpar e aguenta firme e forte. Penso que não deve existir nada pior que isso.

No fim, essa era a raiz do meu estresse. Eu apaguei na festa de despedida de ontem, e quando recobrei a consciência, estava deitado no chão escuro e mofado dentro da estação de metrô. Foi a primeira vez que eu desmaiei de bêbado e também foi a primeira vez que eu dormi no metrô. Muitos sem-teto estavam deitados ao redor; como era de madrugada, as saídas estavam trancadas.

Encostei o corpo na parede fria e comecei a relembrar. Lembro da bebedeira até as 2 da manhã. Eu tinha ficado responsável por cuidar da volta para casa do gerente Son. Vim para Incheon, porque era onde ficava a casa do gerente Son. Acho que me lembro de que tomei mais um soju^[viii] no pojangmacha^[ix]. Depois apaguei. Não lembro mais de nada. Olhei em volta e não encontrei o gerente Son também.

Você está bem?

Me virei assustado, e um homem que nunca vi na vida estava me olhando. O que parecia ser intrometido era um sem-teto de quarenta e poucos. Ah, sim. Baixei a cabeça e fiquei vermelho. Ser jovem é outra coisa. Mesmo bebendo tanto, parece normal. Ah, a sua carteira deve estar no lugar. Dá uma checada. Assustado, enfiei imediatamente a minha mão no bolso de dentro do blazer. Como disse, a carteira estava no lugar.

Não se preocupe. A gente nunca mexe com quem anda com guaxinim. Guaxinim?

Não lembra? O que te carregou até aqui ontem era um guaxinim.

Ah, sim... Para onde ele foi?

Ele é guaxinim, deve ter descido para o subsolo.

Subsolo?

Sim, subsolo. Dentro do túnel, onde passa o trem.

Na verdade, ele é humano...

Eu sei. Mas já quase virou guaxinim, já tem que viver no subsolo.

Não estou entendendo nada.

Por acaso, ele não está empacado na fase 23 também?

Como você sabia disso?

Acertei, não é? É por isso que as pessoas viram guaxinim.
Eu achava que era uma doença.
Raiva do guaxinim. Isso é uma história inventada.
Não pode ser.
Ei, este mundo é totalmente diferente do que você pensa que é.
Que lugar é este?
“Fase 23”. Esse é o verdadeiro nome deste mundo.

NEM ME FALE

Nem me fale. Eu dormi no metrô ontem. Hahaha... Mas por quê? A noite na pescaria era silenciosa. Como não tinha outros pescadores, eu podia conversar com B sobre qualquer assunto sem constrangimento. Nos encontrávamos pela primeira vez em muito tempo e pescávamos pela primeira vez, também, em muito tempo. A boia de pesca não se mexia fazia muito tempo.

Então, foi assim.

Foi assim. B assentiu com a cabeça. Escutando assim, não é um problema simples. Por isso, estou muito preocupado. Como se quisesse mergulhar em pensamentos profundos, B tirou o cigarro e colocou na boca. Eu joguei fora o cigarro que estava fumando e comecei a preparar a isca. A boia não tá se mexendo de jeito nenhum. Parecia que um prego comprido estava fincado na superfície d'água.

Assim vai enferrujar.

Vai enferrujar. E se fosse ferro, teria enferrujado — a minha amizade com B era de longa data. B tem dois anos a mais que eu. De alguma maneira, acabamos virando amigos. Nos encontramos pela primeira vez no primeiro ano da faculdade. Era o lugar onde tivemos a orientação, não sei se era professor ou funcionário, subiu ao palco e estava falando coisas amenas por muito tempo. Estranhamente, naquela época eu estava irritado com tudo. Por isso, mesmo que não fosse nada, de qualquer maneira, eu dizia

Cala a boca, filho da puta!

Gritei. De repente, o ambiente virou um mar de risadas e quando o evento que virou uma confusão estava terminando, alguém me procurou. Filho da puta — quem foi? Quem disse? Algumas pessoas me indicavam com o olhar e ele veio parar na minha frente. Que tal montar uma banda, juntos?

Esse era B.

Depois disso, nós viramos uma banda de rock bem conhecida da faculdade. “Os filhos de Sam” era por causa de “Sam’s Son”, mas para os alunos, era mais famoso pelo “Cala a boca, filho da puta!” do que por “Sam’s Son”. Que coisa, tudo graças ao palavrão. Olhando para os alunos enlouquecidos, B sempre dava gargalhadas. Eram bons tempos. Era época em que se tornava roqueiro só de falar palavrão, só de batucar, era uma época em que as pessoas enlouqueciam. Olhando para trás, parece urna grande mentira.

Não sei se cursava Filosofia, mas B era um amigo que sempre analisava profundamente todas as coisas. Mesmo que fosse pouco, sabia muito mais coisas do que eu e, aqui, acolá, tinha muito mais variedade de experiências de vida. Eu, que era o único aluno homem do curso de Economia Doméstica; ele, que era admirável em todos os aspectos. Quando soube que ele repetiu três vezes e tinha dois anos a mais que eu, já tínhamos trocado de baixista duas vezes, passaram-se dois semestres e era outono. Em outras palavras, tínhamos ficado muito próximos.

Como a isca e o anzol.

Nós andávamos juntos. Bebíamos juntos, encontrávamos mulheres juntos, tocávamos juntos, pescávamos juntos. Obviamente nos formamos juntos. Nós, que achamos que iríamos continuar com a música, o que nos desviou foi quando fui dispensado do serviço militar. Quando voltei do Exército tudo parecia muito sério. A irritação desapareceu como neve que derreteu, eu me transformei em um aluno aplicado, que se prepara para conseguir emprego. Que é isso? Não é hora de ficar tocando música. Eu me levantei de súbito.

Então, foi assim.

Foi assim. Naquela época, B também assentiu com a cabeça. Esse era o fim. Na prática, a banda acabou e eu virei estagiário desse lugar. Eu me senti culpado e ainda me sinto culpado. Nesse tempo, quem me perguntava como iam as coisas era B e não eu, e quem sugeriu a pescaria de hoje foi B, e não eu. Eu, como ser humano, não passava de um ser rastejante e preocupado com guaxinins.

É o que eu penso.

Depois de pensar bastante, B abriu a boca. O prego, que estava fincado profundamente na superfície, balançou de repente para os lados o corpo enterrado, mas eu não fiz força nem puxei a linha. É o mundo em que humanos se transformam em guaxinim. Mesmo que a boia vire prego, ou o prego vire boia, o que eu podia fazer?

Eu penso se não é um problema feliz.

Problema feliz?

É, o tal de Guaxinim.

Acho difícil.

Assim, eu penso que a vida chegou nesse estágio. Então, você está na porta da fase 1. Por isso, você descobriu como esse mundo odeia o guaxinim. A solução é duas em uma. Ou foge sendo guaxinim, ou desiste de ser guaxinim. O seu gerente deve ter sido o humano que viveu escondendo que era guaxinim. Com certeza deve ter sido difícil.

Esconder?

Com certeza, no início; mas quando passou de um certo ponto, sem que percebesse, transformou-se em guaxinim. E se deparou com um limite. Mas acredito que superou a armadilha, que era como ponta de tacha. Porque, falem o que falem, ele tinha se tornado um genuíno guaxinim.

Não tem como saber o quê, nem por quê. Então por que o guaxinim se tornou inimigo do mundo?

Vou simplificar. Por exemplo, pense em uma civilização agrícola. Todos estavam dando duro, arando a terra, e de repente, aparece um guaxinim. Ah, é guaxinim. Alguém grita e para de trabalhar. Que fofo. Vem cá. Happy happy, cute cute.

Peraí, na civilização agrícola se falava inglês?

Estou dizendo que se sentiram assim. Porque guaxinim é pura alegria. Assim, em uma ou duas horas, o guaxinim deixou todo mundo enlouquecido. Então, o que faria o chefe da equipe 1? Queria matar o guaxinim. Esse ódio se acumulou por muito tempo. E passou tempo. Então, virou capitalismo na civilização industrial. Quem dominou o mundo foram esses desgraçados de chefes da equipe 1.

Foi isso que aconteceu.

Esses caras começaram a eliminar os guaxinins. Assim como eliminaram os índios. O que pulverizaram no estado de Ohio inteiro devia ser veneno para matar guaxinins. Por quê? Porque, desde o início, não tinha esse negócio de doença da raiva. Era um plano astuto. Por outro lado, esses desgraçados protegeram também os guaxinins. Dizendo que estavam em extinção.

Mas por quê?

Para dar a percepção de que, realmente, guaxinins são animais raros.

A percepção de que só se vê quando vai ao zoológico ou é um animal selvagem que só se vê uma vez na vida e olhe lá. Ou, mesmo que encontre um guaxinim, jamais se pode tocar.

Civilização é algo terrível.

Você também vai ter de fazer uma escolha. Sobre esse “problema feliz”.

Desculpe, fazer você se preocupar com esse tipo de coisa.

Nada. De fato, era um problema em que eu pensava bastante. De qualquer maneira, eu estava pensando em falar sobre esse assunto hoje.

Que assunto?

Eu penso em virar guaxinim.

Não vai ser muito difícil?

No começo vou ter que começar a fugir. A execução é difícil, mas é um problema surpreendentemente simples. Só precisa de um emulador que rode o guaxinim. Mesmo assim, acho que o que Deus deu de bom para os homens foi apenas o guaxinim. Isso é certeza.

Então, nós viveremos uma vida diferente.

Tá se sentindo só?

Me sinto só.

Mesmo assim, não se esqueça de que existem guaxinins neste mundo.

É. Obrigado.

A boia da pesca balançou outra vez. Eu puxei a vara com força. Era um pequeno, filhote de carpa. Depois de tirar o anzol da boca, eu coloquei o peixe dentro da bolsa de rede, sem dizer uma palavra. Splash. Como um humano que acabou de entrar no estágio 1, estava se tremendo todo.

Foi quando vi um objeto brilhante.

Em frente à pescaria, acima da floresta de acácia, algo estava flutuando. Com certeza era um objeto voador, mas como se houvesse uma espécie de bexiga natatória por dentro, estava flutuando no ar. Capaz de ofuscar os olhos, uma bonita e clara luz azul circundava por inteiro o objeto em forma de domo.

O quê? Não seria um famigerado óvni?

Quando esse pensamento passou pela minha cabeça, o objeto atravessou o açude e já estava parado, pairando acima das nossas cabeças. E essa imensa nave, como se fosse um organismo vivo, respirava lenta e pesadamente. Ah, nós soltamos um grito.

Depois de respirarmos um pouco, nós avistamos um pequeno orifício no meio do disco se abrindo. Uma luz diferente da que cercava a nave desceu direto através do orifício. E quando sentimos que a coluna de luz encostou no chão, o óvni, emitindo um som estrondoso, se moveu. Quando nos demos conta, o óvni tinha desaparecido.

E nós vimos. Apenas cinco ou seis metros à frente. Onde a coluna de luz encostou no chão, tinha um objeto parado. O objeto ficou parado um tempão

sem reação e, finalmente, cambaleando, veio andando até em frente à luz da lanterna que nós acendemos.

Era um guaxinim.

PARABÉNS

Parabéns. É só clicar. Sorteado entre 150. Grátis só hoje, adivinhação “Que animal você é”. Enjoy-mall.com. Por favor, coloque a data de nascimento. Obrigado. Nascido em 27 de abril, o seu animal correspondente, sim, é o guaxinim. Fofa e graciosa, a sua mascote, o guaxinim. Você, que é guaxinim. vamos descobrir o seu destino? E só clicar.

De personalidade sociável, você tem um grande círculo de amizade. Por isso, sem distinção de faixa etária, você se relaciona com muitas pessoas. Como amigo, o ideal é o macaco, que, assim como você, tem muitas habilidades e está à procura da alegria. Ou combina bem com Pégaso, que não se enrola com trivialidades. Porém, é bom ficar longe de ovelha e filhote de cervo. A ovelha, que sempre cumpre o que promete e coloca a ética acima de tudo, vai sempre repreender você. E claro, o filhote de cervo, ingênuo e sem modos, é difícil de combinar com você.

Você, que é guaxinim, leva a sério a experiência e o desempenho. Por isso, é do tipo que não consegue resistir aos objetos antigos e relíquias. E você possui a habilidade especial de falar das histórias dos outros como se fossem suas experiências. Sobre um filme que nunca viu, é capaz de falar com mais viva memória do que quem viu o filme — esse é você.

Você se adapta bem às mudanças. Claro, também uma das muitas grandes habilidades do guaxinim. Você se adapta bem a qualquer situação, se lança a qualquer iniciativa, colhe muito mais frutos do que qualquer outra pessoa. Mas na escolha de alimentos, não permite nenhuma mudança. À sua volta, sempre tem alguns restaurantes que frequenta assiduamente, previamente escolhidos; os seus pedidos são “o de sempre”. Isso é por causa do costume de o guaxinim gostar de comer coisas saborosas e valorizar experiência e desempenho.

Você é acostumado a delegar tarefas. Absorve bem qualquer tarefa e conhece muito bem os pontos fortes de cada pessoa. Aumentar produtividade através das habilidades específicas de cada um é uma das grandes vantagens do guaxinim. Porém, por outro lado, pode ser facilmente confundido com uma pessoa irresponsável. E por causa do esquecimento, próprio do guaxinim. Esquecimento é a tragédia de um guaxinim. Mesmo que ele mesmo não se importe com isso.

E você é um portador de autoconfiança sem fundamento. Essa autoconfiança sem prova aparente, podemos dizer, ocupa o primeiro lugar entre todos os outros 12 animais. Sempre transbordando de autoconfiança, alegre e proativo, deixa sempre boa impressão nas outras pessoas. E ainda por responder “Entendi”, “Deixa comigo”, em alto e bom som, sempre se apresenta confiável. Porém, a verdade é que, na maioria das vezes, a sua resposta termina como mera resposta.

Guaxinim recebe muito carinho dos chefes. É por causa das respostas rápidas, com atitudes sérias e amabilidade transbordante. A mentalidade de dar importância à experiência e ao desempenho também é um ponto que conquista de imediato os contratantes. Mesmo que pareça irresponsável e muito bajulador, no fim, não tem como odiar, por conter um estranho charme. Porque todos sabem que não está tomando essas atitudes de propósito. Eventualmente, pode causar o problema que for, o charme do guaxinim obriga a perdoar-se tudo no fim — é de causar inveja a todos os outros animais.

Você tem uma mensagem.

O remetente da mensagem era o diretor de RH. O assunto era “Parabéns” e o conteúdo é o que segue.

Parece que a contratação do funcionário do primeiro semestre vai acontecer, no mais tardar, amanhã. Sobre esse assunto, gostaria de conversar com você. Como você está de tempo? O horário é hoje à noite, a umas 21 horas. O local é “Climax”, que fica em Mugyo. Ah, não se preocupe tanto com o assunto. Escrevi de brincadeira. Então, espero você lá.

O e-mail do diretor tinha vindo com vírus. Quando chequei o conteúdo e fechei a janela, imediatamente baixou um programa inteiro. Acho que vou ter que formatar. Tirei um cigarro e coloquei na boca. Me senti só.

Mesmo que fique escondido

O ser humano sempre fica sabendo que este mundo é uma bagunça.

Mesmo que fique escondido

Assim como, no fim das contas, fica sabendo que existem guaxinins.

OBRIGADO

Obrigado por ter vindo. O diretor tinha chegado antes e já estava inclinando o copo de cerveja sozinho. Não era nem escuro, claro, era um café mais ou menos. O que você achou? Do mundo corporativo? O diretor me

perguntou enchendo o meu copo. É bom. De maneira sucinta, respondi.

Beba.

Você se formou em um curso peculiar, economia doméstica. Sim. Que coisa, acho que é um curso complicado, mas o que você acha? É um curso complicado. É, é o que eu penso. Agora

Beba.

Então, você tem vontade de trabalhar como funcionário contratado na empresa? Sinceramente, eu queria ser escolhido. Bom. Bom. Um homem tem que ter ambição. Se você quiser, eu dou uma força, o que você acha? Se me contratar, vou agradecer. Bom,

Beba.

Eu não espero algo difícil. Acho que vai ser fácil se encarar como algo que pode acontecer a qualquer um que trabalha em uma empresa. Para ter algo, tem que oferecer algo, essa é a lei da vida. Não é um problema muito sério. Agora

Beba.

O que é a vida? Todo mundo vai vivendo assim. O que eu acho de você é que tem raciocínio rápido e um futuro brilhante. E é jovem e saudável. Se tiver quem dê um suporte, não vai ter com o que se preocupar. Agora

Beba. O diretor ofereceu bebida continuamente e ele mesmo engoliu uma grande quantidade de bebida. Quanto mais tempo se passava, a voz do diretor se espalhava aos poucos, como quando o lúpulo se espalha à medida que a cerveja fermenta. E o álcool que vai tingindo o coração que vai se agitando.

Sáímos do café depois da meia-noite. O diretor chamou um táxi, falou de um destino ao taxista, segurou a minha mão e continuou passando a mão na minha coxa. O táxi parou em algum bairro desconhecido, nos deixou em alguma avenida que eu não tinha como saber. Nesse lugar, no subsolo de um prédio grande, tinha uma sauna e, na entrada, tinha uma grande placa em que estava escrito “Aberto 24 Horas”.

A sauna estava vazia. Não, era uma sauna que parecia que o objetivo era os clientes dormirem na sala de descanso ao lado da sala de banho. Não, pode ser que, para as pessoas que se reúnem lá, a própria utilidade seja diferente do convencional. Eu mergulhei por um instante no pensamento, mas desisti de continuar.

É só aguentar um pouquinho.

Quando estava no chuveiro, o diretor me abraçou. Estranhamente não senti nada, e decidi, como ele disse, aguentar um pouco. O diretor passou a mão aqui, ali, no meu corpo, e me fez sentar silenciosamente na cadeira de banho. Com a mão escorregadia, o diretor fez gestos para tentar deixar o meu pênis em pé. É estranho. Por que o pênis, que achei que nunca ia ficar em pé, ficou em pé? E nesse instante, por que a fase 23 se abriu diante dos meus olhos? Esse mundo não era para começar passo a passo a partir da fase 1?

Bonito. O diretor suspirou forte e ficou olhando o meu pênis ereto. Depois, esticou o pescoço para trás para ver mais uma vez se não tinha ninguém e se sentou entre as minhas pernas. Fica parado. A boca, que mudou as palavras para o modo imperativo, começou a chupar o meu pênis. A mão direita do diretor começou a balançar lentamente o pênis dele.

É só um pouco. Não vou me arrepender. Olhando para trás, tinha sido uma juventude nada de mais. Muitos concorrentes, difícil de conseguir emprego, o mundo era uma droga. Só um pouco. Só um pouco. Só um pouco. Em pouco tempo, vou pular o espaço vazio, e conseguir aterrissar com segurança na chegada que é do tamanho de um ponto.

Por pouco tempo, parece que enxerguei o pênis do diretor, que expelia um líquido branco, parece que vi o diretor limpando no chuveiro o seu espermatozoide, parece que senti de novo um suspiro e a mão no meu ombro, parece que escutei as palavras de múltiplos sentidos “fez bem” e parece que vi a imagem dele de costas, empurrando a porta da sauna cansado, saindo.

Eu desmoronei no chão da imensa banheira sem dizer nenhuma palavra. E comecei a verter, desde o último fio de cabelo, a temperatura mais alta que a pele pode aguentar. O vapor quente que subia, dentro dos fios d’água. De repente senti que estava sozinho. Estava triste e comecei a chorar.

Foi nesse momento.

Senti uma presença atrás de mim. Quando me virei, dentro da cortina de vapor que parecia neblina, estava parado um grande, imenso guaxinim, que eu nunca tinha visto na vida, segurando uma toalha italiana. Era uma toalha italiana de pena de perdiz, de boa fabricação, de excelente coloração verde. Dentro do vapor esbranquiçado, o guaxinim tinha visto tudo e, esboçando expressão de “eu compreendo tudo”, assentiu com a cabeça na minha direção. Eu também assenti com a cabeça. O guaxinim empurrou a cadeira lentamente e disse.

Senta.

A sauna na madrugada era silenciosa, e, no meio desse silêncio, eu confiei minhas costas para um guaxinim que me parecia um amigo. Fazia muitos anos que eu não esfoliava minhas costas, e o guaxinim parecia possuir a habilidade de ter esfoliado as costas de muitas. É estranho, mas, desde que começou a esfoliar as minhas costas^[x], eu comecei aos poucos a me sentir melhor. Assim, quando mais ou menos estava terminando a última passada de mão, eu já estava razoavelmente alegre. Quando estava prestes a me levantar, a mão pesada do guaxinim baixou o meu ombro.

Ainda não.

Por que ainda não? Estranhei, mas descobri o porquê em seguida. Estava passando o sabão. O guaxinim passou o refrescante sabão nas costas inteiras, que ele esfoliou com perfeição. Nossa. Explicando, era um acontecimento fantástico, me senti como se estivesse sobrevoando o céu de Ohio de avião. Ah, emocionado, quase derramei lágrimas, mas pelo tipo de ser humano que sou, olhei para trás de súbito e, com custo, só consegui dizer estas palavras.

Obrigado, seu guaxinim.

3. Ah, é? Sou uma girafa

Eu virei um empurrador. A coisa boa é que posso andar de metrô de graça, ganho força nos braços e não atrapalha nenhum dos outros bicos. Tudo certinho. Ainda por cima, registro certinho, pagamento garantido, serve de exercício e até o apetite melhorou. Com isso, durmo bem e continuo trabalhando no posto... Resumindo, curto e grosso, é isso, né? Ah, é? O que... Pode ser que dê para pensar assim. Eu pensava que era desse jeito mesmo. Isso é minha matemática. Engraçado ou não, neste mundo existem pessoas que precisam fazer esse tipo de conta. É para existir.

Deve ser legal ser marciano. Como aquele verão era exageradamente quente, eu sempre estava mergulhado nesse pensamento. As férias do colégio técnico eram mais longas do que eu pensava e, se eu não mergulhasse nesse tipo de pensamento, seria difícil de aguentar. Em um longuíssimo verão, ainda por cima, eu trabalhava em várias frentes. A tarde no posto de gasolina, à noite na loja de conveniência, tinha garotas que tanto fazia ter ou não em cada um dos trabalhos e, por tanto fazer ter ou não ter, eu sentia o mesmo tédio. Se comparasse, passando por Mercúrio, Vênus e estrelas que tanto fazia ter ou não, a luz do Sol que chegava à Terra não teria a mesma sensação que eu? Não o quente e longuíssimo Marte.

Se você rodar por esses locais de trabalho, vai viver todo tipo de acontecimentos, e penso que aquele ano, aquele verão, foi assim também. Recebia no posto 1.500 won^[xii] por hora; na loja de conveniência, 1.000 won. Por isso eu sempre era um poço de insatisfação. Portanto, diferente de quando comecei, a insatisfação dava as caras. É assim que se aprende sobre o mundo — dizia o dono da loja de conveniência, mas, deixando de lado: “Se aprender recebendo 2.000, dói? O quê, por que você então dá dinheiro de montão para o seu filho?” — eu sempre achava que estava fazendo um trabalho de pelo menos 2.000. Sei lá, só 1.000? Quantíssima e muquiraníssima Terra.

Era mais ou menos madrugada, quando o Coach hyung^[xiii] veio me procurar na loja. E aí? É bom. O bico da loja de conveniência foi o coach quem me indicou, então, só podia dizer que estava bom. Poderíamos dizer que ele era o chefe de informações de todos os bicos da região, não sei, por isso indicava trabalhos para os calouros e “faça isso, aquilo”; era uma pessoa que gostava de dar uma de coach. Quanto é isso aqui. Eu tirei o Capri Sun^[xiv] da geladeira e passei pra ele. Estou comprando com meu dinheiro. Tô falando rindo, mas quero que você beba sabendo. São 25 minutos da minha vida. Olhando para o relógio, pensava. Onde você está trabalhando, o dono é um babaca... Hoje mesmo passou a mão na coxa de uma garota... Tá louco... Pode isso? Sem discutir o mérito de “pode” ou “não pode”, se for para passar a mão na coxa, teria de pagar pelo menos 10.000 won. Eu pensei. Passar a mão não é ruim. Pagar só 1.000 won é que é ruim. Pelo menos, eu pensava assim.

Tá, que seja, mas você é bom de push-up. Push-up? Estou falando de flexão de braços. Respondi de bate-pronto que era bom de flexão. Tem que ser assim para conseguir emprego, é o básico do básico. Paga bem. 3.000 won por hora... Porém, vai ser cansativo. 3.000 won? 3.000 won. Essas palavras pareciam desentupir de imediato meus ouvidos. À minha volta, existia um emprego tão valioso. Só de ter recebido a proposta, parecia que eu tinha subido um degrau da

sociedade industrial. Que seja bom ou ruim. Comparando, passando por Mercúrio, Vênus e Terra, a luz do Sol que chega a Marte não teria essa mesma sensação que eu? Que tenha ou não tenha, adeus, planeta Terra.

Por esse motivo, eu virei pushman^[xiv]. Eu virei empurrador. A coisa boa é que posso andar de metrô de graça, ganho força nos braços e não atrapalha nenhum dos outros bicos. Em outras palavras, terminando o trabalho aqui, vou até a estação devagarinho, é só “cumprir a tabela”. Tudo certinho. Como é empresa estatal, o pagamento é garantido, serve de exercício e até o apetite melhorou. Com isso, durmo bem e continuo trabalhando no posto... O conselho do coach, que se estendeu sem descanso, era dar argumento ao argumento — mas o motivo não era outro senão os 3.000 wons. O ganho tem que ser curto e grosso, é isso, né... Será? E... Não sei se posso pensar assim. O Coach hyung tinha expressão de meio abobado, mas com certeza é assim, eu pensava. Isso é minha matemática. Engraçado ou não, neste mundo existem pessoas que precisam fazer esse tipo de conta. É para existir.

Me desculpe.

Meu pai me disse assim. E sua voz, quando eu dizia que ele só trabalhava, sempre repetia a mesma coisa. Na primeira vez, era bom de se escutar, mas no fim, já fazia muito tempo que, escutar ou não, não fazia diferença. 45 anos e 3.500 wons por hora, essa era a matemática do meu pai. O nome da empresa em que ele trabalhava era “uma exportadora qualquer” e era um emprego que só poderia se chamar realmente de “numa exportadora qualquer”. Eu fui lá apenas uma vez. Era na época do ginásio, e a minha tarefa era levar a marmita. O mapa estava errado? Conferi muitas vezes o mapa que minha mãe tinha desenhado e rodei e rodei pelas ruas da área. O escritório do pai, que descobri com muita dificuldade, ficava em um lugar qualquer — um escritório qualquer. O corredor escuro em que ratos passeariam, lâmpadas fluorescentes, a porta de madeira com pintura descascada, será que é um outro país? Se pensar assim, era um lugar lúgubre. Tomei um susto. Tinha uma palavra dessa na minha cabeça. Não era uma época de fartura, mas escutava bastante músicas estilo Metallica. Por isso, pensava se o mundo não era uma espécie de ESP Flying V (modelo de guitarra que o Metallica usava). Eu tinha esse tipo de pensamento vago. Pensando, abri a porta e, quando acabei de entrar, vi o rosto do meu pai, que passou a vida comendo marmita todo santo dia, trabalhando, com aspecto frágil. Papai, cheguei.

Eu era um tanto quanto brincalhão, mas, estranhamente, depois daquele dia virei um adolescente quieto. Como vou dizer? Não sabia naquela hora, mas naquele instante surgiu dentro de mim uma espécie de “minha matemática”. Acho que foi assim, eu penso agora. Isso não era nem triste, nem alegre, e também não tinha de jeito nenhum uma personalidade para culpar, qualquer que

seja. Acho que era apenas uma equação. Em substituição às palavras que diminuíram eu comecei a fazer bicos e juntar dinheiro. Ei, só se vive uma vez. Meus amigos com quem eu andava diziam em tom de desprezo, mas eu sabia. A verdade de que, no fim, eles também não tinham como não acabar fazendo a mesma conta. O que você vai fazer? Eu? Sei lá, talvez seguir uma carreira artística.

Toda pessoa tem uma matemática própria. Um dia, sempre vai descobrir isso. Evidentemente, deve existir uma vida que precise de cálculos avançados, mas a maioria termina nessa matemática da vida. Assim como se arranca a folha do galho mais alto para se alimentar, quando se subtrai e soma, de iguais e pequenos montantes, uma hora a vida acaba se esvaindo. É the end. Aquele dia eu presenciei a “matemática do meu pai”, ou eu vi a resposta daquela equação, ou não dá para saber se eu recebi por inteiro aquilo de herança. Era essa a situação. Passa a marmita e recebe de volta a matemática. Passei a marmita e recebi a matemática. Por causa desse sentimento, eu virei uma pessoa que nunca mais falou “Papai, me dá um dinheiro?”.

Então, essa é minha matemática.

Me desculpe, meu pai me disse; mas pai, essa é a minha matemática, eu pensei. Poupança programada, poupança programada e outra poupança convencional. Quando pensava em 1.500 won e 1.000 won, as cadernetas que iam se acumulando lado a lado, não tinha nada difícil neste mundo. Resumindo, a minha situação era isso. Se for ver, o Coach hyung tinha cinco cadernetas. Coach hyung não tinha pai nem avó doente, como a minha família. Pau a pau com a minha família. A mãe trabalhava num restaurante; fora isso, não sei, porque não falou nada. Ouvi, de orelhada, que na época do ginásio o Coach hyung era um adolescente famoso por causa da cola de sapateiro. Disseram. Eu nunca pude acreditar nisso. É. Todos devem viver com suas matemáticas. Então,

A minha matemática.

O TREM ESTÁ CHEGANDO

Senhores passageiros, fiquem atrás da linha amarela — dizia, mas nunca ia funcionar. Os passageiros precisam entrar no vagão, e no vagão, já não tem mais lugares. Se não entrar, vai atrasar. A linha de segurança do corpo é essa, mas a linha da vida é dentro do vagão. Se fosse você, qual escolheria?

Não posso me esquecer da primeira vez em que o trem chegou. Então, mais do que trem, um gigantesco animal de dar medo, paaah, raaah, rastejava até a plataforma, como se expelisse dejetos, rasgava-se na lateral e vomitava as pessoas. Aah, sem perceber, deixei sair um gemido. Era como se um muro de contenção caísse e, atrás da boca, orelha e nariz, sentia que a cabeça estava ficando cheia de

vômito. Ei! Se não fosse o grito do Coach hyung, eu teria virado comida desse troço. Quando voltei a mim, o troço estava sugando de volta o vômito que estava parado na lateral. Era uma força tamanha, que achei que podia usar até para gerar energia. Força! Nesse momento, o Coach hyung gritou “Empurra, empurra!”, empurrei para dentro de qualquer jeito, fosse mole ou duro, mas não consigo me lembrar o que era aquilo. Não, como é que eu poderia dizer que aquilo eram humanos?

Fica esperto. Assim que o trem partiu, o Coach hyung se aproximou e me deu uma dura. Entendi. Respirei fundo, mas, mesmo assim, as pernas tremiam. Não pense que aquelas pessoas são pessoas. São cargas. Imagine que é mais ou menos isso. Entendeu? Entendeu? Nesse “entendeu” chegou mais um trem, e eu o apalpei de novo. Paaah, raaah. Do segundo trem que rumava para a estação Uijeongbu, tive a impressão de que tinha saído o dobro de pessoas. Será que isso não era a humanidade inteira?

Assim, se passou uma hora. Quando voltei a mim novamente, eu estava sentado atrás da linha amarela, ou seja, na “Por favor, fique atrás da linha”. E diante dos meus olhos — três prendedores de gravata, dois botões e uma perna de óculos estavam rolando como se fossem uma muleta de soldado ferido. Eram de marfim. Enquanto recolhia objetos perdidos da humanidade, me dei conta de que o meu corpo todo estava encharcado de suor. Por isso, ser marciano deve ser legal. Deve ser muito legal.

Passou uma semana assim. De manhãzinha, presenciava a cena de horror da humanidade inteira, depois, ainda na parte manhã, um sono rápido, seguido do bico no posto e trabalho noturno na loja de conveniência. Todo dia doía o ombro, joelho, pé, pé, joelho, ombro, no dia seguinte, podia dizer que doía cabeça, ombro, pé, joelho, pé, cabeça, ombro, joelho, orelha, nariz, orelha, portanto, doía o corpo todo. Isso... Não deveria ganhar pelo menos 30.000 won? Foi a insatisfação que tomou conta novamente, mas, se eu parasse agora, não me sentiria ainda mais revoltado? Como achava que o coaching do Coach hyung estava realmente certo, cerrando os dentes continuei indo ao trabalho. Pode ser o segredo da construção das pirâmides, a “revolta”. Se eu parar agora, vou ficar muito revoltado. Acho que a matemática dos escravos deve ter sido mais ou menos isso.

Estranhamente, trabalhando cerrando os dentes, aqui, acolá, o trabalho começou a ficar divertido. Cabeça, ombro, joelho, pé, joelho, pé, já não doíam, nem sentia pontadas. Isso, de fato, realmente me alegrava. A madrugada do verão era fresca e o Coach hyung estava parado em frente à estação Guebong com um cigarro na boca. E do grande hyung (Coach hyung chamava o funcionário do guichê de grande hyung), recebia o passe livre. Depois de receber o passe, nós subíamos na plataforma e — como se fosse um privilégio — esperávamos o trem

na linha lá na frente. Se fosse o eu de antigamente, ficaria na frente da saída 8 (mais perto de casa, o lugar que sempre fico) e esperaria o trem, mas neste verão, eu era, claramente, um empurrador. Quando eu cumprimentava educadamente junto com o Coach hyung, os operadores geralmente abriam a porta do vagão de controle ou do copiloto. É ou não é muito chique?

As pessoas nos chamam de lenda. Poderia dizer que são instruções? Ou sermão? Escutar as histórias do “diretor” na sala de plantão era divertidíssimo. Idade, experiência, força nos braços, rigoroso senso de profissionalismo e filosofia de merda... Ele, que era o melhor em todos os quesitos, nós o chamávamos de diretor. Na verdade, era o líder de equipe dos empurradores, e as palavras do diretor não eram luz, vida, não é para tanto; era no máximo sim, sim, senhor. Perfeito. Perfeito. Esses dias, disse em que éramos os pilares da economia nacional, o garoto holandês que impedia o assoreamento do país (aquele menino que tapava o buraco na barragem com o corpo), em que éramos as lendas dessa empresa, etc., etc., ah, sim, sim, senhor.

Eu não queria ser o garoto holandês recebendo 3.000 won, mas tinha um ponto em que todos concordavam com o diretor. Era o fato de que nós éramos “cem homens em um”. Pelotão de elite. Pelotão de elite. O diretor sempre insistia no sermão de que se não for o pelotão de elite, de “cem homens em um”, não tinha qualificação para ser empurrador da estação de Sindorim. E falava sobre o jeito certo de empurrar as pessoas, o jeito de socorrer as pessoas cujo pé entrava no vão, como calcular a lotação máxima de um vagão, essas coisas — entre essas coisas, esses dias, de repente, perguntava. Saiu dia desses um biscoito chamado “Oh, Yes”, é gostoso. Você gosta mais de “Choco Pie” ou “Oh, Yes”? Tinha a habilidade de fazer esse tipo de pergunta do nada e deixar as pessoas desconcertadas. Haha. Sim, sim, senhor.

E aconteceram muitas coisas. Teve uma criança que desmaiou soterrada entre os adultos. Que pais colocariam uma criança nesse horário?! O diretor, que ficou nervoso, procurou os pais. Esse tipo de pais jamais teria pegado o trem. O garoto, que abriu os olhos na sala de plantão, dizia que estava indo para a Olimpíada de Matemática e ia levar bronca da mãe, e chorava. O diretor comprou para aquele garoto, que dizia ter vindo de Bucheon, Coca-Cola e Oh, Yes, com o próprio dinheiro.

Por favor... Estou atrasada. Tinha mulheres assim também. Se possível, empurre as costas ou o ombro... Nessa época, ainda era complicado empurrar de qualquer jeito o corpo de uma mulher. Por isso, reticente, reticente, acabei perdendo dois trens. Com remorso, como não consegui aguentar a mulher que chorava na minha frente, chamei o Coach hyung. Em seguida, chegou o trem para a estação Uijeongbu, mas, de tão lotado, até o Coath hyung acabou falhando em colocar a mulher para dentro. Finalmente, quem conseguiu colocar a mulher

foi o diretor. Não olhe para dentro do vagão. Olhe pra mim. Pra mim. E empurrou com força o que, à primeira vista, parecia ser seios, e empurrou em longo gesto para dentro. Escute bem. Os homens entram bem quando olham para frente, e as mulheres têm que ficar de costas para entrarem bem. Entendeu? Mas por quê? Só sei que é assim.

Teve uma vez em que o empurrador entrou no vagão. Aconteceu num piscar de olhos, empurrado pelas pessoas que estavam atrás. Aconteceu o que podia acontecer, mas o problema veio depois. Um dos passageiros o provocou e bateu-lhe na cabeça. O motivo era simples. Era que todo dia os desgraçados empurravam as pessoas, sem nenhuma consideração. O que apanhou também tinha personalidade forte e aquilo acabou virando um grande incidente. O resultado foi um linchamento. Três semanas de internação. Nenhum passageiro foi pego, e no fim, o colega de trabalho teve de pagar com o próprio dinheiro. E depois, ninguém nunca mais o viu.

Em compensação, eu consegui ver alguns tarados. Mesmo que não visse, pelo grito da mulher, conseguia saber em que vagão, em que lugar tinha acontecido o ataque. Uma vez, um de mais ou menos 40 anos, que manchou a saia de uma mulher com esperma foi preso em flagrante. Como consegui mexer mão? A maneira como fez isso, e como conseguiram prender o cara, eu pensei, foi uma grande façanha. Tem muito disso. Coach hyung balançou a cabeça. Mas hyung... Mesmo que goste disso... Vai querer entrar nesse trem? Não sei. Como vou saber o que se passa na cabeça de um tarado? Tenho um amigo que é recém-incorporado na polícia. Você acredita que ele me falou que um dia recebeu a denúncia de um homem pelado de mais ou menos 30 anos que estava comendo uma flor no jardim? O quê, flor? É. Flor.

O homem que foi preso ejaculando foi identificado como reincidente. De expressão pesada, pele branca e com muitas pintas no rosto. O suor escorria sem parar, seguindo o pescoço gordo e as dobras que se formavam ao redor. Parece que o nosso tarado foi dar uma voltinha no Havaí. O diretor ironizou, mas ele não levantou o rosto. Comparando ao uniforme do policial, como a sua camisa havaiana com estampa de flores era muito bonita, de repente, comecei a ter esses pensamentos. Será que tem metrô no Havaí? Será que no Havaí também tem homem pelado que come flores no jardim? E no Havaí, será que tem empurrador? Como a Terra é redonda, e se a gente continuar caminhando para a frente, portanto, Aloha Oe^[xv].

Será que todos os homens não são reincidentes? — eu pensava. Pegava o trem por hábito, trabalhava por hábito, comia por hábito, ganhava dinheiro por hábito, me divertia por hábito, maltratava os outros por hábito, mentia por hábito, me confundia por hábito, me encontrava com as pessoas por hábito, dialogava por hábito, fazia reuniões por hábito, recebia educação por hábito, doía

cabeça, ombro, joelho, pé, joelho, pé, por hábito, me sentia solitário por hábito, fazia sexo por hábito, dormia por hábito. E por hábito, morria. Ei, Seung-Il, empurre com o corpo todo. O corpo todo! Eu comecei a voltar a empurrar as pessoas. Com o corpo todo. Por hábito.

Quando chegou agosto, diria que é experiência, algo como isso, começou a aumentar. E também aumentou o número de novatos. Tinha aquela repercussão daquele linchamento e, por ser um trabalho que é difícil de o corpo aguentar, o número de desistentes também era grande. No fim, eu fui me deslocando pouco a pouco para a parte central do trem. Cada vez tinha mais pessoas e, cada vez mais, quanto mais eu empurrava, mais pessoas saíam empurradas. Evidentemente, o tratamento comigo melhorou. E como o clima era de reconhecimento do meu esforço, então, não sentia tanta dificuldade, mas o problema maior não era esse. É claro

Que gosto do dinheiro,

Mas presenciar toda manhã o sofrimento de tantas pessoas foi se transformando, pouco a pouco, em estresse. Quando a porta fechava, a muito custo, eu dava de cara com o rosto de alguém amassado no vidro da janela. Você já viu um balão? Quando vi pela primeira vez bochecha e lábios que foram apertados a ponto de estourarem, e o nariz achatado de porco, dei risada de doer a barriga; quanto mais o tempo passava, a risada desaparecia. Tá legal. Tá ótimo. Então, me diga o que você se lembra do rosto da humanidade. Se algum marciano me interrogasse, eu ia ter um sofrimento daqueles. Se eu explicasse para seres de outros planetas, como seria triste o retrato falado da humanidade. O trem está chegando. Paaah, raaah. É, andem só de metrô. Nem pensem em Expresso Galáctico^[xvii]. Se continuarem sendo esse tipo de humanidade.

Finalmente, fui empurrado para um vagão abaixo por um novato e fiquei responsável pela porta <8>. Enquanto olhava o número 8 de cor amarela entre colchetes, eu lembrei de repente da “minha matemática”. Por que a gente tem que viver assim? Tive esse pensamento bobo, e consolava a mim mesmo dizendo que era apenas um número. Era uma manhã em que sentia ainda mais peso na cabeça, ombro, pé, joelho e pé. Paaah. Raaah. Assim, o trem chegava, a porta se abria, alguém saía espirrado por uma pressão exercida; enquanto pensava nisso,

Era o meu pai.

Como vou dizer? Quando o trabalho terminar — queria tirar toda a roupa, invadir o jardim próximo, arrancar e comer flores, era esse meu sentimento. Ah, pai... Eu não consigo me lembrar se eu disse ou não disse isso. O meu pai, que precisava ir até a estação Sinseol, o empurrei como se empurrasse uma mulher, por isso, não, bem, por isso, empurrei só um pouquinho, por isso, não

conseguiu entrar. Assim, a porta se fechou. Paaah. Raaah. Inclinei o corpo e coloquei as mãos no joelho, e soltei um grande suspiro. Paaah. Raaah. Com uma expressão envergonhada, o meu pai consertava novamente a gravata que ficou desajeitada. Nesse instante íntimo, um espaço de tempo tão curto quanto o de ajeitar a gravata, porém, de um nó impossível de desatar, passou entrelaçando-se entre nós dois. Isso era uma experiência muito estranha. O lado de fora era extremamente barulhento, mas, entre mim e meu pai parecia estar se acumulando algo como o silêncio do universo. Nesse silêncio, ultrapassando o constrangimento de não conseguirmos nos olhar nos olhos, ecoava novamente o aviso da estação.

O trem está chegando.

EM ALGUM TELHADO DE ALGUM LUGAR PERTO

De verdade, tem momentos em que percebo que a Terra está girando. Depois do trabalho, quando eu me sentava ao lado do Coach hyung no banco da praça de longa data, eu percebia ainda mais. Quando eu esticava as pernas e jogava a cabeça para trás, conseguia ver as nuvens passando. Sentia um pouco de vertigem, mas só assim conseguia sentir que a Terra girava de verdade. Eu gostava dessa sensação. Por isso, frequentemente, eu me deitava no banco. O dia em que encontrei o pai foi assim também.

Seung-Il... Eu tenho que pegar esse trem. Assim, chegou o terceiro trem. O diretor, que percebeu a falha na minha operação, me ajudou. Força! Força! Claro que ele não tinha como saber que essa carga era meu pai, mas apertou grosseiramente a cabeça dele, de qualquer jeito, espetou com o cotovelo as costas, empurrou, essas coisas. Está. Entrando. É. Entrou.

E quase inaudível, nesse instante, parecia que um som muito baixo escapava do tórax do meu pai. Paaah. Raaah. Mas fechando o tórax, o trem guardou dentro do seu pulmão o som do meu pai, e eu não tinha como saber mais sobre a identidade do som. De qualquer maneira, parecia um barulho, uma respiração, uma espécie de bolha que ficou presa no pulmão de algum tipo de trem no horário do rush — era asfíxiante.

Foi um longo e estranho verão. Hyung, a Terra está girando. Ah, é? Queria falar sobre o meu pai, mas só saíam palavras sem sentido. Quer beber algo? Depois bebi o refrigerante Mirinda, que Coach hyung pegou da máquina, e isso foi tudo. Depois disso, acabei vendo meu pai direto. Gradualmente, formou-se uma certa indiferença entre a gente, mas, por mais que estejamos indiferentes, esse encontro em si nunca poderia ser considerado um encontro feliz. De vez em quando, eu conseguia empurrar meu pai direito. As longas férias estavam prestes

a terminar e, em dias assim, eu costumava pegar refrigerantes da máquina. A nuvem ia se passando ao longe e eu tinha sede.

O verão passou assim. Quando terminaram as férias, a vida de empurrador também terminou e eu voltei para a escola. No início do segundo semestre, a escola tava com um clima meio estranho. Não tem emprego — os veteranos disseram em uníssono. Nem que não fosse em uníssono, todos estavam sabendo da crise mundial. Certificados não adiantavam, e o planejamento de mudar o nome do colégio para Curso Técnico de Administração e Informação para aumentar o índice de empregabilidade não passava de rumores. Os veteranos estavam desanimados, a nuvem continuava passando e eu estava com sede. O mundo é um trem. A lotação máxima é 180 pessoas, mas, na verdade, 400 pessoas precisavam caber — era asfíxiante.

O longo e estranho verão terminou, mas, no seu lugar, começou um longo e estranho outono. Era quase fim de setembro. A mãe desmaiou. Ela já tinha trabalhado por muito tempo na limpeza desse prédio comercial, não sei se foi o excesso, ou sei lá o quê, mas ela desmaiou. Por sorte foi levada ao hospital imediatamente, mas não conseguiram descobrir a causa precisa, e diziam que era o sistema nervoso, ou algo do gênero que tinha dado ruim o tanto quanto podia ficar ruim. Vamos continuar examinando. O tal do médico disse assim. Devemos continuar fazendo exames, disse o tal do médico, assim.

Quando entrei no quarto, vi a imagem do meu pai, que estava segurando a mão da minha mãe. E a mãe? Em vez de resposta, o pai ficou me olhando sem palavras. Como se fosse um avestruz que de repente não podia usar uma das pernas no meio da pradaria — tinha expressão atordoada e sombria. Na verdade, também tive o pensamento de que, até agora, ela andava muito bem, não, corria muito bem. O salário da mãe é que ia desaparecer. E o dinheiro do remédio da vó. O dinheiro do tratamento da mãe é que ia surgir... Eu descobri, pela primeira vez, o fato de que os olhos do meu pai eram muito cinza. Como se fossem o cristal líquido de uma calculadora sem pilha, eram cinza assim. Agora não consigo fazer cálculo. Eu também não conseguia calcular. Na apagada escadaria de emergência do hospital, eu liguei para o Coach hyung.

O professor responsável^[xviii], que tinha trabalhado para pagar os estudos, era uma pessoa muito compreensiva. Força. Eu vou resolver isso. Com isso eu virei um aluno que sempre perdia a primeira aula e graças a isso, comecei de novo o trabalho de empurrador. Eu precisei aguentar de novo todo o horror da humanidade e dava de cara com meu pai, que mais parecia uma alga flutuante no meio de tudo isso. Epa. O que eu estava pensando... Como é que ele almoçava nesse tempo? Ficava sem comer? Assim, eu empurrava o meu pai, que tinha ficado do peso de uma marmita. Empurrava e empurrava de novo. Eu tinha a sensação de que o meu pai, empurrado pelas minhas mãos geladas no vento frio

de outono, ora encolhia, ora esticava, ora esperneava. De repente, no vento gelado da manhã, ele passava chorando. O ganso selvagem.

Coach hyung me indicava aqui, ali, sem cerimônia, muitos bicos. Obrigado, hyung. Eu expressava a gratidão em retidão, feito boneco de madeira de ganso selvagem^[xviii], mas na verdade, eu queria chorar. Eram dias em que, como se no cristal líquido de uma calculadora com as pilhas recém-trocadas, novos e pequenos números piscavam rapidamente. Era essa a sensação. Um dia estava olhando no espelho, vi meus olhos também cinza. Os mesmos círculos concêntricos do meu pai. Eu era apenas a continuação dos números do meu pai. 3,1415926535897... E

Tive um problema com o dono da loja de conveniência. Não me pagava, então, eu dizia para pagar, mas o jeito dele é o jeito de quem ia ficar devendo. Em meio a um bate-boca eu o empurrei, mas ele voou longe, para uma distância que eu mesmo não acreditei. Aí ficou enchendo o saco, que machucou a cintura, ia me processar, mas, como de costume, Coach hyung resolveu o problema. Ele falou por pouco tempo e baixinho, mas o dono da loja apareceu e me deu dinheiro. Não, jogou. Vamos recolher. Se não fosse o sereno Coach hyung, eu teria recorrido novamente ao empurrão. Tá certo o valor? Faltam 1.000 won. Faltam 1.000. Coach hyung gritou alto.

Estranhamente, nessa manhã, eu empurrei o pai assim, grosseiramente. Fiquei envergonhado, mas era esse o sentimento. Deve ser porque catei uma por uma as notas do chão. Deve ser por isso. Por mais que tentasse me consolar, não tinha como me sentir melhor. Seung-Il. Espera... Espera... Por um momento, o gemido do pai penetrou no meu ouvido, mas, estranhamente, não senti nada. Pai, tenha um bom dia.

O pai, que tinha tido um bom dia, naquela noite se abriu comigo sobre algumas coisas. Em resumo, era sobre a matemática. Na empresa está cada vez mais difícil. Eu estou procurando uma outra. Me desculpe, mas por enquanto, vamos nos esforçar juntos, um pouco mais. Não estou achando nem um pouco difícil, falei. Encontrei meu pai, que se sentia envergonhado, no dia seguinte — mas por eu estar também envergonhado, não consegui empurrá-lo direito. Pai, tenha um bom dia.

De pernas estendidas, pescoço esticado, olhando a nuvem passar, eu disse. Hyung, a Terra está realmente girando. Ah, é? Quando a Terra está girando assim, de repente, eu sinto uma coisa. O quê? Então, neste universo... Estamos vivendo sobre este planeta. E daí? Neste lugar... Por que a gente está vivendo assim, desse jeito? Algo assim. Coach hyung, que ficou em silêncio por um instante, levantou-se dizendo. Vamos beber alguma coisa. Recolha as pernas e endireite o pescoço. E quando a Terra parou, uma Mirinda tamanho gigante, que

foi tirada pelo botão “sem gelo”, estava flutuando na minha frente. Mesmo sobre a Terra parada, de novo, o trem estava chegando. Quer que eu conte uma história divertida?

Assim que partiu o trem que tinha acabado de chegar, Coach hyung, de repente, cuspiu essas palavras. Vamos cabular a segunda aula também. Por isso, nesse dia, eu também acabei me sentando no banco. Mas aquela, mais do que divertida, era uma história estranha. E do tempo em que eu cheirava muita cola. Eu estava pensando que tinha ido só até o limite, como sempre, mas eu estava flutuando em cima do telhado. O mais louco é que eu me vi lá embaixo, de cabeça baixa, e quando me vi, o meu corpo começou a ter um brilho estranho. Será que eu morri? Pensei isso. Você nem sabe o quanto fiquei com medo. Aí, olhei em volta e, lá longe, no Oryu, tinha um cara que eu conhecia também flutuando. Chamava Jin-Ho. Esse também cheirava cola... Então, esse também morreu? Eu pensei. Aí, quanto tempo passou? Voltei à consciência e acordei. Não, voltei à vida, eu pensei, naquela época. Ufa. Coloquei a mão no peito, aliviado, mas o mais louco aconteceu à tarde. O tal de Jin-Ho me procurou. Você não cheirou cola ontem à noite? Respondi que cheirei. Depois, perguntou se eu o tinha visto flutuar, porque ele tinha me visto flutuar. Nossa, tomei um baita susto. Não sei por quê, depois disso, eu virei outra pessoa. Parei com cola, o motivo não sei. Vai saber se vou sair do corpo e ficar flutuando em algum telhado de algum lugar perto. Por isso, não tem outro jeito, a não ser viver me esforçando ao máximo. Pensei nisso. Em algum telhado de algum lugar perto? Sim.

Em algum telhado de algum lugar perto.

AH, É? SOU UMA GIRAFÁ

Deve ser legal ser venusiano. O inverno daquele ano foi rigoroso, e eu sempre mergulhava nesse pensamento. O Colégio Técnico em Administração foi mais longo do que eu imaginava, por isso, se eu não pensasse nisso, não ia conseguir aguentar. Longo, longo inverno; como sempre, eu ficava pulando de bico em bico. De manhã cedo na estação de metrô, até altas horas da noite na cozinha do restaurante de costela e, de madrugada, rodava três áreas diferentes de apartamentos, distribuindo jornal. Paaah, raaah. Fumacinha que saía da minha boca e suor por dentro da roupa, se eu me virasse, pareceria que eu estava me olhando de cima, em algum telhado de algum lugar perto. Parecia a visão de um venusiano.

O trem da madrugada parecia sempre um expresso galáctico. Pode falar assim? Se algum venusiano me interrogasse, eu com certeza diria isso. A madrugada era vazia e escura, e o ar congelante era sempre ríspido. Isso significaria, em mil ideogramas chineses, que o universo era vasto e rude. E eu era

solitário. Todos estavam dormindo bem. Todos estavam em segurança. Na escuridão que passava por Guil e Guro e se estendia de Sindorim até Sunro, eu sempre pensava enquanto me sacolejava. Aos poucos, o trem ia balançando, aos poucos, meu sentimento também balançava. A vida, o mundo, sempre balançavam.

Ninguém estava seguro. Coach hyung, que parou com os bicos e virou funcionário de uma imobiliária clandestina, em menos de um mês se transformou em outra pessoa. Comprou um carro, ainda que fosse usado, e mudou seus hábitos de consumo. Encontrei-o por acaso na rua, mas tive a impressão de que era uma pessoa que apenas se parecia com o Coach hyung que eu conhecia. Eu não podia dizer que o que era inseguro era seguro. É assim mesmo. O diretor era o mesmo, mas mesmo assim não podia dizer que estava seguro. Disseram que ele levou o golpe do casamento falso; após isso, faltou ao trabalho sem aviso e voltou ao trabalho. Ele mesmo não falou nada, e nós mesmos não falamos nada. As pessoas precisam aprender. De repente disse isso do nada. Então eu, ah, sim, respondi, curto e grosso. Quando achava que era só isso, de repente, lançaram esses dias o “Chik Chok”. Você já comeu? E entre “Oh, Yes” e “Chik Chok”, qual você prefere? Perguntou. Então, ah, sim. Sim, respondi.

E Era um dia de inverno.

O pai desapareceu.

Desapareceu de verdade. Não deu nenhum indício, nem havia como suspeitar de nada. No começo, achei que poderia ter sido um acidente e corri pra cima e pra baixo, mas não encontrei nenhum traço de acidente. Poderia dizer sobre o percurso diário? Como eu tinha sido a última pessoa que viu meu pai, evidentemente eu tinha coisas a dizer sobre isso. Eu me encontrei com ele no metrô naquele dia. Na estação de metrô? Meu pai estava indo trabalhar e eu estava fazendo um trabalho temporário lá. Nos encontramos com frequência, e nesse dia, como sempre, eu empurrei o meu pai. Não tinha nada de diferente? Não sei... Pensando bem... “Espera, vamos no próximo”. E ele afastou o corpo. Foi a primeira vez que ele fez isso? Sim, acho que sim. E o que você fez? Deve estar cansado. Pensei assim, simplesmente. Então, eu o coloquei no próximo trem. Entrou de espontânea vontade? É, assim que foi, sim.

E essa foi a última aparição do pai. O pai não foi à empresa e não voltou para casa. Literalmente, desaparecido. A polícia me consolou dizendo que hoje em dia tem muitas pessoas assim. Dizer que tem muitas pessoas assim não poderia servir de consolo. As memórias depois disso... Não consigo organizar. Eu consegui receber dois meses de salário atrasado da empresa em que meu pai trabalhava, o que não foi nada fácil, consegui arranjar essa, aquela papelada, e coloquei a minha avó no asilo público Casa do Amor, o que era também uma

coisa complicada e difícil, ia e voltava assiduamente à polícia, hospital, e continuei trabalhando. Tinha que trabalhar. Quando alojava o meu corpo cansado no metrô da madrugada, eu sentia que, no escuro, alguém me empurrava. Não empurra. Para de empurrar. Por que esse mundo inteiro é só “push”? Neste mundo só tem “pushman” e não tem “pullman”?

E por que, este trem,

A vida, o mundo, sempre balança? Assim,

Passou o inverno que tanto balançava, chegou a primavera. A primavera era uma belíssima estação, que até venusianos e marcianos invejariam. No fim, o pai não voltou, as a consciência da mãe voltou como por milagre. Mais do que pelo fato da volta da consciência, fiquei feliz pelo fato de que ela podia voltar para casa, por isso, chorei. Não sei, se tivesse tamanha amargura, qualquer um choraria, não é? Agora, é só fazer um tratamento de reabilitação. Disse o tal do médico. Só fazer um tratamento de reabilitação, que deve resolver. Disse assim, o tal do médico.

Assim, a nossa família estava respirando novamente. O pai desapareceu, mas por ter diminuído o peso chamado vó e por minha mãe ter conseguido ganhar o dinheiro do tratamento, assim, se algum vizinho nos olhasse do telhado, isso era comparável à imagem de uma pequena semente germinando no jardim. Estávamos vivos. Não estávamos seguros, mas, não é uma grande bênção podermos fazer a nossa matemática? Antes de desaparecermos, antes de nós desaparecermos.

Diria que era um dia pleno de primavera. Eu, que terminei o trabalho, estava cochilando no tradicional banco da praça e acabei dormindo profundamente. E abri os olhos. Estava com sede. Assim que bebi um copo de Mirinda, como de costume, como se fosse um refrigerante com gás que incomoda o nariz, a luz da primavera me espetava. Com certeza, dentro da luz da primavera “sem gelo” já havia penetrado uma certa quentura. Ah, ah, como se fosse espreguiçar, estiquei as pernas e joguei a cabeça para trás. A nuvem continuava passando, a Terra estava girando, e quando levantei a cabeça, na plataforma oposta, perto do teto, um rosto estranho entrou no meu campo de visão. Aquilo será que

Não é uma girafa? Sim, era realmente uma girafa. A girafa estava trajando um terno bem alinhado e estava andando por aqui, ali, na plataforma, calmamente. De manhã o movimento era tranquilo — sei lá, por mais que seja tranquilo —, as pessoas estavam com uma expressão de “isso pode acontecer” e pareciam não se importar. Sei lá, alguém tem que se importar, não? Pensando assim, eu fiquei atento, olhei fixamente para a girafa. A girafa, que andava

balançando o pescoço para os lados, parou em frente a um banco do canto. E sentou. E era um movimento grande, que se destacava, a ponto de ter de se enfatizar que ela se sentou. Estranhamente, naquele momento, eu achei que a girafa era meu pai. Não sei o motivo, mas tive essa certeza. Eu já estava correndo pelo vão. Antes que desaparecesse, antes que ele desaparecesse.

Por sorte, a girafa estava sentada sem se mexer. Eu me aproximei hesitante e me sentei hesitante ao lado da girafa, cuidadosamente. Quando acabei de me sentar — a girafa era muito alta, mesmo sentada, basicamente —, parecia tímida e despreocupada. A girafa nem olhou para o lado, mas eu já estava chorando. Estranhamente, as lágrimas brotavam sem parar. Pai... Botei para fora as palavras que estavam no fundo do meu coração e coloquei a minha mão no joelho da girafa. Através da mão que tremia, pude sentir a textura do terno que só quem o empurrou com as próprias mãos poderia sentir. A sombra da nuvem passou rapidamente. A girafa não teve nenhuma reação. Pai. É você, pai?

O que aconteceu? Eu, sacudindo o joelho da girafa, desisti de causar qualquer reação e comecei a contar algumas novidades de casa. Notícias da vó, recuperação da mãe e eu posso aprender sobre o mercado imobiliário. O colega quer que eu trabalhe com ele. Vaga, me disse que tem uma vaga. A economia vai melhorar aos poucos. Moody's ou sei lá onde, o nosso índice de credibilidade subiu um degrau. Melhorou. Então, volte. Agora não precisa mais se preocupar. A sombra da nuvem passou rápido novamente. Pai, só me diga uma coisa. É você, não é, pai? Só me fale isso. Sem interesse, os olhos ainda cinzentos se fixaram em mim, lentamente. A girafa pousou a pata dianteira em cima da minha mão e, lentamente, disse assim.

Ah, é? Sou uma girafa.

4. Não sei, não sei. Como assim, peixe-lua?

Terra.

Não sei da boca de quem, saiu a voz do espanto. A Terra não era redonda, e sim, achatada. Ah. Eu estava certo. Foi Duran quem gritou, mas mesmo assim, não se podia dizer que era algo totalmente plano. Carregava uma complexa sensação de achatamento. Glub, glub. A nossa nave — aguapé em velocidade de 20 nós — sentiu a bolha subindo. Quanto mais isso acontecia, mais a Terra se contorcia, e mostrou um inédito e complexo aspecto plano seu. A Terra era um imenso peixe-lua.

Foi na tarde de hoje que Duran, que tinha ido ao Canadá de avião movido a elástico, voltou. Quando eu estava mexendo no jardim, o telefone tocou. Como de manhã tinha recebido duas ligações de telemarketing, não atendi o telefone. Quando estava podando os galhos de árvore de nozes, o telefone tocou. Até por estar com preguiça de tirar as luvas, não atendi a ligação novamente. Em seguida, cavei o quintal e encontrei a ossada de um cachorro. Ripley ou Muplie, era do cachorro que tinha um desses nomes. Quando eu enterrei esse cachorro? Quando estava tentando lembrar, o telefone tocou novamente. Diante da ossada de Ripley ou Muplie, tirei as luvas e atendi o telefone. Era o Duran.

Era Ripley. Duran chegou exatamente uma hora depois. Quando chegou, como se fosse um amigo que se viu há apenas uma hora, lembrou do nome do cachorro, tintim por tintim, de oito anos atrás. A gente até já levou ele para passear juntos. É mesmo? Ao responder, senti que rolava no chão das minhas lembranças um mundo velho cheio de coisas como playgrounds e campinhos como se fossem um dado de cantos gastos. Por que não atendeu minhas ligações? Porque recebo muitas ligações de telemarketing. Aqui também? Aqui também.

O trabalho de jardinagem terminou em seguida. Quando recolhi os galhos quebrados, só sobraram na grama eu, Duran e a ossada de Ripley. Vou ter que enterrar de novo, né? Acho que sim. Agachado, como quem amarra cadaço de tênis, quando estava enterrando a ossada, senti que os ossos quebrados avançavam na minha direção como se fossem o cachorro de oito anos atrás. Ripley venceu com as pretas depois de 270 lances, por uma casa e meia de vantagem — podendo falar assim, era um cachorro de muitas pintas. E me despedi, no jardim, da minha casa, em que morei por 20 anos. A sombra da nuvem passou rapidamente. Então,

Vamos sair deste planeta.

Quando tomei essa decisão, era manhã do dia em que completei 20 anos. Não sei por qual motivo foi, mas quando abri os olhos, tive esse pensamento. No dia anterior, tinham acontecido essas coisas. Assisti a aulas de introdução à filosofia, análise da situação global, inglês, as três na sequência; à tarde fiz natação e à noite saí para comprar ração para tartarugas. Notei que, assim que escrevi, isso não seria um dia ordinário qualquer? Não, seria não, é um dia qualquer. O aquário estava com as luzes apagadas, eu comprei cigarro e leite sabor banana, e voltei para casa pensando nas cinco tartarugas famintas. Nesse intervalo, eu tinha completado 20 anos. Se pensar bem, é assim. Isso é uma história do ano passado — nesse exato momento, eu pensei que este mundo era

Muito sem graça.

O motivo eu não sei ainda. Até o dia anterior, o meu mundo era nadar sem pensar em nada e criar tartarugas. Muito, mas muito sem graça. Não é? E estremei. Parecia que os três elefantes que seguram o mundo e a tartaruga que sustenta os elefantes tinham todos estremeado. Este mundo. Do que será que é feito? Enquanto conversava com o dono do aquário, eu mergulhava nesse pensamento.

Então, morreu uma das tartarugas? Sim. Eu descobri hoje o cadáver. Me desculpe. Ontem fui ao cinema e, por isso, fechei as portas mais cedo. Ah, o filme era legal? Ah, mais ou menos. Era meio sem graça. E a tartaruga que morreu, qual era? Era aquela que sofria por causa dos vermes? Não. Esse era o “Kung^[xix]”, e o que morreu era muito, muito grande. É uma tartaruga-elefante das Ilhas Galápagos. A ponto de eu mesmo não conseguir enxergar tudo. Ah... É mesmo? Sim. Como vou dizer? O senhor tem um conhecimento até a tampa sobre o tamanho de animais de estimação, não? Você acha? Com certeza. A palavra estimação... Significa para os humanos “sem nenhum interesse”, né?

O nome da tartaruga morta era Kung. Na verdade, era. Kung, depois de oito meses de nascimento, sofria com vermes e, por causa do dono do aquário que foi ao cinema, ou por minha causa, que sou preguiçoso pra cacete, encerrou a vida com seis anos. Foi assim, assado. Eu ficava balbuciando essas histórias enquanto olhava as quatro tartarugas, que tomavam banho de sol. Vai me desculpar o dono do aquário, mas este mundo, mesmo que se conte uma mentira daquelas, vai soar assim, assado e se transformar em lugar assim, assado. Falando sério, a tartaruga que morreu se chamava “Woo”, e entre os sobreviventes Kung, Sang, Gak, Tchi — o mais pesado, Gak, parou de tomar banho de sol e, de repente, voou para cima e se transformou em um Boeing 747 de asas multicoloridas.

Quando tinha 14 anos, eu recebi um cartão-postal. Estava escrito assim: “Se você não deixar a Terra, não terá como compreender o que a Terra realmente guarda. James Lovell.” James Lovell era o astronauta que viajou de Apollo, o postal tinha vindo do Canadá e o remetente era o Duran. Assim que li o postal, comprei cinco tartarugas. Não tinha a ver com o assunto do postal, mas na Terra tinha, com certeza, cinco tartarugas.

Não me lembro do nome coreano do Duran. Concomitantemente, por gostar de Duran Duran foi que viramos amigos. Mas Duran foi para o Canadá, eu nunca saí da Coreia e o Duran Duran nunca veio à Coreia. Compreendi que era uma espécie de “trindade” só depois de ler o Código de Hamurábi, muito tempo depois. Na época em que já era possível mandar mensagens, lembro que o Duran me disse assim. Você na Coreia, eu no Canadá e Duran Duran na

Inglaterra, ligue os pontos e desenhe um grande espaço triangular. Isso é o primeiro passo para entender o Triângulo das Bermudas.

O Triângulo das Bermudas abrange a área marítima triangular entre Miami, Bermuda e Porto Rico. Aproximadamente, vai da latitude 20 até a 40 e da longitude 55 até a 85, e cobre a imensa área de 4 milhões de quilômetros quadrados. De acordo com a Guarda Costeira Americana de 1973, inclui mais de 8 mil notificações de desaparecimento no século passado; 53 navios e 26 aviões desapareceram ali sem deixar nenhum vestígio.

Não sei ao certo, mas o triângulo entre a Coreia, o Canadá e a Inglaterra do Duran Duran teve muitos casos de desaparecimento. De acordo com a Guarda Costeira Americana de 1991, nesse lugar, mais do que 53 navios e 26 aviões desapareceram como se fossem fumaça. A lista inferior da página 268 do livro de desaparecimento numera de 1 a 10 os seguintes objetos desaparecidos: 1- Plâncton. 2- Krill. 3- Sardinha. 4- Pressão alta. 5- Furacão. 6- Naomi Campbell. 7- Embarcação. 8- Leite. 9- Avião. 10- Sun-Ki Kim^[xx].

Naomi Campbell? Isso não tá meio estranho? Em relação a essa informação da US Coast Guard tive uma forte reação. Mas Duran terminou a conversa dizendo que checou pessoalmente com o editor Howard Rosenberg. Dois dias depois, recebi um recado de Duran. Não era Naomi Campbell. No recado, tinha apenas essa frase curta.

Esse triângulo não durou muito tempo. Tudo porque o Duran Duran, que tinha desbandado de repente, do nada, resolveu se reunir de novo. O triângulo desapareceu na hora e Duran Duran apareceu em 76º lugar na lista de artistas mais procurados na internet. E a pessoa desaparecida, aquela, Naomi Campbell, estava ocupando entre as modelos o 9º lugar.

Temos de parabenizar? Temos de parabenizar. Duran e eu, um no Canadá e outro na Coreia, escutamos Arena. O paradeiro da desaparecida Naomi Campbell ainda não tinha como saber. Na Terra, tem muita gente que desapareceu assim. Quando se pesquisa, descobre que está certo. Aproximadamente,

A Terra tem 4,5 bilhões de anos. A idade da humanidade é de 3 milhões de anos e eu tenho 20 anos. Não tem como não ter conflito de gerações. Se comparar a isso, o capitalismo não passa de 400 anos. Eu me sentia mais confortável no lado do capitalismo. Entendia a língua e a cultura, de imediato, bebia e comia e nos vestíamos parecidos. Por causa disso, eu posso dizer que, mais do que Terra e humanidade, vivi mais com o capitalismo. Nós estamos envelhecendo juntos. Acho que você me entende.

E aí, tá sentindo o cosmo? Eu fiz sexo a primeira vez quando tinha 17. Era

uma mulher quatro anos mais velha, que encontrei na balada, uma universitária que estava cursando filosofia. Ela era muito mais positiva que eu, por isso, o tipo era mais ou menos sem graça, e conservei apenas uma lembrança mais ou menos assim. E aí, tá sentindo o cosmo? No meio da escuridão, ela me perguntou, com certeza, assim. E aí, tá sentindo o cosmo?

Depois de se formar no colégio, Duran virou o estagiário da Associação da Ciência Criativa no Canadá. Simplificando, eles explicavam que era um encontro de cientistas que acreditavam que a Terra era plana. O quê? Não pode ser — pensava assim —, mas como eu não tinha visto pessoalmente, então, não dizia nada. Por que você pensou nisso? Olhando, vira e revira, a disputa territorial entre Sang e Tchi, fiquei balbuciando. Kung continuava sofrendo com vermes.

O clube de Duran fracassou em muitos experimentos. Como trocamos e-mails continuamente, eu estava sabendo bastante sobre os experimentos dele. Entre os grandes e pequenos experimentos, a estratégia era mais ou menos assim. Um, desceram em linha reta até o centro da Terra — mas, em vez de encontrarem magma e núcleo, encontraram um rádio transístor da década de 1950 revestido de suco gástrico, que no momento da descoberta tocava Carpenters; outro, subiram um afluente do Rio Amazonas e encontraram crianças de bochecha e bumbum exatamente idênticos ao pêsso, que choravam copiosamente à procura da mãe, etc.

O veterano que cursava sociologia, que comprou quatro cores de três tipos de calça de sarja da marca Jackfield, estava colocando a de cor bege e me disse assim. O capitalismo não seria 39.800 won? Esses dias fico pensando, por que o capitalismo não pode ser 40.200 won? Fico matutando sobre isso. Eu estava esperando a chuva passar no quarto dele, que ficava a 50 metros do portão do fundo da faculdade. É bom e barato, essas palavras saíram automaticamente.

Teve um dia em que eu procurei um professor de filosofia. O quarto do professor ficava no prédio mais velho e ele estava tomando chá-preto. É a primeira vez que um aluno me procura neste quarto desde 1981. É mesmo? Certeza. Depois disso, continuou um estranho silêncio. Eu, que estava olhando para as formas geométricas que se completavam no teto e na parede em quatro direções, sem pensar em nada, abri a boca. Me desculpe, mas acho que vou indo. Ah, é? Então, por que me procurou? É que não sei se é uma pergunta que eu deva fazer. Entendo. Como se fosse a forma geométrica que não consegue continuar do canto da parede, o professor disse com cara de quem se lamenta. Nem eu saberia dizer o que teria de responder.

Um dia, quando lembrei do motivo de ter procurado o professor, já tinham se passado dois meses. Fui passear na montanha com amigos da nataçao e, no topo, se estendia uma grandiosa vista noturna. Deitado e olhando por muito

tempo para as formas geométricas das estrelas, lembrei vagamente de uma parte da palestra do professor. A vaga palestra era mais ou menos desse assunto. Portanto, o universo é uma espécie de escolha. O que quero dizer é que quando se acreditava que a Terra era quadrada, de fato a Terra era realmente quadrada. No dia seguinte, procurei o professor de novo. Ah, é você? Sim. Mas as palavras que saíram da minha boca não eram nada do que eu estava pensando. Um arco-íris pode sair da boca de um homem?

No noticiário da noite passava o homem que entrou para o Guinness por fumar 250 cigarros ao mesmo tempo, saúde básica — por que só os humanos têm hemorroidas? Notícia sobre a auditoria estadual, conflito entre um partido político e promotoria, propinas do ex-presidente, batalha de tirar o fôlego entre artistas e paparazzi, situação do Iraque, como economizar, dicas para o consumidor. Depois de escovar os dentes, abri o dicionário e procurei o significado de “News”. Notícias (news). Substantivo. Um novo acontecimento que ainda não foi divulgado. Ou, aquele acontecimento, fechei o dicionário. Não tem mais notícias na Terra. Disse Gak, que rodou a Terra três vezes e meia e tinha voltado para jantar, fechando suas asas multicoloridas.

Fique de costas para o sol e cuspa. Quem sabe aparece um arco-íris. Quem me respondeu foi o professor da faculdade de ciências que procurei no alojamento. Nesse intervalo de tempo, a parede tinha virado branca. É mesmo? Saí do quarto como o branco que atravessou os cantos da parede e as formas geométricas que desapareceram. O sol, impossível de dar as costas, estava a pino. Enquanto bebia leite sabor banana, mandei uma mensagem para Duran. O mundo está muito sem graça. Quando recebi a resposta do Duran foi no alto da noite, depois de assistir aos noticiários, procurar no dicionário, dar comida às tartarugas. Você também? Eu sempre sinto isso.

Meio Honky Tonk Man^[xxi]!

Assim, nessa noite, nós decidimos deixar a Terra. Como disse James Lovell, “Se não deixar a Terra, não tem como compreender o que a Terra realmente guarda”. Duran, que tinha feito experiências aqui, ali, e continuamente, disse. Tem como. Pra mim é coisa fácil. Primeiro temos de ir para São Francisco. Depois de receber a autorização da associação, Duran me mandou isso, aquilo, planejamento de itinerários. Como não precisa de visto, essas coisas, Duran resolveu me levar junto. É possível? É possível. É só usar a nuvem número 9.

Vamos logo. A nuvem número 9 vai desaparecer logo.

O avião movido a elástico estava estacionado na colina larga da montanha de trás. Como de repente o vento ficou rápido, a voz do Duran também ficou rápida. Enquanto Duran tirava a calculadora e fazia cálculos, eu girava com

afinco a hélice. São 102.062 voltas. O elástico, que misturava cânhamo-de-manila e intestino de ovelha da montanha da Escócia, começou a ser enrolado emitindo um barulho alto. Eu fechei os olhos. Quando pensei que isso podia ser minha última vez, senti um aperto no coração. De repente, algo transbordou. Assim como uma seringueira de cujo machucado escorre o látex, eu orei com fervor por Sang, Gak, Tchi, Woo, que sobraram, para que elas não brigassem.

Eu não sabia nada sobre a nuvem número 9. Sem ser afetada por ventos alísios, era a última nuvem do mundo que se originava de Angkor Wat, isso era tudo que eu sabia. Mas se eu conseguir voltar, acredito que terei outra oportunidade de falar mais sobre. 102.062! Quando terminei de dar voltas na hélice, o vento ficou calminho de novo. Ah. Duran suspirou. Seria legal se alguém nos empurrasse, olhamos em volta. Nessa hora, perto da fonte do parque, alguém estava se exercitando. Nós corremos. Seria legal se esse homem fosse Dae-Gun Lee^[xxii], pensava assim. Er... por acaso, você não é Dae-Gun? Oh, sou eu, sim. Dae-Gun atendeu prontamente ao nosso pedido. Eu coloquei os óculos de voo e sentei no banco de trás do avião. Do banco dianteiro, Duran sinalizava para que eu colocasse os cintos. Decolar. Assim que Duran puxou o manche, a hélice começou a girar numa velocidade assustadora. Dava a impressão de que o avião inteiro parecia se esticar por inteiro. Caaa. Escutei o grito forte de Dae-Gun vindo da parte de trás. Nós decolamos.

O barulho forte do vento e do elástico se desenrolando parecia rasgar o ouvido. Mesmo usando óculos, até abrir os olhos acabei levando muito tempo. Quanto tempo passou? Quando senti que o vento parou e o barulho ficou fraco, uma imensa nuvem chegou até os meus olhos. Mesmo que Duran não acenasse, eu sabia que essa era a nuvem número 9. Sem hesitar, voamos para dentro da nuvem. O cheiro da nuvem pinicava o nariz. Um pouco de amargor, mas era um cheiro bom. Como se rompesse a parede dos sentimentos, uma espécie de formas geométricas que se emendavam em quatro direções se estendia em direção ao céu.

HOTEL PEIXE-LUA

Uma placa pequena e velha estava pendurada no hotel. Se não tivesse essa placa, este hotel possuía uma atmosfera estranha, poderia ser visto ora como bar, ora como um depósito. A placa de madeira cuja pintura estava descascada em vários cantos tinha uma concepção bem simples. “Hotel Peixe-Lua”, escrito em uma fonte pequena e simples, e logo abaixo, o desenho do peixe-lua. Quando nós chegamos eram altas horas da noite e eu consegui ver o desenho da placa que balançava debaixo da escura e gasta lâmpada fluorescente. Era este desenho.



Peixe-lua: comprimento, cerca de 4 metros. Peso, cerca de 140 quilos. É um peixe gigantesco. O formato é oval, achatado na lateral. O corpo é cortado das barbatanas dorsais esquerda e direita e das barbatanas traseiras. Peixe de clima temperado, nada na profundidade média dos mares. Nos dias bem claros e sem ondas, empurra a nadadeira dorsal na superfície do oceano nadando devagar, ou fica boiando de lado. Não anda em bando e se alimenta de medusas e outros bichos que se aproximarem. É o maior e mais pesado peixe ósseo, e é peixe fértil, que solta a maior quantidade de ovas do mundo.

No lobby do hotel tinha um grande quadro explicativo sobre o peixe-lua. Duran e eu nos sentamos no sofá de frente para a porta principal e esperamos alguém chegar. Mas por que aqui, estamos esperando quem, surgiram curiosidades, mas o cansaço da viagem me fez permanecer em silêncio. Dizia que era hotel, mas não tinha balcão, nem porteiro. No meio do lobby, que não tinha ninguém, tinha um peixe-lua empalhado na posição deitada e nas paredes, pequenos e grandes quadros estavam pendurados apinhados. Tudo era sobre matéria ou foto de peixe-lua, ou poesia, ensaio ou artigo. Isso é estilo São Francisco? Tive esse pensamento, mas, o que quer que eu pensasse, era de fato um hotel muito peculiar. Já tedioso, eu observava poesia e jornal que estavam pendurados na parede, e também examinei de perto o peixe-lua empalhado, em detalhes. A expressão do peixe-lua, que estava deitado e de boca aberta, não sei por que se parecia com Kung.

O pessoal está vindo da Praia de Newport. Duran abriu a boca, espreguiçando. Não sabia onde ficava a Praia de Newport, mas, pela expressão de Duran, sabia que estavam atrasados. Assim fica complicado administrar esse hotel, não? De fato, o hotel parecia completamente vazio. Tive a sensação de que

vinha um barulho de vento do espaço vazio da boca aberta do peixe-lua. Mas o silêncio também era um tipo de som. Uma concha, não, o silêncio já estava cobrindo o meu ouvido.

Ah, isso aqui não é lugar de permanência. Só tem hotel no nome e a utilidade é completamente diferente. Não é hotel? Como vou dizer, é melhor encarar como meio museu, meio laboratório. É claro que existem quartos, mas só são fornecidos a associados. Então é algum tipo de museu natural? Pode ser visto assim. Quem construiu isso foi Buzz Aldrin. Buzz Aldrin?

A segunda pessoa que pisou na Lua. É a pessoa que, antes da Apollo, já tinha viajado de Gemini 12 pelo espaço. Tinha o direito de pisar primeiro na Lua, mas dizem que o Armstrong, que era capitão, tomou a vez. Coisa de Terra, não? Coisa de Terra. Mas Aldrin, depois de pisar, mijou na Lua. Claro que aconteceu dentro da roupa de astronauta, mas acabou sendo a primeira pessoa a mijar na Lua. Coisa de humano, não? Coisa de humano. E quando ele voltou, disse assim. Não quero falar nada sobre o universo.

Por quê? Não sei o motivo. Ele quando voltou à Terra recebeu tratamento psicológico por muito tempo. Mesmo depois de sair do hospital, viveu escondido, e construiu secretamente esse lugar, onde ficou isolado. Mas por que ele construiu esta instalação, não temos uma informação conclusiva. Mas por que, raio, peixe-lua? Quando Duran estava para concluir a frase, veio de fora um barulho de zumbido. Não podia dizer que era de humanos, era um ruído baixo, que transporte movido a elástico soltava — esse ruído se misturou com a voz do Duran e, por um momento, minha vista ficou embaçada. Parecia que a concha que cobria o meu ouvido tinha coberto também a minha visão e a mim. Eu não sabia se já tinha desmaiado, ou se tinha sido engolido pelo buraco negro da boca do peixe-lua. Eu perdi a consciência.

Quando abri os olhos, tinham-se passado dois dias. Diante dos meus olhos, estava o Duran. Descobri depois, mas eu fiquei cm coma por dois dias, e o motivo verdadeiro era, inacreditável, descompressão. Não faz sentido. Eu nem molhei a minha mão n'água. Os próprios médicos daqui acharam estranho. Com certeza, alta ou baixa pressão podem exercer influência no corpo, mas encontraram nos seus pulmões e estômago uma grande quantidade de água do mar. Água do mar? É, me falaram assim. Não é possível. O que você comeu no almoço? O que eu comi no almoço não foi macarrão Pyeongyang naengmyeon^[xxiii]?

Quando me recuperei, pude encontrar, um a um, o pessoal do Hotel Peixe-Lua. A coisa peculiar era que, incluindo os médicos do ambulatório, a maioria dos membros não era funcionário do hotel. Utilizando-se de sócios, este lugar tinha montado um organograma peculiar, que recrutava os sócios de vez em

quando para o funcionamento. Através de Duran, a conexão (eles chamam de conexão, encontro através de indicação) que fiz foram três membros, e eles estavam diretamente ligados à nossa saída (eles chamam de saída, passar da estratosfera). De aparência agradável, todos eram da Praia de Newport. Ah, lembro do barulho de vocês chegando. Escutei o ruído baixo de rotação de elástico do lobby. Rotação de elástico? Nós viemos de Greyhound^[xxiv].

O índio Jack Wilson e o chinês Ho não falavam. Se eu tivesse feito amizade com um búfalo americano e um panda, teria tido mais conversa. Porém, passei mais tempo com Adam Aldrin. Ele era o filho do próprio Buzz Aldrin e responsável por essa “saída”, como se fosse um tratador que explicasse tintim por tintim sobre búfalo e panda, era uma pessoa gentil e cuidadosa. Especialmente, ele demonstrou muito interesse em minha repentina descompressão. É realmente algo estranho, mas pode não ser tão estranho. Ontem falei com meu pai por telefone e ele também demonstrou muito interesse. Talvez você tenha uma constituição física rara. Uma constituição que sente muito o cosmo. Como vou dizer, sente muito o cosmo, ou muito sensível ao cosmo? Assim que escutei a palavra cosmo, eu comeci a tagarelar sobre o que me aconteceu aos 17 anos. Ele me perguntou se eu estava sentindo o cosmo. É uma boa experiência. Sem saber como reagir, ele me disse. Sim. Eu respondi.

Por que você decidiu sair? Um dia, Adam me perguntou assim. Eu disse a verdade. Porque achei, de repente, este mundo muito sem graça. Sem graça? Sem graça. O que você pensa? Para o Duran, Adam também perguntou a mesma coisa. De braços cruzados, Duran esboçou uma expressão de um ser que nasceu do cruzamento entre búfalo e panda e contou a seguinte história. É tudo por causa do Honky Tonk Man. É o mesmo motivo. Disse Adam. Nós não dissemos mais nada.

O homem que se tornou adulto precisa sair da Terra e voltar. Países como Angkor Wat dizem que isso é um conhecimento básico. Se for se basear em idade talvez não tenha tanto significado, mas com 20 anos, com certeza, fica-se mais insensível ao mundo. Eu imaginei os jovens de Angkor Wat, que, como se fossem para o exército, têm que sair da Terra, precisam ver a Terra, sentir a Terra e voltar. Só de pensar, achei uma bela imagem. Por que será que um país desses foi destruído? Perguntou Duran. Como assim destruído? Eles só saíram da Terra. Respondeu Adam.

O que será que Buzz viu? Um dia Duran perguntou a Adam. Eu também não tenho como saber. Porque meu pai sempre reforçou que o seu universo você tem de conferir por você mesmo. Entre os estagiários, espalhou, como segredo, que somente Buzz viu a Terra de verdade. É mesmo? Mesmo. Não sei. Eu só escutei uma coisa. Adam disse indicando a foto de Manhattan pendurada num canto. Quando fui com meu pai para Nova York. Lembro que meu pai me disse

em frente ao Empire State Building. Garoto, se visse do espaço, isso é um verme com ventosas.

Se víssemos do céu, o formato geral do hotel pareceria um “U”. O espaço cavado, vazio no meio, é o lugar de lançar espaçonave, mas normalmente era usado como estacionamento. A cada dia que passava, o dia de sair da Terra se aproximava. Seguindo as orientações do Adam, entramos efetivamente nas aulas de viagem espacial. As aulas consistiam em dormir bastante. O importante é tirar o cansaço. O grande motivo de os seres humanos não conseguirem viajar pelo espaço é estarem cansados.

Seja dormindo, seja me revirando, eu ficava deitado no andar de cima do beliche e conversava com Adam, no andar de baixo. Sempre caí no sono assim, e quando acordei um dia, como se pudesse viajar pelo espaço tranquilamente, não estava mais cansado. Era uma sensação boa. Você dorme bem. É sim. Mas mesmo eu, no dia anterior à partida da Terra, não consegui dormir nem um pouco. Contei, me arrastando, carneirinhos, muitas vezes, mas não funcionou. Então, fui até o banheiro. De madrugada, me arrastando. Era o caminho de volta para o quarto, atravessando o lobby. Por isso, acabei lendo a curta poesia de moldura pequena que normalmente passava batido. Era o seguinte.

Encontrei o Woolly Bully que morava na casa ao lado.

De shorts, nadamos juntos.

Bully Woolly, você ainda mora no Mississippi?

Batendo n’água, Woolly Bully me perguntou.

Buzz Aldrin.

RINGO STARR

Naquela manhã, chegou Ringo Starr. Terminei os preparativos, lavei o rosto, depois de escovar os dentes, fui até o lobby e Ringo Starr estava parado em pé. Era estranho Ringo Starr estar parado, mas como achava ainda mais estranho passar batido por Ringo Starr, perguntei assim. Você não é o Ringo Starr? De soslaio, Ringo, que nos observava, agitou os 22 anéis que estavam nos dedos e disse assim.

Bingo! Eu sou Ringo! Vocês são os caras que vão sair hoje? Quando assentimos com a cabeça, Ringo esticou a mão. Os 13 anéis que peguei na mão esquerda, e os nove anéis que Duran pegou na mão direita, estavam flutuando no céu dos anéis como se fossem planetas brilhantes. Ele tinha bigodes para superstar nenhum botar defeito, mas tinha baixa estatura para um superstar. Soubemos que Ringo era o próximo a fazer a “saída”, quando Adam apareceu e nos apresentou.

Todos nós caminhamos para a cafeteria anexa ao restaurante.

Nós não trocamos nenhuma palavra sobre a viagem espacial. Duran falou sobre Paul Smith — a primeira galinha a descer sã e salva do Niágara —, Adam se gabou do relógio de bolso de corda que arrebatou num leilão em New Orleans, eu falei besteiras sobre um anúncio de vermífugo da Coreia e Ringo elogiou o charme dos rádios de ondas curtas. E nós tomamos o chá.

De repente, lembrei de casa, Sang, Gak, Tchi e Woo. Assim, do outro lado do planeta, só dormindo e bebendo chá, vou para o espaço. Pensando assim, senti uma pontada no coração. A galinha que desceu o Niágara, será que queria voltar para casa? As que não desceram o Niágara, será que voltaram para casa? Mexendo no cubo de açúcar, mergulhei nesses pensamentos. A velha Terra de cantos quadrados estava repousando silenciosamente na ponta dos dedos.

Tá com receio? Adam perguntou. Eu, sem responder, coloquei o açúcar na xícara. Bingo! Gritou Ringo. A velha Terra ficou redonda aos poucos e, depois, derretendo, desapareceu. Quando Paul Smith virou o pescoço, a queda do Niágara já devia ter desaparecido. O mundo que ultrapassamos com certeza desaparece. Bully Wooly, você ainda mora em Niágara? Batendo n'água, Wooly Bully perguntou.

O peixe-lua solta de uma vez 3 bilhões de ovas. Mas os que viram peixes adultos não passam de apenas um ou dois. Não será a humanidade a mesma coisa? Eu olhei de frente o rosto de Adam, que me olhava. Por isso, mesmo que você fracasse na saída, eu não vou me decepcionar. Essa frase estava estampada no seu rosto. Não estou com receio. Respondi. Por um momento, eu pensei no Bully Wooly, que morava na casa ao lado. Bingo! Ringo gritou.

Nós fomos andando lado a lado até a plataforma de lançamento. Naturalmente, fiquei imaginando algo como uma máquina movida a elástico, mas surpreendentemente estava estacionado o ônibus da Greyhound. Não era de avião a elástico? Não é de avião a elástico. Um sorriso que não devia nada a um superstar, Ringo disse. Lembre se bem. Quem vai levar o ônibus até a órbita são Jack e Ho, aqui. A consciência deles é que vai disparar o ônibus. Então, comece a pilotar depois disso. Quando a carroceria se estabilizar, a pilotagem vai ser muito fácil. O jeito é muito mais simples do que se imagina. Mexer no volante. É só isso. O que acha? Adam perguntou. Acima de tudo, Duran abriu a boca. Gosto muito desse amarelo. É mesmo? Mesmo.

Como vou dizer, o clima era o de pegar um ônibus e visitar a tia que mora na Pensilvânia. Depois de subirmos no ônibus, colamos no vidro e acenamos efusivamente. Podemos escutar música? Mas claro. Ringo nos indicou a posição do rádio com um gesto. Assim que apertei o botão do disco, logicamente,

começou a tocar música dos Beatles. Pensando no ânimo de Ringo, aumentei o volume. Ei, com certeza, você tem que voltar, Ringo gritou. Mas por quê? É que eu vi que você tem altura suficiente para ser um superstar. Ah, é? Sim, sim. Como faço para voltar bem? Se você abrir uma caixa ao lado do banco do motorista, você vai ver cogumelos pequenos. Coma isso — parando a contagem regressiva, Adam gritou.

Contagiado pelo clima, senti que quando saísse para o espaço ia encontrar a tia, mas logo consegui ficar calmo. Em cada canto da plataforma de lançamento, Jack e Ho estavam flutuando de pernas cruzadas, no estado meditativo. Sentamos, trajando shorts, nós fechamos os olhos. A mão do bom senso e modos alcançou e colocou o cinto e fechou a janela O encosto do ônibus era como o abraço do universo, profundo e macio Father McKenzie, wiping the dirt from his hands as he walks from the grave. O ônibus começou a andar devagar. No one was saved. All the lonely people, where do they all come from? All the lonely people, where do they all belong?^[xxxv] O ônibus voou.

Passou muito tempo. Imensa velocidade e calor pareciam castigar a pele como batida n'água e eu não conseguia abrir os olhos. Não sei se foi por causa do calor, mas o áudio tinha deixado de funcionar fazia tempo, a mão esquerda de Duran estava segurando a minha mão fortemente. Mas, de repente, a velocidade e o calor pareciam evaporar como loção hidratante. Em meio a isso, parecia que os pelos do peito tinham se multiplicado e, de repente, já estávamos adentrando o gélido silêncio. O ônibus parou a escalada vertical. Ao sentir isso, percebemos que saímos da área de influência da força de Jack e Ho. Flutuando, flutuando, como aguapé que acabou indo parar no Oceano Pacífico involuntariamente, nós estávamos flutuando. Nós abrimos os olhos.

E não dissemos uma palavra. Não, não podíamos dizer nada. Verdade, diante dos olhos, o universo estava se espalhando. No meu íntimo, saiu o barulho do elástico que deu 102.062 voltas, taque, e se soltou. O que estava preso dentro do crânio — coisas que pareciam pétalas ou pequenas hélices ou formas geométricas que se espalhavam em todas as direções — saiu para fora. Era esse o sentimento. Ah, ah. Bom. Bom. Bom. Nesse momento, um bom sentimento de um ser humano estava cobrindo o universo inteiro.

A navegação está tranquila? Escutamos a voz de Adam através de um alto-falante. Tá tranquila. Com a mão no volante, disse Duran. Parece que eu virei aguapé com velocidade de 20 nós. Bingo! Escutamos a voz de Ringo. Essa comunicação pode se interromper a qualquer momento. Consegue ver a Terra? Não consigo ver... A Terra. Ah, sim. Devagar, nunca se pode apressar. Não se esqueça de que o senso de direção na Terra não significa nada. Assim como disse Adam, a comunicação se interrompeu em seguida. A última mensagem era — “não está com frio com os shorts do Ringo?”.

Pilotei por seis horas, não consegui avistar a Terra. Gradualmente, começamos a ficar apreensivos. Será que não viemos para o lado errado? Parecia que plâncton, krill e pressão alta, que desapareceram no nosso triângulo, estavam nos invadindo a cabeça. Nós pensamos. E ponderamos. Então, nós, nós compreendemos que estávamos do lado escuro da Lua. É isso. Era o vizinho Bully Wooly. O grito saiu naturalmente. Bully Wooly. Só agora percebeu? Uly Bully cochichou enquanto batia n'água. Seguindo a superfície da Lua, Duran fixou o volante.

Na mesma trajetória, seguimos em linha reta por mais ou menos uma hora. Lentamente, conseguimos enxergar a imagem da superfície da Lua clareando. Isso era uma sensação desconhecida. Vista do espaço, a Lua que nós conhecíamos desapareceu sem deixar vestígios. O lado claro da Lua, o lado escuro da Lua — nós percebemos que era, no fim, uma existência desconhecida. Como isso desapareceu?! Assim como Paul Smith, que segue cacarejando até o fim, nós seguimos em frente. Então, de repente, deparamos, diante dos nossos olhos, com algo parecido com uma pedra gigante do outro lado das cataratas.

Terra.

Não sei da boca de quem, saiu a voz do espanto. A Terra não era redonda, e sim, achatada. Ah. Eu estava certo. Foi Duran quem gritou, mas mesmo assim, não se podia dizer que era algo totalmente plano. Carregava uma complexa sensação de achatamento. Glub, glub. A nossa nave — aguapé de velocidade de 20 nós — sentiu a bolha subindo. Quanto mais isso acontecia, mais a Terra se contorcia, e mostrou, um inédito e complexo, seu aspecto plano. A Terra era um imenso peixe-lua.

Ah, ah. Nesse momento, o peixe-lua estava piscando grandiosamente, não, a Terra, nossos olhos se encontraram. A Terra não disse nada e nós também não dissemos nada. E lá longe, mais precisamente, além do extremo sul da Austrália, na parte inferior do abdômen da Terra, estava saindo uma luz forte. A luz, por um momento, tingiu o espaço escuro a ponto de cegar. Como inúmeros meteoros em queda, desceu em direção à superfície da Terra. É desova! Duran gritou. Diante das ovas, que explodiam como fogos de artifício, podíamos nós mesmos sentir a misericórdia divina. Naomi Campbell deve estar lá dentro, não? Duran cochichou. Aquela Naomi. Campbell? Aquela Naomi Campbell.

É o momento de virar o volante.

Instintivamente, sabíamos que era verdade.

5. Diga “A”, pelicano

Quando José deu o sinal, as pessoas começaram a pedalar. Em um instante, o açude, como se fosse uma Opera House, bem construído, refletia, represava e espalhava o som, e nos devolia como um belíssimo coral. Era uma ópera. Pongdang. Pongdang. Pongdang. Pongdang... Assim, os pedalinhos de pato alçaram voo.

“Ah”, quando bocejo, sempre fico com sono. Dois pedalinhos estavam n’água, mas eu me deitei. Sei lá. Mergulhei a cabeça no meio dos braços. Seria complicado se o dono me visse, mas nesses momentos, queria que um iceberg do Polo Norte derretesse. É esse o meu sentimento. Se tivesse inundação, ninguém ia se importar se um funcionário do parque dormisse. Derrete, derrete, derrete. Ah, quero dormir. Ainda deitado, fechei os olhos como um rato morto. Sou um rato. Eu morri.

São 4 da tarde. Consigo saber, mesmo de olhos fechados. Em uma tarde animada. É essa ou aquela hora, a rádio fica gritando. E o rádio fica ligado o dia inteiro. Se não for assim, fica complicado. Porque o dia é um tédio do tédio do tédio. No começo parecia que eu estava no espaço sideral da merda. Por isso o rádio é meu amigo, até a estação sintonizada parece concordar comigo. É isso. O sono vem chegando de novo. Senhor iceberg, está derretendo bem? Confio no senhor, vou dormir.

Abri os olhos.

Ei! O som invadiu meus ouvidos como se fosse o barulho do iceberg derretendo. Não tem ninguém? Tem, pô. Me levantei, limpando a baba. Sim, sim. Vou correndo. Meio torto, puxo o pedacinho que atracou na chegada. Puxo a corda e amarro. Desce um quarentão e uma mulher em seguida. Quando me virei depois de verificar o nó da corda, as duas pessoas já não estavam lá. Os dois coletes salva-vidas, parecendo dois ovos de pata rachados recém-colocados, estavam caídos no chão. Coloquei um cigarro na boca. A fumaça, que parece penugem de peito de pato, sobe pouco a pouco. E o outro pedalinho? Não consigo ver. Sério? Não tem mesmo. Desapareceu mesmo, nossa, lá longe, no horizonte, parecia que estava caído como uma pena branca e brilhante. Brilhou. Sim. Era uma distância complicada. Por que não cai fora da Terra? Praguejei soltando a fumaça. Por isso o pagamento é adiantado.

Mesmo pensando muito, não tenho como saber. Dizem que é “barco de pato”, mas o certo é “pedalinho de pato”. Eu não consigo entender a psicologia do ser humano que pega o pedalinho de pato e vai até aquela distância. Mesmo assim, sempre existe esse tipo de ser humano. Isso não é a Enterprise. É pedalinho de pato — pedalinho! No íntimo, quero enfiar a cabecinha desse ser humano n’água algumas vezes, mas me seguro. Em vez disso, eu assopro o apito. Piuí, piuiiií. Mesmo assim, não tem reação nenhuma. É sério, isso aí é movido a energia nuclear?

Dizem que é “parque de diversões”, mas é definitivamente um açude. Com

certeza, na minha opinião. Se levantar ativos do parque, tem 13 pedalinhas de pato, uma máquina de pegar bichinho e um jogo de martelar toupeiras. Isso é tudo. Na máquina de pegar bichinhos passeiam baratas, e a cabeça de toupeira que sobe é uma só. Pow, tumtac, pow, tumtac. Se bater sem saber disso, qualquer um vai sentir que virou um idiota. Nessa palhaçada, a toupeira ainda vem piscando um olho. Na primeira vez, eu fiquei nessa por cinco minutos sem saber. Pow, tumtac, pow, tumtac. Foram os cinco minutos mais vergonhosos da minha vida.

O dono que ostenta a placa de “Parque de Diversões” é uma figura complicada. Antes, administrava uma empresa de importação e exportação, vendeu a empresa, e com a sobra comprou esse parque. Resumindo, pode-se dizer que faliu. O problema é que a mulher e a filha estão em Los Angeles. Como você faz? Mesmo que diga “é temporário”, não é um problema qualquer. Antes da minha chegada, ele morava no quarto conjugado ao escritório. Usava eletricidade do gerador, era um quarto grande e bacana. No quarto, tinha um cartão de Natal em inglês que a filha mandou, enfiado no canto do espelho. I love you daddy. A foto da filha que pisca um olho estava colocada no meio do cartão. É sua filha? Sim. Sim. O rosto da filha do dono era o que se podia chamar de toupeira. Era a primeira vez que via uma foto de mulher e meu coração fazia pow, tumtac, pow, tumtac.

Já se passaram três meses desde que cheguei. Tinha vindo por causa da propaganda. Depois de me formar, mandei currículo para 73 lugares, mas não recebi nenhum retorno. 73 lugares. 70 e 3 lugares. Não conseguia entender. A mesma sensação da toupeira que, por estar quebrada, não consegue botar a cabeça pra fora? Não sei, este país está quebrado. Penso assim. É complicado. Tá certo que é difícil pra todo mundo, mas tem um que bota a cabeça para fora. E esse, único, leva sozinho. 73 marteladas na cabeça. Pow, tumtac, pow, tumtac. Se escutasse esse barulho no escuro, qualquer um se sentiria um idiota. O quê, esse lugar é um “parque”?

Me formei em faculdade profissionalizante, mas não penso que fico devendo na competência. Estudei Turismo, até o inglês era de nível intermediário. Tinha passado com 900 pontos no TOEIC. Era presidente do clube de dança da faculdade. Eu, eu podia fazer qualquer coisa. Tinha esse pensamento. Como eu tinha servido o Batalhão de Engenharia, tinha vasto campo de atuação. Não é que estou revoltado, mas o que quero dizer é que não era para ter tomado 73 copos de bebida amarga. Falem o que quiserem, eu pensava assim. Será isso mesmo? É sim. Mesmo assim, eu estava desesperado. Precisava de um lugar para trabalhar e para ficar, ao mesmo tempo.

Quando cheguei pela primeira vez aqui, não consegui fechar a boca. É que quando disseram que estavam procurando um funcionário para um parque,

estava pensando em algo como Everland^[xxvii]. Mesmo que estivesse no auge da primavera, o parque parecia ainda mais ridículo. Para piorar, o dono ficava repetindo que ele não era a pessoa que deveria trabalhar nesse tipo de trabalho. Como o pensamento dele era espantosamente igual ao meu, não respondi nada. Só fiquei com muita pena das palavras “de Diversões” desse parque.

Aceito. O pensamento de que era bom lugar para descansar e o de que poderia estudar para o concurso, descansando, vieram ao mesmo tempo. O dono também balançou a cabeça contente, arrumei a mudança prontamente e vim pra cá logo em seguida. O dono desocupou o espaço e o quarto grande e bacana ficou pra mim. Comecei, assim, os dias de cozinhar arroz, comer arroz com acompanhamentos simples, comer macarrão instantâneo, escutar rádio, lavar roupas, dormir, olhar para o açude e a montanha ao longe, sem pensar em nada, e estudar para o concurso.

Mas quem andaria nesses pedalinhos?

No começo, tinha essa dúvida. É, de fato, um pedalinho de pato. Quando você se senta, você se sente estranho. Como assim “pato”, não posso concordar. Ainda por cima, tenho de ficar pedalando sem parar. Splash, splash, splash, ele anda por cima d’água. Será que é só isso? E é só isso. Quando dei uma volta, senti que tinha virado um idiota. Mas quem anda num troço desses no século 21? Muitos andam. Eu também fiquei surpreso. Surpreendentemente, o que o dono disse era verdade.

Chegou o feriado e veio uma quantidade de pessoas “será possível?” para andar de pedalinho no parque. Tinha uma vila perto e, um pouco mais longe, tinha uma cidade planejada em plena expansão. Os clientes eram na maioria moradores desses lugares. Toda vez que lia a sinalização de 32 quilômetros até Seul, parecia que estava lendo a placa da minha faculdade. As palavras “faculdade profissionalizante” também parecia estar a 32 quilômetros de distância. Splashsplash, splash. E quando ficava olhando a paisagem das famílias e dos casais sentados em cima dos pedalinhos, começava a surgir um estranho sentimento de compaixão. Como vou dizer? Era uma espécie de energia de tarifa verde fluindo entre as vidas econômicas.

O dono rodava o país inteiro e aparecia sem falta no sábado. E cuidava do faturamento do fim de semana, pessoalmente. Depois do expediente de domingo, fazíamos churrasco no jardim perto. Descobri assim, pela primeira vez, que o porco tinha carne gordurosa, além da panceta. Pega um café. Sim. Quando voltava com o café, sempre estava na mesa o pagamento da semana. O faturamento da semana, use como mesada. O dono sempre dizia isso. Eu ria e o dono também ria. Porque era de se rir, o dia de semana era risível. As “boat people” de dia da semana.

Eram pessoas peculiares. Como vou dizer... É verdade que eram um pouco assustadores. Em dia de semana no meio da tarde, existiam pessoas que vinham andar splashsplashsplash de pedalinho. Ali perto tinha um motel, e muitos casais o procuravam. Homem careca, ou gordão ginasial, de mãos dadas, batiam na janelinha do escritório. Uma hora! E pedalavam se possível para um lugar bem longe, lá trocavam beijos ou botavam mão nos seios. A estrutura do pedalinho de pato era aberta, então podia-se ver claramente o que faziam, mesmo longe. Olhando os que trocavam beijos ardentes e carícias, pedalando splashsplash, splash, como vou dizer, tinha a sensação de que energia de tarifa econômica fluía para o coração.

Teve um que pegou o pedalinho escondido. E rodava splashsplash, splash, o açude inteiro. Assoprei o apito com as mãos na cintura, encostou o pedalinho no outro lado do bosque e saiu correndo. Não tinha como saber quem era ou onde morava. Eu queria muito saber quem era e onde morava.

Teve uma dona de casa que trouxe gêmeos. As crianças bonitinhas e fofas pareciam ter uns cinco, seis anos, e ela, cara de dona de casa, aparentava ter estudado bastante. Perguntou meticulosamente sobre a hora, valor, regras, e se fiscalizávamos com rigor as medidas de segurança. Fiquei muito surpreso (porque não sabia se existia esse tipo de coisa), mas respondi que sim. As crianças têm seis anos. Como ela sempre falava olhando nos meus olhos, eu não conseguia olhar nos olhos dela. Sim. Sim. Eu vasculhei a caixa e achei dois coletes salva-vidas infantis. Por sorte, serviram direitinho, e a costura era reforçada, como era difícil de se ver. Por isso, respirei aliviado, mas ela falou uma coisa inesperada. Antes de entrar n'água tem que fazer aquecimento. Se não fizer isso, vocês são crianças más. Entenderam, né? Olha, o moço aqui vai ensinar o aquecimento. E ficou me encarando. Por isso, sem ter muito o que fazer, tive que soltar comandos de ginástica. Eu só conhecia ginástica estilo personal trainer, mas não era a hora de discutir isso. Em pouco tempo, os rostos das crianças ficaram mais amarelos do que forsia^[xxvii].

Não sei se eram namorados ou casados, uma vez um casal de trabalhadores estrangeiros também veio. De onde vocês são? Ah, viemos de Bangladesh. E pegaram o pedalinho emprestado, e parecia que splashsplashsplash, splash, estavam rodando bem o açude, splashsplash, splash e de repente, o barulho parou. Depois de muito tempo o pedalinho voltou, mas a mulher estava chorando. A mulher tinha olhos grandes e, por isso, parecia ainda mais triste. Posso ajudar em algo? Eu perguntei. Não, tá tudo bem. Respondeu assim, mas ele também começou a chorar. Era tarde, mas parecia que a eletricidade tinha acabado. Era um dia de muita poluição^[xxviii].

Não tem como ajudar, nem saber quem é, nem onde mora, não existem

peças que pegam o barco no mundo da periferia. Como se fluísse energia de tarifa econômica, splashsplashsplash, splash, splash.

São boat people.

O CONDOR PASSA

Era o fim da temporada de chuva de verão quando o homem chegou. Era tarde de quarta-feira, estendeu o dinheiro sem dizer uma palavra e estava bem-vestido. Parecia ter a idade do dono e trajava um terno bonito demais para se andar de pedalinho. 30 minutos. Tumtum, carimbei o bilhete e ele ficou olhando, eu estava lendo o segundo volume da nova edição revisada de interpretação em inglês.

Você é estudante?

Não... Vou prestar o concurso.

9ª escalão?

9ª escalão.

Ele assentiu com a cabeça e esboçou um sorriso complacente. Era isso mesmo, um sorriso complacente. E subiu no barco e splaash, splaash, splash, e começou a pedalar devagar em direção ao meio do açude. E parou. Eu estava sentado à mesa e estava à contraluz — parecia que ele abria um jornal, ou algo assim. E ele começou a ler. Com um rangido, são apanhados pela brisa da primavera, os patos de pescoços dobrados estão se colidindo. Não sei por quê, mas era uma paisagem que dava muito sono.

Assim, passou o tempo. Era uma passagem de tempo como num dia qualquer, mas tive a impressão de que se passou muito tempo. Fechei o livro e, quando espreguicei, tive estranha, repentinamente, um pressentimento ruim. O mundo estava muito silencioso. Então, vi, lá longe, no lugar mais distante onde a vista alcançava, um pedalinho de pato brilhante. Parecia um movimento de barco vazio.

O homem estava morto.

Acredito que leu o jornal e tomou no local um remédio que tinha vindo preparado. Creio que tenha sido esse o planejamento, disse depois o policial. A vida é cheia de surpresas. Se o meu coração não estivesse fortalecido com 73 recusas, eu também poderia ter caído. Passou esse pensamento. O homem estava com um sorriso não de arrependimento, nem de tristeza. Parecia a expressão do pato que descascou no bico. Splashsplash, splash, splash, voltou rápido para o escritório e liguei para o dono. O quê? O dono perguntou isso e aquilo sobre o

acontecido e ordenou tranquilamente. Está usando colete salva-vidas? Não. Não está. Então, vista. Depois avise a polícia. Vou subir logo. Splashsplash, splash, splash. Voltei assim para o barco e vesti o colete salva-vidas no homem. Sem conseguir olhar para ele, lembrando os comandos e gestos de personal trainer passo a passo, fui trabalhando. Um, dois, três, um, um, dois, três, dois. Quando fiquei na posição de correr agachado e dando voltas é que o trabalho quase estava terminando. Como se tivesse tomado toda a temporada de chuva de verão, eu estava encharcado de suor.

A investigação da polícia terminou de maneira simples. É porque descobriram uma carta de suicídio no bolso do homem. Ele administrava uma empresa de pequeno-médio porte, faliu, estava fugindo e a família estava espalhada. Tentou ao máximo, mas não tinha mais o que fazer. Sinto muito. Estava escrito assim. A polícia não nos interrogou em demasia, mas sobre alvará, regra, advertência, administração, levantou mil questões e, no fim, levou uma pequena propina do dono. Depois disso, o dono mudou. Ficou parado olhando para o céu e aumentou em muito o cigarro que disse que iria parar. Não foi mais atrás de amigos que tinham comércio ou imobiliária nem ficou zanzando pelo país. Ultimamente você está sempre aqui, né? Perguntei enquanto cozinhava lāmen. Isso não parece história de outra pessoa. O dono só me respondeu isso.

E muita coisa mudou. Como o dono estava, era difícil descansar, e quando vinha um cliente, por um tempo, me sentia ansioso e preocupado. É um bom lugar para suicídio. Um dos policiais deixou essas palavras. De fato, toda vez que eu pensava nisso, o lugar parecia ser mesmo. Ainda por cima, parecia que não tinha ninguém feliz. É brincadeira de barquinho 32 quilômetros distante. Anda, não é porque tá feliz. É porque tá infeliz. Pensava assim. O dono, que não deveria fazer esse tipo de trabalho, se embaralhava com o trabalho que tinha que fazer. Quero splashsplash, jogar pedra na lagoa. É porque a relação candidato-vaga dos concursos ia batendo recordes ano a ano. Vai, espalha, água. Splashsplash, splash, splash.

O dono parecia que tinha decidido melhorar. Perguntou aqui, acolá, e um dia colocou a máquina de café. Você pode escolher entre yuja e yulmu^[xxix]. O funcionário do aluguel da máquina me disse. Me dê yuja. Respondi. E mesmo que seja provisório, instalou no teto do escritório uma luz com função poste que ilumina o lugar ao redor e alto-falante. Sofri, porque atraiu muitos pernilongos, mas tive a impressão de que ficou arejado, claro e melhor. Passando remédio um no outro nos lugares onde fomos picados pelos pernilongos, trocamos os seguintes diálogos sobre a administração do açude naquela noite.

Que tal consertarmos a máquina de bater toupeira, amanhã?
Aquele toupeira?
É.

Deixa. Isso vamos jogar fora.

No dia seguinte, desde a manhã, o dono e eu consertamos e limpamos os treze pedalinhos de pato. Trocamos sete pedais, e as partes rachadas preenchemos com silicone. Quando tiramos as sujeiras e finalizamos com verniz, os patos tinham se transformado no que realmente parecia patos. Eu, em especial, limpei com todo o cuidado o barco D-47. No bico feio, que tinha sido descascado, passei uma nova pintura com amarelo vivo. Era o pato que o homem tinha andado. Como verniz a óleo, não tinha sido apagado da minha memória. Era por isso.

Você é pau-pra-toda-obra. O dono disse colocando o cigarro na boca. Eu servi o Batalhão de Engenharia. Tá certo. E o novo negócio que você ia começar? Pesquisei bastante e... Não encontrei nada bom. Ah, sim. A toupeira que pisca. Lembrei da filha do dono e assenti com a cabeça. Pow, tumtac, pow, tumtac. Na superfície velha e suja do açude, algumas aranhas-d'água estavam se movendo rapidamente.

É uma boa música.

O dono fechou os olhos de repente. Gostava muito quando mais novo. Através do alto-falante, que estava ligado ao rádio, uma música triste estava ecoando. Cantarolando o ritmo, o dono cantou junto a melodia. Que música é essa? É a música de uma dupla famosa, Simon & Garfunkel. El condor pasa... Com dor passa? Com dor, passa^[xxxx].

A bem da verdade, um pássaro saiu do mato perto do alojamento e voou para a floresta. E pensando bem, eu nunca tinha visto um condor voando. E se cair uma pergunta assim na prova? De repente, passou pela minha cabeça como um pressentimento ruim. Não exatamente por esse motivo, mas sem saber direito o porquê, saiu essa pergunta da minha boca. Por que o condor passa? O dono parou de cantarolar e colocou o cigarro na boca. Fazer o quê? Quando faz frio, procura um lugar quente.

Assim a música terminou.

ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DOS CIDADÃOS DE PEDALINHO DE PATO

E depois, os furacões Ella, Mary e Ellis invadiram, um atrás do outro. Era algo difícil de se ver. Ella e Mary eram fracos e viraram para o Japão, mas Ellis castigou a Coreia. Como se a chuva torrencial fosse um salto alto que dança, chácháchá, subiu pisando passo a passo. Clap, clap, chá, chá, chá. Clap, clap, chá, chá, chá. Até o alto da noite, o dono e eu tivemos que juntar os treze pedalinhos

de pato e amarrar. Tá puxando? Sim! Dizem que chove quando se lava o carro. É isso, né? Pois é. Puxa! Sim, eu estou puxando. Balança, balança, diante dos meus olhos, o pato D-47 balançava o bico amarelo e me encarava. Chovia muito forte. Parecia uma noite de sonho, em que vento, água, chácháchá e toda a resistência humana reviravam, misturados.

Quando acordei, era de madrugada. Questão de necessidade. A parte de baixo da barriga esticou como açude que subiu de nível por causa d'água, não teve jeito. A causa era a cerveja que tomei ontem à noite. Como se fosse um cachorrinho preguiçoso, o ronco do dono me perseguiu até a porta do banheiro. Chácháchá. Lá fora estava chovendo ainda. O xixi, como se fosse quente e longa tempestade, penetrou o centro da Terra, através do encanamento do banheiro.

Fiquei com sede. Quando abri a geladeira, estavam apenas três garrafas de cerveja em pé. Quando vi as garrafas de cor marrom, fiquei com dor de cabeça na hora. É melhor tomar café. Procurei as moedas. O toldo onde abaixo ficava a máquina de café era um bom lugar para fugir da chuva. Encostado meio torto, bebi o café. Eu, que estava meio torto, meio torto, meio torto, consegui sentir a minha vida com clareza. Será que consigo ser funcionário público? A pergunta, que fiz a mim mesmo, joguei fora junto com o copo de papel, na lixeira “reciclável”. O copo, que bateu no canto do lixo, caiu no fundo. Canto. Então, nesse instante, o barulho de algo que estava retesado em algum canto do açude começou a perfurar a chuva e deixou-se ouvir. Era um som baixo e fraco, mas com certeza parecia vozes humanas. Na escuridão... perfurando-a com meus olhos atentos. Não consegui ver nada, mas consegui sentir com certeza o som intermitente. Inclinei o ouvido. O som era constituído de língua estrangeira. Eram muitos.

Primeiro, prontamente, fechei e tranquei a porta. Acordei o dono. Rápido. O dono, que levantou metade do corpo, começou a dizer que não conseguiu mandar dinheiro este mês, isso, aquilo, começou a dizer coisas sem sentido. Me sentindo culpado, acabei constatando o suor que tinha esfriado e secado na sua testa. Me desculpe, mas... Acabei contando tudo que tinha acontecido até agora para um dono que acabou de acordar. Com cigarro na boca, as suas sobranceiras levantaram-se alto como as do Pato Donald. Em volta, tinha uma fábrica de móveis, e os rumores de que os trabalhadores estrangeiros tinham recebido alguns meses de salário havia se alastrado pela cidade. O dono e eu, de súbito, nosso pensamento chegou lá. Vamos. O dono disse, apagando o toco do cigarro. Vestimos casaco de chuva e, munidos de pedaços de madeira, contornamos até a entrada do açude. Na escuridão, começou a chegar novamente um ruído intermitente. Segurando os pedaços de madeira firme e forte, e com intenção de pegar o ruído pelas costas, subimos a colina. Acompanhando a colina de barro em que os pés afundavam, a aurora do amanhecer começou a subir junto com a gente, de maneira difícil.

Ah

Nem eu, nem o dono, conseguimos fechar a boca. É que uma cena inimaginável se mostrava diante dos nossos olhos. Plic! Plic! Plic!, a tempestade passou castigando novamente o capuz do casaco de chuva. Ah, algo muito mais forte do que a tempestade passou castigando algo como a nossa alma dentro da gente. O açude estava cheio de pedalinhos de pato. Mesmo com o nível d'água tendo subido bastante, não se conseguia enxergar a água, de tantos pedalinhos de pato que tinha. Balança, balança, cada pato balançava o bico — como se fossem encouraçados, os pedalinhos de pato estavam aguentando o vento forte e a chuva. Apertando forte os pedaços de madeira, nós caminhamos lentamente em direção ao novo, mas com certeza, nosso açude.

Tudo bem?

Foram eles e não nós que dirigiram primeiro as palavras. Os pedalinhos de pato desconhecidos eram tripulados por quatro pessoas cada um, ou duas ou três, todos eles eram estrangeiros. O que começou a falar tinha rosto de latino-americano, mas disse em inglês fluente. Inúmeros olhares nos encaravam. Ah, sim... Se você me pergunta assim... Sei lá, estamos bem. Mas é que isso é... Isso de novo... Acho que não é isso. O dono respondeu com um “tudo bem” que tinha todos esses significados misturados. O homem abriu um grande sorriso. Como estávamos sem graça para não sorrir, nós também sorrimos.

O que está acontecendo? De onde vocês vieram? O dono, que trabalhou com importação e exportação, exibia postura de fluente em inglês. Em vez de responder, o homem trocou algumas palavras com um colega do outro barco em língua latino-americana. Parecia estar pedindo aprovação. O colega latino assentiu com a cabeça. Nós viemos da Argentina. E nós somos membros da Associação Mundial dos Cidadãos de Pedalinho de Pato. Pedalinho de pato, Associação Mundial dos Cidadãos? As sobrelhas do dono começaram a subir de novo. Transformação em Pato Donald. Pensei. Os argentinos também pareciam estar muito assustados.

Levamos alguns argentinos para o nosso alojamento. Quando tiramos cafés quentes, pareceram ficar muito gratos. Sofremos com a forte tempestade por dois dias, um outro homem desabafou. Era o irmão do homem que começou a conversa e seu nome era Juan. O nome do irmão era José e se apresentou como o líder do grupo. Nós nos perdemos por causa do furacão. Gostaríamos de pedir ajuda. Ah, foi isso. Mas ainda não estou entendendo direito. Acredito que tenha se assustado bastante... Cuidadoso, Juan continuou. Estávamos indo para a China. Estamos procurando trabalho. Trabalho... Sim. Mas e os pedalinhos de pato, o que significa? E “Associação Mundial dos Cidadãos de Pedalinho de

Pato”? Ah, isso... Juan abriu a boca de novo. Existem pessoas que... Não podem viajar de avião, né? Mesmo que seja classe econômica, basicamente, as tarifas são caras. Ainda por cima, tem o problema com essas coisas de visto... Acho que dá para entender assim. É, isso é... Isso é assim... Mas isso não pode ser. O dono assentiu com a cabeça com essas expressões no rosto. Se pensa que não precisa de mais explicações, esse José é um tratante.

Eu era trabalhador da Green Big Foot. Um conglomerado de escala mundial que processa produtos agrícolas enlatados. Meu pai e meu tio também trabalharam lá. Mas um dia a fábrica fechou as portas. Quando procuramos saber, a matriz americana já estava construindo uma nova fábrica na China fazia alguns anos. Com isso, todos viramos desempregados do dia para a noite. No começo fizemos protestos, aí vieram conflitos, chegou a recessão, e já faz tempo que não sabemos o que é e o que não é. Não tem nada que eu não tenha feito desde então... Mas, aos poucos, os trabalhos foram diminuindo cada vez mais. Por isso, no fim, nós subimos nos pedalinhos de pato. Os pedalinhos de pato,

Quem nos ensinou foi um amigo do Peru. Juan continuou. Na Argentina, os postos de trabalho diminuía cada vez mais, mas descobrimos que nos países desenvolvidos ou em desenvolvimento surgiam novas carreiras e novos postos de trabalho. Nós teríamos de ir para esses lugares. Mas não tinha dinheiro para pegar avião. Nisso, tinha o Fernand, um amigo peruano que trabalhou comigo na Green Big Foot. Ele tinha descoberto pro acidente a regra de utilização de pedalinhos de pato. Fernand, que migrou para o Novo México em pedalinho de pato, ganhou dinheiro na fazenda local. E voltou. Ou seja, ele foi o primeiro associado do mundo dos cidadãos de pedalinho de pato. Ele voltou? Como?

Voando.

José disse sem piscar os olhos. Isso é uma função secreta do pedalinho de pato. Quando escutamos a história do Fernand e como estávamos em uma situação parecida com a dele é que conseguimos descobrir essa função. No caso de Fernand, era um tempo realmente difícil, e ele estava lendo jornal em cima do pedalinho. Tinha uma notícia sobre uma fazenda no Novo México que estava em confusão, porque não tinha mão de obra para funcionar. Deve ser muito bom ir pra lá. Se eu for, vou poder sobreviver... E girou o pedal e, nesses instante, o pedalinho de pato levantou voo. Depois, tudo ficou mais fácil.

O dono não falou mais nada. Na verdade, não tinha mais nada para falar. José, Juan e o dono, todos colocaram um cigarro na boca. José, que tinha trabalhado no Vietnã dois meses atrás, me ofereceu cigarro vietnamita. Não, obrigado. E na volta, ele disse que parou no Japão, e me ofereceu cigarro japonês. Sem ter o que fazer, aceitei o cigarro. Estava escrito em inglês. SEVEN STRIKE. Sem se perceber, a chuva já tinha parado. Na Coreia tem muito trabalho, não é?

com o dono, assistia à ópera de pongdang pongdang e ficava pensando que o viver realmente não era algo fácil. Pongdang, pongdang, pong. E naquele ano, eu tomei pau no concurso. A taxa de competição candidato-vaga era 140:1. Como assim, 140:1? Atordoado, a minha vontade era pegar o pedalinho e desaparecer. Mas quem pegou o pedalinho, de fato, foi o dono. Então, eu não tenho mais nada para fazer aqui. Eu não podia impedir o dono, que subiu no D-47. Ele deixou o parque para mim e foi para os EUA. Isso foi há 2 anos. E depois, tiveram pequenas mudanças.

Na prova do concurso do ano seguinte, também amarguei. Mas por que essa máquina quebrou? Abri a traseira da máquina de toupeira, fiquei analisando compenetrado o sistema interno. Essa máquina, em uma palavra, era uma zona. Venderam um troço desses, pensava passando a mão nas sete toupeiras em revezamento, coloquei o cigarro na boca. Seven. Strike. O dia em que desisti da prova do concurso, com um sentimento renovado, pinteí de novo a placa do parque. A placa estava suja como se as sete toupeiras tivessem-na arrastado por aí. Por isso, senti de novo pena do nome “de Diversões”.

José nos procurou de novo. Veio só, junto com os primos, não vi Juan. Está preso. Foi preso pela segurança pública. Deus, e agora? Acontece, né? José continuou rindo. Entre os primos, tinha uma grávida de muitos meses. Por causa do bebê, eles estavam indo para os EUA. O dono também está nos EUA. É mesmo? Mesmo.

De vez em quando, por ligação telefônica ou e-mail, o dono mandava notícias. Passado algum tempo, a família toda subiu no D-47, e, sei lá, não é uma vida tão ruim, explicou sobre a sua situação atual. O que acha? Mudou bastante, não é? A foto anexa mostrava a família comendo no Burger King. Era harmoniosa. E o dono, como se tivesse virado o rei das toupeiras, estava com uma imensa barriga. Muito bom. Junto com uma resposta desse tipo, eu mandei as notícias do parquinho.

O parque estava encontrando a saída. Com o dinheiro que o dono me passou, comprei algumas espécies de peixes e, tendo como concepção um misto de pescaria e parque, comecei a planejar o espaço aos poucos. Proporcional ao investimento, proporcionalmente, mais pessoas começaram a procurar este lugar. E eu

Comecei a pagar a previdência. Não. Eu tinha que pagar. O funcionário da empresa, falando sobre a tranquilidade da aposentadoria, explicava apressado a ponto de cuspir. Tem cada função nessa máquina. Mesmo pensando assim, assenti com a cabeça. Eu tinha 12 pedalinhos de pato que podia pegar a qualquer hora.

O dono foi para o Canadá, Brasil, depois foi para os EUA, e pouco tempo depois, mandou notícia de que tinha arrumado um trabalho em Xangai. Acrescentou que ia passar por aqui na ida e me perguntou se era possível lhe arrumar mantimentos, óculos e alguns artigos do dia a dia. O que parecia um pedido óbvio. Mas os cidadãos da Associação tinham percepção muito apurada para preço e câmbio. Não se preocupe. Eu respondi. Splash, splash, para o dono que ia atravessar 16 mil quilômetro. Eu fui até Seul, que fica a 32 quilômetros, para fazer as compras. Dirigindo a van do dono, avistei forsítia e azaleia, que desabrochavam. De novo, era primavera.

O motivo de ter acordado na madrugada era o pequeno barulho que vinha do açude. Escutei como de costume e era um barulho que eu sabia de costume. Eu saí. Entrou no meu campo de visão a silhueta de um pedalinho de pato parado solitariamente na escuridão da madrugada. Me aproximei levando cinco sacolas grandes de compras. No momento que vi a marca “D-47” que estava estampada na parte traseira, senti estranhamente algo se mexer no meu íntimo. O aspecto do pedalinho tinha mudado um pouco. De imediato, não pude ver a parte interna, e o rosto do pato era estranho. A tinta “amarelo vivo” era a mesma, o bico inferior parecia que tinha se esticado. E por isso, mais do que dizer que era um pato, poderia dizer que parecia mais com um pelicano. Quando estava examinando essa e aquela mudança, abriu-se um buraco como se fosse uma tampa nas costas do pelicano, e alguém botou a cabeça para fora. Era o dono. Tudo bem? Haha. Mais ou menos. A minha família está dormindo. Só de pescoço esticado, o dono riu e colocou o cigarro na boca. Eu também coloquei o cigarro na boca. A fumaça, que parecia penugem na nuca do pelicano, subiu pouco a pouco. Era uma noite de primavera.

O barco mudou bastante.

É, né? Era frio e precisava de mais espaço de armazenamento.

Espaço de armazenamento?

Nem me fale. Você não sabe a quantidade de coisas que preciso comprar.

Ah, sim.

Sim. Espera.

E o dono entrou de novo para a parte de dentro. Se a filha toupeira acordou, se a sua esposa está doente, eu não tinha como saber a instalação que tem por dentro ou se teve algum problema. A vida é sempre complicada. É algo assim. Até que coloquei outro cigarro na boca. Debaixo da lua clara da primavera, parecia que tinham sobrado apenas o pelicano e eu. Por isso, segurando as sacolas que continham muitos presuntos, queijos, algas e outros mantimentos, eu fiquei com vontade de dizer essas palavras para o D-47.

Ei, abra a boca bem grande. Diga “A”.

6. Tia do Yakult

Quando a sonda Voyager II entrou em contato com vida inteligente extraterrestre foi enquanto estava passando mais ou menos por Urano. Logicamente, a vida inteligente extraterrestre encontrou as mensagens da humanidade e a tia do Yakult. Eles perguntaram. O que vocês querem superar e, com essa superação, que tipo de mundo querem construir? A tia do Yakult, distribuindo os Yakults com todo o zelo, disse. Isso é o mundo que a Yakult sonha.

O MERCADO RESOLVE TUDO

Não tenho conhecimento aprofundado, mas lembrava de Adam Smith e algumas frases importantes dele. Todas as frases dele eram concisas e cheias de força, mas dentre elas — eu gostava da frase acima. O mercado. Resolve. Tudo. Quando repito essas palavras maravilhosas do pai da economia, eu sempre fico em paz como o pássaro dodô.

Adam Smith é uma personalidade que previu muita coisa. Ele previu que o egoísmo humano seria o primeiro a desempenhar o papel de óleo lubrificante a movimentar o mercado capitalista, e por meio do seu livro *A riqueza das nações*, pregou a eficácia do livre-comércio e a divisão de trabalho internacional. A sua teoria virou a pedra fundamental da economia clássica e foi influência decisiva para economistas como Malthus e Ricardo, até para a Teoria da Evolução de Charles Darwin. Smith faleceu em 1790. A partir da morte do último pássaro dodô, em 1681, tinham-se passado cerca de 100 anos.

Para falar do pássaro dodô, precisamos voltar muitos e muitos anos. Foi em 1598. Uma embarcação de Portugal atracou nas Ilhas Maurício, no sudoeste do Oceano Índico. Lá, os tripulantes se depararam com um pássaro gigante que nunca haviam visto na vida. De deixar confuso cada vez que se olha. Os tripulantes ficaram encarando esses pássaros que não conseguiam correr nem voar.

Quem ficou encantado foram os pássaros. Davam boas-vindas esfregando os bicos, surpreendentemente, acreditavam que os humanos eram amigos. Os tripulantes não conseguiam entender de jeito nenhum esse “ponto de vista”. Não são bobos? Por isso, os pássaros ganharam o nome de dodô, que significava “bobo”. E começaram as caçadas. O número de dodôs foi diminuindo cada vez mais e as técnicas de caçada foram ficando cada vez mais astutas. Em 1638, surgiu a profissão de “tradutor de dodô”. Literalmente, era uma profissão que traduzia palavras e choros do pássaro dodô. Eles se tornaram imediatamente os personagens principais das caças. Torturavam os pássaros dodô para descobrir os paradeiros dos colegas, imitavam choro de filhotes em perigo e seduziam pássaros fêmeas sensíveis. O tradutor de dodô tinha um outro trabalho, e era resumir em uma única sentença o testamento dos pássaros dodô. Essa atitude, porque acreditavam que era um instrumento para redimir sua culpa.

Pedro João Pinto também, não era um homem que descuidava do seu trabalho. Em 1681, ele colheu o testamento do último passado dodô, “Nunu Figo”, e se tornou instantaneamente famoso. A edição daquele ano de Santa Poloni, a publicação mais influente da região, trazia o testamento colhido por Pedro em uma sentença. O testamento na íntegra era assim.

De manhã eu comi as frutas da árvore dodô. Estava gostoso.

O grande inimigo, um pouco antes da extinção dos pássaros dodô, dizem que era a prisão de ventre. É verdade. Na outra página do jornal, tinha a matéria do amigo do Pedro e famoso caçador Hugo Conceição, que alegava a inocência do colega. Os pássaros ficavam com a cara amarela e caíam mortos sozinhos. As palavras de Hugo eram verdade. Porém, na outra face desse fato estava escondida uma cruel verdade.

A caça sempre começou com o rastreamento de excrementos. Essa é a mais difundida regra básica da caça de pássaros dodô. Sendo o excremento um sinônimo de morte, pássaros dodô não tinham outro jeito, senão se segurarem. O padre John Karail, que forneceu esconderijo para os pássaros, que estavam prestes a se extinguir, deu o seguinte testemunho. Se tirar fuga e prisão de ventre, não sobra nada na vida de pássaros dodô. Para poderem sobreviver, os pássaros inventaram muitas técnicas. Assim que evacuam, comem o excremento — “rondeau”. Ou mudam de esconderijo sem parar e defecam a prestações, em 36 meses — “reneé”. Mergulham no mar e defecam dentro do mar, “dubone”. Misturam o seu cocô aos de outros animais, “camp”... A vida de pássaros dodô era isso. E depois de três meses, na ainda influente Santa Poloni foi publicado o seguinte anúncio. Como vou dizer, era de uma única sentença.

Procuro trabalho. Pedro João Pinto.

A humanidade não pensa muito sobre os próprios passos à frente. Toda a verdade cruel começa aqui. Eu não consigo entender esse “ponto de vista” da humanidade. Bobo, não? Nunu Figo deixou para o padre John Karail o seu verdadeiro testamento. Karail escondeu-o dentro da sua Bíblia, entre Mateus e Lucas. É verdade que Nunu comeu as frutas da árvore na manhã em que morreu? Não é verdade. Nunu fez “rondeau”. Depois de seis meses, Pedro João publicou o seguinte anúncio na Santa Poloni.

Procuro trabalho. Como até merda.

De uma hora para outra, o desemprego se transformou num dos grandes sofrimentos do homem. A Revolução Industrial acelerou as mudanças do mundo, e diante desse cenário tumultuado, até a influente Santa Poloni não foi exceção. A estrutura financeira enfraqueceu. Isso nunca aconteceu. Quando a queda da bolsa de Nova York devastou o mundo em 1929, Santa Poloni já tinha desaparecido da face da Terra fazia tempo. Mas no seu lugar, o mundo estava cheio de desempregados como Pedro João. A história volta para Adam Smith. A sua teoria não conseguia mais explicar o mundo. No ano de 1929, a fragata Adam Smith naufragou.

E apareceu Keynes. Keynes não acreditava em regulação automática do mercado e pregou a necessidade da participação ativa do estado na intervenção e administração. A sua teoria evoluiu e ficou conhecida como “keynesianismo”, e serviu de berço para a economia e o capitalismo modernos. Mas a mudança do mercado, essa, nem a teoria de Keynes poderia prever. Seguiram acontecendo a estagnação econômica e a crise do petróleo, a economia teve que recorrer novamente à “mão invisível” de Adam Smith.

É isso. Mão invisível! Gritou assim Vince Luther. Ele era, desde a primeira crise do petróleo de 1873 até a segunda crise em 1978, funcionário do posto de gasolina Mobil que ficava nos arredores da estrada 76 em Denver. Na história desse posto de gasolina, não tinha funcionário como você. O proprietário Wilson Junior tinha feito de verdade figuração no filme Gigante (por 2 segundos) quando jovem, e era a testemunha viva do negócio de distribuição de combustível do centro-oeste. É verdade. Não se sabe se era prerrogativa de testemunha via, Wilson emendou as palavras, é verdade. Mas para Vince Luther, essas palavras eram encheção de saco, de verdade.

Mas Vince era uma personalidade que merecia escutar essas palavras. Enquanto mantinha o seu posto de trabalho, na Casa Branca trocavam de lugar espalhafatosamente Nixon, Ford e Jimmy Carter, e o antigo dono, Wilson Senior, tinha desaparecido no céu junto com o seu Mustang. O motivo era o tornado que encontrou no meio do deserto de Oklahoma, que visitava a trabalho. E eu estou dizendo que a sua bunda é mais pesada que a de presidente dos Estados Unidos. Wilson Junior soltou os elogios novamente. De repente, Vince e Wilson se entreolharam. É verdade. Disse Wilson, rindo.

Quando Vince foi expulso era a época do Natal de 1978. Foi flagrada na câmera que Wilson instalou a imagem de Vince desviando o combustível e dinheiro. Eu amava que nem mesmo um tornado fosse capaz de tirar sua bunda da cadeira. Ele disse, mexendo na caderneta de contabilidade de seis anos que foi manchada por desvio de combustível, e diferença acumulada. É verdade. Chorando, aquele que havia sido indicado a melhor funcionário do ano de 1976 da Mobil, Vince Luther, disse. Essa mão não é minha. É verdade.

Vince, que virou desempregado, logo após, começou a perambular pelo centro-oeste dos EUA. Perambular é também seguir o curso do rio, Vince virou um pequeno afluente e penetrou em Memphis. E lá, aprendeu blues. Blues era a música para Vince. Ele gravou em apenas uma noite um álbum inteiro, e esse álbum continha três músicas que se tornariam clássicos do blues no futuro.

É verdade blues

Chefe, aquela mão não era minha

Parece gente louca. É uma reencarnação de Skip James^[xxxii]? O diretor da Associação de Críticos de blues dos EUA, Samuel J. Waters, expressou a sua opinião na famosa Rolling Stones. Não dá para publicar todas as 2.500 palavras da crítica, mas se pudesse resumir em uma sentença, seria “Não pode deixar escapar de novo”. Isso era tudo.

O que tocou meu coração foi “Chefe, aquela mão não era minha”. No trecho em que o interlocutor, que se contorcia de extorsão, traição e remorso, no fim corta as duas mãos e mergulha no Mississippi e se transforma em uma sereia de 85 quilos, ninguém seria capaz de não chorar. Nessa música, estava completamente imbuída a alma do blues e a inocência que perdemos na estrada 61. A segunda parte instrumental de guitarra, que se parece com choro de sereia — continha a energia do blues capaz de salvar a alma de Vince, de nós todos, até do chefe “Você está despedido”. Essas duas mãos, de verdade, não seriam a mão invisível que Adam Smith dizia?

Vince Luther leu a sua matéria especial da Rolling Stone na banca de jornal da estação de Gettysburg. Vince começou a chorar copiosamente e, na hora, o dona da banca, que o reconheceu, segurou sua mãe e gritou assim. É isso. A mão invisível! E nesse exato momento, ele sacou a guitarra e cantou com todo o fervor “Chefe, aquela mão não era minha”. Ele chorou, nós choramos. De verdade, não tinha como não chorar. Essa foi a última vez que eu vi Vince Luther.

Como nas palavras da última testemunha e do dono da banca, Ralph Owell, depois disse, Vince desapareceu como fumaça. Ninguém mais o viu e ninguém mais conseguiu encontrá-lo. Mas em algumas cidades do centro-oeste, continuam levantando algumas velhas discussões. O motivo da discussão era logicamente a “mão”. A discussão começava com se a mão desviou o dinheiro da Mobil era de fato a mão de Vince ou não, e foram se ampliando cada vez mais. Alguns grupos radicais entraram na discussão. Disputando a primeira página, o Movimento Humanitário dos Negros e a Associação Comercial Comemorativa Adam Smith se digladiavam. E o Movimento Progressista das Mulheres deixou claro que ia entrar na briga contra “A mão invisível”. Na rádio, a música de Vince tocava sem parar e, finalmente, saiu essa manchete no New York Times. A economia moderna sofre ataque de Vince.

Repórter investigativo do Herald, Paul Smith tinha a habilidade especial de farejar furos. No mesmo instante começou a vigiar “a economia moderna” que sofreu o ataque. Não é que a economia moderna estava tomando soro no hospital municipal de Maryland? Sentindo o cheiro de furo, Paul Smith começou a vigilância. Quando anoiteceu, Paul avistou a economia moderna, que saiu escondida do hospital. Rapidamente, um táxi parou na sua frente. Siga aquele

táxi. Pegando o táxi que chegou depois, Paul gritou.

O furo de Paul era mais do que ele imaginava, sem graça. Ontem à noite, passando pelos “princípios da economia” de Marshall, as duas colinas da microeconomia e da macroeconomia, e ele se movimentava arduamente entre as inúmeras vertentes e divisões. O mercado se movia todo dia e a mudança do mercado sempre causava o choque depois, mas, graças a Deus, a humanidade tinha teorias econômicas. Se nós tivéssemos consciência, deveríamos aplaudir de pé a economia moderna. Paul Smith mudou de casa para uma tocaia.

Na manhã seguinte, chegaram ao hospital de Maryland 6 bilhões e 700 milhões de aplausos em pé vindos de todos os Estados. Estava imaginando uma confusão daquelas, mas os aplausos em pé davam assistência à UTI, auxiliavam no estacionamento, ajudavam na masturbação de 195 pacientes que faziam tratamento gratuito, ainda pegaram dois homens que estavam no banheiro feminino e deram início à proteção contra a violência sexual para mulheres. A mídia ficou em polvorosa. As pessoas começaram a ter esperança de que os aplausos em pé não seriam de fato a mão invisível de Adam Smith. Dois dias depois, a economia moderna, que recebia alta com aspecto saudável, decorava o canto do jornal Herald.

E 10 anos depois, uma médium do Haiti, Maria Dambalas, afirmou que se encontrou com Vince. Onde você o viu? No Antigo Egito. Antigo Egito? Sim, ele virou um deus. Ele fundou uma empresa que presta serviço à humanidade. Todo mundo tem que sobreviver, né? Disse com olhos cheios de lágrimas. Escutou a música dele? Você disse “Chefe, aquela mão não era minha”? Sim, “Chefe, aquela mão não era minha”.

Fecho o livro.

Fracassei de novo. Eu acendo o cigarro. Já passei da metade do livro Dicionário cômico da economia, que dizem que funciona. Não consegui nenhuma atividade na barriga. Estou resignado. No fim, eu tive prisão de ventre. Bati as cinzas, levantei a calça, estava passando pela porta, tropecei e acabei caindo. Rato! Na panturrilha direita, parecia que um hamster que ficou gigante por causa da radiação estava destruindo a cidade. Chorei. Na soleira da banheira da quitinete, estavam caídos juntos o sol da primavera, Dicionário cômico da economia e eu. A radiação é realmente perigosa.

O cocô não saía. Será que foram quatro dias? Nessa época, achavam que podia ser. E se passaram 10 dias. Acho que isso não pode ser. Eu fui ao hospital. É prisão de ventre. Disse o médico com expressão de “Não é nada demais”. Contento não fiquei, mas voltei para casa com um grosso envelope de remédio. Esse dia, a caixa dos correios, que parecia barriga de paciente com prisão de

ventre, estava apinhada com duas revistas e sete contas enfiadas.

Tomei remédio, fui à faculdade, encontrei a namorada, paguei as sete contas, li os jornais do dia a dia e as duas revistas no banheiro. Mesmo assim, o cocô não saiu. Já fazia 15 dias. Comecei a ficar com medo. Existe ser humano que não faz cocô por 15 dias? Se não faço cocô por 15 dias, será que algo apodrece? Como o gato que se preocupa com o futuro da Terra, eu apertei a barriga aqui e ali. A barriga estava dura como a Terra em que o mar evaporou, e eu fiquei apreensivo. Parecia que algo com basalto, arenito e manto estavam estocados dentro da barriga. Diante desse panorama, a minha expressão enrijeceu como amonita dentro do fóssil carbonífero do período devoniano da Era Paleozoica.

Por que você não vai ao gastroendocrinologista? — o médico do bairro, com uma expressão de ex-general da Marinha da Terra do mar que evaporou, ainda mais na Coreia, disse. Qual é a causa? O médico balançou a cabeça para os lados. Quando pesquisei, não tinha nenhum amigo que ia a gastroendocrinologista. Será que vão receber um universitário? Só vinham pensamentos do tipo. Você tá preocupado? A namorada, que comia junto, me perguntou. Fiquei olhando o enfeito do omurice^[xxxii] e desabafei com sinceridade o motivo da preocupação. A minha namorada escutou com expressão desagradável no rosto e de repente gritou assim. Pô, você tem que falar isso quando estamos comendo? Como se tivesse virado um reto sentado de 179 cm de diâmetro com pernas entrelaçadas, eu fiquei revoltado e envergonhado.

Depois que me despedi da namorada, procurei um gastroendocrinologista. O hospital era mais movimentado do que eu estava pensando, e o médico, de maneira muito profissional, solícita e gentil, leu o diagnóstico, apertou a barriga e examinou o reto, disse para fazer um exame de vídeo. O que vou fazer se sair um negócio que nem amonita? Depois de acabar o exame e sair do hospital, eu acendi o cigarro. Não tinha como não fumar.

Na semana que esperei o resultado da filmagem, foi tempo de muita ansiedade e preocupação. Eu fiz faxina, lavei os cobertores e tênis na lavanderia, quando voltei, sequei e tomei banho. A barriga? Não dava nenhuma notícia. Preferiria que estourasse o intestino, eu pensava. Na quinta, que não tinha aula, meus amigos me visitaram. Ko falou de enema e fibra, Hyun de lavagem estomacal, e Kwon, “Afinal o que você comeu?”, perguntou torto, e foram embora depois. No quarto ficaram só o Dicionário cômico da economia, que Hyun deixou, e eu. Vai que, enquanto leio sem pensar em nada, logo sai. Dicionário cômico da economia realmente era um livro que se podia ler sem pensar em nada.

Abri o livro.

Os catedráticos da economia fizeram muitas previsões e provisões. O comércio livre e a divisão internacional de trabalho eram coisa de 300 anos atrás, e o estabelecimento e o desenvolvimento das empresas de prestação de serviço mudaram a própria estrutura dos negócios. Não é exagero dizer que o mundo tenha sido preparado e detalhado por eles. Inclusive, as mudanças drásticas da tendência econômica mundial foram previstas por estudiosos como Alvin Toffler e foram adotadas. Controlar o mundo não deve ser uma tarefa fácil, mas a previsão de que no mercado em que existe economia se resolve tudo, de Adam Smith, continuava valendo. O mercado é o nosso destino. E

Apareceu a tia do Yakult.

Isso era uma coisa que nem o pai da economia Adam Smith, Keynes, Malthus, Ricardo, Charles Darwin ou Alvin Toffler poderia ter previsto. Tia, do Yakult? Vieram à minha mente as imagens da mão no queixo de Keynes e Toffler se lamentando dos seus feitos. De qualquer maneira, com o aparecimento da tia do Yakult, o mercado virou algo impossível de se prever e totalmente confuso.

Teve uma vez que Keynes e Toffler fizeram uma conferência sobre a tia do Yakult em Seattle. Foi logo após a visita de Toffler à Coreia, e ele tinha colhido muitas informações e resultados de pesquisas. Eles queriam escapar de qualquer jeito, o quanto antes, dessa cilada.

Elas são a mão invisível?

É uma questão muito complicada.

Complicada?

Acredito que esse fato tem uma relação profunda com a extinção de pássaros dodôs.

Extinção de pássaros dodôs!

Vocês se lembram de “rondeau”, “reneé”, “dubone” e “camp”?

A história do pássaro dodô não tinha terminado. A humanidade começou a discutir então a influência que a extinção do pássaro dodô tinha transmitido. Recentemente um cientista descobriu uma espécie de árvore que estava ficando rara nas Ilhas Maurício. Existiam apenas 13 árvores dessa espécie, algumas passavam dos 300 anos. A expectativa de vida dessa espécie era de exatos 300 anos.

A interrupção da reprodução dessa espécie coincidia com a época da extinção do pássaro dodô. Por isso, conseguiram descobrir que o pássaro dodô se alimentava das frutas dessa árvore, e que somente através do aparelho digestivo do pássaro é que a semente podia se espalhar. Felizmente, alguns cientistas provaram que o esôfago do avestruz podia substituir a função do aparelho digestivo do pássaro dodô. Com isso, utilizando-se do avestruz, conseguiram desenvolver uma

nova geração da árvore, e essas árvores foram batizadas de “árvore dodô”.

Fechei o livro.

Antes que o hamster seja contaminado por radiação, eu me levanto do vaso. Mas que diabo, como isso aconteceu? Não sabia como. Por mais que pense, era uma vida estranha, estranha, estranhamente estranha. Eu nunca fiz nada de extraordinário para que isso acontecesse! Eu vociferei.

Eu liguei para Hyun. Por coincidência, Hyun estava, com gosto, evacuando pela segunda vez. Mundo bom, né? A gente pode falar cagando. Você tá me zoando? Cuspi a frase, mas deve ser bom. Eu fiquei com inveja, de sair lágrimas, do Hyun. E aí? Então, acho que tenho que devolver o livro. Não era esse o motivo, mas não consegui lembrar de nenhuma resposta decente para Hyun. Por quê? Não precisa me devolver, não. Ficar lendo no banheiro é o pior dos hábitos. Eu falei assim. Você quem sabe. O barulho de água em vez de descer pelo encanamento veio como transmissão de onda e desaguou no meu ouvido. O cocô que estava lá dentro parecia que tinha se acumulado na minha barriga.

Triste. Falei tomando cerveja. Triste, como assim? Não consigo cagar, e isso é muito triste. A choperia perto da casa do Hyun, mesmo às altas horas, era sempre cheia. Então, qual é a causa afinal? Não sei ainda. Você não se lembra de nada? Como assim? Sei lá, o que você comeu antes de começar a prisão de ventre. Não sei. Acho que era o Combo Fidalguinho. Combo Fidalguinho? Nem gosto de comida ocidental, mas tem vezes que acabo tendo de comer. Era esse dia. Estava revirando o menu com a namorada e tinha esse problemático Combo Fidalguinho. A palavra “especial” em cor vermelha viva estava fincada na parte direita superior do combo como um algodão-doce. Não é porção infantil? Minha namorada alfinetou, mas aquele “Fidalguinho” e aquele “especial” me apeteciam mais que tud. A composição do Fidalguinho era a seguinte.

1. Sopa
2. Salada
3. Salsicha e bacon
4. Minibife + arroz
5. Batata
6. Yakult

Que é isso. Achei que tivesse comido cola. Eu também penso isso. Eu não sei qual foi a causa. Eu empurrei o livro para Hyun, que estava inclinando a cabeça. Hyun, como se não estivesse interessado no livro, acompanhando a música folclórica alemã, balançava os ombros pra lá e pra cá. Eu mordida pipoca e ficava olhando a TV que estava pendurada no canto do balcão. Num volume que mal dava para escutar, estavam sendo apresentadas as notícias da meia-noite. O

preço do petróleo subiu, EUA e União Europeia iniciaram inspeção retaliatória do protecionismo econômico asiático, finalmente conseguem entrever a luz da verdade na exportação coreana, e mais, diante da aproximação da era do envelhecimento da população, é preciso acelerar a nova política de previdência, e, pela primeira vez, o astronauta chinês enviou uma mensagem do espaço — tá, mas não se esqueçam. Que façam o que quiserem no lugar que for, lembrem-se de que neste mundo existe uma pessoa que está sofrendo, porque não consegue fazer cocô.

Em seguida, chegaram Ko e Kwon e depois o telefonema da namorada, tínhamos terminado, eu estava solitário. Bebendo cerveja preta alemã, enquanto os amigos abriam a discussão sobre a macroeconomia e capitalismo pós-moderno, como se fosse pássaro dodô escondido no esconderijo, eu fiquei lendo em silêncio Dicionário cômico da economia. Na parte em que eu não tinha conseguido ler, estava escrito o seguinte assunto.

No ano de 1977, uma espaçonave escapou da estratosfera da Terra. Voyager II. Dentro da primeira nave que ia sair do sistema solar e não retornar, tinha uma mensagem da humanidade para a vida inteligente extraterrestre, com a voz do presidente dos Estados Unidos e em outras 50 línguas. Isso é um presente enviado por um país muito, muito distante. Aqui dentro colocamos nossos sons, ciência, pensamento, opinião e a tia do Yakult. Para superar esta era, queremos estar junto com vocês — quando a vida inteligente extraterrestre se juntou a nós, era mais ou menos enquanto a Voyager II estava passando por Urano. Logicamente, a vida inteligente extraterrestre encontrou as mensagens da humanidade e a tia do Yakult. Eles perguntaram. O que vocês querem superar e, com essa superação, que tipo de mundo querem construir? A tia do Yakult, distribuindo os Yakults com todo o zelo, disse. Isso é o mundo que a Yakult sonha.

Ao ataque!

Gritaram a vida inteligente extraterrestre.

No dia seguinte fui ao gastroendocrinologista. Estava curioso sobre o resultado, mas também tinha medo do resultado. Sei lá se ele sabia dessa minha dúvida, o médico não foi conclusivo sobre o resultado da filmagem. Quer um chá? Perguntou o médico. Sim, eu respondi. Antes que a enfermeira trouxesse o chá que era bom para prisão de ventre, não trocamos nenhuma palavra. Exceto que o chá estava quente, sobre o sabor do chá não se podia dizer nada. Na verdade, existem muitas causas de constipação, mas, o médico abriu a boca.

Então, eu não evacuo faz um mês. Ah, é? É. É sim. Não tem físico peculiar, também não tem hábito de segurar o cocô... Mesmo sendo constrição por hábito, dependendo do estado do intestino, a gente costuma dividir em hipotonia e

hipertonia, mas também não é isso... Com certeza não é inflamação do intestino grosso, nem câncer de estômago. O que eu posso falar é... Podemos entender como uma espécie de sintoma especial, mas atualmente a descoberta desse tipo de sintoma tem sido frequente. Na minha situação de médico é alarmante... Er, e eu, como fico? Tem que ser forte. Disse o médico, segurando forte a minha mão. Digam o que quiserem, nós estamos vivendo a era do capitalismo pós-moderno.

Me animou.

Eu, de novo, penso, meticulosamente, sobre onde, o que, deu errado. Não tenho como saber. Em silêncio, como o avestruz que engole as frutas da árvore dodô, tenho a sensação de que algo regurgita, regurgitando. Será que desse jeito não vai nascer, de repente, uma árvore de 300 anos em mim? Penso assim. Resolvi ter paz. Tendo ou não tendo, pode ser nada de mais. Só porque não consigo fazer cocô por um ou dois meses não vou ser prejudicado no emprego. Antigamente, tinha pássaros que praticavam rondeau, reneé, dubone e camp. Já aconteceram essas coisas, penso assim.

A seriedade da posição é realmente muito importante. Saindo do banheiro, lembrei das palavras do médico. Vasculhei a internet e encontrei alguns grupos muitos ativos, e novamente com esforço, me cadastrei. Não tinha como não se surpreender com o fato de que tinha tantas pessoas sofrendo de prisão de ventre. Estavam negligenciando tudo isso de gente! Afinal, o que querem? Eu realmente não conseguia entender esse “ponto de vista” do mundo.

Estou sem fazer cocô há três meses. Era reservista e este ano virei vigilante^[xxxxiii]. Até o ano passado, toda vez que recebia o treinamento de reservista, recebia um estresse sem tamanho. Pensava que era trabalho de corno. Desperdício de tempo e dinheiro (principalmente para um profissional autônomo). Aí, tinha um palestrante que entrava em cada treinamento. Esse cara só fala isso o tempo todo. Vocês sabem por que a Coreia do Norte não invade a gente? É porque tem medo de vocês, reservistas. E começava o treinamento de vigilante. Estranhamente ficava irritado, mas eu aguentei. Três meses atrás recebi o primeiro treinamento de vigilante. Ah, mas aí, entrou de novo o palestrante dos reservistas. E de novo, sabem por que a Coreia do Norte não invade a gente? Por causa dos vigilantes! É porque vocês existem. Disse assim. De repente, fiquei muito puto, e depois disso, o cocô não sai de jeito nenhum. São três meses. Vocês conseguem imaginar o que estou sentindo? Eu tenho que processar o país, ou o palestrante, o que vocês acham?

As minhas notas não melhoram e estou sofrendo de prisão de ventre. Isso é vida de adolescente?

A reunião matinal estragou minha saúde. Quando veio a prisão de ventre

foi quando mudei de emprego. É a primeira vez que tenho sócio, então, o clima de reunião que discute resultados é extremamente estressante. Sempre me sinto incomodado e mal por dentro. É uma profissão em que a relação interpessoal é importante, por isso, imaginem a minha preocupação. Quem me indicar o tratamento correto, tenho a intenção de me presentear com uma caixa de ginseng siberiano em pó como recompensa.

Prefiro que o cocô desapareça. Eu faço uma vez por semana, mas meus amigos dizem que é prisão de ventre. Não sinto nenhuma dificuldade. Até que a maquiagem ajuda a disfarçar bem também. Uma outra amiga me falou que não tem caso como o meu. Então, força.

Estou muito perplexo. Eu sou muito apaixonado por vacas e costumo ir muito para o campo (observação: estudo pintura). Por isso, é um lugar difícil para se ir ao banheiro, e fica a uma hora de distância. Tive a prisão de ventre nesse lugar. É muito sofrimento. Na encruzilhada entre a arte e a saúde, não sei para onde ir. Será que tenho que desistir das vacas?

Estou resolvendo o estresse da prisão de ventre com compras. Ontem comprei 20 quilos de conserva de caranguejo ao molho shoyu por 9.500 wons, e vieram de brinde três porções de conserva de lula, conserva de escamudo e conserva de ostras. E ainda por cima, cupom de desconto. Façam vocês também. Recomendo efusivamente.

Por causa de prisão de ventre, brigo com a minha mulher. Nós dois temos prisão de ventre. Sou motorista de táxi e, assim que chego em casa, fico irritado. Principalmente quando minha mulher não sai do banheiro, perco a razão. Eu acho que, isso, desconfio que seja por causa da prisão de ventre. De tarde sofro no trânsito pesado, viver está sendo um martírio.

Eu não tenho o que mostrar, então, por isso não deve ter o que sair também.

Novo conceito em turismo de bem-estar! Tudo bem? Queremos apresentar um excelente pacote de viagem. Turismo “Fanfarra, solte o arco-íris” para pacientes de prisão de ventre. É um produto inédito de sucesso estrondoso, que foi sensação no Japão, Europa e EUA. Você já ouviu falar no banheiro mágico Pukan, que fica no deserto de areia de Tazra, no Tibete (foto anexa)? Na janela do canto se vê o cume do Himalaia e, embaixo, parece atravessar até o outro lado do planeta Terra, de profundidade incalculável, é um lugar mágico. No momento em que se senta, esvaziando o pensamento — imediatamente, toca-se uma fanfarra de sacudir o Himalaia e abre-se diante dos olhos um deslumbrante arco-íris. Esse é o relato de experiência universal, de todos os pacientes que visitaram o local pessoalmente. Cadastre-se hoje. Só espero que Chile e Brasil fiquem bem.

O mundo é um juízo final.

Faz oito meses em que trabalho no supermercado Kiss. Lá, ganhei tendinite no pulso e prisão de ventre grave. O que eu faço é ajudar no estacionamento, eu mexia as mãos estilo alvoroçar de borboleta, toda vez que o carro do cliente entrava. Mas aí, disseram que no supermercado Primavera faziam duas voltas com as mãos, então tive que fazer duas voltas e meia no nosso mercado. Foi quando senti a fadiga. Mal conseguia dormir por causa da dor no pulso e do cocô, é meio constrangedor dizer, mas a cada 10 dias saía do tamanho de uma castanha. Quando complica, sai até sangue. Antes de pedir indenização ou benefício, peço que me indiquem um bom hospital ou o caminho da cura. Saúde a todos.

Prisão de ventre iraquiana. Eu ainda estou sofrendo de prisão de ventre desde que participei da Guerra no Iraque, em 1991. É diferente, né? Eu também acho.

O cocô dos outros me parece mais grosso. Por causa da prisão de ventre, quando vem aquela sensação, aconteça o que acontecer, vou ao banheiro. Dois meses atrás, entrei no banheiro da rodoviária às pressas, e ah, ah, achei que fosse morrer asfixiado. No começo, achei que alguém tinha jogado fora um pedaço de cano de aço podre. Mas era cocô. Que seja pelo tamanho, seja pela textura, aquilo não é cocô humano (se fosse de humano, ele teria morrido na hora). De repente, um elefante, pensei assim, mas não pode ser, aí dei descarga. Nem se mexeu. Fazer o quê, entrei no primeiro, segundo, terceiro banheiro e fiz o que tinha que fazer. Mas a imagem daquele cocô não sai da minha cabeça. Tenho a sensação de ter levado uma surra da potência fecal. De vez em quando fico até com uma inveja danada do senhor que produziu o cocô sem entrar em óbito. Tenho a impressão de que ganhei uma nova meta de vida.

Sinceramente, eu como bastante. Por isso, penso que é efeito causa-consequência. Sempre fico no estado meditativo, pensando se é mais vantagem comer 10 hambúrgueres ou segurar o cocô 10 vezes.

Vem aí um resort em Hanam. Para mais informações: 011 XXXXX XXXX.

Sou um portador da doença há 30 anos! 30 anos! Veja o senhor que brigou comigo na sala de bate-papo dias atrás. Que o arroz integral é bom para prisão de ventre é senso comum. Senso comum, entendeu? Eu sou professor universitário de um distrito de Seul onde que sou reconhecido só dizendo o primeiro nome. Desde a época do intercâmbio, são 30 anos de experiência. Sabe, se quer brigar, que venha pelo menos com conhecimento de causa.

Sou trabalhador de prestação de serviços há 15 anos. Estranhamente, os

funcionários de vários setores de prestação de serviços sofrem de grave prisão de ventre. À minha volta, a maioria é assim, que tal montarmos um grupo exclusivamente só de prestadores de serviços? Não seria útil um grupo de profissão da mesma natureza? Espero a opinião de vocês.

Aqui quem fala é o CEO. Subi no dia 17 a foto do evento. A melhor foto é a do grupo todo. Nem o calor do início de verão, muito menos a sensação de desconforto do estômago, conseguiram roubar o sorriso feliz dos nossos membros. Caro membro, Mi-Ran Young, persevere. Continuamos empenhados na compra conjunta de uva de youngdong e laxante.

Na escuridão da madrugada, fiquei olhando as fotos do grupo por muito, muito tempo. A paisagem da foto parecia algum rio do Estado de Kyungki, ou algum lugar secreto que eu desconhecia. A paisagem de nuvem branca, céu azul, o rio estava se destacando. Por esse motivo, me dava a impressão de que, sem saber dizer o porquê, era isolado e deslocado. Parece uma ilha, eu pensei. Os membros eram na maioria mulheres, e como se fossem pássaros dodôs que encheram a barriga de frutas, estavam sorrindo alegremente.

Não sei o motivo, mas eu me masturbei olhando a foto. Não foi por causa de algum rosto que me chamou atenção, é que diante daquelas presenças e paisagem, sem eu saber, tinha tido uma ereção. Com afinco, eu movimentei as mãos. Começando pela foto, o raio de sol do início de verão, que atravessou o monitor, iluminou calorosamente a parte de cima do meu pênis. Fechei os olhos. A sensação de liberdade de quem fez rondeau e reneé, dubone e camp... Junto com um filete de água quente, cobriu o monitor como um tsunami.

Ao ataque!

A voz de não sei quem ecoou perto do ouvido.

A ilha desapareceu e a solidão me invadiu de novo. Abri a janela e fumei um cigarro. A noite já estava desaparecendo como a gasolina que Vince desviou. Senti um forte cheiro de combustível. Assim consegui sentir a grande engrenagem do mundo. Dentro da luz esbranquiçada, a escuridão que penetrou na superfície da madrugada estava se coagulando em asfalto. Tum. Tumdum. Tum. Naquela hora, eu escutei esse barulho. Parecia, com certeza, estar batendo, na porta. Quem é? Eu gritei. Em seguida, uma resposta saudável, foi ouvida.

É Yakult.

Quando abri a porta, a tia do Yakult estava parada. Olhando para o leite e o Yakult da porta do quarto ao lado, consegui entender a causa do barulho. Ah, sim. Fiz uma leve reverência com a cabeça. É estudante? A tia me perguntou. Ah, sim. Morando sozinho, deve fazer muito estrago no estômago... A tia, que estava

vasculhando a bolsa, me empurrou do nada um Yakult. Eu, eu... Não estou pedindo dinheiro, não se preocupe. É que você está com semblante não muito bom. Então, tenha um bom dia. Depois ela desceu as escadas.

Sem jeito, eu bebi o Yakult que recebi no susto. O gosto do Yakult, poderia dizer que é azedo, ou poderia dizer que é doce. A sensação era de que o néctar da fruta que experimentei pela primeira vez estava parando toda hora no esôfago. Nesse instante, eu me aproximei da janela e gritei em direção à tia do Yakult. Tia, quero fazer o pedido a partir de amanhã. Leite? Ou Yakult? Yakult! A tia, que rabiscou algo na pequena caderneta, sorriu e acenou. Eu também acenei. Vai dar certo, pô.

A partir de amanhã, eu também estou com perspectiva de tomar Yakult.

7. Padrão coreano

Então, hyung, em que posso te ajudar? Er... Isso... Em vez de resposta, Gui-Ha hyung me mostrou arbustos perto do celeiro e as terras em volta. Claramente, alguns lugares estavam amarelados e secos ou escurecidos de fuligem. Mesmo olhando desatento, era uma paisagem que contrastava com o verde em volta. O que é isso? A expressão de Gui-Ha hyung estava congelada. Alguns suspiros saíram fracos e esbranquiçados como leite de vaca doente. Estes dias, eu estou recebendo araque de alienígenas.

Tem uma coisa chamada comunidade agrícola.

É um nome que todos conhecem, mas eu acredito que, na verdade, ninguém conhece. Não seria algo como o Terra Natal das 6 Horas?^[xxxiv] Respondeu a senhorita Ha-Nul Kim, que acabou de se formar no colégio técnico, em Comércio. Ela, que deixava o café na mesa, soltou um psiu. Era uma risada ou som que disfarçava risada. Obrigado. No tom de não dar a menor importância, respondi com seriedade. Parecia “Mesa-Redonda das 9 Horas”. Mais do que tudo, estou em uma idade em que preciso exalar essa atmosfera. Bebo o café. É de avelã.

Foi na manhã de hoje que recebi um telefonema de uma comunidade agrícola. Tinha terminado a reunião semanal e estava conversando com o diretor sobre isso e aquilo. Tocou o telefone. Alô. A expressão do diretor era de quem ficou atordoado e confuso, e me passou dizendo “É para você”. É Suk-Hyun Sin. Alô é algo que só um diretor pode dizer — no susto, atendi o telefone assim. Suk-Hyun. É você, Suk-Hyun? Do nada, uma voz totalmente indiferente à conduta da vida social da República da Coreia do Sul estourava no outro lado da linha, alta e constrangedora. Olhei para trás e ajeitei o gancho. Alô.

Era Gui-Ha hyung.

Tem uma coisa chamada “ativismo”. É uma palavra que nem todos conhecem, mas eu acredito que, na verdade, ninguém conhece. É como uma comunidade agrícola. É isso. Eu sei. É que nem Caderno de Produtor^[xxxv], não é? A senhorita Hee-Jung Jung de dois anos de experiência profissional entendia assim. Como é que liga para a sala do diretor? Se fosse com urgência, pegasse o número da pessoa. Assim que voltei à mesa, liguei para casa. Tutu. A minha mulher não me atendeu. Estava apertando mais ou menos o quinto número do celular, coloquei o telefone no gancho. É duas ou uma. Está no Carrefour ou está dirigindo. O que quer que ela esteja fazendo, pensei que falar sobre ativismo, comunidade agrícola e Gui-Ha hyung seria inapropriado. Era por isso. Chequei o calendário. Estava faltando uma semana até as férias de verão. O ar-condicionado, que estava parado, começou a rodar com força.

Sério?

Não sei há quanto tempo não via os olhos arregalados da minha mulher. Esse também era o motivo de ter arranjado uma ocasião rara para beber. No apartamento de 112 metros quadrados que se enquadra no padrão coreano, na cozinha, na mesa, nós tomamos a cerveja. As várias garrafas de cerveja que compramos com cupom-desconto do Carrefour acabaram assim. Minha filha, que estava na 2ª série, estava dormindo, roncando. Como voltava depois de três

escolas de aulas de reforço, quando voltava, caía morta de cansaço. Terminamos a conversa, fumamos um cigarro juntos e fizemos sexo depois de muito tempo. Virei a mulher, que dizia vá tomar banho. Meio rude, agressivo, invadi o corpo da minha mulher. Ela me aceitou passivamente. A bunda obesa e já bastante gorda, parecia distante e em excesso como as três escolas de reforço. A minha mulher de 30 anos atrás não era assim. Era uma estudante magricela e namorada do Gui-Ha hyung.

Quando encontrei a minha mulher, estava no segundo ano de faculdade. Era 86? Acho que era isso. Tinha um grupo de ativismo, e ela era a oradora do dia. Amor à primeira vista. Pode-se dizer assim. Quem é? De coração a mil, eu fiquei no lugar até o último momento. Soube que ela era namorada do Gui-Ha hyung no outro lugar em que nos reunimos em seguida. Gui-Ha hyung era, nesse grupo que estava, o dito estrela. Em resumo, ela parecia já ter perdido a alma pelo agitador que já esteve na lista de procurados algumas vezes. De repente, parecia sem nenhum companheiro, só a bandeira que estava se agitando violentamente.

Por isso, eu segui ainda mais Gui-Ha hyung. Era uma psicologia estranha, mas era assim. Todos devem saber o andar da carruagem do ativismo. No fim, Gui-Ha hyung foi preso, passou muito tempo na cadeia. O mundo mudou de sociedade civil para democracia. O Muro de Berlim caiu, derrubaram a estátua de Lênin. Nesse intervalo de tempo, aquela estudante magricela virou minha mulher. Foi uma coisa legal. Eu, que estava finalmente desabafando toda a verdade na visita, Gui-Ha hyung me devolveu a seguinte resposta. Cuide bem da Suk-Hee. Eu assenti com a cabeça. Por que será? Queria dizer “obrigado”, mas saíram as palavras “me desculpe”. Por que será?

A minha vida mudou drasticamente. Consegui um emprego, trabalhamos cada um no seu emprego por sete anos e conseguimos comprar o apartamento em que estávamos, na cidade planejada. Aos poucos, me transformei. Em uma pessoa que espera que o mundo mude drasticamente em vez de apenas que o mundo mude. Será que foi no outono? Quando estava engolindo a fumaça do cigarro profundamente, soube dessa verdade. A vida já era algo que não se podia mais reverter. Tinha quarenta. Eu sabia onde foram parar os companheiros, mas a bandeira já não estava mais se agitando. A minha mulher, que chegou à cidade planejada, começou a engordar rapidamente.

Gui-Ha hyung nos procurou apenas uma vez. Era a época do aluguel, em que estávamos concentrados nos trabalhos de cada um. Tinha acabado de sair da prisão, estava junto o veterano Jung, que também tinha acabado de cumprir a pena. Vim porque queria ver vocês. O motivo da visita era apenas esse. Ainda por cima, a mão do hyung estava segurando um buquê de flores, que por ser pobre ficou mais bonito. Felizmente, ele era uma pessoa assim. Nós bebemos até flor morrer. Me desculpe, hyung. Queria dizer “obrigado”, mas saíram as palavras “me

desculpe”. Por que será? A minha mulher, que entrou no banheiro mesmo depois de esperar muito tempo, não saiu.

O que permitiu essa visita foi a inocência do Gui-Ha hyung (a minha mulher era virgem). Digam o que quiserem, mas eu penso assim. Vá na frente. Siga o que está vivo^[xxxvii]. Por causa do discurso inflamado do veterano Jung, eu tive que escutar forte reclamação do proprietário. De fato, não tinha um ser vivo que seguisse o que tinha caído. O veterano Jung que fazia discurso inflamado virou depois um famoso palestrante nas universidades, e aconselhava e ajudava a vida dos outros calouros e veteranos. O que sobrou era somente Gui-Ha hyung.

É coisa de Gui-Ha hyung. Quando recebi a notícia de que hyung, que esbanjava poder político, foi para o canteiro de obras, foi logo depois que a minha filha nasceu. A minha mulher ainda não tinha perdido o inchaço, tive uma conversa assim. Nessa época tinha sido montado um grupo de ajuda ao hyung. Metade acreditava que em algum momento hyung ia virar congressista, outra metade desejava que jamais se tornasse algo como congressista. Eu e a minha esposa tínhamos expectativa em metade, metade em cada um dos lados.

Temos de salvar as comunidades agrícolas. Tinha esse título no informativo do grupo de ajuda que chegou um dia. Resumindo, era a carta de intenções do hyung que tinha largado o trabalho braçal e ia abraçar o movimento agrícola. Para montar a comunidade que hyung pregava, alguns veteranos arregaçaram as mangas. A nossa situação era a época da última prestação ou pagamento de sinal. A gente já pagou bastante. Quem primeiro falou foi a minha mulher. Não falei, mas eu tive a sensação de que estava certa.

Essa foi a última vez. Hyung se tornou uma personalidade cada vez mais afastada e esquecida da mídia; a reunião do grupo de apoio, em função disso, também ficou rara. Os que viraram políticos — comparando Kim e Jung, que estavam no mesmo movimento — eram um contraste de opostos. Depois que nos mudamos para a cidade planejada, nós tínhamos esquecido Gui-Ha hyung. Entre meus alunos, tinha um louco que desistiu da escola. Aí, acredite se quiser, ele me disse que foi morar naquela comunidade que Gui-Ha montou. Apesar do meu pedido de diminuir o tom pejorativo, o veterano Jung não mudou o tratamento. Parece que, através desse estranho curso, ele tinha conseguido muita fama. O palestrante estrela já era VIP do room saloon^[xxxviii]. Ele aguentou seis meses e depois fugiu. Escutando-se a história, é coisa de tapado, de muito tapado. Precisa de senso de praticidade. Praticidade. Eu acho. E vocês, o que estão fazendo?

Bem na minha frente, uma garota tirou a calça do Jung e o envolveu entre as pernas. Sem perder tempo, a minha acompanhante começou a apalpar o meu corpo. Quando pensava que tinha que ir para outro lugar, de repente o veterano

Jung deu uma bronca. Porra, aqui a gente faz junto. Mais do que sexo, tinha a impressão de que estava sentado no banheiro público. Trocamos duas vezes acompanhantes sentados, eu lembrava dos banheiros públicos da China, que diziam não terem divisórias.

O que você vai fazer? A minha mulher disse, com o cigarro na boca. Não sei. Tenho uma semana de tempo, então, posso pensar com calma. E também com calma coloquei o cigarro na boca. Decide logo. Está pendente a provisão do condomínio. Ah, tá. Naquele instante, se aquela estudante de 17 anos atrás tivesse se tornado mulher de Gui-Ha hyung, estaria imaginando essas coisas. Se eu levantasse as dobras da barriga da minha mulher deveria estar escrita a tatuagem “será?”. Não sei por que tive a sensação de estarmos fumando sentados lado a lado no banheiro público da China.

Venha

E me ajude. Lembrava várias vezes da voz de Gui-Ha hyung. É um pedido que faço com dificuldade, Suk-Hyun. Essas palavras pareciam a fumaça densa que tomava conta do quarto. Eu me levantei e abri a janela. Ah, que frio. A mulher gorda, que era uma estudante 17 anos atrás, foi entrando embaixo do cobertor de verão, como uma estudante. Na escuridão, a luz da cidade planejada estava flamulando como se fosse bandeira de neon. Brummmm. Um carro esportivo que tirou o escapamento, dando destaque às guias da cidade, como se fosse um marca-texto verde que sublinhava a linha, passava rápido pelo campo de visão, de lado a lado.

Em outras palavras, isso

Era o pano de fundo que fez com que eu procurasse a comunidade agrícola. Se tivesse faltado uma dessas coisas, eu teria negado solenemente o pedido de Gui-Ha hyung. Ou seja, se eu não tivesse gostado da estudante, ou se a minha mulher tivesse dito para pagar o grupo de apoio, ou, naquele momento, se tivesse sido um caminhão de lixo do bairro e não um carro esportivo, essas coisas. Se entrou em contato comigo, significa que todas aquelas pessoas em volta já partiram. Não é isso? Tentava convencer a minha mulher, enquanto ajeitava o chapéu. A minha filha me enviou do cursinho preparatório os seguintes dizeres: “Pai, você exagerou”. No fim, resolvi embutir minha mulher e filha na família do meu irmão, que estava indo para a Ilha de Jeju. O que você acha de a gente ir junto? Onde? No Gui-Ha hyung. A boca da minha mulher e da filha, que estavam junto comigo, na intenção de despistar, ficaram tremendo. O que tem pra ver na comunidade agrícola? A minha mulher e filha perguntaram. Elas partiram em direção a Jeju dois dias antes de mim.

Eu nunca tinha ido para uma comunidade agrícola. Olhando para o

passado, era isso mesmo. Na verdade, vi algumas vezes em Terra Natal das 6 Horas, ou, andando pela estrada deparei com a paisagem por alguns instantes. Depois de pegar a Estrada Yeongdong. Por isso, fiquei um pouco preocupado. Como peixe tropical que vai mudar a moradia para o mar profundo, fiz e refiz a preparação completa. Coloquei roupa e calçados para escalada, remédio para primeiros-socorros e esparadrapos, várias ferramentas e rifle de caça com munição o suficiente no porta-malas. E além disso, arrumei a quantia suficiente em dinheiro. Não há nada como dinheiro para acalmar o coração das pessoas.

Sobre a natureza do pedido de ajuda, Gui-Ha hyung não disse mais nada. Devem ser afazeres leves da fazenda ou espantar algum porco selvagem. Tendo esses pensamentos, eu ficava confuso por dentro. A febre aftosa... Doenças desse tipo não costumam acometer nesses lugares? É verdade que também tinha essas sensações desagradáveis. Depois disso, comecei a pensar em palavras como gripe aviária e doença da vaca louca. Sentado no banco do ponto de descanso, bebi o suco de avelã e fumei um cigarro. O estranho é que só tomei um gole, mas, como se fosse galinha que pegou uma gripe séria, comecei a tossir sem parar. Nesse furacão — parecia que o céu azul da Ilha de Jeju estava sendo varrido com a maré baixa. Como o peixe tropical que sente a diferença de pressão, eu lembrei da minha mulher e filha. De repente, foi assim.

Cheguei a Silsangri era um pouco depois do meio-dia. Passei por Inje, e a explicação do Gui-Ha hyung surtiu efeito, vi o mapa, e perguntando e perguntando consegui achar finalmente Silsangri. Vila, se dizia vila, mas só tinha umas casas vazias e não se podia ver nenhuma sombra de homem. Em compensação, eu podia ver a imensa estrada de árvores e a grande natureza. Isso é, pô, National Geographic. Estacionei o carro e lavei a mão no riacho que estava emendado na estrada de árvores. A água estava fria e fresca e alguns peixes de água doce estavam nadando em cardume, balançando as suas testas manchadas de verde. Era surpreendente. Existia uma natureza assim, a poucas horas de Seul. Em seguida, espreguicei na entrada da vila, fiquei olhando por muuuito tempo o imperscrutável fim da estrada de árvores. Eram apenas algumas horas de distância, mas parecia que segui o caminho dos barcos a sudeste da ilha de Ulung a 200 léguas de distância, e estava parado em cima do marco oceânico sozinho. O barulho do vento, que parecia de onda do mar, invadiu o meu ouvido. De acordo com a explicação, é só passar por aquela estrada de árvores, virando a colina íngreme, avista-se a comunidade do Gui-Ha hyung. Quanto tempo faz? Não consegui fazer as contas de imediato com a mão manchada de verde. Com a expressão de peixe de água doce que voltou para o rio de 17 anos atrás, entrei no carro de novo.

Tem gente? Repeti muitas vezes “Tem gente?”, mas não tive nenhuma resposta. No fim, eu decidi dar uma volta nas instalações da comunidade. Instalação no nome, mas poucos prédios, depósitos e pequenos auditórios, era

tudo. Porém, como o terreno era grande, devia levar uns bons 10 minutos. De primeira, no caminho da vinda se via um arrozal, e fazendo divisa com algumas estufas, emendava-se com o grande campo de milho até a descida da colina. Dos prédios se viam o que seriam dois espaços de alojamentos e o prédio principal. Depósito e auditório estavam separados e tinha um estábulo em algum lugar, pois se ouvia um fraco som de vaca chorando misturado com o vento. Portanto, para ter um estábulo em “algum lugar”, o lugar era imenso. Comecei a emendar “Tem alguém aí?”. De novo.

É Suk-Hyun? Ei, Suk-Hyun. Quando Gui-Ha hyung chegou, eu já tinha fumado quase todo o cigarro. É verdade que chegou um trator fazendo barulho e é verdade que Gui-Ha hyung estava sentado no trator. Esperou muito? Fui consertar o estábulo... Depois, Gui-Ha hyung não cuspiu mais nenhuma palavra. Suk-Hee tá bem, né? Tá, tudo bem. E a filha, crescendo bem? Sim. Ah, obrigado. Sem conseguir soltar a mão que segurava, Gui-Ha hyung ficou cheio de lágrimas. Sem conseguir encarar seus olhos, eu olhei para o chão, para a sombra do hyung, infinitamente. Metade do cabelo do hyung estava metade branco. Por causa da pele, que escureceu como sombra, ficava ainda mais brilhante. Por isso, o tempo que passou subiu na superfície da lembrança ainda mais brilhante.

Coma. Eu que plantei, pessoalmente. A refeição era composta de verduras e pasta de soja, mas era um banquete que continha o orgulho de Gui-Ha hyung. Comendo, consegui ouvir várias histórias da situação atual do lugar. Resumindo, só o Gui-Ha hyung poderia aguentar uma situação dessas. O dito diretor-geral pegou o restante do dinheiro de apoio e o lucro total da receita da comunidade e tinha fugido. Era história de três anos atrás. No fim, conseguiu empréstimo e empreendeu na agricultura, mas foi um ano ruim para colheitas. Com isso, a dívida triplicou. A raiz do problema foi ter cultivado plantio especial acreditando no governo. Em seis meses, a política mudou e não se recebeu nenhuma indenização. Junto com os estagiários, construíram o estábulo. Começou a avicultura. A avicultura em si foi um sucesso, mas o preço da galinha caiu drasticamente. Foi por causa da gripe aviária. Pouco tempo depois, as galinhas tiveram morte coletiva. Com muito esforço, por patrocínio de alguém, conseguiu comprar 10 vacas. Muitos estagiários já tinham deixado a comunidade. Dos que sobraram, tinha muita diferença de opiniões. Não se conseguia chegar a um consenso. Ainda por cima, estavam se aguentando graças ao trigo e ao arroz negro, e a abertura da importação de arroz tinha sido anunciada repentinamente. Três meses atrás, os estagiários que restavam também deixaram a comunidade.

Então, não tem mais ninguém? Não, sobrou um. Chama-se Suk. Eu não tenho carteira de motorista, você sabe. Aí ele pegou o bongo^[xxxviii] e foi até a cidade. Fazer as compras, ver os mantimentos e ferramentas, deve estar fazendo essas coisas. Opa, já que você chegou, vou pedir para comprar carne. Ah, não precisa. Não. Sabe, a carne daqui é diferente. Ligou, mas o celular do camarada

que chamava Suk estava desligado. Mais do que carne, eu queria tomar café. Revirei a despensa da cozinha, mas tudo que encontrei foram algumas cenouras secas e retorcidas. Peça para o amigo Suk... Comecei a falar, mas, não, nada. Terminei a conversa. É que tive o pensamento de que, mesmo que compre, vai ser Maxim^[xxxix].

Mas hyung, e a ajuda que você pediu? Ah, sim... Gui-Ha hyung fez uma cara estranha, pediu para ir até o estábulo e se levantou. Pela primeira vez na vida, andei de trator, e fui até o estábulo no alto da colina. As vacas enfraquecidas estavam mugindo em um som muito diferente de “mu”. Faz dias que não sai leite. Em concordância, os olhos das vacas estavam vermelhos. Se isso é doença, não teria de procurar veterinário ou algo assim? Eu inclinei a cabeça. Veja isso. O que Gui-Ha hyung indicou foi uma coluna no canto do estábulo. Como vou dizer, no meio da coluna tinha um buraco de 10 centímetros de diâmetro em ângulo inclinado. Tive a sensação de aquilo ter sido furado com furadeira por um momento. O que é isso? Perguntei de pronto o que era. Em vez de resposta, Gui-Ha hyung me mostrou arbustos perto do celeiro e terras em volta. Claramente, alguns lugares estavam amarelados e secos ou escurecidos de fuligem. Mesmo olhando desatento, era uma paisagem que contrastava com o verde em volta. O que é isso? Perguntei novamente. A expressão de Gui-Ha hyung estava congelada. Alguns suspiros saíram fracos e esbranquiçados como leite de vaca doente. Esses dias,

Eu estou recebendo ataque de alienígenas.

As vacas começaram a mugir de novo. Antes, eu escutei a história do Gui-Ha hyung. Falou sobre coisas que podia entender e também falou sobre coisas que não podia entender. Quando começou o ataque, tinha sido 15 dias atrás. Primeiro, tinha morrido um cachorro. O cadáver, como se fosse empalhado, não tinha nenhuma umidade. Logo, mais do que estar morto, mais parecia que algo tinha pousado tendo como centro o lugar onde estava o cachorro, essa era a dedução de Gui-Ha hyung. No raio de uns seis metros, as plantas estavam escurecidas e secas. Assim. E no dia seguinte, avistou o óvni. Quem descobriu o disco que estava flutuando mais ou menos a 10 metros de altura foi nada mais, nada menos, do que Gui-Ha hyung. O disco permaneceu uns cinco segundos e depois desapareceu. Esse foi o começo. Os discos apareceram seguidamente, começaram assim esses ataques estranhos. Literalmente, eram ataques estranhos. Em questão de uma noite, a plantação de acelgas estava toda estragada, uma parte do arroz, que estava amadurecendo bem, se transformou em palha de repente. Os caules e folhas das plantações especiais dentro da estufa esfarelaram-se como cinzas, e ontem à noite, quando Suk foi para a cidade, dispararam algo como raio laser no teto do estábulo. As vacas, que pularam assustadas vendo o disco, em questão de uma noite ficaram com os olhos vermelhos, e o buraco na coluna do estábulo tinha surgido nessa hora. Eu escutei até o fim, mais ou menos essa

história, do começo ao fim, assentindo com a cabeça. Por causa da minha reação de calma inesperada, parecia que Gui-Ha hyung recuperava a sua segurança. Idade em que não se abala^[xl]. Por isso me senti tranquilo. Não tem um tiquinho de mentira. Você me conhece mais do que ninguém. Eu não pensava que era mentira. Eu vi uma mulher de 44 quilos virar uma mulher de 72 quilos.

Aqui não tem polícia, ou autoridade parecida? Foi o que disse, na minha condição. Não é fácil falar de um assunto assim. E ainda por cima, eles me olham torto, porque se espalhou a notícia de que eu era membro da oposição. Pode ser. Tem os administradores de agricultura ou pecuária, mas é a mesma coisa. Eu não consegui falar nem para caras como Suk. Amigos de Seul também, é a mesma coisa. Acho que Gui-Ha Kang ficou frustrado na comunidade agrícola e está sofrendo efeito colateral tardio da tortura, devo pensar assim. Ah, pode ser. De repente, este mundo parecia outro planeta. Por isso, olhando de costas Gui-Ha hyung, senti que ele estava ainda mais solitário. As pessoas, umas para as outras, são todas alienígenas.

Nesse instante, senti que o que parecia um mu cruzou o ar. Ah! Gui-Ha hyung gritou. Quando levantei a cabeça, um disco voador estava pairando acima do campo de milho e disparando uma forte luz. Tive uma sensação estranha. A sensação de que uma mulher de 44 quilos se transformou em uma de 72 quilos e estava flutuando no ar? Instintivamente, coloquei o cigarro na boca. O disco voador deu voltas no ar desenhando várias elipses, exibiu movimentos impossíveis e desapareceu para algum lugar. Estranhamente, não senti, em nenhum momento, a sensação de perigo. Lembrei de disparo de flash, e era, no fundo, essa a sensação. É rápido. Eu só falei isso. Qual será o objetivo? Hyung também só falou isso. Depois disso, não falamos mais nada. Um som muito diferente de mu, as vacas começaram a mugir.

Mesmo depois do jantar, discutimos sobre o ataque sequencial. Eu gostei desse clima de seminário. Senti a forte sensação de que tinha voltado ao tempo da faculdade. Então, você que está no ramo de noticiários... Gui-Ha hyung abriu a boca com dificuldade. Ele não era uma pessoa que conseguia falar coisas que desagradassem aos outros. Consegui por isso compreender bem a parte final da frase que não terminou. Você queria algo como uma reportagem? Você também viu, com certeza. Sim, é realmente uma notícia para ser noticiada, falei assim, mas por dentro estava rindo. A emissora que hyung estava pensando que era meu trabalho, na verdade, era especializada em terceirização de produção. Não é que não tenha relação com a TV, mas não tinha nenhum tiquinho de poder de decisão. Ainda por cima, mesmo que passando por algumas etapas se conseguisse a reportagem, pode não ser uma boa para Gui-Ha hyung. A natureza do assunto podia ser facilmente tratada como fofoca. Se sáísse o rosto do Gui-Ha hyung em Acredite se Quiser, poderia ser algo tão terrível quanto um ataque alienígena. Ainda mais, não tinha garantia de que o disco voador iria aparecer novamente. As

várias etapas que podíamos pular, tudo podia ser interrompido se não fizessemos direito. Esses pensamentos, assim como o disco voador, voavam dentro da minha cabeça.

Como assim, matéria para notícia? Existe coisa mais importante do que isso? Finalmente, estávamos para ver o resultado da nossa técnica tradicional de pecuária, estamos sofrendo ataques disso. Você sabe quantos anos levou esse arrozal que virou palha? Hyung por um momento ficou exaltado, mas logo recuperou seu habitual discurso calmo. Por isso, Suk-Hyun, preciso da sua ajuda. Se eu cair assim, quem é que vai lutar por agricultura? O seminário em si, eu gostei. Pensava assim. Gui-Ha hyung — que esperava que chegasse logo o caminhão de transmissão —, eu vou fazer o meu máximo, para noticiar, precisa passar por várias etapas, respondi mais ou menos. Isso ou aquilo, deve ter tido muito prejuízo. Sei não. É grande o prejuízo, mas... No fim das contas, todos estão na mesma. O quê? Está dizendo que outras vilas também estão sofrendo ataques? Não é isso. É que em sinal de protesto à maior parte da política do governo, destruíram os campos e queimaram o cultivo. É que não dava dinheiro mesmo se vendesse.

Nossa. Falei e coloquei o cigarro na boca. Uma vila pacata, ou lugar que recebe ataque alienígena, estão na mesma situação. A comunidade agrícola era um lugar impossível de entender, por mais que se pensasse. O amigo Suk não chegava e não tinha mais nenhum incidente, esticamos os cobertores e nos deitamos cedo. O cheiro de incenso repelente de mosquito, que eu não sentia há muito tempo pinicava meu nariz e olhos. Suk-Hyun, você está dormindo? A voz de Gui-Ha hyung brilhou na luz do luar. Não, não estou dormindo. É, obrigado por tudo. Eu não respondi. É que nas entrelinhas das palavras do obrigado estava escindido um pedido de desculpa. Eu virei o rosto. O perfil do rosto que estava iluminado pelo luar parecia muito mais velho. No olho do homem que era reto e forte como folha verde de araucária, brilhou naquele momento, algo que parecia lágrima. Eu prendi a respiração. Mas as lágrimas não caíram, e foram absorvidas de novo para dentro do olho do hyung. De forte tensão superficial, eram lágrimas de luta. Nesses momentos, me senti muito solitário. Nem quando estava na cadeia me sentia assim tão solitário. Me parece que. Sim. Me parece que. Sim. “Meu eu de trinta anos atrás” pegou a minha boca emprestada e falou. A fumaça do incenso repelente de mosquito, que subia reta, parecia que estava quase chegando à dissimulada lua. Assim, a lua além da janela me parecia muito mais perto do que nunca.

Hyung. O que você acha de ser político, nem que seja agora? Do nada, escaparam essas palavras. Nunca mais diga isso. É que... Isso, do meu ponto de vista, não tem resposta. Sinceramente é assim. Depois, eu falei da vida de Kim e Jung. Claro que não deixei de fora a história de vida do veterano Jung. E comparativamente, contei na sequência sobre o que eu sabia da situação atual do

Lee, Yun, Yang, Ki e Park. Estão. Todos muito bem. Gui-Ha hyung falou. Ainda bem que. Todos estão bem. Por isso, hyung, cortou o que eu estava dizendo, e Gui-Ha hyung continuou acrescentando as palavras. Mas Suk-Hyun, alguém disse assim.

Para alcançar um nível superior, tem que se deixar de fazer algumas coisas, então, para alcançar um nível superior, temos que deixar de fazer algumas coisas, não é?

Por isso.

Fiquei revirando na cama, ainda por cima cansado de dirigir, acabei dormindo até tarde. Nesse intervalo, parecia que Gui-Ha hyung já tinha dado uma volta no estábulo, arrozal e plantações. O dito amigo Suk ainda não voltou? Sim, o cara sempre dá uma de emissário do rei que não volta. Deve estar na lan house da cidade. Fica jogando não sei o que e fica perdido. Não serve para ser agricultor... Falei isso e depois fui ao banheiro. Fui ao lugar onde Gui-Ha hyung indicou, mas lá era o que, diria, uma fossa séptica. Não tem outro lugar? Esse é o único banheiro daqui. Depois fiquei escutando na sequência sobre fundamentos detalhados de agricultura clássica, a conexão entre arroz e cocô, a importância desse ciclo e, sem aguentar, mordi os dentes e entrei no banheiro. Mormaço, foi o que senti. Coloquei o cigarro na boca. A minha vontade era pegar o carro agora e ir até a lan house da cidade. O sol além da janelinha me parecia muito mais distante do que nunca.

Comi a refeição da manhã^[xli] tardiamente e, quando terminei o trabalho de fornecimento de água no arrozal, já era quase meio-dia. Fiz apenas um pouco da tarefa diária e, estranhamente, eu comecei a ficar farto da comunidade agrícola. A partida é amanhã. Lavando a mão suja de terra, senti que eu já tinha cumprido a minha intenção. Nem que seja por educação, temos que tomar uma, não é? A água era cristalina, mas não dava para controlar a temperatura. E tudo isso, para mim, era desconfortável. E se hyung voltasse a fazer política, eu pensei de novo. No mínimo, seria um deputado. Não, no mínimo, não ia sofrer nas mãos de alienígenas. Acha estranho? Lembrando o indivíduo que enche a maleta de dinheiro com isso, não podia ainda mais pensar nisso.

À tarde, filmei com a câmera a ponta do arroz que virou palha e plantações que se esfarelaram esbranquiçadas. Gui-Ha hyung deu muitas explicações, mas, eu olhando, não passavam de pontas vazias de arroz. Tinha bastante bateria na câmera, e pensei que uma dedicação assim seria uma cortesia. O cadáver do cachorro morto realmente era estranho. Mesmo que se façam truques, o formato era difícil de se fazer. Enquanto movia a foto do cachorro para a câmera, e se eu filmasse o disco voador? Fiquei com essa vontade. Se tivermos a evidência, o problema muda. Existe a dimensão de matéria especial e, se noticiar bem, a ideia

pessoal do Gui-Ha hyung tinha possibilidade. Nunca se sabe, chequei a câmera. Como sempre, não tinha nenhum problema.

Como câmera que funciona bem, era uma tarde sem problemas. Parecia que eu estava repassando as imagens que filmei. Só apareceu por um instante um indivíduo que chegou de carro e perguntou se não tinha intenção de vender o terreno — obviamente, recebeu a negativa e foi embora, dizendo para ligar depois e deixando o cartão de visita escrito “Associação de Imobiliária Livre do Comitê Central de Desenvolvimento de Terra da Coreia”. Isso era tudo. Era tudo, e tomei um copo de makgeolli^[xliii] com Gui-Ha hyung, e ligamos para alguns veteranos. A situação aqui é difícil (evidentemente, tirando a história do disco voador). Mesmo dando notícias, não tenho cabeça para dar continuidade nisso. Escutei essa conversa. Escutei, também, todos estão passando por dificuldade, né? Por um momento, troquei algumas palavras com Gui-Ha hyung sobre o panorama mundial e problemas sociais da Coreia do Sul — nessa normalidade, acabei tirando um cochilo da tarde. Não sei quanto tempo dormi, mas por causa dos mugidos das vacas realmente muito distantes de mim, nós abrimos os olhos. Tendo como pano de fundo o crepúsculo, na colina, estava flutuando um objeto brilhante de forte coloração luminosa.

Era o disco voador.

Sobe. Segurei na mão do hyung, que subia no trator, e dei partida com vigor no 4x4. A câmera já estava na mão direita e, como se tivesse 44 quilos, senti meu corpo leve. O disco voador ainda estava parado no lugar. Não sei se foi por causa da luz emitida, o seu aspecto era totalmente diferente do que vi à luz do dia. Eu apertei o botão. Flash, flash. A luz da câmera começou a pulsar como se fosse o coração de um ser humano. Nossa! Gui-Ha hyung gritou. Não, aquilo era uma visão esquisita a ponto de eu mesmo querer gritar. A parte inferior do disco voador estava aberta na maior parte e, através dela, uma luz que parecia uma coluna estava se estendendo em direção ao estábulo. E através dessa coluna, uma vaca estava sendo puxada para dentro da nave. Tive de impedir Gui-Ha hyung, que queria sair correndo atrás. As vacas, que perderam uma companheira, mugiram fazendo um grande barulho, como se fosse de um monstro do espaço.

Depois, tudo ficou calmo. O disco voador que puxou a vaca desapareceu, e as vacas, como se fosse mentira, pararam na hora de mugir. Só nessa hora que Gui-Ha hyung abriu a porta e saiu correndo. Eu também corri atrás. E acabamos presenciando uma imagem que não deveríamos ter visto. Era uma cena terrível. Todas as vacas estavam mortas, e os corpos carbonizados enegrecidos estavam revirados e muito inflados, como se fossem balões. Chuá, chuá. Por causa de alguma pressão interna, o leite estava jorrando das tetas como se fossem chafarizes. Até a imagem de Gui-Ha hyung caindo no chão era tão terrível que acabei gravando. Apertei o botão de parar apressadamente. Não, antes de apertar

o botão de parar, o mundo já estava parado. Tinha essa sensação.

Tentava diminuir a respiração ofegante e passei a imagem gravada. Não sei o que aconteceu. No lugar em que com certeza deveria estar o disco voador estava gravado apenas o espaço vazio e a escuridão. Somente o estábulo, o cercado e a agonia das vacas estavam enchendo a tela escura. No sentimento de dúvida, ajustei o contraste, mas o resultado era o mesmo. Bum. Nesse momento, no canto do estábulo, um dos cadáveres explodiu. Um gás intoxicante e tripas que pareciam larvas de monstro do espaço estouraram para fora. Eu peguei Gui-Ha hyung e saímos às pressas do estábulo. A ideia de voltar para o alojamento foi depois que fumei dois cigarros, um atrás do outro. Vamos voltar e pensar em um plano, falei assim, mas Gui-Ha hyung não me respondeu. Tanto eu quanto Gui-Ha hyung sabíamos que não existia nenhum plano. Aqui...Tem muito mosquito. Balbuciei colocando o cigarro na boca. O caminho da noite era escuro e a luz do alojamento estava apagada.

O policial responsável atendeu muito educadamente o telefonema. Perguntou checando o lugar e a situação, mas senti que ficou aborrecido depois de ouvir que parecia um ataque alienígena. Ah, alienígena. Depois disso, não perguntou mais nada. De qualquer jeito, vou visitar o local da ocorrência. Aí ficamos arrependidos de ter falado de alienígena, mas já era leite derramado. O que adianta o policial vir, tive esse pensamento também. Não conseguia ficar calmo. Gui-Ha hyung estava deitado como se fosse água gelada esparramada. Por isso, o meio do quarto parecia muito mais frio do que de costume.

Mas esse Suk não tá vindo hoje. Gui-Ha hyung, que não se mexia, só se levantou nessa hora. Pensando bem, não ficou tanto tempo fora assim. Mesmo que tarde, chegava sem falta no dia seguinte. Gui-Ha hyung e eu engolimos a saliva ao mesmo tempo. A palavra ataque e a imagem da vaca sendo puxada me golpearam com força a cabeça. Liguei novamente para a polícia. Desta vez é notificação de desaparecimento. Deixa eu atender. Gui-Ha hyung, que pegou no gancho, falou os dados pessoais do dito amigo Suk e o número da placa do carro, marca e modelo, em detalhes. O policial, mais sensível às ocorrências das pessoas da Terra, terminou a ligação dizendo que ia entrar em investigação já. Quando o policial ligou, era meia hora depois disso. Professor Kang, o carro que o senhor falou está na loja de carros usados de Inche. Mas está registrado como carro vendido por vias legais, será que o senhor poderia me explicar? Como assim, venda? Então, aparece aqui que o senhor vendeu o carro, dois dias atrás. A explicação coube a mim. Tá tudo bem. A pessoa é importante. O que importa esse negócio de carro. Em voz baixa, do lado, Gui-Ha hyung ficou balbuciando.

Escutei o barulho de ponteiro de relógio. Era o relógio que um funcionário da produção internacional tinha me dado de presente quando foi à Europa há cinco anos. Capaz de surgirem as palavras “força-tarefa millenium”, era uma

época em que tinha muitas produções internacionais. Sobrava dinheiro. Quanto mais eu gastava dinheiro, quanto mais trabalhava, sentia na pele o conceito de comunidade mundial. Acho que era um programa que cobria a indústria relojoeira suíça. Lembrei de ter assistido junto com a mulher a imagem de um artesão de cabelos brancos terminando de construir. Esse relógio é aquele relógio. Então, eu estava escutando o barulho do relógio pela primeira vez depois de cinco anos. Comunidade mundial. Por isso, naquele instante, parecia que ela tinha ficado silenciosa. Quanto mais trabalhava. Quanto mais trabalhava. Quanto mais trabalhava. Quanto mais trabalhava. Quanto mais trabalhava. Seguindo a previsão exata do barulho do relógio, eu mergulhava no pensamento vago. De repente, eu. Tive saudades, não da Europa, mas de Seul. Por isso senti fome. Você precisa comer. Gui-Ha hyung negou com a mão. Comendo quase não comendo. Depois de comer sozinho, acendi o incenso repelente de mosquitos. Tinha muitos mosquitos no alojamento. O espaço entre duas pessoas que não se falavam estava sendo tomado por uma linha de fumaça silenciosa lentamente. Nesse momento, tocou o celular. Era minha mulher.

É você, amor? Sim. Do pano de fundo da voz sobressaía um som barulhento e parecia que a mulher não estava ouvindo nada da voz deste lado. Como está a comunidade agrícola? Com voz alta sem necessidade, a mulher me perguntou. Sim. E... Bom. Respondi assim. Nós estamos no karaokê do hotel. E tem uma coisa que você vai ficar espantado. Você nunca escutou a nossa Hae-In cantando, não é? É. Aqui, por causa da Hae-In, está uma loucura. Então escute. Por isso, naquele momento, eu tive que escutar minha filha cantando.

Nossa, nossa, não seja assim. O coração de uma mulher é como um junco. Não pode. Como assim? Não me pergunte. Além do gancho, vinha a voz da minha filha, do espaço. Depois, começou a bajulação da minha mulher. O que achou? É demais, não é? dança também, é muito boa. Amor, acho que devemos fazer da nossa Hae-In uma cantora. Não é? Achei que essa voz ia ser absorvida pelo ouvido do Gui-Ha hyung. Tá, tá. Eu assenti com a cabeça rapidamente. O celular que eu segurava parecia ter 72 quilos.

Suk-Hyun. Quando terminei a ligação, Gui-Ha hyung abriu a boca. Sim. Gui-Ha hyung estava com uma incomum expressão inabalável. Vá embora. Mas então... Saíam essas palavras automaticamente, mas não consegui terminar. Não, eu que peço desculpas. Nem era para ter pedido favor pra você. Amanhã de manhã, o policial vai vir também, então pode ir sem se preocupar. Como já tinha passado das 10 horas, primeiro, eu estendi o cobertor. Mesmo que eu vá embora amanhã, me levantar para ir embora agora não estaria certo, pensava assim. Meus sentimentos estavam confusos. A lua estava clara. E o rosto do Gui-Ha hyung mergulhado no luar parecia estranhamente em paz, então eu não consegui me segurar. Hyung... Tá tudo bem? O que parecia “estudante de 17 anos atrás” pegou a minha boca emprestado e falou. Uma vez que não era diferente de 17

anos atrás, atravessou a escuridão. Como vou estar bem? Agora... O que pretende fazer?

Não sei.

E por muito tempo ficamos sem nos falar. Bum. Veio da colina barulho de cadáver de vaca explodindo. Não sei. Depois de escutar o barulho, também tive o mesmo pensamento. Arrasta arrasta. A mão do Gui-Ha hyung segurou no escuro a minha mão. Diferente de 17 anos atrás, era uma mão maior e rústica. Suk-Hyun. Amanhã, não se esqueça de levar um pouco de arroz. É que de manhã eu já separei uma saca. Como não sei se vou lembrar, estou dizendo antes. É isso... Só o que tenho que dar é arroz, e me desculpe por isso, mas é realmente um bom arroz. Entendeu? Como se a saca de arroz tivesse pressionado o meu peito, não saía nenhuma palavra. O arroz que foi cultivado no meio de um ataque alienígena não desceria pela garganta, pensava isso também. Novamente bum. O barulho, que não conseguia passar pelo cume, voltou como eco.

Não sei.

Eu me esforcei para dormir. Nunca mais vou voltar pra cá. Me concentrei no barulho de ponteiro do relógio suíço. Quanto mais trabalhava. Quanto mais trabalhava. Quanto mais trabalhava. Quando acordei, estava quase amanhecendo. Gui-Ha hyung balançou meu corpo vigorosamente. O quarto inteiro estava iluminado e cegante, mas não era sensação de calor do sol. Me recompus e coloquei os óculos, e vi pela janela uma parte do imenso objeto que emitia a luz. Era o disco voador. Nós paramos de respirar. O disco ficou parado por muito tempo e começou a se mover lentamente. Uou uou. Desta vez não era o único. Uns sete discos voadores se reuniam no alto do arrozal ao longe. Procurei a câmera e filmei novamente a imagem, mas o resultado era o mesmo. Impotentes, só podíamos ficar observando a movimentação dos discos. Os discos voadores mantinham uma formação concêntrica, em seguida, cada um abriu um compartimento e começou a disparar raios. Tive um pressentimento ruim. Quando teve a sensação de que os raios estavam vasculhando o arrozal inteiro, Gui-Ha hyung saiu correndo. Sem jeito, também saí correndo atrás dele. Liguei o carro por um instante, mas eu desliguei o motor e descí. Porque achei que iam notar se fosse de carro. Em vez disso, segurei o rifle de caça. E corri em direção a Gui-Ha hyung, que já estava muito à frente.

Quando sem fôlego cheguei à colina do arrozal, parecia que tudo já tinha acabado. Segurando um punhado de grãos de arroz, Gui-Ha hyung estava chorando. Peguei alguns grãos e também fiquei mexendo. Não tive nenhuma sensação de grão amadurecido por dentro, a ponto de estarem limpos, estavam completamente vazios. Dobra dobra. Como alguém que espanta revoada de pássaros, Gui-Ha hyung começou a vasculhar aqui e ali o arrozal. Pulando

alguma canaleta de irrigação, mexemos nos grãos de arroz negro. Também não conseguimos sentir nenhum grão. Por dentro da casca de grão só tinha escuridão completa.

Atrás de mim, ouvi a risada de Gui-Ha hyung. Não, parecia risada, parecia choro, vinha um som estranho. Eu não tive coragem de olhar para trás. Em vez disso, virei o pescoço e olhei para o disco voador. Sensação de que a luz ficou mais fraca, os discos voadores ficaram ainda rodeando o local. Por que fizeram isso? Eu levantei o rifle e mirei, ao mesmo tempo gritei alto um “filhos da puta” que poderia sacudir todos os campos de plantações. Por que fizeram isso?

E no momento em que algo parecido com o “eu de 17 anos atrás” puxou o gatilho, de imediato virei a mira 5 graus para a esquerda. Instantaneamente. Não tem nada a ver comigo. Vingança. Se eu morrer, é só prejuízo meu, esses pensamentos explodiram na minha cabeça como um flash. Por isso, obviamente, tive que escutar o barulho do projétil cruzando o vazio. Ufa. O que parecia um suspiro acertou em cheio no meio do meu tímpano. Uou uou. Os discos voadores começaram a dar volta na hora. Foi uma reação logo em seguida ao disparo, mas senti na pele que não tinha nenhuma relação com nenhum disparo. Como se andassem para trás, os discos voadores começaram a recuar. Não. Eu gritei de novo. Para onde os discos voadores recuaram era o campo de milho. O motivo de o ser humano dar o máximo é porque é impotente. Essa verdade eu consegui entender, enquanto corria.

A aurora estava subindo. Por isso, senti que o amontoado de milhos de grandes estaturas era triste revoada de pássaros prestes a serem abatidos. O campo de milho estava balançando como em onda. Em um instante, tínhamos entrado correndo na estrada do campo de milho. Não sabíamos o motivo, mas isso era o máximo que podíamos fazer naquele instante. Chuá. De repente, de algum lugar vinha um barulho parecido com o do mar. Os discos voadores estavam mostrando um movimento diferente do anterior. Estão rodando. Quando pensei nisso, de repente fui empurrado por uma força e acabei caindo no chão. Aconteceu a mesma coisa com Gui-Ha hyung, que estava a alguns passos de distância.

Quando recuperei a consciência, um amontoado de galhos quebrados de milho estava soterrando a gente. Era um peso considerável. Quando juntamos as forças e conseguimos sair do monte de milho, não avistamos mais os discos voadores. No lado em que os discos voadores desapareceram, o sol da manhã subia esbranquiçado.

A visão do cenário era realmente horrível. Seguindo um padrão, os milhos estavam dobrados ou em pé. Dependendo de como olhava, tive a sensação de que estavam mantendo uma proporção exata de linhas. Hyung, isso pode ser crop

circle. Eu falei reunindo a respiração ofegante. Crop circle? Eu vi uma vez em um documentário. Se olhar do alto, estão desenhados círculos ou símbolos, tem uma teoria de que são mensagens de alienígenas. Mensagem? Respondeu também reunindo a respiração ofegante. Como se fossem dois espantalhos que voltam para o depósito, plec plec, voltamos para o alojamento. Entra. Eu dei a partida. Como se fosse um escaravelho medroso, fazendo forte barulho de rotação, o veículo 4x4 ficou em cima da colina íngreme. Nós, que descemos do trator, fomos andando até o fim da colina. E naquele lugar — como se fosse o espantalho que encontrou o seu lugar, com sentimento de quem abriu dois braços escancarados — conseguimos ter a visão geral do campo de milho. Lá



{xliiii}

Estava desenhado isso. De proporção surpreendentemente exata, era um imenso “KS”. Desgraçados... Disse Gui-Ha hyung abrindo a boca. Nos conhecem muito bem. Ah. Disse e coloquei o cigarro na boca. Tive a sensação de que o sol já tinha subido o que tinha que subir.

8. Ataque surpresa da lula-gigante

Que lugar é o mundo? Se você tiver que levar 21 anos para preparar — e mais, dependendo dessa diferença de postura —, o mundo pode se transformar na própria A Grande Enciclopédia dos Monstros. Eu penso assim. Não. O mundo já pode ter se transformado em um monstro.

Quando eu era criança, tinha uma revista que iluminava o mundo escuro do oceano profundo, chamada Sonyuenjoongang. Eu não era exatamente um garoto que queria saber das coisas, mas também não era mesmo uma pessoa que queria caminhar sem rumo pelo mundo escuro, a esmo. Dependendo do ponto de vista — este mundo, principalmente o farol — era de dar medo. Eu era, no fundo, uma pessoa comum que se apoiava na luz ou na bússola e, diante do mundo incompreensível, por causa desse motivo, sempre consultava a Sonyuenjoongang. Sonyuenjoongang era uma revista que tinha um conceito definido para esse tipo de crianças — conhecimento é força. A humanidade lê livros ou compra revistas por causa dessa confiança. Devem existir algumas falhas, mas crianças também são uma espécie da humanidade.

A primeira vez que vi fotos de lula-gigante foi quando terminou a matéria especial dividida em três partes intitulada “Descubra a besta selvagem mais forte do planeta!”. Em um torneio de 16 divisões de finais, como surpreendentemente o elefante africano venceu, meu senso de julgamento estava atordoado. Como assim? Não é que eu odiava o elefante. Como o oponente era um tiranossauro rex, a desconfiança tinha ficado ainda maior. Mesmo que seja um combate imaginário, tem que ter uma lógica, não? Senti que o mundo ficou de repente escuro, liguei para a Sonyuenjoongang. Alô? Alô. Quem atendeu o telefone era uma mulher da redação que tinha uma voz de coelho angorá.

É sobre a besta selvagem mais forte...

Sim. Pode falar.

Como é que o elefante pode ganhar do dinossauro?

Ah, isso é decisão de especialistas. Tem muitas diferenças de opinião com as de crianças?

Mesmo assim, não consigo concordar com elefante ganhando de tiranossauro. Se fosse estegossauro, tudo bem.

Como a repórter fez voz de coelho angorá eu, como se fosse uma fada das cenouras que luta contra o coelho, falei com força no convencimento. Realmente existe força nas palavras como convencimento. Pensava assim.

Você que está bravo, já viu alguma vez o elefante africano?

Eu... Nunca vi.

De acordo com especialistas, a orelha de um elefante africano bravo cresce duas ou três vezes. Não é fantástico? Então, que a nossa criança estude bastante. Clic.

Como ela desligou o telefone como se quebra uma cenoura, não consegui

responder nada. Revoltado, parecia que minha orelha tinha aumentado duas ou três vezes. Acima de tudo, eu não estava convencido. Disquei de novo o telefone, mas sempre estava ocupado. Clic. Acho que, tinha a impressão de que, tirando eu, parecia que estava conversando com o mundo todo.

Tópico internacional. O barco pesqueiro americano que passava perto da Nova Zelândia pescou uma lula-gigante de 150 metros e virou notícia. A lula, que recebeu o nome de lula-gigante, era um ser vivo misterioso que vivia nas profundezas, e foi divulgado que já o esconderam. Um pescador exibiu uma perna comprida esticada no convés.

Foi quando eu soube da lula-gigante. Foram algumas páginas depois do elefante que conquistou a simpatia dos especialistas e ganhou do tiranossauro. Era um dia de primavera, logo depois de o coelho que dizia manter contato constante com os especialistas ter esmagado a fada das cenouras. Como era o momento em que o mundo inteiro conversava, tirando a gente, era um encontro muito mais silencioso, solitário e exclusivo. Mergulhado numa profundidade que a respiração dos especialistas não alcançava, eu estava tentando me convencer desse fato. De 150 metros? Nossa!

Eu fechei a Sonyuenjoongang que estava lendo. Não é hora de ficar lendo Sonyuenjoongang. Isso não seria o senso comum da humanidade, do homem, de um garoto. Foi isso que eu pensei. Em algum lugar do mundo tem lula-gigante. Se isso não significar que a humanidade, o homem, um garoto, não pode ficar de braços cruzados, o que seria? Como se eu estivesse correndo 150 metros, o meu coração pulava tumtum. Quando senti que todas as ligações tinham terminado, rapidamente, eu liguei para B. Tirando o mundo todo. Era a nossa ligação.

2. A GRANDE ENCICLOPÉDIA DOS MONSTROS

Isso é grande demais... Era a primeira frase que B disse. B era uma espécie de enciclopédia ambulante sobre monstros. Por isso, eu só podia assentir com a cabeça. Não é? Pois é. Depois, B puxou da estante um livro chamado A Grande Enciclopédia dos Monstros e se sentou arrumando a postura. 150 metros... Em outras palavras, mesmo revirando o seriado Godzilla, desse tamanho de monstro seriam King Ghidorah e Mosura. É quase um Manda. É louco que isso exista, não é? Que seja, mas como eles puxaram isso? Mesmo o mais leve, Mosura tem 20 mil toneladas... 20 mil toneladas? Se assustou? No caso de King Ghidorah, já chegou a 70 mil toneladas. Como é em um mundo em que o tamanho é multiplicado por três... E se pensarmos na pressão das profundezas, seria impossível com esse peso, mais ou menos, não é?

Enquanto B foi comprar Fanta, eu pensava. A lula-gigante com 150 metros

de altura, que por algum motivo tinha vindo à tona. Kuom. Não sei porque a lula faria um barulho assim, e cada ponta das pernas, que têm milhares de toneladas, destruiria cada coisa em que encostasse. Os prédios e estradas caindo. Os carros e trens se quebrando. E pensando na humanidade que, ou seria esmagada, ou fugiria em carreira, as pessoas e o elefante africano, a minha cabeça já tinha virado campo de destruição. Bem, aparece no diagrama do ecossistema. Bebendo Fanta, B fez uma cara confusa de laranja em tempo de dilúvio.

No fim, B e eu mostramos o artigo para o professor responsável do ano passado. O professor responsável do ano passado era uma pessoa muito compreensiva, a ponto de poder ser chamado de educador exemplar. Por isso, nós sempre tínhamos saudades do ano passado. Um professor que, no meio da aula, fala sobre os sete mistérios do mundo, era uma coisa tão rara quanto os sete mistérios do mundo. Por isso, o professor sempre tinha muito voto de confiança da gente. Se eu soubesse da palavra “reputação” naqueles tempos, eu lembraria do professor responsável do ano passado como de grande reputação. Revirava várias vezes o artigo circulado em A Grande Enciclopédia dos Monstros, o professor estava mergulhado em um pensamento profundo. Não sei. Isso não seria um exagero? Mesmo falando assim, o professor parecia ter recebido um choque considerável.

O que o professor está fazendo? Professor, o que é isso? Nesse instante, os alunos da 3ª série, que chegaram como nuvem de gafanhotos, cercaram a gente. O professor — com expressão de incômodo. Me desculpe. É que eu fiquei responsável pelos jogos coletivos. Desculpe. Desculpe mesmo. Assim nos devolveu o livro com pressa. Que decepção. Pois é. Olhando para a nuvem de gafanhotos que, vestindo uniforme, encheu o campo de futebol da escola, tivemos vontade de aprender a fumar, saímos das aulas da 3ª série. O céu era limpo e as nuvens estavam altas. Não sabia, mas achava que era o melhor clima para fumar um cigarro.

Como sempre, subimos no terraço. Como sempre, o terraço estava vazio, e encostado no último corrimão, pensei na lula-gigante que eu dizia ter sido exagerada. Kuom. Entre os gritos de monstros, era um grito muito convincente. Contando grandes espaços no chão de concreto, como se fosse o pescador que estica as pernas da lula-gigante, fiquei perambulando no espaço vazio da escola. Kuom. No alto-falante, que ajustou o volume, estava saindo um dois junto com a voz de comando. Estava saindo uma música de marcha. Era a voz. Retumbante. Do professor responsável do ano passado. Como eu escutava do lado do alto-falante, tive um sentimento forte de que o mundo marchava. O mundo é um barco que marcha. Sem saber o que tem dentro do oceano.

Sabia que você estaria aqui.

Virei o rosto para a voz retumbante, o professor responsável do ano passado estava em pé, sorrindo. Não. Parecia próximo de uma aparição. Nós, o quê? Como, professor, dissemos e corremos em sua direção, como se estivéssemos surpresos. A voz de comando? É gravação. Para a 3ª série, tem seus jogos coletivos próprios. Desculpe por agora há pouco. Mas não podia mostrar a lula-gigante para quem estava prestes a participar de jogos coletivos, não é? Nem iam conseguir se concentrar. E o que vocês queriam não seria um “conselho em particular”? Foi o que eu presumi naquele momento. Por isso, pensei nessa solução. O professor abraçou a nós, que corremos para os seus braços, e, em particular, nos falou sobre a seguinte história.

Escutem bem. Liguei para a Secretaria de Educação e descobri algumas verdades sobre a lula-gigante. Primeiro, eu penso que esse artigo é um “erro”. Dizem que a lula-gigante cresce entre 15 e 20 metros. Ou seja, na grafia de 15 metros, penso que o jornalista colocou o zero a mais. Ser vivo de 150 metros... É sério, não parece absurdo? Então, na verdade, se a gente pensar que a lula-gigante tem o tamanho de uma baleia, acho que não teria problema. O peso passando de uma tonelada...

Uma tonelada? Não milhares de toneladas?

Que história é essa de milhares de toneladas? Isso a Terra não consegue suportar. Como a lula-gigante só se movimentava nas profundezas do oceano, a gente pensava que era um animal raro. No romance Moby Dick, aparece a história da baleia branca lutando com uma lula-gigante, e em 20 mil léguas submarinas, de Júlio Verne, tem a cena da lula-gigante atacando o submarino Nautilus. Com certeza era um ser vivo que existia. Sobre o comprimento e o registro... Não sei. Cheque com o responsável da Sonyuenjoongang. Se for um jornalista dos bons, vai reconhecer o erro e vai pedir desculpas. Que tal, como um aluno digno de 4ª série, pedir por uma errata? Mostrar, diante do erro, força de cidadão de direito.

Kuom. Do alto-falante, que terminava a terceira música, saiu esse barulho. O mundo, o terraço, o barco, parou a marcha e, de repente, tinha estacionado como uma matéria inerte. Opa, está terminando a gravação. O professor responsável do ano passado, que se virava em passos lentos, falou repetidamente para ficarmos bem, como se fosse a gravação. Depois que o professor se foi, como se nós estivéssemos andando 20 mil léguas debaixo do mar, nossos sentimentos ficaram complexos e solitários. Viver no mundo com 15 metros parecia ter, com certeza, uma diferença grande com o viver no mundo com 150 metros. O único animal que acha que saber é poder, neste vasto planeta Terra, é apenas o ser humano. Por isso, o ser humano é insignificante.

Depois de alguns dias, eu liguei para a Sonyuenjoongang em particular.

Alô? Alô. Diferente da maior besta selvagem, a angorá reconheceu muito facilmente o seu erro. O que os especialistas pensam sobre esse problema? Não existem ainda especialistas em lula-gigante na Coreia. Você fez uma observação muito boa. O que, publico uma errata? Não, obrigado. Eu desliguei o telefone.

No mês seguinte, tinha a seguinte errata na Sonyuenjoongang. Mês passado, no tópico internacional, no artigo sobre lula-gigante, corrigimos 150 metros para 15 metros.

Um dia, estava saindo da sala de aula, B, que segurava uma trena de 10 metros, estava me esperando. Fomos caminhando juntos até a pista de atletismo, e no fim da pista de 100 metros acrescentamos uma linha de 50 metros. Isso nos dava uma sensação reconfortante. O professor não sabe nada sobre monstros. Mesmo que seja uma boa pessoa. Revirando A Grande Enciclopédia dos Monstros, B balançava os óculos. Secretaria de Educação, a mesma coisa. O que a gente desenhou aqui no chão não seria a realidade? Esse chão. É real... Encarando a longuíssima linha de 150 metros, eu assenti com a cabeça.

O que vai fazer?

Eu acho que vou ser um solitário especialista em monstros quando crescer. E vocês?

Eu vou proteger a humanidade da lula-gigante.

Boa, então.

Que lugar é a profundidade do oceano? No programa especial que vi por coincidência, eu acabei escutando sobre as profundezas do oceano. Normalmente, “profundezas do oceano” significa profundidades acima de 200 metros. Mas nós ainda não conhecemos nada da profundidade do oceano — isso era o assunto do documentário que uma famosa emissora da Inglaterra levou longos 21 anos para filmar. Em comparação com a correção de 150 metros para 15 metros por causa de um telefonema — há uma diferença de postura. Eu pensei.

Que lugar é o mundo? Se você tiver que levar 21 anos para filmar um documentário — e mais, dependendo dessa diferença de postura —, o mundo pode se transformar na própria A Grande Enciclopédia dos Monstros. Eu penso assim. Não. O mundo já pode ter se transformado em um monstro.

3. JUNGANGYUNGYANG^[XLV]

Tinha uma revista chamada Jugangyungyang. Acredito que fosse uma revista que começou a ser publicada há muito tempo. Nunca comprei

Jugangyungyang, mas com certeza sabia da existência de Jugangyungyang. Tateando a memória, lembro que vi algumas vezes essa revista rolando por aí. Mas não sabia que tipo de revista era essa. Pensando bem, é uma coisa muito estranha.

Não seria uma revista que aborda os acontecimentos da semana e suas influências? O cunhado, que soube da minha preocupação, mandou gentilmente essa opinião por telefonema. Mas eu sempre lembro das capas com rostos de mulheres bonitas. Mas em que isso tinha relação com os acontecimentos? O cunhado ficou em silêncio por um tempo e disse o seguinte. Haha. A metade do planeta são mulheres.

Essas linhas são exatamente, desde o dia em que B e eu riscamos a linha de 150 metros, os lembretes dos acontecimentos durante exatos 20 anos. Explicando, nesse tempo, na minha vida, não existiram muitas semanas e muitas influências? De qualquer maneira, é essa a sensação. Com certeza, assim como Jugangyungyang, eu vivi, mas não sabia que tipo de vida tinha sido essa. Pensando bem, isso também é uma coisa muito estranha.

É vago, mas assim como me lembro das capas de mulheres, eu vou lembrar das influências que a lula-gigante me exerceu. Não tem relação com os acontecimentos, nem com a minha vida — era uma decisão importante que tomei depois do término de um pequeno silêncio. Na verdade, eu nunca vi nenhuma lula-gigante rolando por aí. Durante 20 anos que se passaram, os homens e mulheres estavam ocupando metade cada um do planeta. Isso não é uma coisa estranha.

E eu — com certeza — nesses 21 anos, fiz, com certeza, 20 anos^[xlvii]. Isso também não é uma coisa estranha. A coisa estranha é que, mesmo assim, eu não consegui me esquecer da lula-gigante. Quando penso em coisas que esqueci nesses 20 anos, isso não é injusto, nem coisa estranha. Mas por causa de todos os objetos que eu esqueci, escrevo estas linhas, com arrependimento em relação ao mundo.

Primeiro, eu não consegui cumprir a promessa. Como a lula-gigante não apareceu, não tinha o que fazer. Em compensação, eu me tornei piloto de avião de caça. Sem nenhuma relação com lula-gigante. Foi uma decisão também sem relação com a humanidade. Quanto mais alta fosse a altitude, mais distante das profundezas do oceano eu iria ficar.

A humanidade que cumpre promessa, será que é algo passível, de se existir? Toda vez que voava, eu frequentemente mergulhava nesse pensamento. Vinte e um anos atrás, alguém como eu deve ter feito também uma promessa.

Mesmo assim, nós nos concentramos por muito tempo na lula-gigante. Eu acho que foi, sim. Entrava e saía das bibliotecas, e coletávamos informações sobre lula-gigante, e também praticávamos tae kwon do. Não sei ao certo o motivo — mas acreditava que tae kwon do seria o básico para proteger a humanidade. Também procurei o mar. Diria que era como visitar uma locação? Lembro que foi com essa sensação que subi no ônibus. Foi a primeira vez em que vi o mar.

É uma coisa estranha, mas o mar parecia muito maior do que a Terra. Isso é. Mesmo que um bando de lula de 150 metros vivesse aqui, não seria nada estranho. O B olhou o mar com um olhar cheio de certeza. Não dá para acreditar em informações da biblioteca. Este mundo é tudo gravação. Como se as fitas se embaralhassem — kuom. Do nosso coração ou de dentro do mar, saiu esse barulho.

A competição terminou bem. Depois de ter terminado a competição, nós encontramos sem querer o “professor responsável do ano passado”. Tudo bem? Ah, sim, sim. Do lado do professor tinha uma mulher segurando seus braços. São meus alunos. Nossa. Que gracinhas. A mulher tinha voz de coelho angorá

Junto com o professor responsável do ano passado e a mulher, nós tomamos sorvete e nos separamos. Uma vez escutei da boca do professor responsável a história sobre a orelha do elefante. A maioria das pessoas é gentil. O professor responsável também não gostava de répteis.

Tempos depois, B encontrou um monstro chamado “Kraken” num livro chamado Lendas da Antiguidade. Existem histórias de encontros com Kraken que passaram de boca a boca entre os pescadores da Noruega — ele tinha uma circunferência das costas (ou parte de cima) que chegava a dois quilômetros e meio, e dizia-se que era um monstro com aspecto parecido com o de um polvo ou lula gigantesca. Por parecer como uma ilha, os marinheiros paravam o navio, desembarcavam e ficavam andando nas costas do Kraken, e sofriam adversidades. Os tentáculos eram grossos e escorregadios como mastros, e maior que qualquer coisa. Não existia ninguém que tivesse visto o Kraken.

Abrimos o mapa-múndi e procuramos por “Noruega”. Noruega era um país situado em um lugar muito distante da Coreia.

Depois de algum tempo, B se mudou. Coincidentemente era para o bairro vizinho, que distava dois quilômetros e meio. Pense que entre mim e você tem um Kraken. Com a sensação de estar andando nas costas da lula-gigante, eu ia para a casa do B. Era verão, e entre as nossas casas, tinha cinco pontos de ônibus e sete máquinas de venda automática. Será que a lula-gigante tem calor como fraqueza? Olhava para o mapa, que não se mexia, eu pensava assim. Era como se olhasse para as costas da lula-gigante, que não se mexia.

Por causa do clima quente, nós conseguimos ser estudantes de segundo ginásio^[xlvi], sem problema. Eu pensava que o motivo era esse. Em resumo, por causa de coisas como o clima que não mudava, a humanidade indefesa podia desfrutar a paz que beirava o exagero. O momento em que escrevo estas linhas também é verão.

Naquele verão, houve duas explosões-teste de bombas atômicas no Oceano Pacífico. O B soltou um discurso inflamado dizendo que a bomba atômica e a bomba de hidrogênio têm uma influência decisiva na formação de monstros. A humanidade praticou no total 2.046 experiências nucleares na Terra.

B também descobriu o fato impressionante de que a lula pode pular. Usando cientificamente os cálculos matemáticos, B chegou à conclusão surpreendente de que a lula, usando seu corpo, pode até derrubar um avião caça. Dependendo de como se imagina, era uma imagem muito poderosa.

Antes de virarmos colegiais, fomos de novo à escola. Era uma visita accidental. Estava passando por perto e tinha começado o treino de reservistas. Bom ver vocês. “O professor responsável do ano passado” estava ensinando o treino de escape de bomba atômica, de fechar os olhos, nariz e boca ao mesmo tempo. Olhos, nariz e boca abertos, tivemos uma conversa. O professor nessa ocasião estava interessado no outro lado da rua e na teoria da Terra oca. Nós balançamos a cabeça e não falamos sobre a lula-gigante.

Estranhamente depois disso, eu me distanciei de lula-gigante. Não é que virei as costas, é que apareceram, aqui e ali, novos interesses. Foi a mesma coisa com B. Depois que viramos colegiais, nós não falamos mais sobre lula-gigante. Isso não era uma coisa estranha. Estranhamente, foi assim.

O B que virou colegial falou apenas uma vez sobre os monstros. Pelo menos na minha memória foi assim. Olha. Sabia que quando você come Jawsbar^[xlviii] e escova os dentes faz espuma roxa? Naquele momento da ligação, eu estava comendo Candybar^[xlix], então, tenho na memória ter escutado a conversa apenas como pano de fundo. A singela palavra “jaws” foi o último nome de monstro que falamos.

Eu bem sei. Dentro do intestino do bicho sai cheiro de gim-tônica. Olhando para trás, um parente distante, que dizia que ia pegar um navio para o exterior, disse isso. Isso foi muito mais antigo — mas por causa da palavra gim-tônica, e como não era algo que era realmente crível, eu acabei me esquecendo disso. O que eu me lembro é que 10 anos depois foi que tomei gim-tônica de verdade. O parente, que foi para o Brasil, estava sofrendo de malária.

Na época de cadete, teve uma única vez que coloquei para fora da boca algo sobre a lula-gigante. Eu estava muito bêbado e na companhia de um veterano que tinha acabado de terminar a cerimônia de posse. Qual é a ideologia da lula-gigante? Arregalando os dois olhos, o veterano me perguntou.

Ah, pensando bem, lembro de ter me encontrado com uma mulher que entendia de lula-gigante. Queria dizer que uma mulher que entendia de lula-gigante era tão rara quanto a lula-gigante — mas sem querer, encontrei essa mulher. Foi B quem me apresentou. Estudou fotografia. Antes de eu escrever essas linhas. Dormimos juntos apenas duas vezes. É assim que me lembro dela.

Foi no quarto dela, depois de termos feito sexo pela primeira vez. Ei, nessa vida... Qual era a coisa que você mais quer saber? A mulher, que estava passando a mão nas minhas costas, do nada fez essa pergunta. Depois de pensar muito, falei lentamente sobre a lula-gigante para ela. Eu entendo. Essa foi a inesperada reação dela.

Quando era criança, meu pai tinha um restaurante de sashimi. Era um restaurante de sashimi pequeno, um bem pequeno. Ao lado da entrada tinha um aquário grande que guardava peixes vivos. Dependia da estação, mas no canto mais perto da entrada geralmente tinha lula. Eu fazia lição de casa na pequena escrivaninha embutida do balcão. Assim... Em frente ao aquário. Por isso, sempre cruzava os olhos com lulas. Era incômodo, mas como o restaurante era em casa, acabei me acostumando. Você já olhou nos olhos de uma lula viva? Não. Claro.

Na entrada estava colado o adesivo “Puxe”. Mas as pessoas... Sempre saíam empurrando a porta. 10 em 10. Alguns encarando o adesivo. Kuom. Por causa do barulho que se segue depois da abertura da porta, os meus sentidos ficavam à flor da pele. Era patético. Mesmo para as lulas, claro. Olhando isso sempre... Como vou dizer? Se eu fosse lula... Ser humano, não dá. Acho que pensariam assim. Não é?

Não é? Também comecei a pensar assim. O ser humano sempre teimoso abre empurrando a porta que tem adesivo “Puxe” e sai puxando sempre teimoso as portas com adesivo “Empurre”. Eu também era um ser humano assim. Não sei se ela escutou o barulho que foi feito assim. Depois da segunda vez que dormimos juntos, ela foi para o Nepal.

Depois de voltar do Nepal, por um tempo morou junto com B. Parei de escrever o que estava escrevendo e liguei para B. Você por acaso escutou dela algo sobre lula-gigante? Não. B respondeu curto e grosso. Você sabe por acaso para onde ela foi? Não sei, ouvi dizer que mora na Austrália. Austrália? Não sei... Será que era Áustria?

Isso é tudo que eu sei sobre lula-gigante. Vivendo muitas semanas, e o que eu sofri de influência de lula-gigante. No fim, mais do que isso, sofrendo influências ordinárias, aos poucos virei o “eu” que sou agora. Passaram-se 21 anos. Fechando os olhos, nariz e boca, é tempo suficiente para que um ser humano seja um homem ordinário. Finalmente, eu me tornei uma pessoa que entende o sentimento de uma pessoa que altera o tamanho de lula-gigante de 150 metros para 15 metros.

A humanidade continuou fazendo experiência com bomba atômica.

Será que a humanidade não teve uma influência que a humanidade não poderia dizer? Passando por uma porta giratória que não tinha a necessidade de se puxar ou empurrar, eu pensava assim. B e eu nos tornamos, lado a lado, pilotos de caça F-16. Parece algo especial — mas, no fim, nos tornamos o ser humano comum como um grão de areia na praia.

Quando penso em lula-gigante de 150 metros é ainda mais assim. No fim, o “eu” é uma pessoa entre “ninguém” e “alguém”. E isso é a nossa influência. Ninguém, eu. Alguém, eu.

4. SASANGGUE^[L]

Houve um acontecimento especial em 1998, e foi a publicação mensal Sasangue de junho. O que tem de extraordinário em uma publicação mensal de junho, você poderia pensar, mas isso já fazia 28 anos. Depois de maio de 1970 (volume 205), era junho de 1998 (volume 206). Depois disso, o volume 207 foi publicado repentinamente em junho de 2000. Isso é porque a nova política de registro de periódicos apresentada em julho de 1996 instituiu uma nova regra, que “se a suspensão da publicação ultrapassar dois anos, o registro é cancelado”. Para escapar disso, como um livro educativo, tinha sido publicado apenas um volume.

Sasang é isso aí. Sentido à força de Sasang. Não deixe de se surpreender com a verdade de Sasanggue. Estamos bem sem Sasanggue. Opinião única é abstenção! Se fosse você, que título escolheria?

O ataque-surpresa das lulas aconteceu exatamente hoje de manhã. Eram 8 horas, 34 minutos e 28 segundos. Pelo menos, isso foi o que a Coreia instituiu como a hora exata. As lulas-gigantes subiram das águas de repente e paralisou-se instantaneamente tudo. Diziam que uma embarcação que estava estacionada perto do mar do leste tinha avistado o que parecia um óvni-mãe — um gigantesco objeto de 3 quilômetros de diâmetro, mas o que apareceu nas cidades era, na maioria, lulas de 150 até 500 metros. Ninguém sabia por que isso tinha

acontecido. Por isso, ninguém, nem eu, alguém, todos que estavam desprevenidos acabaram sofrendo o ataque. Como grão de areia da praia que assiste ao tsunami diante dos olhos, nós só podíamos aceitar.

Eu me mudei. Então, sete minutos de distância até a estação Ahyeon. Tive saudades, então andei até lá, perambulando. Cinco anos atrás, eu tinha alugado um quarto perto. Construído dentro do jardim de uma mansão, era no 2º andar de um prédio pré-fabricado de madeira. Um dia, a pedido do velhinho proprietário, fui comprar o aparelho individual de tratamento por estimulação — mas isso me serviu de começo e fui trabalhar na área de aparelhos médicos. Será que o velhinho ainda está vivo? Se eu tiver um tempo, penso em dar uma passadinha para visitá-lo. Depois de ajeitar a gravata, eu checo a agenda. 9 horas, visita ao hospital Amparo de Mokdong. Como sempre, coloco um cigarro na boca. Quando acendi o cigarro, levantei a cabeça. Diante dos meus olhos, estava parada a lula-gigante.

Principalmente na semana passada, que despejaram um monte de mercadoria, eu não tinha cabeça para nada. Ei, ei. Boa volta. Quando o diretor se levantou era 1 da manhã. Ei, ei. Vamos só nós fazer um upgrade. Tinha uns três ou quatro assistentes, e isso tinha estragado o ambiente. Pegamos táxi. O que você acha do bairro de Hannam? Falei assim, mas o lugar chamado Sujin é diferente da fama. Como vou dizer, por educação? Mas ainda assim é uma casa mais ou menos boa e o ambiente é um upgrade meia-boca. Ei, Madam. Então está liberando os tópicos de gestão? Hoje / tudo / liberação? You know? Tá bom. Tá bom. Tô muito bêbado. O que vou fazer? Peguei o táxi de qualquer jeito e quase fui até Changdong, e pedi para encostar o táxi com a cabeça já sóbria. Me deixe aqui. Sauna 24 horas em frente à empresa. Me acorde. E eu saí há pouco da sauna, mas o que faço agora? O prédio da empresa não sei onde foi parar, e no lugar, a lula.

Até as folhas de gergelim, tudo bem. O problema é broto de feijão. Depois que a criança subiu rápido no ônibus foi que lembrei de broto de feijão. Bruum. Antes que pudesse resolver sentimento ruim, o ônibus fez a curva na rua 107. Pode ser que estrague. No pensamento sombrio, o sentimento, fácil de estragar como broto de feijão, já estava começando a exalar o cheiro de estragado. A criança tinha seis anos. É principalmente fraco de estômago e fígado. Liguei para o marido — mas, que seja. É apenas o almoço. Mas por que colocou broto de feijão no kimbap? Eu sempre falo, mas você é um tipo de mulher que não consigo entender, nisso desligou o telefone abruptamente. É sempre assim. Procurei tudo, estudei e fiz do jeito que está aí. Kimbap especial de verão, escolha especial de “melhores de cinco”. Ainda entre eles, o que precisa de cuidado e preparo, kimbap de cinco vegetais frescos. Também não sei. Fiz o que podia e ainda escutei essa. Não sei. Mas é fraco principalmente de estômago e fígado. Foi nesse momento que vieram inúmeros gritos. No lugar para onde virei o pescoço,

maior do que a rua 107, estava parada a lula-gigante, como se fosse a rua 107.

A situação se desenrolou naturalmente. Com cuidado máximo, abri a porta do 2º andar e entrei no quarto. O professor estava deitado na cama. Estava de chapéu de seda. E quando me viu. Ei. Acenou com a mão. A voz era muito clara, então fiquei um pouco preocupado. Mas você não precisa fazer essa cara. É anúncio de marca de café, então, faça uma cara séria e de adulto. Aí eu também posso fazer uma cara assim, não é? Ah, tá certo. Falei assim, mas isso é um problema. Não conseguia ser sério e adulto de jeito nenhum. Quantos modelos de anúncio será que receberam a aprovação do professor? De repente, o primeiro? Professor, eu dei alguma esperança ao senhor? Eu perguntei. Não sei. Posso dizer que paguei caro pela atitude de não ter medo da morte. Tirando o chapéu de seda, o professor sorriu. Foi nesse momento. Fora da janela do 2º andar, que foi instalado como domo, algo imenso estava parado. Era uma lula.

Esses dias, sempre que tenho uma brecha, penso em besteiras. É difícil dirigir. Veja aquilo. Não tem como não pensar em outra coisa, mesmo que tente não pensar. Só tem fotos de mulheres nas ruas. Aquela piranha lá. Veja aqueles peitos. O que comeu para ter ficado tão grande? Os ditos idols^[lii]... Esses são diferentes. Idols... Como eu vejo todos os dias caderno de esportes, até eu sei, mas é essa a sensação. Motorista Jung! Kim gritou. Rápido. Piso no freio. Era? Era vermelho? Eu coloco o cigarro na boca. O jornal da manhã que Kim abriu entra nos olhos de soslaio. “A fumaça é algo que penetra”. Disseram que um idol... Falou isso. É realmente diferente. Eu penso assim. Mas qual é o significado de idol, Kim? Inclinado, Kim balança o pescoço. Deus. Era uma palavra difícil, que nem formado em universidade sabe. Idol... De imediato, rolo mais uma vez dentro da boca a palavra idol. De novo idol... E o que é aquilo? Eu perguntei. Kim, que virou o pescoço, tinha o rosto de quem perdeu metade da consciência. Aquilo, nossa... Não é uma lula?

Que tal enguia? Perguntei. Sim! Os recém-contratados K e L responderam como se soltassem uma rolha de um vinho. Lembrei na hora do Fungye^[liii] do dono D, mas infelizmente, o Fungye era muito longe dali. A enguia é precisamente uma comida que deixa o corpo e a mente confusos. Essa comida não é algo que se possa discutir se é isso ou aquilo usando a cabeça. É preciso, antes de mais nada, suor em abundância e paixão. Nisso, eu acabo mergulhando em um labirinto de pensamentos. Acabou de começar a trabalhar, você poderia me dizer, mas eu estou aguentando por paixão, por 20 anos. Cheia de curvas, a minha cabeça já era caminho de enguia. Não tem um bom restaurante, mais perto? Pensando, e olhava para a janela, tinha algo parado. Nossa senhora, não é uma lula?

Era normalmente resistente ao calor. Mesmo no calor de 39° C, um corpo se refresca com um copo de cerveja. Por isso, penso que é normal dirigir por

horas, beber de novo, mas no intervalo de tempo jogando tênis, me senti um pouco estranho. Quente, era febre baixa. Passei o fim de semana e fui ao hospital, e me disseram que era pneumonia. No raio x do pulmão direito, estava pendurado algo que parecia uma teia de algodão. O que é isso? O médico sorriu displicente. Vai sumir se você descansar um pouco. Me internei. Mesmo abrindo os olhos de manhã, a teia de algodão da radiografia estava me preocupando. A enfermeira entrou. Senhor... Titubeou, mas disfarçou pedindo para abrir a janela. Sei lá. Não deve ser nada. Além da cortina aberta, estavam erguidos prédios pontudos cobrindo os raios de sol. O que é isso? Sem responder, a enfermeira desmoronou. Como se fosse a Martina Hingis que foi desclassificada nas preliminares em Wimbledon, ela estava prestes a desmaiar.

Acordar às oito. A escova elétrica tá ruim. Tomei banho em cinco minutos, depois da barba, refeição. Um pão tostado e uma laranja. Lendo jornal, assisto à TV. Ah. É isso, e tomo duas pílulas de vitamina E e vou para o banheiro. Sem alívio no intestino delgado. Mas estou apressado. Quando pensei que já havia começado, eu estava andando pela travessa subterrânea do officetel^[liii]. Coisas que se repetem muito, o tempo de execução e a ação se tornam instantâneos. Acho que o cérebro é assim. Que merda é essa? Nesse momento, descubro a nuca familiar que está mexendo no sanduíche barato à saída da passarela. Queria dizer. Queria dizer, mas por fora, amigável “Tá gostoso?”, falei. Boa. Gosto de sanduíche cheio de recheio. Para o bobão que diz isso — nos EUA, quanto mais se vai para oeste, mais grosso o sanduíche fica. Falei, concluindo mais ou menos. Era o momento em que o bobão estava atordoado. Oh my God. O que é aquilo? Eu gritei.

Andei bastante e feliz, peguei a estrada. Porra. Fui parado por um gesto de “devagar” do funcionário ferroviário (quando soube, era policial). Ele disse curto e direto ao ponto. Está em alta velocidade. Só um momento, por aqui. Deixa eu ver a carteira de motorista. Disse assim, longe, rodeando. Vou lá buscar. Disse assim e voltei lentamente de moto. Pelo retrovisor, olhando o funcionário ferroviário bobão, silenciosamente, eu segurei no guidão e engatei a marcha. E depois, fuga. Como é de manhã, vai desistir, estava esperando isso, mas o bobão vinha atrás. Por que não coloca trilho e vem de trem? Na bifurcação central fechada, no momento em que fiz uma u-turn^[liv]. E, mas. Uma coisa parecida com uma montanha estava destruindo a ponte. E por isso, parei a moto e olhei para a montanha. E o funcionário ferroviário que veio atrás também, e ufa. Sem se importar comigo, junto com um suspiro, olhou para a montanha. Aquilo lá. Nem adianta fugir. Tive esse pensamento. Ufa. De novo o funcionário ferroviário soltou o suspiro.

Nesse tipo de briga era a primeira vez. Diante de 12 embrulhos de Sasanggue e oito embrulhos de Sonyuenjoongang, minha mulher e eu estávamos em um embate. Se contar pela cor desbotada era Sasanggue, e se contar pelo

volume era Sonyuenjoongang, na disputa. Era uma mudança para um apartamento com a metade do tamanho — seria normal jogar fora isso, aquilo, mas não era uma tarefa fácil. Sasanggue tinha meu orgulho de educador e Sonyuenjoongang guardava a lembrança da juventude da minha mulher. Tomando chá-verde, decido, por fim, jogar fora Sasanggue. De qualquer maneira, tem que esvaziar. Se não era isso, o que seria? Para a mulher que deixou a filha partir, acredito que ceder não deixa de ser um dever e virtude, pensava assim. Querida, vamos conversar. Eu estava para bater no quarto da minha mulher... Mas parei. Por um momento, fico reticente diante de 12 embrulhos de Sasanggue. Diante de um embrulho de cor desbotada, como se fosse a Terra oca, meus sentimentos se esvaziaram. Foi nesse momento. Como se fosse um terremoto, a parede de uma parte da sala desmorona, e o que destruiu a parede — o que parecia ser uma coluna flexível — se estendia em direção ao céu. Foi nesse momento. Eu consegui ver por um momento um céu claro azul. E lá estava parada uma lula-gigante.

“Eu”, que decolei da base de Osan, estava pilotando em direção ao centro de Seul, o lugar mais temeroso de ser prejudicado. O que fazemos? Há a possibilidade de ser atingido em voo rasante. Você também sabe. A voz apressada de B foi transmitida através do fone de ouvido. O míssil vai funcionar? Eu também não tinha como saber. Como se estivesse apreensivo, ignorou a formação da esquadrilha. B aproximou a sua aeronave de mim. Estávamos no céu de Seul. O alvo primário são dois, um de 150 metros e outro de 170 metros, na direção da prefeitura. Como se tivéssemos interligado a mira, botão de disparo e células nervosas, nós disparamos. Vagamente, a paisagem do centro da cidade ia se revelando. Mas lá — não tinha nada.

Não dava para ver a lula-gigante em nenhum lugar. Não dava para saber o que tinha acontecido. O que aconteceu? Todos desapareceram. Ouvia-se a solitária e confusa voz de B. Mantendo a altitude na posição normal, ficamos esperando a ordem do comando. Nós, que estávamos sobrevoando por cerca de 30 minutos, finalmente recebemos a ordem de retorno. Eu: especialista em monstros, tem algum palpite do que acontece depois?

Claro que sim. Gritou B. Deve ser um “ataque-surpresa da lula-gigante”, não é? Com certeza. Eu respondi.

Como aquela trena de 10 metros na pista de atletismo, continuamente, a minha risada foi saindo em linha.

9. Mata-leão

O gigante diante de mim com certeza era o Hulk Hogan. Mas por que o superstar que sacode o mundo está aqui? No momento em que pensava assim, meu olhar cruzou com o dele. Os grandes e intimidadores olhos, que flutuavam na altitude de 2,11 metros, estavam me encarando. Do jeito que vi na TV, o seu peito e bíceps, como se fossem máquina a vapor aquecido, estavam pulsando forte. E. Vac. Ele aplicou o mata-leão.

Aconteceu no tempo de intercâmbio nos EUA. Foi na época em que o outono vermelho de Oklahoma alcançou o Rio Arkansas, então, era um dia do meio de setembro passando o Dia do Trabalho. Os amigos que mais ou menos fiz saíram para fly fishing (modalidade de pesca que praticavam na região), eu cruzei o apartamento, o campo de beisebol vazio e o campo de softbol, e estava andando pelo caminho de paisagem exuberante que se emendava ao campo de golfe.

Desse lugar se via o estádio de futebol americano. Era o orgulho da escola. Era uma instalação de primeira, até com outdoor instalado. O estádio era o orgulho de todos os cidadãos de Oklahoma. Tinha um amigo chamado Tom Berenger que, a propósito, era de Oklahoma. Tinha uma história que ele mesmo disse, da própria boca. Quando tinha nove anos, fui até o Rio Maxwell, afluente do Rio Arkansas. Era uma vila rural cerca de 200 quilômetros afastada. Estava pescando com meu primo e dentro d'água estava um escarcéu. Coloquei óculos de mergulho e olhei dentro d'água, e a truta que veio de Oklahoma estava se gabando do estádio de futebol para a truta do Maxwell. Como? Pipi pi pipi. Assim. Sem grandes significados, o que quero dizer é que era mais ou menos desse jeito. Quando soube, o outdoor tinha sido colocado coisa de apenas dois anos atrás. Mas mesmo assim, isso não quer dizer que Tom Berenger era má pessoa.

Não sei se trocavam peças do outdoor, mas ouvia-se em tom de barítono o grito de trabalhadores concomitantemente. Eram negros. Sabia só de ouvir a voz. Existem trabalhadores que, de uma sentada, comem uns vinte pratos de macarrão e, ainda por cima, metade das palavras que cospem parece “mu”. Quando fui pela primeira vez aos EUA, essas palavras eram mais difíceis de entender do que as sentenças de âncoras da CBS. Que medo. Nem respondia. Por quê? Mas o que você “mu”? Se alguém tivesse me perguntado assim — pipi pi pipi. Eu teria virado uma truta e mergulhado no rio. Eu nadava mais ou menos bem. Se bem que o Tom Berenger completava 25 metros a mais na raia.

Em volta estava vermelho, silencioso, e era muito bonito. Numa sensação de mezzo soprano conversando com barítono, o vento estava sacudindo o outono esmaecido. Tudo parecia um único fluxo d'água. Eu gostava daquele lugar onde passava pouca gente. Como não tinha internet no apartamento, eu passava o tempo passeando por aqui. A vista do campus era exuberante e sofisticada, e eu queria desfrutar a beleza. Saindo do apartamento, primeiramente vejo o campo de beisebol. Tendo o lugar como referência, no oeste fica o museu natural e no sul fica a quadra de basquete. As trilhas em volta do museu eram excelentes, mas eu tinha preferência pelo leste, que tinha campo de golfe. Não tinha um motivo especial. Gostava de sentir os álamos espaçados e gostava também das risadas de

garotas que rolavam na grama de capim dourado. As garotas que praticavam softbol, em geral, mandavam mais longe a sua voz do que a bola. Por isso, como se fosse um gandula que ninguém viu, que recolhe a bola leve e graciosa, apreciava os passeios.

Se estivesse acontecendo algum jogo, eu sempre torcia para o Arkansas Amazonas. Não, eu torcia para a batedora número um, Linda Chamber. Não importava se mandava longe ou caía na área. Toda vez que a Linda rebatia, soltava um “Yup!” de grito. Eu gostava desse grito. De cabelos castanhos, cursava Contabilidade. Encontrei-a umas duas vezes na pedreira. Ela estava com Tom Berenger e eram namorados de longa data. No alojamento agradável de um quarto, um lugar de fato agradável — pensando em Linda, eu costumava me masturbar. Yup. Yup. Me sentia realmente culpado por Tom, mas pensava que todo mundo devia imaginar isso. Linda tinha seios de melancia de agosto. Se me expressasse, era isso. Isso não quer dizer que sou má pessoa. Quando me sentia muito culpado, eu me imaginava fazendo ménage com Tom também. Não tem grande significado. É apenas que era assim. Digo, teve uma vez que devolvi para Linda a bola de softbol. Eu vi a imagem da Linda acenando para mim mas eu juro, não pensei naquilo. É isso.

No alojamento tinha muitos estudantes estrangeiros. Acredito que cada um tinha a sua Linda. Eu estudei Letras em LA, mas tinha um ambiente totalmente diferente da região central aqui. Tinha de fato muitos estudantes que pensavam em fazer intercâmbio por lá. Não era um lugar gentil como Oklahoma, como vou dizer, mas tinha um clima muito mais “sociável”. Oklahoma era gentil e de fato agradável, mas tinha um clima de segregação típico de região central. Sem grande significado, não estou dizendo que um é legal e outro é ruim. LA tinha muitos negros, aqui tinha muitas trutas, por isso eu me masturbava. Se você pensar assim, é o suficiente. Até hoje eu penso assim.

No fim da floresta de álamo, havia algumas árvores de nozes em pé espaçadas irregularmente. Falar que era uma floresta era complicado, e dizer que não era uma floresta também. Acho que brotaram naturalmente ou era algo realmente planejado — de qualquer maneira, eu costumava terminar o meu passeio lá. Entre as árvores de estaturas diferentes, tinha um banco estranhamente plano e, estranhamente, eu gostava daquele banco. Lia sentado naquele lugar, e assim, eu enfeitava o término do meu passeio. Lia geralmente os livros sobre teoria de semicondutores, que era da minha formação, mas de vez em quando lia ensaios sobre ciência e romances. Coincidentemente, naquele dia, estava lendo Homem Vegetal, de John Eliot. A gramática obscura do romance, e por causa de ambiguidades, eu não estava entendendo absolutamente nada. Inglês é realmente difícil. Eu fechei o livro no trecho em que o personagem principal despenca de caminhão 60 metros precipício abaixo. No lado do campo de softbol, que não tinha partida, já estava caindo o crepúsculo. O sol já estava se pondo. Nem

“Yup”, nem uma outra bola vinha voando, mas eu gostava mesmo assim. O outono esmaecido, mais do que qualquer outra voz, mais do que softbol, era silencioso e denso.

QUEBRA-NOZES

Admirando o pôr do sol através do alambrado do campo de futebol, eu me levantei. Em volta já estava escuro. O barulho da conversa das folhas de árvores de nozes estava consolando o homem vegetal que tinha caído 60 metros abaixo. Depois de me espreguiçar, acompanhando o barulho das folhas das árvores de nozes, balancei levemente o pescoço para os lados. Um. Dois. Três. Quatro. Eu penso que foi assim. Do lugar escuro, um barulho se aproximava. Digo, vinha com certeza alguém pela trilha que se emendava ao campo de futebol. Fiquei com mau pressentimento na hora. Era por causa do barulho. Se estimar que o barulho de passos de uma pessoa normal é a bola de softbol rolando, aquele era, no mínimo, uma bola de boliche de 16 libras rolando, que vinha destruindo a pista de boliche já perto do ponto de impacto. Ah. Existia um barulho de passos que era muito distante de todas as matérias e substâncias modernas. Sem nem tempo para pensar, o dono dos passos parou na minha frente de súbito. Ele, se fosse dizer, de verdade

Era Hulk Hogan.

Como vou dizer? Não é que tivesse problema, mas tinha uma sensação muito estranha. De repente, algo como um canal que liga o cérebro direito e o esquerdo não se abriu, e os neurônios ficaram confusos como navios que tiveram de contornar o continente africano. Isso não pode ser. Mas o gigante diante de mim com certeza era Hulk Hogan. Se esse homem não é o Hulk Hogan, eu não sou eu, Oklahoma também não é Oklahoma e o planeta Terra também não é o planeta Terra. Mas por que o superstar que sacode o mundo está aqui? No momento em que pensava assim, meu olhar cruzou com o dele. Os grandes e intimidadores olhos, que flutuavam na altitude de 2,11 metros, estavam me encarando. Do jeito que vi na TV, o seu peito e bíceps, como se fossem máquina a vapor aquecido, estavam pulsando forte. E. Vrac. Ele aplicou o mata-leão.

Goooo

No começo, por muito tempo, em vez de dor, um som assim se espalhou pelo cérebro inteiro. Não conseguia ver nada, então, em volta, em uma completa escuridão, eu parecia estar caindo ou subindo em alta velocidade por dentro de um túnel do qual não conseguia precisar o fim. Goooo. E em algum momento, senti que o meu corpo estava flutuando no ar. Será que esse lugar não é o espaço sideral? Dentro do ar rarefeito, respiração por um fio, de repente tive um

pensamento assim. Entre o bíceps e o peito de Hulk Hogan, como ia saber se existe um espaço que tenha cheiro forte de sovaco?

E como se nascesse uma estrela, começou uma dor partindo do centro do espaço. Devagar e forte, de repente, vrac. Uma explosão me atacou. Desmaio. Aconteceu algo parecido, por uns 10 segundos. Quando recuperei a consciência, primeiro “por quê”, esse pensamento acendeu como uma estrela. Mas por que um superstar no nível de Hulk Hogan apareceria em Oklahoma, e nessa hora, aplicaria mata-leão em um estudante asiático?! Eu não sabia o porquê. Nesse instante, Hogan colocou rapidamente força no seu bíceps. Ah. As duas pernas. Sem eu saber, começou a dar os passos. E os braços, não sei o que faziam, não conseguia sentir nada. E eu, se eu fosse dizer, de verdade

Manheê

Gritei. Manheê? Em instantes, assustado com meu grito de “manheê”, recuperei a consciência. Eu não podia deixar de sentir pena da minha mãe. Será que nessa longuíssima história da humanidade, ainda por cima, fazendo mestrado, exista alguém que tenha gritado manheê, fora eu? Saíram as lágrimas. Estava revoltado, triste e miserável. Hogan, que escutou manheê, colocou ainda mais força e mudou a postura. O músculo, que parecia concreto, agora cruzava a boca e o pescoço e eu não conseguia nem gritar. Catalogado no Guinness, o braço — que é do tamanho da cintura de um homem normal — estava fechando o trato otorrinolaringológico de um homem que estava em situação miserável.

Tchum. Pah. Tchum. Pah. O que eu podia fazer era respirar um ar fraco no pouco espaço que tinha e apenas engolir as lágrimas e o que escorria do nariz.

É pegadinha. De repente, me veio esse pensamento. É pegadinha. Nessa época, esse tipo de programa fazia muito sucesso. Resumindo, produzia-se uma situação constrangedora de propósito. Filmar escondido a reação de embarço do outro era o predicado do programa. É isso. Quando entendi a situação, fiquei mais tranquilo. Tá filmando, é isso? Endireitei as pernas, que estavam entrelaçadas, e ajeitei a postura. E comecei a me arrepender do manheê mais uma vez. Agora chega. Bate com a mão direita. E eu gritei assim. Eu sei que é uma pegadinha. Até disse assim, mas na realidade só o barulho próximo de pipi pi pipi, pipi pi pipi, escapava. Hogan não disse nada. E

O tempo passou assim.

Não se ouvia “corta”, e para ser uma gravação, levou tempo demais. Eu comecei de novo a me sentir revoltado, triste e miserável. E tinha medo. Não sei se era alucinação ou vento, comecei a escutar o barulho das folhas de árvores de nozes sacudindo o universo. Debaixo da árvore de nozes do longínquo

Oklahoma, naquele momento, eu não era homem, era apenas um organismo. Ser humano é o nome que se dá quando um organismo resolve o problema da existência — pensava assim. Em seguida, como se fossem dois continentes, ou Ásia e Índia, parecia que os cérebros direito e esquerdo colidiam. E na fronteira, algo como o Himalaia começou a brotar. Ah. Automaticamente, escapou um uivo. A cabeça esquentou em velocidade espantosa, e no cume do recém-formado Himalaia, aconteceu algo como uma avalanche de neve. Por isso, as lágrimas e a coriza, que não tinham nada a ver com sentimento, esguicharam como enchente. Katchakekotek, sussurrei rápido, mas isso era

Me desculpe.

Queria que Hogan soubesse disso. Não sei o porquê, mas me desculpe por qualquer coisa. Isso continuamente, e ainda por cima com sinceridade — ia saindo. E eu sofri uma divisão. Não literalmente uma divisão, mas era essa a sensação. Acho que foi uma escolha inevitável do cérebro direito e do esquerdo causada pela forte pressão. Cada um dizia para cada um que, se um não existisse, isso não estaria acontecendo. A impressão era de que empurrava e era empurrado. E eu mesmo me separei com clareza, o que eu sou do cérebro direito e do cérebro esquerdo. O que é isso? O eu que poderia tomar essa decisão, a partir desse momento, estava sendo perdido. Não senti mais revolta, tristeza, nem miséria. Pensando bem, para uma noz descascada, teria sentimento além disso?

Foi quando começou a alucinação. Comecei a escutar estações de rádio diferentes. Era em volume muito alto. O esquerdo era hip-hop, que eu gostava, Jazz Train, de Chris B, e o direito era o que eu quase não ouvia, Let's Go Kentucky Zukon. Surpreendentemente, como se fosse programa ao vivo, a cada comentário, junto, a música tocava de verdade.

Está escutando? Sou Chris B. Chris B. Como está aí? Tá chovendo? Porra, tem muita interferência. Se você souber até onde foi o explorador Peary, ligue já. Boa. A resposta do quiz de ontem? Pera, qual era a pergunta mesmo? O Estado que John Glen descobriu? Seus idiotas. Isso era nonsense. A resposta é "espaço". Há, não temos vencedores. Ding dong. E que tal esta pergunta: o que é que Winston Churchill protegeu? A dica é nonsense. O mundo também é nonsense. Segue: Take Five, de Oscar Peterson. Gosto muito dessa música. Ofereço aos cinco reis da Inglaterra. Pelo menos deve estar decorando alguma poesia de Pushkin. Assim, assado, os 18 presidentes dos EUA estão decepcionados. Boa. Para os excelentíssimos, vou preparar Count Basie. Dance aí. E Salt Peanuts. Quer escutar Mr. Truman? Sim? Arnold Palmer, que foi influenciado por Newton, plantou hoje também uma macieira?

Essa foi Let's Go Kentucky Zukon. Non Surprise, do Radiohead. Lobo atrás da porta. Na sequência, Walking in the Air, do Nighwish. Eu vou viver uma vida calma. Apertando a mão da fumaça de cigarro, sem medo, sem susto, em calmo silêncio. Esse vai ser meu último movimento. A minha última revolta. Sem medo, sem susto, sem medo, sem susto, por favor, que seja sem medo, sem susto. Jogue um ovo. Jogue torta na cara. Torta na cara. Dance. Seu idiota. dance. Sim... Como ouso? Será que você... Torta na cara. Apostas e traficantes. Apostas e traficantes. Esposas frívolas e maridos. Esposas frívolas e revistas semanais. As pessoas de baixo não podem acreditar que se viram. Nós estamos nadando no vazio. Nadando em céu melancólico e flutuando à deriva entre os gelos. Vamos passear no alto da montanha. De repente, do profundo oceano, algo avança, e nos seus sonhos, um monstro gigante está se levantando.

E eu, de verdade, vi as pessoas debaixo dos meus pés. Não. Vi uma luz. Vi

as luzes de um avião aterrissando no Aeroporto Will Rogers e as luzes-guia das pistas, que pareciam as Linhas de Nazca. De verdade, parecia que eu estava segurando a mão de um boneco de neve e voando. As luzes depois de 20 milhas também me rodeavam como se fossem um bando de libélulas. E de relance, vi também algo parecido com uma vida passada. No começo achava que era cena de um filme, mas aos poucos, tive a compreensão de que se tratava de mim. Era o Vietnã. Eu estava atirando nas pessoas. As pessoas — que pareciam luzes depois de 20 milhas — ficavam do tamanho de moscas e eu estava puxando o gatilho. Eu era soldado dos EUA. Não, era soldado coreano. Tinha um mau hálito estranho. Eu mesmo era algo de se sentir atordoado. Nisso, uma mosca, não, algo como uma abelha atravessou a minha cabeça. Um ar refrescante e muito limpo, como se fosse fragmento do céu, invadiu o interior do meu cérebro.

E coisa de 20 anos atrás, mais precisamente, vi eu mesmo que estava esperando o ônibus da linha 8 em LA. Para ir até o alojamento em Phoenix, deixei empilhadas três malas e estava verificando cuidadosamente a placa de horários com design clean. A tristeza e a solidão de ter que me mudar sozinho daquele momento, através de um eu único, os dois eus estavam sentindo ao mesmo tempo.

Partida	Chegada	Horário
12h55 a.m.	8h35 a.m.	6h, 40m
2h30 a.m.	10h25 a.m.	6h, 55m
7h15 a.m.	5h p.m.	8h, 45m
7h55 a.m.	5h p.m.	8h, 5m
11h a.m.	8h30 p.m.	8h, 30m
1h30 p.m.	10h45 p.m.	8h, 15m
5h50 p.m.	1h45 a.m.	6h, 55m
8h p.m.	4h40 a.m.	7h, 40m
9h50 p.m.	6h a.m.	7h, 10m
11h45 p.m.	7h35 a.m.	6h, 50m

Preço: US\$ 39,00

O eu do cérebro direito no ônibus das 7h55 e o eu do cérebro esquerdo no ônibus das 11h, cada um alojou o corpo. Mas “eu” não sabia em que ônibus tinha subido. A linha e o itinerário, e ainda por cima, os ônibus tinham o mesmo formato, mas tive vagamente a sensação de que eu nunca mais iria me encontrar. Também não sabia quem tinha os 39 dólares.

Goooo. O elevador despencava do Empire State, dentro, estava eu. Como

nunca estive em Nova York, era com certeza alucinação, é melhor eu morrer a ponto de sentir isso, estava com medo e receio. Ting. Mas o elevador, como se fosse mentira, parou no 5º andar. As pessoas entraram de novo, subi e depois começou a despencar de novo. Parou sem falta, novamente, mas eu não podia descer em nenhum lugar. A queda era eterna e sempre era apavorante.

E eu vi uma ovelha negra daquelas do alto dos Alpes. A ovelha como sempre, meee, estava balindo. No jornal que a ovelha estava mastigando estava escrito no título que faltam sete anos e dois meses. O eu do lado esquerdo lia o jornal mordido da boca da ovelha e o eu do direito contava a história do major Jae-Gu Kang^[lv].

No oceano moravam sete baleias.

Eu era bicicleta.

Para poder voar, eu virei soldado do peixe.

Quatro vezes cinco, vinte. Quatro vezes seis, vinte e quatro.

Quando repentinamente recuperava a consciência, procurava um modo de escapar da situação. Por cinco minutos, por causa do catarro amarelado, fiquei babando com muito afinco. Meu pensamento era que ia me soltar por causa da sujeira. Por isso, me esforcei como um porco com cólera, mas Hogan não soltou o braço. E de súbito, veio o pensamento de que se eu fosse um homem como Hogan, deveria odiar homoafetividade. Com o braço anestesiado que tirei por pouco, comecei a alisar com muito empenho o pênis de Hogan. Ah, soltei até um gemido, nem pênis nem Hogan tinham qualquer reação. Com o pênis desanimado, acabei tirando a minha mão.

E eu perdi a consciência. Imagino que eu tenha tido alucinações fortes na sequência, mas acabei esquecendo a maioria. Eu não sabia por quanto tempo o pesadelo do mata-leão tinha continuado. De qualquer maneira, na manhã seguinte fui descoberto por um lixeiro. Estava sentado no banco atordoado, babando, não tinha foco nos olhos e estava repetindo, como se fosse uma gravação, a frase “vou contar pra minha mãe”. Me disseram. Me senti envergonhado, triste e miserável, mas não me senti envergonhado, triste e miserável. Se estou vivo e não morto, por que estaria envergonhado, triste e miserável?

QUANDO FOI A ÚLTIMA VEZ QUE COMEU BISCOITO DE NOZES?

Mas esse acidente, revoltantemente, se resolveu de maneira simples.

Primeiro, fui para o hospital e a polícia me procurou só na manhã de terça. O atraso era por causa da tontura, dor de cabeça, alucinação e dificuldade de fala, mas eu ainda sofria de tontura, dor de cabeça, alucinação e dificuldade de fala. Eu estava contando, de pausa em pausa, todo o acontecido. Hogan? Disse assim, e arregalou os olhos uma vez e não me perguntou mais nada. Cheia de sardas, era uma policial que tinha seios do tamanho das melancias de junho. Como eu também não estava em estado normal, a investigação ficou meia-boca. Pode falar o seu endereço? A pergunta da policial que tentou checar a minha identidade, eu acabei respondendo zona Kangbok, bairro Hawolgok.

Quando me senti envergonhado, triste e miserável, foi quando melhorei mais ou menos da saúde. Os amigos com quem mantinha mais ou menos a amizade vinham me visitar no quarto do hospital, também foi nessa época. Os intercambistas asiáticos, frequentadores assíduos da sala de computação, colegas do curso e o casal de tios de Boston vinham nos fins de semana me visitar. Tom Berenger, com expressão amigável, veio me visitar regularmente, três vezes, no hospital. Duas vezes junto com uma lata de abacaxi e a Linda, e a outra vez, junto com a jaqueta do Boston Red Sox e um toca-fitas. Pela primeira vez, eu contei ao Tom o que tinha acontecido naquela noite, seguindo a lógica. É, é. É mesmo? Tom balançou a cabeça. E gentilmente, me contou a seguinte história.

Ei, que tal uma história assim?

Que história?

Eu desmaiava um dia e quando acordei disse algo assim. Eu estava parado debaixo da estátua do índio ontem à noite e Yngwie Malmsteen^[lvi], que estava com a guitarra pendurada no corpo, me deu um chute.

Isso não é possível. Eu retruquei. Não é? Tom, que respondeu assim, nunca mais veio me visitar no hospital. Com razão, eu acabei me sentindo ainda mais envergonhado, triste e miserável. Só recuperei a saúde quando se passaram três meses. Eu consegui encontrar o eu anterior, mas não conseguia mais viver a vida anterior. Eu tinha mudado completamente.

Foi quando comecei a praticar esportes. A raiva e a revolta, como se fossem o sol que atravessou a lupa, quente e persistente, me deixaram focado. Do resto do meu tempo de intercâmbio, se tirar os esportes, não tive nada para falar. Como um louco, eu levantei barra, peso e fiz flexões. Mudei o hábito alimentar e pratiquei corrida regularmente, e através de sono reparador e suplementos, melhorei o condicionamento físico. Não tinha objetivo, nem motivo especial. Apenas eu tinha que suar a ponto de desidratar. Só assim eu podia me sentir melhor. Esses suores são, daquele momento, as lágrimas que não consegui derramar, debaixo daquela árvore de nozes.

Em algum momento, o calmante virou minha dieta principal. Ser humano

não é grande coisa, pensei naquela época. Se apanha — dói, se arrepende, se curva, sente medo, fica pensativo, desiste, cobra, se perde, fica mais rápido, se parte, se sente miserável, fica triste, se sente melhor, sente saudades, não esquece, deseja morrer e se torna amargo. Mas com apenas algumas pílulas, se tiver alguns miligramas de substâncias, pode gerenciar a vida sem nenhum problema. Por esse motivo — eu não tinha nenhum problema. Era saudável e forte. Em verdade, quando se passou o tempo de dois anos, eu tinha virado um outro organismo completamente diferente.

Quem é você? Tom Berenger, que encontrei no festival indígena, não conseguia fechar a boca. Tom estava trabalhando em Denver e tinha vindo visitar a escola depois de um ano. Parece um urso ancestral (um herói mítico indígena). A Linda, de face ruborizada, cochichou. De braços dados. Eu apenas balancei a cabeça. Como vai o mundo empresarial? Bo, bom. Como truta que deu de cara com salmão, Tom me contornou cuidadosamente e foi embora. No braço de ferro, que é o clímax do festival, contra o campeão atual, McGregor, de Chicago, eu consegui uma vitória esmagadora. Foi nessa época também que eu cortei suplementos e o calmante que eu engolia como hábito.

Eu não era mais um homem frágil. Quando eu lidava com alguém, eu já era o sujeito da violência e não a vítima. Essa sensação me acalmava os nervos. Foi nessa época que eu comecei a frequentar a academia de luta livre que ficava na cidade, a meia hora de distância de carro. Era um lugar onde o treinador de meia idade, que tinha sido atleta da seleção, ensinava boxe, luta livre e outras lutas. Também focado, comecei a aprender a luta livre. Eu, que pagava religiosamente as aulas dessa especialidade de luta, o treinador me chamava de dragão. Pode ser que diga que é um exagero, mas o meu corpo já quase não cabia no sedã que eu tinha comprado por 650 dólares.

Contragolpe de mata-leão? Sim. O treinador, que balançou a cabeça por um instante, fez um gesto para que eu aplicasse um mata-leão nele. Eu, com precisão e com certeza, forte, apliquei o mata-leão no treinador. O treinador bateu nas minhas costas umas duas vezes e aplicou, de repente, uma técnica. Relâmpago. Fiquei petrificado. Tive a sensação de que meu corpo tinha se levantado e, sem me dar conta, estava mergulhando a cabeça na esteira. Se o chão fosse de cimento ou se o treinador não tivesse se controlado, eu teria quebrado o pescoço. Uou. O que foi isso? Isso é um backdrop. Backdrop? Sem falar nada, o treinador apontou com a mão uma foto no canto da academia. Dentro da foto velha, tinha um homem com cinturão, parado, mantendo pose de dignidade. É o “homem de aço”, Lou Thesz. Ele inventou o backdrop. O homem de aço estava sorrindo.

Lou Thesz era um homem que virou lenda moderna por causa do backdrop. Primeiro segurando a cintura do oponente que aplicou mata-leão, curvava a sua própria cintura como um arco e, com essa elasticidade, levava o oponente à

queda, não tinha lutadores de luta livre na época que evitassem essa técnica. Por isso, o cinturão sempre era do homem de aço. Escutei uma explicação mais ou menos assim, mas isso só se aplicava quando o oponente fosse de físico parecido. E se fosse Hulk Hogan e alguém parecido comigo? O quê, contra Hogan? Não sei, mas se tiver essa diferença física, acho que já passa desse negócio de técnica. A opinião do treinador era parecida com a minha. Entendo. E

Como se tivesse sofrido backdrop

Veio a síndrome do pânico decorrente do mata-leão. Quando virei formando, mudei de alojamento para o Yorkshire (apelido do alojamento), foi nessa época que tive a síndrome do pânico. Em vez de ficar mais calmo, como quando me masturbasse, virei um homem que derrama lágrimas sem fim. Novamente, comecei a tomar calmantes, mas não surtia nenhum efeito. Depois de escrever tese, fazer experiências, brigava com livros e dados, voltava para o quarto e chorava por algumas horas. E tinha vezes que, como se a parte final do lamento fosse aquela parte separada e mirabolante da cascavel, esticava o pescoço e imitava o barulho de chocalho. Não sabia o motivo. Não por isso, eu consegui descobrir o motivo. Cortar mapas e costurar, foi nessa época que eu comecei a fazer as balaclavas. Fazer balaclava que encaixava direito no rosto, com a habilidade de quem costura pela primeira vez, não era uma tarefa fácil como eu pensava. Mas assim foi feita a balaclava. E

Começaram os ataques.

Eu fazia uma escolha prudente da vítima e somente praticava o ataque à noite. Se possível, escolhia vítimas que tinham uma diferença física parecida com Hogan e eu, por isso, na maioria, elas eram frágeis. Uma vez, dirigi até Boston e, depois de vasculhar becos por duas horas, ataquei uma mulher. O que digo ataque é, em uma frase, aplicar o mata-leão. Seis vítimas uivaram de modo igual, mas eu não me sentia superior, feliz ou aliviado. Tinha apenas a sensação de ter feito o que tinha que ser feito. Por isso, eu tinha a sensação de ter virado um boneco quebra-nozes.

A primeira vítima foi um estudante que veio de Bangladesh. O seu nome era Chen, algo assim, mas sem saber como, me dava impressão de que seria páreo. Num lugar isolado da escola, eu o nocauteei. Também repetiu dezenas de vezes “me desculpe”, “não me mate” e esticou os braços e pernas finas. A próxima vítima, não tinha como saber sua nacionalidade, e depois, nigeriano, chinês, indonésio, foram vítimas sequenciais. A mulher lá de Boston tinha rosto de sul-americana.

No ataque de Boston, acabei dando de cara com um policial. Opa, pensei, mas não tinha jeito. Da viatura com holofote ligado, dois policiais apontando

arma se aproximaram. Kekkuktektikkak (socorro). A mulher gritou choramingando. Quando eu estava me conformando de que tudo acabou, que isso... É mata-leão. O policial gordo guardou a arma e disse. É mata-leão. Outro policial também guardou a arma, rindo. Apontando a lanterna para mim, que estava atordoado, o policial gordo me perguntou novamente. É latina? Eu balancei a cabeça. Ah, então, bom trabalho. E os policiais foram embora.

O que foi isso? Isso foi um novo despertar. Depois que voltei de Boston, eu fiquei mais confiante e tive uma estranha confirmação de que este mundo ignora ou recomenda o mata-leão. E comecei ataques em todas as direções. Teve um que vomitou, outro que mijou nas calças e, como eu já fiz, teve um que acariciou com afinco meu pênis. Uma dona de casa que sofreu ataque colocou a mão atrás da minha calça e chegou a enfiar o dedo no meu ânus. Aos poucos, eu comecei a entender o prazer do mata-leão. Isso era parecido com drogas. O número de ataques já passava de 200 e eu não conseguia mais me parar. Você tá com uma bela fama. Um dia o treinador me disse no chuveiro. Preciso me aplicar. Passando o sabonete, respondi. Nesse dia, só na parte da manhã, tinha resolvido três intercambistas num piscar de olhos. Olhando para eles, que ofegavam desmaiados, tive a sensação de que a situação social do mundo estava uma zona. Me sentia culpado por essas pessoas impotentes, mas eu, realmente, não tinha o que fazer. Ei, amigo,

Você não acha também?

SE A NOZ ABRISSE DE NOVO

Passaram-se nove anos. Será que não foi um sonho? Com esse tipo de pensamento, vivi durante nove anos. Se lembrasse do tempo de intercâmbio — o ataque que sofri e 253 ataques que pratiquei, penso que são a mesma coisa. Depois de voltar para a Coreia, consegui emprego, me casei e tive duas crianças. Olhando para os rostos brancos e inocentes que dormiam tranquilos, eu finalmente consegui escapar das sombras do mata-leão. Se eu pudesse, queria escrever uma carta de desculpas para todas as 253 vítimas. Não existe coisa mais preciosa do que Jesus. Só existe Jesus. Eu acabei virando diácono da igreja.

Ó, é mata-leão. Na empresa e em toda parte eu presenciei frequentemente ataques de mata-leão. Palestra de mata-leão. Seminário de mata-leão. Encontro de mata-leão. Workshop de mata-leão. Até clínica de mata-leão — aliás, o mata-leão já fazia parte da vida sociocultural coreana, mas para mim era um assunto de riso amargo. Do ponto de vista local, era fato de passar batido, rindo. O importante não é a técnica. Primeiro é preciso ter força. Aos funcionários do setor, eu dava dicas, rindo.

Recebi a ordem para ser superintendente da Indonésia em setembro do ano passado. Era uma ordem em forma de promoção, então, todos tinham inveja, mas eu tive que subir no avião deixando para trás a mulher e os filhos. No ar, olhando displicente para o céu da noite, comecei a lembrar da época de intercâmbio. Não é por causa da sensação de voo, que não sentia há muito tempo, ou da solidão ou preocupação que iria sentir na vida no país estrangeiro. É que, naquele momento, como se olhasse a vida passada, eu consegui ver a minha vida inteira de uma vez só. É que, no ar, as coisas da Terra podiam ser vistas de uma vez só.

No dormitório em Jacarta, encontrei o responsável anterior. Achava que você era atleta. Mexendo no meu braço de camisa de manga curta, o responsável anterior parecia não conseguir fechar a boca. Eu gosto mesmo de praticar esportes. Experimentando a comida exótica perfumada com abacaxi, nós falamos sobre os assuntos que o responsável anterior e o responsável atual poderiam falar na condição de responsável anterior e responsável atual, por muito tempo. Tudo, na verdade, tem que apertar, rápido. Enquanto comia sorvete de manga, que chegou como sobremesa, ele, de repente, fez o gesto de aplicar mata-leão. Rápido? Eu também imitei o gesto e respondi, e ele novamente reforçou o gesto. Rápido! Entendi. O sol de Jacarta veio pulando de bungee jump ondulando até a mesa ao ar livre onde estávamos sentados. Dentro desse raio de sol que veio ondulando, eu achava que vinha misturado o cheiro de abacaxi. É presente. O responsável anterior me ofereceu um caixa de luxo de biscoito de nozes, que comprou no aeroporto. Yha. O responsável anterior bateu palmas e gritou. Quando foi a última vez que comi um biscoito de nozes, mesmo? Na hora, dividimos alguns biscoitos de nozes. O sol, que tinha a corda do tornozelo desamarrada, estava sendo esmagado lentamente no asfalto. O cérebro do sol ofuscante estava assim, manchando a rua de branco.

Rapidamente a vida na Indonésia começou a entrar nos eixos. O trabalho de superintendente era seguir a política da matriz, em vez de trabalho, encontrava vocação mais forte na administração. Eu morava em uma mansão que vinha com empregada e motorista, então podia ter uma vida relativamente de luxo. A empregada, de Sumatra, sabia fazer excelente comida de Padang e, por ter passado pelo responsável anterior, também sabia preparar alguns pratos coreanos. Tirando as saudades da mulher e dos filhos, era uma vida sem nenhuma dificuldade.

La duas vezes por semana na fábrica, no sul, no fim de semana, me divertia no Kota (distrito comercial no norte) e no Anjer (zona de prostituição), e de vez em quando passava tempo pescando com o motorista na praia perto de Malaca. Se repetia como se fosse regra. O nome do motorista era Hata e era natural de Jacarta. Era ágil e tinha bons reflexos, e por eu comprar comidas chinesas em Kota, era um adolescente realmente leal comigo. Eu achava que o senhor era

atleta de luta livre. Quando Hata me disse isso comendo tempurá de camarão, eu me lembrei dos ataques de mata-leão. A cabeça, por isso, me doía um pouco.

Vem cá, Hata. Sim. Preciso de um favor. Sim. O que seria? Eu vou te recompensar bem. Na areia da praia, eu apliquei mata-leão em Hata. Com certeza foi o que combinamos, mas eu podia sentir muito forte o prazer do ataque. Krrrr. Da boca de Hata ouvi esse barulho e, não sei de onde, senti o cheiro de abacaxi. Tá bem? Passei um montante de dólares para Hata, que acordou. Hata esboçou por um instante a expressão de revoltado, triste e miserável, mas, contando os dólares, recuperou o aspecto habitual. Hata começou a se queixar de dor, então a direção na volta coube a mim. Em casa, o banquete que a Andina (empregada) preparou estava esperando por mim. Era uma sensação boa.

E isso acabou virando um hábito regular. Eu aplicava o mata-leão em Hata, em alguns adolescentes que vinham por intermédio de Hata e em Andina. Como eu dava uma recompensa generosa, ninguém reclamava. Se eu disser que Hata virou fervoroso praticante de esportes e Andina melhorou as vestimentas, é tudo que mudou, é tudo. No Ano-Novo, por causa do pedido de mudança na política de hora extra da matriz, tive um pouco de antipatia por parte dos funcionários, mas, sem muito problema, teve um desfecho tranquilo. Estou com dor de cabeça por causa da hora extra. Nos seis funcionários que diziam que estavam com dor de cabeça, rápido, apliquei mata-leão. E tudo acabou assim. Eu comecei a pescar de novo, fazer compras, ia na zona e me divertia com mata-leão. Era um dia a dia tranquilo. A minha mulher gostava principalmente dos tecidos e artesanatos que eu comprava no mercado de artes de Anjer. Gostei muito. E na carta estavam anexas as fotos das crianças, que tinham crescido exponencialmente nesse tempo. Você está bem, né? Respondi que com certeza

E por um lado pensava

Que era o que tinha que ser. Vi novamente árvore de nozes, consegui ficar de pé debaixo da árvore, foi quando fui ao restaurante famoso perto do Porto de Tanjung Priok com Hata. Espera, o que é aquilo? Ei, Hata. Que árvore é essa? É árvore de nozes. Hata respondeu. Parei o carro por um instante e fui andando até debaixo da árvore soltando interjeições. A altura da árvore passava de mais de 20 metros. Árvore de nozes cresce tanto assim? Acho que a maioria, sim. Hata fumava kretek (tipo de cigarro) e assentiu com a cabeça. Entendi. Repetindo as interjeições, peguei um kretek do Hata e fumei. É isso. Eu não conseguia ver a ponta da árvore que fazia interseção com o sol. Tóin, a cabeça doía.

Emendando com o Ramadã (feriado islâmico), consegui as férias na semana e voltei à Coreia. Os familiares que não via fazia tempo, eu conseguia distinguir de longe, como se tivessem 20 metros de altura. A mulher marejava lágrimas

parecidas com seiva. Por isso, eu também achava que ia também derramar algumas. O corpo do primogênito, que eu massageava a bochecha, estava surpreendentemente forte. Ele está indo à academia de mata-leão desde o mês passado. A minha mulher disse. Entendi. Assenti com a cabeça. Quando fomos visitar a fazenda da família, que ficava perto, era sábado à tarde. Na época em que o primogênito completou três anos, a minha mulher tinha comprado com o dinheiro da poupança. Na época, poucas mudas de árvores, era tudo, mas não sei desde quando, os vegetais e outras árvores estavam começando a definir o espaço. As árvores que plantei, com os nomes do primogênito e do segundo, já estavam do tamanho do primogênito e do segundo. Este ano vamos plantar árvore de nozes. As palavras inesperadas, sem eu me dar conta, tinham saído através da minha boca. A vontade de querer começar algo novo parecia que estava se entrelaçando fortemente naquele instante. Será que pode? A mulher me respondeu.

Naquela noite, eu tive um sonho. O local era EUA. Quando acabaram de terminar as férias, eu peguei uma viagem a trabalho para o Vale do Silício e, no sonho, eu já estava trabalhando no local. Por isso, tive a sensação de que eu estava prevendo o que ia acontecer daqui a 10 dias. Depois do trabalho, eu voltei para o dormitório — e também tive a sensação de calma. Depois de tomar banho e assistir aos noticiários, tirei um pequeno livro de bolso e comecei a ler. Era o livro de John Eliot — Homem Vegetal (mas vendo agora, era só ‘Vegetal’), eu comecei a ler as páginas que estavam dobradas. O personagem principal, que caiu do precipício, virou um homem vegetal, mas com muito esforço e espírito de superação se torna o presidente da Associação de Homens Vegetais da Carolina do Norte. Tinha esse resumo muito edificante. E daí que virou presidente? Eu que sonhava pensava assim, mas o eu do sonho não tinha nenhum sentimento em especial. Eu, que joguei fora o livro, comecei a me concentrar nos esportes. Como se fosse na época de academia de luta livre, os bíceps, que pareciam que iam explodir, não explodiam, e bombavam. Eu parecia mais sério e determinado do que nunca.

No dia seguinte, eu estava na competição de alguma entidade de luta livre. Eu, que entrei misturado com a multidão, sem me importar com a competição, mudei o caminho em direção ao vestiário. Quem quer que me olhasse, eu parecia do “movimento”, por isso, consegui me esconder dentro do banheiro dos atletas. Respirei fundo em frente ao espelho da pia. E abri a torneira. A água jorrou com força. Lavava a consciência nesse barulho e, em seguida, eu me concentrei na direção do corredor depois da porta. Do fim do corredor, começou a rolar a bola de boliche de 16 libras na minha direção. E tum, a porta se abriu. Era Hogan. Enquanto Hogan fazia o que tinha de fazer, eu tranquei a porta do banheiro. Não sei o motivo — não, por isso, eu soube porque eu estava sonhando. Era o momento em que Hogan, que tinha feito o que tinha de fazer, começou a lavar a mão. Vrac. Apliquei o mata-leão. Dentro do sonho, pensava que eu podia até

morrer, mas para o eu que estava sonhando também pensava que não tinha problema em morrer. Hogan pareceu por um momento estar confuso, já controlando a respiração, tentou tirar o meu braço. Mas eu, o meu braço era páreo duro. Nesse momento, Hogan pegou na minha cintura. É backdrop. Essa percepção brilhou na minha cabeça como se fosse o raio de luz que foi refletido pelo espelho. Rapidamente, eu enrosquei o meu pé direito na perna de Hogan. Não conseguindo curvar o corpo como pensava, Hogan, pela primeira vez, soltou um gemido. Nesse instante, os dois eus pensavam ao mesmo tempo que não tinha problema em morrer. Através da janela do banheiro, o sol ofuscante me iluminou. Fora da janela, tinha uma grande árvore de nozes. Tóin. A minha cabeça começou a doer de novo.

10. Dívida de gosiwon^{lvii} tem que pagar

No fim, eu virei um ser humano que não faz barulho. Não sei em que momento, mas essa habilidade ficou automaticamente gravada no corpo. Andar de calcanhar levantado virou hábito social; em vez de assoar o nariz, pressionava e espremia em silêncio, e quando ia soltar gás, me deitava de lado e puxava um dos lados das nádegas com força — e aprendi a técnica de quase não fazer o barulho. Fi... Shi...

Como muitas coisas nessa vida, penso que pode ser que exista ou não exista, mas de qualquer maneira, é uma coisa boa. É porque, mesmo que tenha desaparecido do nada, não é culpa de ninguém. Passaram-se 10 anos de vida. Existem assim, assado, pessoas que morreram, e devem existir gosiwons que morreram também.

Digo, conforme a gente vai vivendo.

Lembrei do segredo do gosiwon que tanto fazia existir ou não, foi quando estava vendo o noticiário da “orelha humana que crescia no corpo do rato. Estava olhando “orelha humana que crescia no corpo do rato”, do nada vieram à tona todas as lembranças daquele gosiwon. Como se fosse a orelha humana que cresceu no corpo do rato. Estranhamente. Continuamente.

Como caracol dentro da cóclea no meu ouvido, eu estava mergulhado em reflexão silenciosa. Foi assim. Como se fosse a orelha humana que cresceu no corpo do rato e o caracol dentro da minha cóclea, teve uma época em que vivi no quarto do fim do corredor daquele gosiwon. É verdade absoluta. Caso você nunca tenha vivido num gosiwon como aquele, peço que não faça provocação do tipo “não existe caracol dentro da cóclea”. Eu garanto que ninguém sabe nada desse mundo.

Se olharmos bem

Como um ser humano pode morar no quarto do fim do corredor daquele gosiwon, também pode ser que um caracol more dentro daquele canal auditivo em forma de caracol. Estou dizendo que não tem diferença. Então isso é — como se fosse um caracol dentro da cóclea, é uma história de um homem que morou no quarto do fim do corredor de um gosiwon. É uma história de 10 anos atrás, mas mesmo assim, os genes de gosiwon, com certeza, ainda estão presentes dentro do meu corpo. Talvez, nas minhas costas, pode ser que já tenha crescido uma orelha gigante. Mas que tenha acontecido assim do nada, não acho que seja culpa de ninguém. No espaço de tempo em que a orelha cresce, existem pessoas que morreram, ratos que morreram e caracóis que morreram. Acontece.

Digo, conforme a gente vai vivendo.

Conforme vai vivendo, a gente encara vários tipos de primavera, mas aquela primavera, foi a primeira vez. Antes daquela primeira, no inverno, o negócio do meu pai entrou em falência. Vários lugares da casa tinham adesivo de confisco e foram invadidos por credores. Era uma falência fraudulenta de tamanho gigantesco, e o protagonista, que praticou forte estelionato, era o irmão mais novo do meu pai. Era sim, meu tio, mas um ser humano assim eu não poderia chamar de tio. A casa desapareceu e a família se espalhou. E eu, por mim mesmo, comecei a morar de favor na casa dos amigos. Aconteceu muito rápido.

E chegou a primavera.

Quando chegou a primavera, morar de favor também começou a ter limites. Um dia, estava fazendo a refeição da manhã com a família do meu amigo e estava faltando ovo frito só para mim. Aqui não tem ovo frito? Quando meu amigo perguntou, a mãe dele respondeu. Pois é. Acabaram os ovos. Sem pensar em muita coisa, comi bem e me levantei agradecendo que tinha comido bem, avistei duas caixas de dúzia de ovos em cima da geladeira. Pelas costas, o barulho da colher que a irmã do meu amigo deixava na mesa parecia muito mais alto do que de costume.

Voltei para o quarto e falei para meu amigo que arrumaria minhas coisas já. Por quê? Para o amigo que não sabia o motivo, disse que tinha um lugar para ir, mas a minha vontade era que, selando-me os olhos, nariz e boca, eu queria ser a coluna ou a porta daquela casa. Era uma casa que, no total, no 1º e no 2º andar, tinha instalados três ares-condicionados e aquecimento de bronze. Eu, antes de mais nada, procurei o meu irmão. Me desculpe. Isso é tudo. Em frente ao alojamento de contêiner, meu irmão, que escutou o meu caso até o fim, sem dizer nada, me deu 300 mil won. Em volta do alojamento, as forsítias estavam em pleno florescimento.

O motivo de meu irmão ter desistido da empresa que estava frequentando bem era a pressão. Como sabia que ia ter pressão salarial, tinha pedido demissão antecipadamente. O dinheiro da rescisão foi todo embora, com despesas dos meus pais e o pagamento da matrícula da minha faculdade. Com esse dinheiro eu virei secundarista, mas eu era em vários aspectos de dar vergonha, um aluno de universidade de terceira linha. Na realidade, o exército era a única saída, mas para mim, que recebi indeferimento por causa da miopia, nem isso mais era porto seguro. Em frente à biblioteca, que eu subi com informativos de vários bairros da cidade, duas borboletas-da-couve brancas estavam voando em volta.

Na mesa bem iluminada da biblioteca eu rastejei, lenta e persistentemente como um caracol, por vários lugares dos informativos. Na grande mesa sem divisória e de seis lugares, além de mim, estavam duas estudantes frente a frente

lendo Shakespeare e Entendendo a arte da fotografia. Me senti um pouco pobre, incomodado e envergonhado — mas e daí se eu me sentir um pouco pobre, incomodado e envergonhado? Eu era o primeiro homem a desejar ser coluna ou porta. Como se fosse um recém-feito café com leite, o sol da primavera era quente

90 mil por mês. Alimentação inclusa.

Não tinha opção de escolha. Não existia um quarto que se pudesse alugar com 300 mil won, somente gosiwon — o lugar, sobre o qual tinha escutado pela primeira vez, era o único lugar a que eu podia ir. E estava no lugar mais alto da seção de gosiwons. E entre os gosiwons, tinha o mais em conta, o “Gosiwon Tem que Pagar”. Esse lugar, sem pedir nenhum centavo de depósito, era um fio de luz que iluminava este mundo de escuridão.

No dia seguinte eu saí da casa do meu amigo. Tirando o computador, a mudança era muito simples, então, mais do que “mudar”, “movimentar” era mais próximo. E até essa movimentação, como meu amigo ajudou, senti que era um exercício leve e acabei me mudando. Se for difícil, me procure quando você quiser. A mãe do meu amigo me disse assim, quando eu estava me despedindo.

Distante mais ou menos 500 metros da escola, quebrando vários becos — numa região afastada, erma e pobre, ficava o Gosiwon Tem que Pagar. O velho prédio de três andares, de tinta descascada, na parte de trás tinha uma pequena montanha. Sem nada a acrescentar, era um lugar que tinha ar fresco. No caminho da entrada em direção à montanha, algumas cerejeiras estavam balançando.

Gosiwon? Aqui não é lugar para estudar para provas? O amigo, que desceu do carro, fez expressão de não estar entendendo nada. Eu também estava preocupado, mas estava maquinando superficialmente e decidido em insistir que era um aluno repetente. Mas o fato importante, que nós não sabíamos, é que, desde mais ou menos essa época, gosiwons começaram a substituir e cumprir o papel de habitação. Ou seja,

Não tinha com o que se preocupar. O motivo da mudança não tinham como saber. De qualquer maneira, o ano de 1991 foi o ano em que trabalhadores diaristas e funcionários de casas noturnas começaram usar gosiwons como dormitórios, e era o fim de uma era em que ainda existiam as pessoas que estudavam para gosi no gosiwon. Portanto, para as pessoas que procuravam esses lugares, ou para os próprios gosiwons, era um tempo em que me sentia um pouco envergonhado e confuso. De qualquer maneira,

Nós, que não tínhamos como saber disso, subimos com todo o cuidado os degraus. Não era culpa de ninguém. Aos 20, julgamos o mundo por nome e

aparência. Nós tínhamos exatos 20 anos, e nesse lugar tinha a placa “Gosiwon Tem que Pagar”. Assim, nós, que chegamos à porta principal, prendemos a respiração uma vez e abrimos a porta cuidadosamente. Na porta principal, num espaço apertado a ponto de não se ter onde pisar, estavam 13 pares de tênis, quatro pares de sapatos, cinco pares de sapatos de salto alto, três pares de chinelo e, o que não tinha como saber o dono, um par de sapatos brancos.

Silêncio no ambiente interno

Quando pisamos na porta principal, de imediato, a placa com letras garrafais que ameaçavam as pessoas. De caligrafia que qualquer um poderia escrever, no quadro brega que qualquer um poderia pendurar. E debaixo da placa, tinha a recepção de portinha de vidro, que mais parecia um buraco de rato. A dona era uma mulher cinquentona. Ah, o senhor que me ligou? Sim. Com o máximo de educação, eu respondi.

Nós fomos conduzidos para o quarto imediatamente. Era um corredor absurdamente longo, apertado, escuro, de mais ou menos 40 centímetros de largura. Por isso, como se brincássemos de trenzinho, automaticamente nós fizemos uma fila indiana. Educadamente, o trem entrou para dentro do túnel. Mas no meio do túnel, alguém saltou, abrindo a porta. Colisão à vista! Era um timing perfeito para se gritar, mas ele se contorceu rapidamente e grudou na parede. Era um movimento surpreendentemente rápido para nós. E acostumado. E ainda por cima era educado. Nossa senhora! Fazendo o mesmo movimento, seguindo a locomotiva que passava do lado, nós contorcemos o corpo e também passamos por ele. Eu engoli seco e, sem perceber, já estava na ponta dos pés. O meu quarto ficava no fim do corredor.

Resumindo, no espaço onde eu não conseguiria esticar as pernas, estavam uma mesa e cadeira. Estuda nesse lugar. E fica com sono. Preciso dormir. Então, tem que tirar a cadeira e colocar em cima da escrivaninha. Ah. Debaixo da escrivaninha tem esse espaço enorme (comparando com a metragem do quarto, podia-se dizer que era um espaço enorme)! Dentro dele, estica as pernas e dorme. Era isso.

Quando se deita nessa postura, qualquer um pode ver as duas linhas de varal que cruzam o teto e um pequeno armário embutido acima da escrivaninha. No meio do teto, como se fosse um osso embaçado de radiografia, estava acessar a menor lâmpada fluorescente que existe. A luz era frágil como clavícula fraturada e sem definição como corpo humano projetado. É uma luz que não queria ver de novo, mas tirando o momento em que ia dormir, sempre tinha que deixar acesa. Porque não tinha janela. E as refeições?

Ah. Venha comigo. Nós, novamente brincando de trenzinho, fomos até o

terraço. Naquele lugar tinha uma pequena sala, e lá dentro tinha uma mesa de jantar para quatro pessoas, e panela de arroz tamanho grande. O dono, como se pedisse atenção, levantou e virou a tampa. Arroz que parecia velho, mas em grande quantidade, estava dentro da panela. É só cada um arrumar os acompanhamentos, que sempre se pode comer. Arroz sempre vai ter. E a ponto de poder dizer que é um espaço reservado — de tão estreito e escondido — tinha banheiro e área de descanso coletivo, e também, igualmente coletivas, lava-roupa e TV antiga. Espera, papel higiênico, cada um tem que comprar e usar. É certo que eu tenho que comprar, mas toda vez que deixo no banheiro, alguém leva embora, então, não tenho como suprir. É por isso, então, espero que você entenda.

Então vou trazer a mudança.

Como vou dizer. Surpreendentemente, decidido, falei assim. Paguei o primeiro mês de aluguel, coloquei dados pessoais no livro de registro e, no momento em que recebi as chaves — de repente me senti adulto e fiquei com a sensação de que tinha entendido um pouco do mundo. Assim como retirei os objetos da casa falida, eu, sem dizer nada, comecei a levar para o quarto o computador e cinco malas. Levando o monitor, que ocupava quase a largura do corredor, meu amigo cochichou assim.

Será que uma pessoa pode viver aqui?

Sem nem sequer refletir sobre se morar nesse tipo de lugar já não é atribuição do ser humano, era nesse sentido. Dependendo de quem escuta, ou como se ouve, era suficiente para ficar bravo, magoado ou entristecido. Mas no momento que ouvi isso, fui capturado por um sentimento totalmente diferente que nem sequer se poderia imaginar. Era uma coisa estranha. Eu não fiquei bravo, nem magoado, nem entristecido. Em vez disso, me senti solitário.

A mudança terminou assim. Depois de trancar o quarto, desci de novo prédio abaixo e me despedi do amigo. Tá tudo bem, mesmo? Soltando longuíssima fumaça de cigarro, me perguntou. É como se tivesse pegado icterícia, estava com feição amarela. Tudo bem. Eu respondi. O meu amigo olhou para o céu por um instante e, sem dizer nada, deu partida no carro. Obrigado. Tchau. Assentiu com a cabeça.

Quando o vestígio do carro esporte vermelho que desceu a colina desapareceu, de algum lugar soprou uma refrescante brisa de primavera. Eu fumei mais um cigarro. O mundo estava comportado, e no caminho da entrada, algumas cerejeiras continuavam balançando. Assim — parecia nada, mas tinha acontecido muita coisa na primavera de 1991. Olhando para trás

Por que era uma primavera tão ensolarada?

QUEM BATEU NA PRIMEIRA NOITE FOI O PROMOTOR KIM

O problema era o computador, porque cheguei à conclusão de que, quando colocava o monitor, não podia subir a cadeira, e também não podia esticar as pernas. Mas como era um espaço que não tinha folga, pude encontrar uma resposta rapidamente. Eu decidi não esticar as pernas. Quando me decidi, até lembrei de ter ouvido em algum lugar que dormir na posição de camarão era bom para a saúde. Pode ser

Que sim. Quando eu mesmo estava me consolando, já era noite. Lembro em viva memória da primeira noite. Era uma noite silenciosa, até boa para o nascimento de Jesus, e tão modesta e pobre que era sagrada. Eu, sem conseguir dormir, revirei as malas em silêncio e achei, no bolso lateral da terceira mala, o toca-fitas. Mas não encontrei o fone de ouvido. Segurei a respiração, acertei o dial e comecei a escutar a música no menor volume possível. Para saber como o volume era baixo — eu não conseguia entender nada da letra e só sabia que estava saindo a música por repetição de “tchan tchan tchan tchan”. Estranhamente, quando estava escutando esse tchan tchan tchan tchan, de repente comecei a chorar. Esse tchan tchan tchan tchan que eu não sabia o nome era uma música que, de fato, emocionava.

Toque toque

Como antes da batida escutei a porta ao lado se abrindo, então soube facilmente que o responsável pela batida era o vizinho do quarto ao lado. Pensando que eu deveria pelo menos me apresentar, abri a porta, mas dei de cara com um rosto bravo parado na porta. Era de baixa estatura para um homem, corpo troncudo. O homem de cabelo curto, que parecia ter 10 anos a mais do que eu, estava me olhando fixamente com duas mãos na cintura. Dentro dos óculos de armação dourada, os pequenos olhos estavam vermelhos.

Silêncio.

Cuspiu apenas uma palavra, e o homem retornou a seu quarto. Eu, depois de fechar a porta, silenciosamente, pensando que cometi um grande erro, apaguei a luz, encolhi o corpo depois e fui dormir. Com certeza não consegui dormir, mas fiquei pensando muito que tinha que dormir. Eu me esforcei.

Na manhã seguinte, a dona queria falar comigo. A dona sabia direitinho sobre o acontecido “de ontem à noite” e fez essas e aquelas advertências, e pediu essas e aquelas cooperações junto. Depois soube, o problemático homem do

quarto ao lado era o último morador do gosiwon que de fato estudava para um exame de qualificação. Por esse motivo, estava pedindo uma atenção redobrada para o silêncio no ambiente interno. A dona o chamou de “promotor Kim”.

Vou tomar cuidado.

Senti que eu tinha outras coisas para falar, mas resolvi aceitar essa situação peculiar, a que me submeti, como sendo a minha realidade. Nem tinha para onde fugir e, como vou dizer... A minha personalidade era assim. Você parece que puxou seu pai. A minha mãe sempre me dizia assim também.

Depois desse dia, comecei a morar junto com o “promotor Kim”, que mantinha o 1 centímetro da distância do compensado de madeira. Não tem como não ser “morar junto”, eu pensava. Do meu lado, podia-se escutar em vivo som o barulho da caneta rolando na escrivania, até fungada de nariz. Por isso, tinha hora em que eu sentia saudades de enlouquecer de tchan tchan tchan tchan, lembrava dos apavorantes olhos pequenos vermelhos e engolia a saliva. Eu fui me tornando aos poucos um ser humano silencioso.

Se prestar atenção, o corpo humano realmente emite muitos barulhos. Em uma sentença, o ser humano é um animal muito barulhento. A personalidade do promotor Kim era do tipo sensível, e se eu, não, se meu corpo emitisse um barulho, por menor que fosse, ela transparecia o desagrado sem a menor cerimônia. Por exemplo, fazia cóf ou tum, batia na parede, e todas as vezes eu me assustava, e como se fosse lâmpada fluorescente com mau contato sem conserto, tremia o corpo na frequência do medo.

No fim, eu virei um ser humano que não faz barulho. Não sei em que momento, mas essa habilidade ficou automaticamente gravada no corpo. Andar de calcanhar levantado virou hábito social; em vez de assoar nariz, pressionava e espremia em silêncio, e quando ia soltar gás, me deitava de lado e puxava um dos lados das nádegas com força — e aprendi a técnica de quase não fazer o barulho.

Fi... Shi...

No geral, o gás parecia um peixe tropical — no pequeno quarto que não tinha ninguém. Puxava um dos lados das nádegas com força — quando disparava cuidadosamente, eu sempre tinha saudades da minha família, ou trazia à tona a lembrança de músicas como Saudades da Montanha Kumgang^[lviii] em silêncio. Não sei o motivo. De qualquer maneira, era Saudades da Montanha Kumgang.

É assunto de quem, clara e suave montanha
A saudosa 12 mil cumes
Não diz nada, mas agora está liberta

Ajeita o colarinho

O nome a ser repetido, a nossa Monte Kumgang

A bela montanha de milhares de anos

Depois de anos, finalmente chegou o dia de procurá-la

A Monte Kumgang chama

Aquele mês foi a época em que foi mais difícil e que mais fui solitário. Por ser primavera, o aquecimento não estava ligado e a sensação térmica do interior do quarto era muito fria. E eu sempre estava sozinho. Minúsculo, solitário, humilde, e dentro daquele quarto precisava ser humilde — eu me encolhia, suportava, aguentava, calava, e um dia

Compreendi, de doer no osso, a verdade de que o ser humano é solitário e que o mundo não é para se viver sozinho, ao mesmo tempo. Parecem contradições, mas eu ainda acredito nisso. Ou seja, talvez o ser humano — por não poder viver sozinho no mundo, é solitário?

De qualquer maneira,

Quando passou aquele mês, comecei a me acostumar com a vida no gosiwon. Por exemplo, quando estou escovando os dentes, mesmo que viesse um tremendo barulho de alguém urinando, podia ficar impassível, e mesmo que uma mulher saísse repentinamente da porta, eu não ficava mais assustado. E ao contrário, se eu estivesse no banheiro e escutasse o barulho de alguém lavando o rosto, ou se eu abrisse a porta e desse de cara com uma mulher, conseguia passar ao lado sem esboçar nenhuma reação.

Era mais ou menos assim. Eu aprendi o jeito de cuidar de minha pasta e escova de dente, sabonete e toalha, e uma vez, depois de sofrer por falta de papel higiênico, ficava atento para nunca mais faltar. E adquiri a técnica de não misturar as roupas na hora de pendurar no varal e de comer arroz requentado. Também descobri onde vendem os acompanhamentos mais saborosos no mercado central e o local do telefone público mais perto.

Também houve muitas mudanças na vida escolar. Para poder ganhar bolsa — eu realmente estudei bastante e fazia qualquer bico que aparecia pela frente, e um dia, escutei do professor titular “Não consigo notar sua presença”. Dos colegas, escutei que era “criança-velho”, e das calouras do primeiro ano, escutei “Que passos graciosos”. Esse tipo de coisa

Acontecer. Eu assentia com a cabeça. Nisso, já estávamos entrando no começo do verão. Não soprava mais brisa refrescante e a minha vida não era mais entediante. Tchan tchan tchan tchan, ouvia o som da cigarra. Os que podiam soltar a voz eram só as cigarras.

Com o passar dos tempos, comecei a conhecer melhor as pessoas do gosiwon. Mesmo assim, quando nos encontrávamos, não passava de um leve sorriso nos olhos, e diálogos ou algo parecido não aconteciam. A verdade que eu soube depois é que essas pessoas, em sua maioria, tinham vergonha da sua situação atual. Por isso, se possível, não se encontravam e evitavam um ao outro, e isso era a educação do lugar.

Estranhamente, quem era corajoso eram mulheres. Se as encontrassem ao lado da pia ou banheiro, as mulheres eram sempre confiantes, faziam o que tinham que fazer, frequentavam quartos uma da outra, conversavam em tom de confidência, faziam também compras juntas, encontravam-se naquela minúscula sala no terraço e comiam felizes, e até davam risadas. Não. Riam alto! Eu, que estava fumando no terraço, quase dava um grito. “Rir” naquele lugar era algo realmente raro.

Ouvindo as risadas daquelas mulheres, que com certeza ganhavam baixo salário, eu pensava que o que mantém o mundo seria as mulheres. As mulheres eram saudáveis. Só de pensar no mundo dos homens ficava envergonhado. Um ao outro. Era a ponto de não conseguir olhar um ao outro. Tchan tchan tchan tchan, escutei de novo as cigarras que choravam soltando a voz.

O único homem que não se envergonhava desse lugar era o promotor Kim. Ele sempre era confiante, ficava firme na frente de quem quer que fosse. O que quer que fizesse era sempre esforçado. 6 da manhã e 9 da noite, subia no terraço e fazia exercícios sem falta. Quando dava a hora da refeição, quem quer que estivesse na mesa, ele colocava seus acompanhamentos na mesa, confiante. Como vou falar. Ele era confiante a ponto de as pessoas que estivessem olhando se sentirem embaraçadas.

Por exemplo, mesmo fazendo exercícios — mesmo que as mulheres estivessem presentes — baixava a cintura e exibia a pélvis e executava com afinco o movimento de esticar bem aberta uma das pernas e balançar a bunda. Se fosse eu, nem conseguiria fazer exercício de respiração direito. E quando lavava o rosto — quem quer que estivesse — chuá chuá, fazendo um grande barulho, esfregava bastante o rosto e o pescoço, a ponto de ficar vermelho e fum pá assoava o nariz fazendo barulho alto e terminava jogando a melega fazendo força. Eu, fosse eu, deixa pra lá.

O promotor Kim era uma pessoa assim. E no pano de fundo da história, existia o orgulho de ter sido formado em Direito e do tratamento especial dado pela proprietária. De fato, até pela idade, com certeza era o mais velho, e quando precisava de algo, para a maioria das pessoas usava o imperativo em tom depreciativo. Com certeza os homens, até as mulheres que riam e tagarelavam

alegres, quando o promotor Kim aparecia no terraço, todos fechavam a boca. Pelo menos nesse lugar

Ele era um promotor de verdade.

Toda vez que dava de cara com ele, eu sempre cumprimentava com todo o respeito. Quase sempre era no terraço ou na mesa, uma única vez encontrei com ele na choperia onde eu estava fazendo um bico. Eu, que fazia o cumprimento, fiquei surpreso, e ele, que estava recebendo o cumprimento, ficou com o rosto bastante ruborizado. Não sei ao certo, mas parecia que a sua imagem bagunçada fora descoberta por alguém. Uma Obek! Como ele estava bebendo sem nenhum acepipe, eu pedi para o hyung da cozinha uma lula seca. No momento, não tinha nem cliente, nem dono. O que é isso?

É cortesia.

Com cara de que não era grande coisa, balançou a cabeça. Com essa desculpa, eu sentei na frente dele à mesa, cortei as pernas da lula e comecei a falar sobre vários assuntos. Mas tinha o porquê. Primeiro, expliquei sobre o colapso da minha família, por isso, escutou que, mesmo que eu e meu irmão tivéssemos um emprego, o salário era praticamente confiscado. Será que “por lei” nós temos que pagar as dívidas do nosso pai? Se existe essa obrigação “por lei”? Não temos o direito de vivermos nossas vidas? “Por lei” temos que pagar a dívida até a morte? Etc. Expus tintim por tintim as dúvidas que me revoltavam e frustravam.

Se pegou dinheiro emprestado, tem que pagar.

Quando desapareceu a nuca de porco imundo, um vento quente soprou não sei de onde. Sem querer, estava parado fumando ao lado da saída de ar do ar-condicionado. O mundo como sempre estava silencioso e as cerejeiras, lá longe do caminho da entrada, estavam paradas, sem fazer nem um movimento mínimo. Então — esse cara era o promotor Kim, o cara que bateu na minha porta na primeira noite. É sério.

Deixa pra lá.

QUALQUER SER HUMANO VIVE NO ESCONDERIJO. IDEM

Quando descobri esses rabiscos na parede do banheiro foi por volta do Chuseok^[lix]. Na junção do canto onde mal se podia enxergar, estava escrito do tamanho de um grão, já desbotado — era um rabisco muito antigo. “Qualquer ser humano vive no esconderijo”, em caneta preta, e alguém tinha emendado embaixo “Concordo em gênero, número e grau”, em canetinha azul. Eu também

Concordo em gênero, número e grau.

O dono do rabisco parecia que aqui, ali, tinha feito muitas reflexões. No outro canto estava escrito “Viver a vida é mais difícil do que passar em exames”, na mesma caligrafia e do mesmo tamanho, igualmente velho, prestes a desaparecer, também era um rabisco antigo.

Pode ser

Eu pensava. Na época eu estava cansado por vários motivos. Consegui a bolsa, mas os pesados bicos e o estresse do “silêncio”, sem que eu desse conta, estavam cansando o lado psicológico. Sempre tenho que dormir num lugar desses. Isso parece coisa de galinha. Quando abria os olhos de manhã, pensava isso. Dentro daquele minúsculo quarto não se podia fazer nada. Como disse, só podia dormir.

Como era impossível movimentar a parte de cima e a parte de baixo do corpo simultaneamente, depois, no fim, o movimento em si quase desapareceu em mim. Como não podia esticar as pernas, parecia que eu estava amontoado em algum lugar, o corpo realmente estava ficando rígido como uma árvore. Pareço um móvel. Sem dúvida, eu era como se fosse um móvel antigo embutido no lugar.

Em cada espaço separado por um compensado de 1 centímetro, estava espremido um homem ou uma mulher. Lá dentro, todos peidavam sem fazer barulho, dormiam, pensavam e se masturbavam. Viviam. Cada vez que penso, acho que isso é um acontecimento espetacular. Parece que está conectado, é enjoativo e está balançando. Será que isso não é membrana celular? Com a mão superposta à parede de compensado, eu mergulhava nesse pensamento. A porta sempre estava fechada e não tinha janela. Era de se espantar que não se asfixiasse. Será que meus pulmões já não atrofiaram? Será que não estou fazendo algum tipo de respiração branquial? Apertando a caixa torácica, debaixo da axila, eu pensava. E olhando em volta,

Parecia que algo como uma bolha

Estava flutuando dentro do quarto. O que era aquilo? Será que era uma parte do gás comprimido que escapou do ânus como se fosse um dócil peixe tropical? Ou será que foi a minha alma cansada e sofrida que deu uma pequena escapada do meu corpo que já virou um móvel?

E nessa época — trabalhava até cansar ou, quando não tinha trabalho, andava a esmo por aí e, literalmente, voltava para dormir, tinha virado hábito. E

claro que, se eu quisesse, podia dormir no quatinho da loja onde trabalhava. Como é um acontecimento maravilhoso poder esticar as pernas. É isso. Mesmo assim, eu sempre me infiltrava no meu esconderijo. O motivo era

O meu computador.

Quase no fim do verão houve um roubo no gosiwon. No meio da noite, uma mulher saiu no corredor e gritou estridentemente. Estou morta. Estou morta. Roubaram meu salário. Era essa a história. O policial veio e abriu a investigação, mas o criminoso não foi pego. A mulher não morreu, mas a expressão não podia dizer que era de quem estava vivo. Depois do acontecido, a dona me procurou.

Era por causa do computador.

A dona reforçou o cuidado com a porta. E explicou detalhadamente a parte judicial de que, pela perda de objeto valioso que não foi confiado, ela não se responsabiliza, nem no banheiro coletivo. Compreendo. Eu respondi. Todos acreditavam que tinha sido alguém de dentro. Se o desgraçado é capaz de roubar o salário de uma mulher que trabalha no café, veio o pensamento de que é capaz também de roubar computador de estudante universitário pobretão. “386 DX-II”. Naquela época, era um computador de última geração, de não fazer feio em nenhum lugar que eu mostrasse.

Era o meu único patrimônio nesse mundo complicado. Se até isso sumisse — pensava, que eu realmente viraria indigente, por isso, o que fosse que acontecesse, eu sempre voltava para o esconderijo. Todos tendem a pensar que todo seu patrimônio é seu tudo. Eu também, pensava assim.

Um dia teve uma festa de despedida de um colega que estava prestes a se alistar, então, acabei bebendo até tarde da noite. Tinha um clima de passar a noite em claro, no fim eu me lembrei do computador. Sem falar nada, eu saí do lugar de bebedeira. O caminho da colina de madrugada era escuro, frio e silencioso. Com meus já costumeiros “passos graciosos”, cheguei na frente do prédio, ouvi alguém soluçando perto do caminho de montanha da entrada. Não sei se foi por causa da bebedeira, sem eu saber, eu me aproximei do lugar. Debaixo da iluminação pública, que deveria ter trocado de lâmpada faz tempo, com certeza, tinha um homem soluçando, tentando abafar o barulho.

Era o promotor Kim.

Eu, que fiquei assustado, me escondi na parede de trás do prédio. Olhando direito, o promotor Kim estava sozinho no lugar. Vi uma mulher de identidade desconhecida de costas para a árvore, e o promotor Kim estava chorando na

frente. Era uma mulher que eu estava vendo pela primeira vez. A mulher estava frívola e o promotor Kim estava continuamente suplicando alguma coisa. A mulher manteve a pose frívola até o fim, e por fim, rejeitou a mão do promotor Kim e desceu caminho da colina abaixo. Assustado, eu subi ao quarto com pressa.

Tum.

Não se passou muito tempo depois da volta, a porta ao lado abriu fazendo um estrondo. Era um barulho muito diferente do habitual. O que será que aconteceu? Que história o promotor Kim tem? Quem era essa mulher? Em meio às dúvidas no meio da madrugada, tchan tchan tchan tchan, algo de barulho muito baixo continuou soluçando — por causa da pressão osmótica, atravessava a membrana celular do compensado — e penetrou até o meu quarto. Aquilo parecia o choro de algum bicho triste.

Quanto tempo será que se passou? O choro do bicho foi substituído por barulho de algo se remexendo. Dava a impressão de estar procurando algo, apressado. A coisa mais importante da vida — ou talvez uma foto dela. Ou seria a última carta de amor que recebeu dela? Foi uma noite em que não consegui dormir de jeito nenhum. O remexer mexia cada vez mais com meu psicológico. Hoje, preciso tomar realmente muito cuidado. Pensei assim.

É um desastre.

Nesse momento, senti um grande ânimo explodindo dentro da barriga. Foi muito repentino. Aquilo não era metano; com certeza, nem gás encanado. Por mais que eu puxasse a minha bunda, não era de matéria que iria ser suprimida. Ainda por cima, o problema maior era que eu não podia me mexer. Se me mexesse — o que não era um dócil peixe tropical, um imenso tubarão-branco ia sair abocanhando tudo.

Culpando o excesso de comida na bebedeira, eu puxei a minha bunda com cuidado. Ao máximo. E me esforçando ao máximo, acalmei, e acalmei de novo, o tubarão-branco. Finalmente, o que acabou saindo foi um atum. Eu pensava que tinha sido um sucesso, mas o problema não tinha terminado. Como vou dizer? Não é que o tubarão-branco ficou menor e virou atum — o tubarão tinha se dividido em vários atuns. Esses vários atuns não eram de brincadeira.

Ah, porra.

Nitidamente, veio esse barulho do quarto ao lado. Era um som baixo, mas com certeza estava imbuído de nervosismo e impaciência. Quando saltou o segundo atum, além do barulho de remexer, junto com “Ah, porra”, formou-se um clímax tenso. Eu tive medo. Por isso, hoje, eu tinha decidido... Nossa, não era

minha intenção, mas o tamanho era do nível de O Velho e o Mar. Me arrependi, mas já era tarde. Eu escutei o barulho da porta se abrindo repentinamente e, na sequência, escutei quatro batidas na porta. Isso não é o “destino”? Morri agora. Abri a porta pensando nisso — era obviamente o promotor Kim esfregando os pequenos olhos. De rosto ruborizado, ele falou.

— Será que... Você não teria papel higiênico?

Olhando o promotor Kim, que escapava pelo corredor com o papel enrolado na mão — eu não sei se ria, ou ficava triste, mais do que qualquer sentimento — me sentia solitário. No meio da escuridão ouvi um abrir e fechar apressado da porta do banheiro e tchan tchan tchan tchan, ouvi um som baixo como se fosse de uma música — por pressão osmótica atravessando a membrana da porta do banheiro, penetrou no meu ouvido. Fechei a porta. O quarto atum já tinha virado faz tempo um enlatado dentro da barriga. O atum, assim como o ser humano, no fim, vive no esconderijo. Queria fazer esse tipo de rabisco. Depois de algum tempo desse acontecimento,

Meu irmão morreu.

Foi um acidente. Choque por causa da instalação elétrica malfeita. Foi uma queda. O hyung que voou a uma altura de cerca de sete andares, depois da cremação virou um punhado de pó e foi sepultado no cemitério dos cremados. A última estadia do hyung parecia um anexo do Gosiwon Tem que Pagar, um quarto pequeno e escuro. Como o atum conservado na lata, meu irmão mais velho entrava naquele quarto pequeno e escuro. O atum ou o ser humano, no fim, morre no esconderijo.

Quando finalmente o inverno chegou, eu me tornei um ser humano que não fala, tanto quanto um urso polar. O promotor Kim foi reprovado na prova daquele ano, uma garota sofreu violência de um cliente e quebrou o nariz, a dona foi assaltada em frente ao banco por um ladrão de motocicleta e as demais pessoas continuavam se envergonhando e evitavam cruzar olhares. Um dia naquele inverno, o aquecimento do gosiwon quebrou. Para fazer o conserto e para verificar o tubo de ventilação, cerca de 30 hóspedes tiveram que deixar seus quartos. Pensando em fumar, subi ao terraço, como se tivessem marcado um compromisso, várias pessoas estavam concentradas no lugar. Olhando para uns que jogavam conversa fora, uns que fumavam e uns que esfregavam as mãos olhando para o céu ao longe — pensei repentinamente

A vida de qualquer um é uma espécie de exame.

Quando escutaram o grito de término da inspeção do tubo de ventilação, as pessoas em bando voltaram para os respectivos esconderijos. Eu permaneci no

lugar e fumei mais um cigarro. O mundo estava congelado e as cerejeiras do caminho de entrada estavam hibernando profundamente. Se não é árvore — ou seja, ser humano — qualquer um vai vivendo no esconderijo. Isso era muito mais difícil do que passar no gosi. Se alguém tivesse rabiscado isso, de verdade

Qualquer um ia concordar em gênero, número e grau.

EU QUERIA QUE ESSE GOSIWON DE NOME PECULIAR AINDA ESTIVESSE NO LUGAR

Assim a vida se passou. Depois disso, eu ainda morei lá por mais um ano e meio. Ao todo, passei dois anos e seis meses da minha vida naquele lugar. Passar dois anos e seis meses em um lugar daqueles até parece mentira. E depois se passaram mais 10 anos. Devem existir essas, aquelas pessoas, gosiwons que morreram — eu sobrevivi. Digo, fui sobrevivendo.

O promotor Kim também foi reprovado no exame do ano seguinte. E depois, depois eu não tinha como saber. Um dia seus pais vieram do interior e eu soube a notícia de que o então último dos estudantes de exame qualificatório fez as malas chorando. Isso foi o que me disseram. Quando voltei, tarde da noite, o quarto dele estava vazio.

A garota que quebrou o nariz fez operação plástica e levantou o nariz. Acho que foi nas férias de verão do ano seguinte. Eu, por intermédio dela, comecei a trabalhar de garçom do estabelecimento e, um dia, estando muito bêbado, acabei dormindo com ela. Foi minha primeira vez. A vida é realmente muito estranha.

A resolução do crime de roubo se desenrolou num lugar inesperado. O ladrão era diretor da escola de matemática mnemônica do 2º andar e foi pego quando igualmente estava botando a mão no cofre do restaurante chinês do 1º andar. Na polícia, ele confessou o crime e disse coisas como que o roubo não era sua intenção, ou que amava aquela mulher, coisas com as quais realmente não se podia saber sua intenção verdadeira. Disseram. E obviamente, com acordo em segredo, “arranquei três vezes o valor” era a barulhenta fala da mulher, que estava com expressão de agora dá para viver.

Sobre o “386 DX-II” não sei o que posso dizer. Penso que não preciso dizer nada, ou também penso que preciso dizer muita coisa. Aquilo desapareceu sozinho. Eu não consigo lembrar de quando foi. O que é a vida? Acho que é isso.

Também penso a mesma coisa sobre a dívida. Passado algum tempo, também desapareceu sozinha. Penso que o mundo nos perdoa dessa maneira, ou por meu hyung ter morrido, deve ter sido paga. De duas ou uma forma, acredito

que dívida, no fim, é dívida.

O dono do sapato branco não consegui descobrir, até o fim.

Meu pai e minha mãe faziam agricultura. Obviamente, para as despesas gerais era eu quem mandava, podia-se dizer que meu pequeno afazer era agricultura. O irmão mais novo do meu pai foi preso nos EUA. A notícia da prisão, as notícias depois disso, não soube. No fim, ser humano vive no esconderijo.

O meu amigo que dirigia carro esportivo se casou com uma Miss Coreia. Explicando com precisão, se casou com uma candidata que participou do concurso de Miss Coreia. O rumor era simplesmente de que tinha se casado com uma Miss Coreia, e quando todos escutaram esse rumor, já estava separado. E depois perdemos o contato.

E eu me formei, arrumei um emprego e me casei. Cada vez que lembro de uma das três coisas, penso que por pouco, por pouco, o que me foi permitido por força humana foi capaz de fazer. Realmente a vida era mais difícil do que passar no exame, e mesmo assim, acredito que eu tive bastante sorte. Certeza?

Certeza.

E em meio a isso — também por pouco — consegui arrumar um pequeno apartamento de aluguel. Era um apartamento pequeno e pobre, mas no dia da mudança, eu chorei. Você também choraria, provavelmente. Como se fosse um sonho — eu dormia de pernas esticadas, e muito frequentemente, vivia comendo muito ovo frito. E de vez em quando, raramente

Lembrava do meu esconderijo naquele gosiwon. Como ontem, quando assistia à notícia da “orelha humana que cresce no corpo de um rato”. Tudo isso é história de um passado distante e eu podia recordar como positiva a lembrança daquele gosiwon de nome peculiar. Como se entendesse a orelha humana que cresce no corpo do rato, de maneira esquisita. No fim, o tempo é o nosso aliado.

Eu tinha a sensação de estar morando com uma mulher chamada Jung-Suk^[lx]. Sempre Jung-Suk. Precisava fazer Jung-Suk. Surpreendentemente, bebendo cerveja, ontem à noite fiz essa piada com a minha mulher. Ela riu, e agora, como se sente? Perguntou na lata. Hum, como será que me sinto agora?

Com certeza, é paraíso.

No momento em que respondi isso — eu, do nada — pensei que seria legal se aquele gosiwon ainda estivesse naquele lugar. Não sei o motivo.

Depois que minha mulher dormiu, eu escapei da cama em silêncio. Quando abri a janela da varanda, do 15º andar, um maravilhoso e imenso céu da noite estava aberto lindamente. O que são aquelas luzes? Flutuavam. Como se fossem bolhas, as luzes formavam um bando que flutuava — será que são os olhares de compreensão das pessoas que tiveram de partir deste mundo? Ou será que são as nossas almas cansadas que escaparam por um momento da vida de móvel? Pensava enquanto fumava.

Se for pensar bem, ainda tenho a sensação de estar vivendo em esconderijo. Ou fico preocupado, se tudo que nós temos não passa de algo parecido com “386 DX-II”. Com certeza, não deve ser isso. Tudo isso é realmente um patrimônio importante para vocês e todos nós estamos vivendo juntando e cuidando dessas coisas. Deve ser isso.

De qualquer maneira
Queria que aquele gosiwon de nome peculiar
Ainda estivesse naquele lugar.
Mesmo que naquele imenso esconderijo
Eu fracassasse
Ou caísse
Mesmo que eu não tivesse absolutamente nada
Queria que todos pudessem voltar
E dormir

Mesmo que seja de maneira
Completamente encolhidos.

Crítica

ENSAIO

EM ZIGUE-ZAGUE, VAPT-VUPT, PULANDO OBSTÁCULOS

Su-Jung Sin

Crítico de literatura

1. A NARRATIVA DA ÉPOCA EM QUE A NARRATIVA FICOU IMPOSSÍVEL

É possível dizer que Park Min-Gyu é um autor feliz? Lembrando o histórico de que, em 2003 ganhou o prêmio Munhakdongne com *A lenda dos super-heróis da Terra*, e em seguida ganhou o Hanguere com *O último fã-clube do Sammy Superstar*, é possível dizer que sim. Ainda por cima, logo após ganhar prêmios com romances, abriu o caminho com *Obrigado*, seu guaxinim, publicado no volume de verão de *Literatura Mundial*. Se se pensar na completude da criação apaixonada com que publicou o livro de contos *Castella*, em apenas dois anos, creio que não preciso me preocupar com a resposta a essa pergunta. Portanto, ele acabou se tornando um tipo de escritor que conseguiu o que todos os aspirantes a escritor nem sonham em conseguir. *Literatura Mundial*, *Munhakdongne*, *Painel da Literatura*, *Literatura do Leste e Oeste*, *Crítica e Criação*, *Literatura Coreana*, *Literatura Contemporânea*^[lxi], etc., muitas publicações literárias pediram romances a ele e a crítica respondeu com ardor em atenção às obras publicadas por ele. E como foram com os leitores? Eles, mais do que qualquer coisa, responderam com entusiasmo à novidade dos romances dele, ratificando com a venda de repetidas impressões. Não seriam grandes feitos? Interesse do mundo literário e atenção da crítica. E amor dos leitores. Existirá algo que deixe um autor mais feliz? Ele, de fato, poderia dizer que foi o autor mais amado pelo mundo literário da década de 2000.

Mas a felicidade do autor não é constituída apenas de aspectos exteriores. É mais do que se sentir bem com a repercussão literária. Ele, que nasceu em 1968, e como muitos escritores, por causa da amplitude da literatura dos anos 1980 — que insistia na sua época de 20 e poucos anos — não podia se sentir livre. A literatura que representava seus 20 e poucos anos, mais do que tudo, orgulhava-se da hipersensibilidade; há alta possibilidade de que essa característica tenha permanecido na memória. O seu romance também é assim. Essa confirmação, que permanece como vestígio dos romances dos 80s, creio que seja uma característica que explica os seus romances. Mesmo assim, não se pode concordar que isso explica toda a sua literatura. Parece-me que ele não aceitou isso como sendo a sua literatura. Se ele tivesse aceitado isso como sua totalidade, seria difícil a concepção da “arte paradoxal sem regras” da “literatura de Min-Gyu”.

Do mesmo modo, para podermos analisar toda sua potência literária, é impossível não falar da literatura dos anos 1990. E depois de fazer Depois de quatro mudanças, enfim, pedido de demissão, depois de comprar Um notebook com dívida, já que estou na luta e indo ao Samcheonpo^[lxii], no tempo dos muitos meses e dias que antecederam a escrita do primeiro romance, ou mesmo começando de fato a vida social: será que vou conseguir escrever um livro? Ou nos momentos em que mergulhava no pensamento de que só o que poderia ter feito era escrever... Esses tempos de incubação da literatura, como nós sabemos,

difere da literatura dos anos 1980. E vamos dizer que isso começou no lugar-comum da literatura dos anos 1980 como idiossincrasia, desejo pessoal, interesse e a favor da metaficção. De qualquer maneira, a sua literatura, que seja dele ou de outro, enquanto estava dentro do labirinto, no fim da grande mudança da literatura, a literatura que ele conhecia, diferente da literatura em que da literatura se precisava desistir, estava se transformando em uma literatura completamente diferente. Será que eles aceitaram a literatura dele como sendo deles? Com certeza, não. No máximo aí não seria “literatura dele”, e sim, “literatura deles”. Para se aceitar, pode ser que ele tenha tido uma forte autoconsciência da sua literatura.

Mesmo assim, ele acreditando que sim, não creio que tenha se sentido completamente livre da influência da literatura dos livros dos anos 1990. Ele deve ter tido aversão e simpatia com eles. O sentido dele de ter escrito livros, e o que pode ter conferido autoconfiança, pode-se dizer que foi essa aversão simpática. O olhar frio de Kyung-Ha Kim e o desfecho cômico. E se não tivessem esse senso cool, será que poderiam existir os livros de Min-Gyu? No mínimo, e pode ser que não exista semelhança entre eles, com certeza, ele se conscientizou sobre o sentimento de identificação. A literatura de Minsuk Baek, que transformou a vivência de Min-Gyu na favela à época do desenvolvimento social em um sentimento popular ou na fria visão familiar, mas caloroso e bem-humorado como Mangyo Lee, que também pode-se dizer que se enquadra no mesmo sentido. Ele, em muitos sentidos, aproxima-se muito de um sucessor criativo da literatura dos anos 1990. Então, por meio da literatura de Min-Gyu, não podemos entrever o endereço atual da nossa própria literatura, que atravessou os anos 1980 e 1990? Por causa de Castella, de Park Min-Gyu, que representa a narrativa da época em que a narrativa ficou impossível. Vamos encontrar esses romances sem sorte.

2. DORES DO CRESCIMENTO E MATEMÁTICA PESSOAL

O interlocutor ou personagem principal dos romances de Min-Gyu é quase sempre “eu”, na primeira pessoa. Os dois romances e todos os 10 contos de Castella, sem exceção, são todos assim. O mais engraçado é que o interlocutor em primeira pessoa é sempre homem. Castella é sobre um estudante primeiranista da faculdade que teve de morar junto com uma geladeira barulhenta em um quarto perto da faculdade, e Dívida de gosiwon tem que pagar, como dá para prever pelo título, também tem como resumo a vivência do “eu” na juventude, que teve de morar no quarto do final do corredor de um gosiwon que se parece com um caracol. Em Diga “A”, pelicano, o “eu”, que faz bico no parque onde pedalinhos, maquininha de boneco e brinquedo quebrado de toupeira é tudo, também é um homem que está se preparando para concurso. Mesmo em Tia do Yakult, diferente do título, aparece o protagonista masculino. Ele, que sofria de prisão de

ventre, se masturbava olhando as fotos de grupos de mulheres no monitor no escuro da madrugada. E Mata-leão, como é? O conto em que, curiosamente, o intercambista dos EUA é escolhido como protagonista, é sobre o “eu” que sofre ataque do lutador de luta livre profissional Hulk Hogan, devolvendo o sofrimento para outras pessoas. Em certo sentido, o “eu” interlocutor masculino de Min-Gyu é o que medeia os leitores, um importante intermediário.

“Deve ser legal ser marciano. Como aquele verão era exageradamente quente, eu sempre estava mergulhado nesse pensamento. As férias do colégio técnico eram mais longas do que eu pensava e, se eu não mergulhasse nesse tipo de pensamento, seria difícil de aguentar. Em um longuíssimo verão, ainda por cima, eu trabalhava em várias frentes. A tarde no posto de gasolina, à noite na loja de conveniência”

(Ah, é? Sou girafa, página 83^[lxiii])

“O meu encontro com a geladeira foi no meu primeiro ano de universidade, no verão. Lembro que era o verão em que o índice de desconforto foi sem precedentes. Eu, que tinha muitas brigas em casa, comecei a morar sozinho às pressas perto da faculdade e, nesse quarto pequeno, juntei a geladeira, a TV, um pequeno aparelho de som e eu. Morávamos, nós quatro, harmoniosamente. Mas eu tenho a sensação de ter morado só com a geladeira. É porque o barulho dela se sobressaía excepcionalmente.”

(Castella, página 28)

“Já se passaram três meses desde que cheguei. Tinha vindo por causa da propaganda. Depois de me formar, mandei currículo para 73 lugares, mas não recebi nenhum retorno. 73 lugares. 70 e 3 lugares. Não conseguia entender. A mesma sensação da toupeira que, por estar quebrada, não consegue botar a cabeça pra fora? Não sei, este país está quebrado.”

(Diga “A”, pelicano, página 152)

Como vimos nas citações acima, todos são colegiais ou recém-universitários, ou que acabaram de terminar a faculdade e, por não conseguirem arrumar emprego, não entraram ainda na vida social na prática, e estão ociosos. São os interlocutores masculinos que aparecem com frequência. Eles saem do mundo a que estão acostumados até então e são jogados num mundo estranho. O mundo a que eles chegaram é espaço onde “quente a ponto de cozinhar” ou “índice de irritabilidade” existem, com lugares representados por “barulho da geladeira” e “máquina quebrada”. As características desse mundo são o sofrimento impossível de suportar, desagradável, a confusão e o absurdo. Nesse lugar, a ponto de se invejar os marcianos, o dia a dia é apertado, é impossível de apagar a ideia de que há algo muito errado, e é preciso passar o dia com a “sensação de que, por estar quebrada, a toupeira não pode botar a cabeça para fora”.

A história dos jovens que saíram do mundo costumeiro e entraram no inferno não familiar faz querer ler os romances de Min-Gyu no contexto de típicos romances de formação. Mas não estou dizendo no sentido de que o sentimento de impossibilidade dos jovens capturados dos romances dele só possam ser entendidos como “o adolescente que está diante de um ritual de passagem”, ou mesmo como a preocupação antropológica dos adolescentes. Existe esse ponto, mas para além de serem compreendidos apenas assim, os personagens quase adultos que aparecem nos romances apresentam o desejo socioeconômico de escape extremo demais. Em quarto ocre e loja de conveniência do posto fechado, de pushman do metrô aos que passam o dia fazendo bico, não são eles os desprivilegiados do capitalismo e a minoria que está fora do alcance de qualquer esfera de poder? E ainda por cima, o crescimento deles está relacionado diretamente à sobrevivência dentro do mundo capitalista. Olhando para trás, o primeiro romance de Min-Gyu também tem essa preocupação. Sammy Superstar, o time de beisebol profissional, que parecia “a encarnação de um perdedor que desceu à Terra para perder”, os personagens dos quadrinhos da DC Comics, podem ser considerados como mitologia moderna do herói à maneira americana, e seu interesse em Superman, Batman, Aquaman, etc., com certeza, está relacionado intimamente à reflexão crítica do mundo em que a vitória ou derrota é determinante, do mundo em que se não se é herói é difícil de sobreviver. Para Min-Gyu, o crescimento é, mais do que tudo, outro nome para o entendimento do que é o capitalismo.

“Então vou trazer a mudança.

Como vou dizer. Surpreendentemente, decidido, falei assim. Paguei o primeiro mês de aluguel, coloquei dados pessoais no livro de registro e, no momento em que recebi as chaves — de repente me senti adulto e fiquei com a sensação de que tinha entendido um pouco do mundo. Assim como retirei os objetos da casa falida, eu, sem dizer nada, comecei a levar para o quarto o computador e cinco malas. Levando o monitor, que ocupava quase a largura do corredor, meu amigo cochichou assim.

Será que uma pessoa pode viver aqui?”

(Dívida de gosiwon tem que pagar, página 339)

O protagonista de Dívida de gosiwon tem que pagar sai da família endividada e tem que se mudar para um gosiwon de 90 mil won que fornece refeição. Diz que o quarto do gosiwon “em vez de chamar de quarto, pelo tamanho do espaço, deveria chamar de caixão.” (página 337). Aquele lugar é um espaço onde não se podem esticar as pernas, e também, se não colocar a cadeira em cima da escrivaninha, não se pode dormir. Em outras palavras, é realmente um lugar não muito diferente de algo que suscita a dúvida de onde um ser humano pode morar. Mesmo assim, o protagonista diz que vai fazer a mudança.

É porque não tinha como não se mudar. Na casa do amigo onde confiou o corpo, “não davam ovo frito apenas para mim” significa que era uma situação em que desejavam a saída. Mesmo que seja uma casa que, “no 1º e no 2º andar, tinha instalados três ares-condicionados e aquecimento de bronze”, quando não dá, não dá. Nesse momento, para o protagonista, além dos pais, o amigo e até a coluna tinham ido embora. Ele teve de encarar um difícil rito de passagem sozinho. O que devemos prestar atenção é quando o protagonista sente “uma estranha confiança” ao aceitar a mudança para esse espaço como realidade de moradia. Quando ele recebe as chaves do quarto que se parece com um caixão. Assim que paga o aluguel do primeiro mês e registra os dados pessoais na caderneta, tem a sensação de ser adulto. “Fiquei com a sensação de que tinha entendido um pouco do mundo”, era essa a sensação.

A sensação de ter virado adulto, a sensação de ter entendido um pouco do mundo, repete-se também em Ah, é? Sou girafa. O colegial protagonista que fazia bico na loja de conveniência do posto e era pushman do metrô, que era normalmente brincalhão, de repente, nas férias, se transforma em um garoto quieto que faz bicos. O que será que aconteceu com ele? De acordo com o conto, ele tem um pai que trabalha numa empresa que só pode ser chamada de “uma exportadora qualquer”. Um dia, para poder entregar a marmita a seu pai, vai até onde ele trabalha. O lugar, que encontrou com muito custo, era “o corredor em que ratos passeariam, lâmpadas fluorescentes, a porta de madeira com pintura descascada, será que é um outro país? Se pensar assim, era um lugar lúgubre.” (página 87). O pai estava trabalhando nesse lugar estranho vem como uma expressão de quem está definhando. Depois desse encontro estranho, ele se torna um “garoto quieto”. Falando sobre “Como vou dizer? Não sabia naquela hora, mas naquele instante, surgiu dentro de mim uma espécie de ‘minha matemática’.” (página 88), ele percebe subitamente sobre a vida, que o que comanda a vida é o dinheiro. Não é diferente de quando o protagonista de Dívida de gosiwon tem que pagar sente “a sensação de que tinha entendido um pouco do mundo”.

“Eu era um tanto quanto brincalhão, mas, estranhamente, depois daquele dia virei um adolescente quieto. Como vou dizer? Não sabia naquela hora, mas naquele instante surgiu dentro de mim uma espécie de “minha matemática”. Acho que foi assim, eu penso agora. Isso não era nem triste, nem alegre, e também não tinha de jeito nenhum uma personalidade para culpar, qualquer que seja. Acho que era apenas uma equação. Em substituição às palavras que diminuíram eu comecei a fazer bicos e juntar dinheiro. Ei, só se vive uma vez. Meus amigos com quem eu andava diziam em tom de desprezo, mas eu sabia. A verdade de que, no fim, eles também não tinham como não acabar fazendo a mesma conta. O que você vai fazer? Eu? Sei lá, talvez seguir uma carreira artística.”

(Ah, é? Sou girafa, página 81)

O protagonista de Ah, é? Sou girafa também não responsabiliza ninguém pela situação em que só pode crescer como “garoto quieto”. E pensa que “não é uma coisa triste, nem alegre”, muito menos coisa para se odiar alguém. Ele também aceita “estranhamente confiante” a sua situação. Diante dos amigos que gritam “a vida é um quarto”, ele engole a fala. E por ser ridículo o desejo do amigo de querer ser artista, acaba se resignando em silêncio. Esse tipo de garoto, o que sabe de tudo, mas não fala nada, esse garoto quieto, nós chamamos de adulto. Por mais que aparente ser um garoto, já é considerado adulto. Naquele momento, ele sabe que deve continuar cumprindo a rotina de “de manhãzinha, presenciar a cena de horror da humanidade inteira, depois, ainda na parte da manhã, um sono rápido, seguido de bico no posto e trabalho noturno na loja de conveniência”. Sabe que para ele existe uma matemática própria. E por descobrir que para os ricos existe matemática diferente, entende que não existe outra maneira a não ser fazer bicos e juntar dinheiro. Para que a sua matemática se transforme na matemática dos ricos, existem muitas barreiras. A literatura de Min-Gyu está repleta de garotos que encontraram face a face a dor do crescimento. Mas eles (lamentando a sua situação) não gritam, ou (a ponto de quererem revirar o mundo) ficam com ódio. Resumindo, eles têm a matemática deles. A matemática não necessariamente vira álgebra. Então, o que acontece? Agora é a hora de observar isso.

3. FINGIR QUE DESCONHECE OBSTÁCULOS: RISADA DAS MULHERES

Primeiro, existe o método das mulheres. Na literatura de Min-Gyu, que se concentra nas declarações de protagonistas masculinos, não é fácil coletar opiniões e descrições sobre as mulheres. Mesmo assim, é complicado dizer que isso demonstra a sua percepção sobre as mulheres. As mulheres não aparecem com frequência ou não são figura principal em suas histórias, mas possuem um sentido específico em relação ao direcionamento da sua literatura. Esse sentido está na tia do Yakult, que aparece no desfecho do conto Tia do Yakult.

“A ilha desapareceu e a solidão me invadiu de novo. Abri a janela e fumei um cigarro. A noite já estava desaparecendo como a gasolina que Vince desviou. Senti um forte cheiro de combustível. Assim consegui sentir a grande engrenagem do mundo. Dentro da luz esbranquiçada, a escuridão que penetrou na superfície da madrugada estava se coagulando em asfalto. Tum. Tumdum. Tum. Naquela hora, eu escutei esse barulho. Parecia, com certeza, estar batendo, na porta. Quem é? Eu gritei. Em seguida, uma resposta saudável, foi ouvida.

É Yakult.

Quando abri a porta, a tia do Yakult estava parada. Olhando para o leite e o Yakult da porta do quarto ao lado, consegui entender a causa do barulho. Ah,

sim. Fiz uma leve reverência com a cabeça. É estudante? A tia me perguntou. Ah, sim. Morando sozinho, deve fazer muito estrago no estômago... A tia, que estava vasculhando a bolsa, me empurrou do nada um Yakult. Eu, eu... Não estou pedindo dinheiro, não se preocupe. É que você está com semblante não muito bom. Então, tenha um bom dia. Depois ela desceu as escadas.”

(Tia do Yakult, página 179)

Tia do Yakult, que sobrepõe a história da extinção de pássaros dodôs, o “Dicionário cômico da economia”, e a vida do protagonista que não consegue fazer cocô, está a ponto de poder ser chamado de “Ensaio sobre a constipação”. Um conto que disfarça a política econômica provindo de uma constipação e prega o seu ponto de vista através do humor. De acordo com “Dicionário cômico da economia”, que o protagonista lê no banheiro sofrendo de constipação, a constipação é uma forma de sobrevivência. Pássaros dodôs, que estavam prestes a serem extintos, para despistar a perseguição dos caçadores desenvolveram a técnica de não evacuar, ou esconder os dejetos. Ou seja, não é de todo um equívoco a extinção dos pássaros por causa da constipação, mas ela pode ser encarada como a consequência da matança dos caçadores. E essa fábula não termina aí. A história do pássaro dodô se emenda com a mão invisível de Adam Smith, vira denúncia da economia liberal e, no fim, se encontra com um protagonista que sofre de constipação já há um mês. Por meio disso, induz que a constipação, também a constipação do pássaro dodô, inclusive a mão invisível, são resultado do livre mercado. Portanto, a constipação dele seria um “sintoma especial da sociedade pós-industrial. O gastroendocrinologista que o examinou explica que “atualmente, a descoberta desse tipo de sintoma tem sido frequente”, e ainda completa dizendo que é preciso ser forte, pois não existe cura.

Esse humor negro pega emprestado o diálogo engenhoso de Min-Gyu e transforma a piada em uma espécie de tese. Misturando um personagem fictício como Pedro João Pinto e um personagem real como Adam Smith, a impossibilidade de se saber o que é imaginação e o que é real se torna um instrumento básico, e a brincadeira usando nomes como rondeau, reneé, dubom e campus para o método de eliminar os dejetos do pássaro dodô perto da extinção, é um recurso de figuras de linguagem que mostra a sua intenção. O funcionário que desviava o combustível do posto, Vince Luther, que no fim, acrescentando a sua experiência de vida, vira cantor de blues com uma música chamada “Chefe, essa mão não é minha”, como se fosse transmissão básica de DNA, causa melhor impacto do que a tese criativa de A lenda dos super-heróis da Terra, reproduzindo-se mais concisa e de maneira mais cômica. E ainda tem depoimentos do grupo de discussão do site, de várias pessoas que sofrem de constipação, que servem de metáfora para Tia do Yakult.

Por que a tia do Yakult ocupa uma parte importante da grande piada merece atenção. Na madrugada em que todos estão dormindo, o Yakult que

aparece na porta de entrada é análogo ao conceito de “mão invisível, e o humor negro da presença dela e a situação atual do protagonista parecem conectar-se à função do mercado. Mas a tia do Yakult do conto não é apenas uma piada fácil, um gancho metonímico ou um elemento formal do conto. Como podemos saber pela ostentação do seu nome no título, ela é um avião que carrega a bomba atômica que vai levar tudo pelos ares. De fato, quem quebra facilmente a fantasia do protagonista que, de tanto sofrer de constipação, fica inventando uma longa comédia de humor negro, é a tia do Yakult. O protagonista, antes de encontrá-la, fica absorto em “a grande engrenagem do mundo” e lançando o olhar paranoico em direção ao significado da madrugada. O que estava na cabeça dele é um monte de fantasia, não muito diferente dos dejetos que não conseguiu evacuar durante um mês. Mas no momento em que a tia do Yakult, tum tudum, bate na porta, essas fantasias paranoicas desaparecem instantaneamente. Pode-se dizer que “É a tia do Yakult”, a resposta saudável dela, é o momento em que se derrota o mundo de abstração do protagonista. Que pássaro dodô, que mão invisível, que grandessíssimas conversas fiadas são essas? O que a voz da tia do Yakult fala são essas coisas. Ela, se preocupando com a fisionomia do protagonista que sofre de pensamentos inúteis, oferece o Yakult. Sem nem receber o dinheiro. A maneira de derrotar esse imenso mundo de teoria da conspiração não estava em outro lugar. A voz saudável da tia do Yakult era o suficiente. Nas histórias de Min-Gyu, é frequente desenhar a percepção da mulher como um monte de merda e uma existência irrelevante. Essas mulheres, quando os homens que transformaram este mundo em um tabuleiro gigante demandam a existência como aposta, agem como se não estivessem entendendo nada e tornam as regras do jogo deles inúteis. Pense bem. Como é que se vai jogar com um adversário que não sabe as regras ou finge desconhecer? Não tem como estabelecer o jogo. A lei da sobrevivência das mulheres contra o mundo é assim. Se fosse falar do ponto de vista freudiano, representa o típico arquétipo feminino. Diferente do posicionamento de destruição do oponente, elas insistem na inexistência do adversário. O arquétipo feminino, que supera a ameaça do oponente, pode-se dizer que é a mais prática e cristalina “matemática feminina”. Até no “Gosiwon Tem que Pagar” podem-se encontrar as mulheres das histórias de Min-Gyu, que expressam esse arquétipo feminino com habilidade excepcional. De acordo com o protagonista, a maioria dos homens que moram no gosiwon sente vergonha de si mesmo, e se esforça para não se encontrar com os outros, mas as mulheres, além de terem confiança na sua existência, são estranhamente corajosas. Elas fazem compras em bando, conversam em tom de confidência e até riem. No lugar onde rir é algo realmente raro.

“Ouvindo as risadas daquelas mulheres, que com certeza ganhavam baixo salário, eu pensava que o que mantém o mundo seria as mulheres. As mulheres eram saudáveis. Só de pensar no mundo dos homens ficava envergonhado. Um ao outro. Era a ponto de não conseguir olhar um ao outro. Tchan tchan tchan tchan, escutei de novo as cigarras que choravam soltando a voz.”

Obviamente a proposta de imagem da mulher que Min-Gyu prega não carece de problemas. O método de compreender as mulheres como a força da natureza ou fonte de vida é uma das visões românticas mais comuns. Quando se desenha a mulher como o símbolo da força vital, pode-se passar a falsa impressão de que o mundo racional e maniqueísta pertence somente aos homens. Isso pode ser, em outro sentido, o motivo de diferenciação entre os sexos masculino e feminino. Mas quando Min-Gyu descobre a força mantenedora do mundo na risada de mulher, não é uma estratégia de devolver a mulher para a dimensão da natureza, e sim, por ser preciso destacar a atenuação da intenção de louvar o arquétipo feminino que encara o mundo com frieza. Historicamente, nós conhecemos muito bem as risadas desses tipos de mulher. Começando com aquela famosa sirene de risada, até o sorriso de Cleópatra, a risada da mulher sempre funcionou como potente bomba para explodir o ideal do sistema patriarcal que foi construído com grandes narrativas. Se o mundo está separado em matemática dos pobres e matemática dos ricos, e se o que nos resta é somente nos concentrarmos em cada um viver a sua própria matemática, em vez de nos esforçarmos em evitar os olhares de um ao outro, não deveríamos rir de vez em quando? Como se não nos interessássemos nesse tipo de matemática.

4. COMO COLOCAR UM ELEFANTE NA GELADEIRA. OU ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DOS CIDADÃOS DE PEDALINHO DE PATO

Então, homem não tem jeito? Não é isso. Existe uma maneira de colocar um elefante na geladeira. De acordo com Castella, “este mundo muda dependendo de como cada um usa a geladeira” (página 35). Assim que lembra da piada conhecida sobre como colocar um elefante na geladeira, o mundo se divide em as pessoas que acreditam que se pode colocar o elefante na geladeira e as que não acreditam. As pessoas acreditam que jamais poderiam colocar um elefante na geladeira são as pessoas que nunca se colocaram no lugar da geladeira. De certa forma, são pessoas que nunca se sentiram solitárias a “ponto de ficarem irritadas”. Mas muda de figura, se a pessoa teve a experiência terrível da convivência num quarto minúsculo com a geladeira. Ele entra no “obscuro, dissimulado e frio” (página 31) mundo da geladeira e afirma que a “geladeira tem personalidade” (página 31). E esse espaço escuro se divide em “cintilante avenida do conhecimento a passos largos” de “como assim, o mundo da refrigeração? Eu vou lá saber?” e “de repente, tinha a sensação de ter caído no bueiro” (página 31). As pessoas que nunca se colocaram no lugar da geladeira não têm como saber sobre o mundo do protagonista. Elas não têm como saber a alegria de, como se fossem um punhado de gás freon, serpentear perdidas “de canto a canto desse submundo, o dia inteiro”. Para estar livre das regras a que o mundo obriga, tem-se de acreditar que é possível colocar um elefante na geladeira. Não só acreditar,

mas, de fato, precisa colocar o elefante na geladeira também.

“Quando voltei ao quarto, era perto da meia-noite. A geladeira estava me esperando no escuro. Uoug. Senti repentinamente, hoje, o peso do barulho da geladeira. Organizar um século inteiro não deve ser um trabalho fácil, até para uma geladeira. Pensei, tirando o casaco. Depois de trocar de roupa, lavar o rosto e escovar os dentes... Melhor não, melhor não. Após ter decidido com dois “Melhor não”, no fim, abri a porta da geladeira. Eu imaginava, mas — tirando os dois chineses, a incomensurável China estava lá dentro. Fiquei pensando em pé de boca aberta. Tudo bagunçado. O panorama apresentado era de que nem eu poderia fazer nada de nada. Isso

Era o mundo.”

(Castella, página 23)

O protagonista de Castella era o homem que acreditava que podia colocar o elefante na geladeira. Ele decide que vai guardar “coisas preciosas”, “coisas que fazem mal”. Primeiro, coloca As viagens de Gulliver na geladeira. Pode-se dizer que isso pertence à categoria de coisas preciosas. E depois, foi o pai. A existência do pai é uma existência complexa, então, não é possível colocar apenas em uma categoria. É porque “ao mesmo tempo em que todos diziam ser precioso, era, com certeza, um dos males do mundo”. De qualquer maneira, depois entram na geladeira mãe, faculdade imobiliária, jornal, fliperama, EUA, McDonald’s, China e coisas como grandes meteoritos. Assim, a geladeira também se tornou um outro “mundo”. Mas por ser um mundo dentro da geladeira não é o mesmo mundo que o do lado de fora.

Se mulheres de risadas saudáveis, seguindo o arquétipo feminino, traçam estratégias que ignoram a matemática do mundo, o método de colocar o elefante na geladeira é uma espécie de “colocar a ação entre parênteses”. Em outras palavras, o que é precioso ou prejudicial é tudo enrolado e colocado entre parênteses. Enrolar entre parênteses é a expressão do desejo de fazer com que essas coisas não existam mais neste mundo. Se o arquétipo está relacionado ao sujeito e ao posicionamento, nesse sentido, pode-se dizer que o ato de colocar parênteses é uma ação prática do sujeito. Para colocar o elefante na geladeira, no mínimo, é preciso praticar a ação de abrir a porta. Mesmo assim, é complicado colocar essa ação como um ato político. Obviamente, também não podemos dizer que não existe raiva ou inimizade em relação aos EUA e correlatos. Mesmo assim, essa inimizade direcionada a eles precisa ficar claro de que se processa no nível humorístico. O humor alivia a raiva e a inimizade no nível de zombaria e desdém. Mas esse alívio também é um espaço complicado para se acomodar o verdadeiro sentimento de exacerbação. Pode-se dizer que ele está mais próximo de um acontecimento fortuito do que de um ato político revolucionário. O acontecimento, basicamente, é um choque artístico que abrange constituição,

destruição e sensibilidade revolucionária. O ato de colocar pai, faculdade, EUA e um imenso meteorito anseia-se dessa mentalidade do acontecimento. Isso é Min-Gyu em contraposição à matemática mundo, é a maneira com que constrói a sua própria matemática.

De maneira divertida, o método de colocar o elefante na geladeira tem como consequência o ato da criação artística. É por isso que Castella pode ser lido como um manifesto de Min-Gyu sobre a literatura. A sua literatura é um produto do desejo de juntar os fragmentos e construir uma nova ordem mundial. Assim como mistura o que é precioso e faz o mal para construir um novo mundo, a falsidade do mundo só pode ser evitada com a construção de um novo mundo. Essa é a intenção dos artistas. Mas mesmo que diante do momentâneo elemento do acaso, mesmo que aconteça em quantidade muitas ideias que contorçam a regra básica, em nome da arte em que tudo isso resulta, não tem como não pedir pelo que se constitui em uma nova ordem. Sendo assim, pode-se contribuir para a convergência da vontade de se construir um novo mundo. Para o “escritor paradoxal sem regra”, Min-Gyu será essa a chegada ao final da sua literatura? Ou virará um dilema essencial? Agora, chegou a hora de falar sobre Associação Mundial dos Cidadãos de Pedalinho de Pato.

“Ah

Nem eu, nem o dono, conseguimos fechar a boca. É que uma cena inimaginável se mostrava diante dos nossos olhos. Plic! Plic! Plic!, a tempestade passou castigando novamente o capuz do casaco de chuva. Ah, algo muito mais forte do que a tempestade passou castigando algo como a nossa alma dentro da gente. O açude estava cheio de pedalinhos de pato. Mesmo com o nível d’água tendo subido bastante, não se conseguia enxergar a água, de tantos pedalinhos de pato que tinha. Balança, balança, cada pato balançava o bico — como se fossem encouraçados, os pedalinhos de pato estavam aguentando o vento forte e a chuva. Apertando forte os pedaços de madeira, nós caminhamos lentamente em direção ao novo, mas com certeza, nosso açude.

(Diga “A”, pelicano, página 147)

O protagonista de Diga “A”, pelicano é recusado em 73 empregos e é obrigado a trabalhar na administração de pedalinhos, preparando-se para um concurso. O pedalinho no qual parece que ninguém quer andar, estranhamente, faz sucesso. Nos dias de folga, ou do bairro vizinho ou da cidade planejada, chegam em bando para andar no pedalinho. Pongdangpong. Os pedalinhos que flutuam pela força dos pés são também o símbolo da minoria daqueles que foram repelidos pela velocidade de produção do capitalismo. Eles andam nos pedalinhos nos dias de folga e diminuem o estresse do trabalho e, no dia seguinte, novamente com expressão preocupada, concentram-se no implacável da atividade de produção. Mesmo que tentem se concentrar ao máximo, não adianta. As

pessoas já perderam a velocidade de um passo, é difícil acompanhar essa velocidade. Se é complicado para o dono do parquinho que faliu recuperar a glória, para o protagonista, que ficou 73 vezes sem ser contratado numa seleção formal de emprego, é ainda mais difícil. Eles vão permanecer na existência insignificante de andar no pedalinho, ou oferecer o pedalinho para andar.

Então, o que se pode fazer? Não existe saída? Diga “A”, pelicano chega a oferecer a solução das pessoas que andam de pedalinho, de constituírem a “Associação Mundial dos Cidadãos de Pedalinhos de Pato”. A Associação Mundial dos Cidadãos de Pedalinhos de Pato é um sistema que propõe a migração a um outro país para sanar o atraso do país onde está. Eles têm network próprio e constituído de membros de várias nacionalidades. Com as histórias dos membros da Associação Mundial dos Cidadãos de Pedalinho de Pato, que saindo da Argentina partem em direção ao país desenvolvido atrás de trabalho, o protagonista e o dono, como se tivessem recebido um ataque repentino de alienígenas, recebem um forte estímulo. Eles compreendem o que eles devem fazer agora. É também se tornarem membros da Associação Mundial dos Cidadãos de Pedalinho de Pato. Sendo assim, não existe mais a minoria. A vida de visitar muitos países de pedalinho torna difusa a separação de minoria e maioria. A minoria de um lugar se torna a maioria de outro, o maior daqui se torna o menor de lá. Não, talvez a divisão por si só entre maior e menor se torne insípida. Apenas, é só colocar a sua família e andar aqui, ali, pelo mundo. Por fim, o dono toma uma decisão. Decide que vai deixar o protagonista tomar conta do parquinho e andar pelo mundo todo. Será que a Associação Mundial dos Cidadãos de Pedalinho de Pato pode servir de alternativa? Ou será que é apenas mais “boat people”? Obviamente, essa discussão ainda permanece. Em vez de acabar com a separação de maior e menor, pode ser que se tenha de conferir, mais uma vez, uma vida como menor em um lugar qualquer do mundo. Mas com certeza, a vida deles mudou, no mínimo, estão vivendo a vida de cosmopolitas que podem andar pelo mundo todo com liberdade. Enquanto não se coloca no lugar de cidadão do mundo, o dono não consegue entender porque o seu negócio faliu, e o protagonista também não consegue aceitar de jeito nenhum a sua reprovação em 73 empregos. Só quando se torna cidadão do mundo é que consegue escapar das suas amarras. É como James Lovell disse em Não sei, não sei. Como assim, peixe-lua?. “Se você não deixar a Terra, não tem como compreender o que a Terra realmente guarda.” (página 115). O sentido se intertextualiza. Só quando temos a visão de um cidadão do mundo podemos escapar das preocupações idiossincráticas. Como o Empire State Building visto do espaço, não passa de um parasita de ventosa.

Mas se tornar membro da Associação Mundial dos Cidadãos de Pedalinho de Pato é diferente da ideia de dar a algumas pessoas especiais a permissão de entrar na espaçonave. De acordo com Min-Gyu, nós precisamos nos tornar membros da Associação Mundial dos Cidadãos de Pedalinho de Pato e curtir as

viagens. Se não gosta deste mundo, não precisa se esforçar para se tornar participante ativo deste mundo. É só nós vivermos bem conosco. Assim como Sammy Superstar não jogou os jogos para ganhar, e sim, jogou beisebol para jogar beisebol, é só os membros da Associação Mundial dos Cidadãos de Pedalinho de Pato encontrarem o seu mundo para viajar. Eles têm o pedalinho que pode levá-los aonde quiserem. Embora tenham que pisar em pongdangpong dang — esse é um motivo para não se ter inveja nem da Apollo 11.

5. ARTISTA DO LIXO. OU ESCRITOR PÓS-MODERNO

A literatura de Min-Gyu começa a partir da herança da ambiguidade. A sua literatura tem uma forte influência da vivacidade e da provocação da literatura dos anos 1990. Mas a herança da literatura dos anos 1980 parece atuar de maneira diferente em Min-Gyu. Se pensarmos nas estreias de O último fã-clube do Sammy Superstar e A lenda dos super-heróis da Terra, fica ainda mais claro. Ao escolher como matéria-prima o time profissional de beisebol que só perdia e personagens de animação da DC Comics, que é a mitologia moderna do herói à maneira americana, a sua literatura é uma escolha mais direta e distante da imaginação provinda de ciência social. Porém, quem conseguiria sentir o cheiro da receita de literatura dos anos 1980 na literatura dele? Em Ataque-surpresa da lula-gigante aparece bem esse processo, e ele escolhe basicamente a introspecção das revistas adolescentes dos anos 1970 e 1980 e o romance popular dos EUA como matéria-prima. O método de apagar a fronteira entre realidade e fantasia e em seguida introduzir a fantasia na realidade, introduzir inúmeras bifurcações, evitar a imersão na história, e o método da indução à compreensão constante de que a narrativa não difere do romance de palavras que foi constituída através de palavras, não possuem relação com os romances dos anos 1980 que nós conhecemos. Ao contrário, pode-se dizer que essas características são, no processo de restauração que a literatura dos anos 1980 apagou e reprimiu, a escolha do fluxo principal da nossa literatura como a mais inédita colisão de formatos.

Se a situação é assim, a literatura de Min-Gyu, pode-se dizer, é um novo degrau na história da nossa literatura. A ele coube a lição de casa de reinventar em palavras o lugar de fala, o sistema social que cada vez mais pressiona a vida das pessoas. Isso, em algum sentido, deixa a impressão de que, com as palavras inventadas nos anos 1990 na literatura, volta aos problemas dos anos 1980. Mas quanto ao método de juntar maquinalmente as palavras dos 1990 e os tópicos dos anos 1980, é banal e esquisito. A criatividade de Min-Gyu está em ultrapassar essa composição maquinal e a esquisitice e se manter renovando a nossa literatura. Mais do que tudo, a estratégia de pular os obstáculos que Min-Gyu encara se transformou em vivo interesse da atualidade, e o estilo literário vindo da experiência cultural da sua geração se solidificou nessa construção. Ele, realmente, pode-se dizer que é o reciclador criativo da nossa literatura clássica. É por esse

motivo que o chamam de “artista do lixo”. A sua literatura é mais próxima do engenheiro que do ferro-velho, troca essa e aquela peça da literatura e monta a mais moderna literatura. Em zigue-zague, vapt-vupt. Nós, por meio de sua literatura, podemos encontrar com o que virou o âmago da arte pós-moderna, uma visão totalmente inédita. Mas não precisamos ter medo. Para ele, o pós-moderno é uma circunstância e não escolha. Passando os anos 1980 e os anos 1990, aos que tentam escrever romances no século 21, que alternativa teria sobrado? O capitalismo exhibe cada vez mais o seu prestígio e não se vê maneira de escapar dessa corrente. Se nesse tempo, existe uma corrente em que ainda se quer manifestar a vontade passional e artística, podemos chamar isso de pós-modernismo. E isso, por si só, é um caminho pelo qual a literatura da nossa geração passa. E ninguém há de discordar que Min-Gyu irá ampliar esse caminho para estrada. É por isso que nós tanto estimamos Park Min-Gyu.

Palavra do autor

Brother, brother, brother

Se você tiver um forno aquecido e ovos, açúcar e farinha, você pode facilmente fazer um pedaço de castella. Isso é básico. Dizem que muitas pessoas fizeram a castella de muitas formas e comeram (claro que isso é óbvio). O que quero dizer é que eu espero que você seja uma dessas muitas pessoas.

Quando se fala em “castella”, não sei o que você vai pensar. Ao falar castella, eu mesmo pensava em coisa fácil, mas se você também visse a castella de Edison, mudaria de ideia. Eu descobri isso no canto do museu por acaso. Era a lâmpada incandescente a vácuo, que emite uma luz quente e brilhante. O que é isso? É uma lâmpada — você poderia dizer. Mas debaixo do invento está escrito em nítida inscrição “Castella, 1895 — Thomas Edison”. Comparando com a surpreendente descoberta, a anotação do caderno de invenção era ainda mais simples. “Depois de misturar ovos e farinha, eu aqueço no forno até sair a luz” — para o bem da humanidade.

Isso era castella. Repassando a história, Gagárin entrou na castella e conseguiu escapar da estratosfera da Terra, Jimi Hendrix incendiou uma castella e com esse barulho fez um álbum, Li Bai^[biv] morreu tentando pegar o pedaço de castella que estava flutuando n’água, Jane Godall inventou a castella que liga kanu, o homem, ao chimpanzé, Madre Teresa se transformou voluntariamente em uma montanha de castella e Che Guevara era um portador de conhecimento que sabia mais do que ninguém sobre divisão de castella.

Vende na loja.

Não existe castella que não venda na loja, você pode pensar. Assim como eu pensava que não existia castella que não vendesse na loja, no fim, a única maneira de construir essa lógica sem graça de um jeito sem graça é fazer você mesmo seu pedaço de castella. Digo, até que saia luz da mistura de ovos e farinha, ou nem que seja só para você mesmo.

Dependendo do esforço, a Terra pode ser uma lâmpada.

Ei, é uma lâmpada.

O forno está sempre aquecido. A matéria-prima do mundo está sempre empilhada ao seu lado. No fim, é sobre como você vai combinar essas muitas matérias e matérias e matérias e matérias e matérias e matérias e matérias e matérias e matérias e matérias. Penso que essa é a chave da questão. Vende na loja. É só comprar. Para insistir nessa lógica, se passou tempo demais na Terra (se dinheiro fosse tudo, como seria bom). A luz que saía do chão

como um golfinho, eu comecei a misturar de novo ovos e farinha. Olhando em volta, o mundo é feito de matéria e matéria e matéria e matéria e matéria e matéria e matéria e matéria e matéria e matéria e matéria e matéria, mas a Terra, ou o forno, está sempre aquecida para nós. Dizem que muitas pessoas fizeram a castella de muitas formas, e comeram (claro que isso é óbvio).

Agradeço a todos que me ajudaram.

Verão de 2005
Park Min-Gyu

© Copyright desta tradução: Editora Martin Claret Ltda.,
2021

Este livro foi publicado com o apoio da Literature Translation
Institute of Korea (LTI Korea). Título original: 카스테라

Direção

MARTIN CLARET

Produção editorial

CAROLINA MARANI LIMA / MAYARA ZUCHELI

Direção de arte

JOSÉ DUARTE T. DE CASTRO

Capa

ING LEE

Diagramação

GIOVANA QUADROTTI

Revisão

GILSON VICTOR / FERNANDA CARVALHO /

CAROLINA LIMA

Impressão e acabamento

PAULUS GRÁFICA

Scan e ePub

TROYE E SPANEL

(TocaDigital)

A ortografia deste livro segue o novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Park, Mingyu

Castella / Park Min-Gyu; tradução Nick Farewell. - São Paulo:
Martin

Claret, 2021.

Título original: 카스테라
ISBN: 978-65-5910-123-8.

1. Contos coreanos I. Título

21-86432 CDD-895.73

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura coreana: 895.73
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

EDITORA MARTIN CLARET LTDA.

Rua Alegrete, 62 - Bairro Sumaré - CEP: 01254-010 - São
Paulo - SP

Tel.: (11) 3672-8144 - www.martinclaret.com.br

Impresso - 2022.

[i] Castella é um tipo de pão muito popular na Coreia e no Japão. Curiosamente tem origem portuguesa, chamado de bolo de castella, conhecido no Brasil como pão de ló.

[ii] Na década de 80, eram as pessoas que andavam com aparelhos de som enormes nos ombros e tocavam música alta. (N.T.)

[iii] As palavras marcadas por * foram escritas em português pelo autor. (N.T.)

[iv] Livro do escritor britânico James Allen, sobre como nossos pensamentos moldam e alteram quem somos.

[v] Comida típica coreana feita à base das castanhas do carvalho. O muk possui textura gelatinosa e é servido como acompanhamento nas refeições.

[vi] Arroz cozido com legumes e carne enrolado em uma folha de alga, servido fatiado e em rodelas.

[vii] Devagar em chinês.

[viii] Bebida alcóolica resultante da fermentação de cereais como arroz e trigo.

[ix] Barraquinha de rua que vende bebidas alcóolicas e comidas.

[x] Costume coreano quando se vai ao banho coletivo ou sauna.

[xi] Moeda coreana. 1.180 won's valem cerca de um dólar.

[xii] Hyung é um vocativo que designa o homem mais velho. Demonstra respeitabilidade e obediência. Uma vez que se estabelece uma relação de amizade entre dois homens, o homem mais novo chama o mais velho de hyung, chegando não usar mais o nome próprio daquela pessoa. Quando muito, diz-se o nome seguido sempre de hyung.

[xiii] Marca de cigarro.

[xiv] Empurrador. O homem que empurra as pessoas para dentro do vagão de metrô lotado.

[xv] Canção folclórica havaiana muito famosa e popular na Coreia, que significa “Adeus a Ti”. Em referência a uma cantiga popular na Coreia que tem como letra “Como a Terra é redonda, e se a gente continuar caminhando para a frente até o fim, encontraremos as crianças do mundo inteiro”.

[xvi] Galaxy Express 999, anime popular na Coreia.

[xvii] Na Coreia, no ginásio, existe um professor responsável por cada sala, que muda todos os anos.

[xviii] Símbolo de fidelidade e retidão.

[xix] Kung, Sang, Gak, Tchi, Woo são notas musicais de origem chinesa. Correspondem a dó, ré,

mi, sol e lá.

[xx] Nome inventado para dar sensação de uma pessoa ordinária, como “Zé ninguém”.

[xxi] Lutador de luta-livre profissional que imita Elvis Presley. Faz função cômica.

[xxii] Ator coreano, famoso por ser corpulento e interpretar personagens fortes.

[xxiii] Macarrão feito de massa de batata e servido com pedaços de gelo.

[xxiv] Famosa empresa de viação rodoviária.

[xxv] Refrão de “Eleanor Rigby”, dos Beatles.

[xxvi] Espécie de Disneylândia da Coreia. O maior parque temático da Coreia do Sul.

[xxvii] Árvores com flores amarelas, comum na Coreia.

[xxviii] As cidades perto da fronteira são frequentemente nubladas por conta das nuvens de poluição vindas da China.

[xxix] Tipos de chá.

[xxx] Trocadilho impossível de ser traduzido: condor em coreano também pode ser “chuelsae”, que significa “juízo”.

[xxxi] O lendário músico de blues americano.

[xxxii] Prato típico japonês feito de ovo e arroz.

[xxxiii] Um dos cargos do serviço militar permanente da Coreia. São os homens que passaram pelo exército e, depois de serem reservistas, se tornam parte do programa de vigilância.

[xxxiv] Programa popular da Coreia sobre comunidades agrícolas, transmitido às 18h.

[xxxv] Um programa de TV coreano que investiga problemas sociais e políticos. Similar ao Profissão Repórter, do Brasil.

[xxxvi] A música que simboliza o massacre de Gwangju, o protesto contra a ditadura que foi reprimido violentamente.

[xxxvii] Uma espécie de prostíbulo disfarçado de karaokê. O ambiente é separado por quartos, por isso o nome. Os clientes escolhem antes quem irá acompanhá-los.

[xxxviii] Modelo de caminhonete compacta.

[xxxix] Marca de café instantâneo.

[xl] Refere-se, na Coreia, a idades acima de 40 anos.

{xli} Na Coreia não se tem o costume de tomar café da manhã. Faz-se uma refeição completa.

{xlii} Bebida alcóolica de arroz.

{xliii} KS é a abreviatura de Korea Standard. Símbolo de certificação e inspeção de produtos coreanos, atestando a excelência do produto nacional.

{xliv} Revista para o público infantojuvenil, que poderia ser traduzida como “Central das crianças”.

{xlv} Na tradução literal, significa “influência da semana”.

{xlvi} Na Coreia, assim que se nasce, o bebê já possui um ano de vida.

{xlvii} Na Coreia, depois da 5ª série há mais três anos de continuação do ginásio. Equivale ao que, no Brasil, vai até a 8ª ou 9ª série.

{xlviii} Picolé no formato de tubarão, cinza por fora e vermelho por dentro.

{xlix} Picolé de cor azul.

{l} “Sasang” significa “pensamento ou opinião pessoal”. “Sasangue” pode ser, em tradução livre, “reino do pensamento”.

{li} Chama-se idol, “ídolo” em inglês, principalmente os cantores famosos de k-pop.

{lii} Ensopado de enguia.

{liii} Escritório e quarto conjugado.

{liv} Na Coreia, existem ruas em que se é possível fazer um retorno em formato de “u” pelo caminho em que veio.

{lvi} Capitão do Exército Coreano que se sacrificou abafando uma granada que um soldado deixou cair. Foi alçado a major depois da morte e considerado herói.

{lvii} Nota do autor: guitarrista de heavy metal, é famoso por ter um gesto peculiar de dar um chute no ar enquanto toca guitarra durante o show.

{lviii} Gosiwon é uma espécie de pensão para os estudantes ou concurseiros. “Gosi” é literalmente “prova” ou “concurso”. Como muitos moram longe das escolas ou cursinhos, a fim de facilitar a locomoção e aumentar a concentração, acaba virando uma moradia temporária. É famoso por ter um espaço exíguo.

{lix} Música folclórica coreana que fala das saudades da montanha, que fica na Coreia do Norte.

{lxi} Maior feriado da Coreia, que celebra a época de colheita. É o Dia de Ação de Graças coreano, comemorado no 15º dia de agosto no calendário lunar.

{lx} Jung-Suk significa “silêncio” ou “quietude” e pode ser grafado como nome de pessoa.

{lxi} Tradução livre dos títulos dos periódicos. Creio que seja mais útil para a compreensão dos leitores brasileiros.

{lxii} Nome dos contos da estreia literária do autor.

{lxiii} Páginas referentes à edição física.

{lxiv} Considerado o maior poeta da Dinastia Tang. Conta-se que morreu afogado no Rio Yangtzé ao admirar o luar.